



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

A Culpa Escondida

Uma leitura analítica da culpabilidade
em filhos de idosos institucionalizados

Maria Filipa Martins de Almeida

Orientadora - Prof.^a Doutora Isabel Maria Marques
Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de Especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

A Culpa Escondida

Uma leitura analítica da culpabilidade
em filhos de idosos institucionalizados

Maria Filipa Martins de Almeida

Orientadora - Prof.^a Doutora Isabel Maria Marques
Mesquita

Mestrado em Psicologia

Área de Especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA





UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Dissertação de Mestrado em Psicologia
realizada sob a orientação da Professora
Doutora Isabel Maria Marques Mesquita,
apresentada na Universidade de Évora,
Departamento de Psicologia,
para obtenção do grau de Mestre na
especialidade de Psicologia Clínica.

Dedicatória

In Memoriam

À minha mãe e à minha sogra,
duas mulheres da minha vida
que viveram institucionalizadas,
sem o terem decidido.

Agradecimentos

Esta dissertação constitui um desafio pessoal e um percurso feito com alguma dor. Muitas memórias percorreram a escrita e a reflexão, ao longo do último ano. Enquanto ouvia os entrevistados, ouvia, muitas vezes, a minha própria voz sussurrar-me que eles também eram “eu”, que eu também me sentira assim, de uma ou de outra forma. Por isso, o meu primeiro agradecimento vai para esses homens e mulheres, filhos e filhas em que me revi, que, um dia, deixaram o seu pai/mãe num Lar de Idosos, e que se disponibilizaram a partilhar os vários significados que essa decisão assumiu. A eles e elas, que, com voz embargada, recordaram e reviveram emoções e sentimentos, o meu primeiro “muito obrigada!”.

À minha orientadora, Prof.^a Doutora Isabel Mesquita, um agradecimento especial, pela disponibilidade para refletir comigo e me ajudar a descortinar o menos evidente, mas tão importante, que, por vezes, está escondido sob as palavras que mascaram o verdadeiro sentir; pelo incentivo para aprofundar este tema e, a partir deste trabalho, fazer nascer algo mais para ajudar estas famílias; pela profundidade com que sempre acolheu as minhas dúvidas e dificuldades; por ser como é!

A alguns amigos, com quem partilhava dúvidas e reflexões e me ajudavam a “ver melhor”, porque quando damos voz aos pensamentos, eles tornam-se mais brilhantes. À Marina, ao Cardoso, à Sandra, à Dr.^a Maria João, e a todos os que “aborreci” com as conversas sobre o trabalho. À Anabela e à minha irmã Isa, pela ajuda nas transcrições das entrevistas. À Ana Paula, pela ajuda com o inglês. À Mónica, sempre disponível, cuja inteligência crítica e perspicácia, me ajudavam a ver outros lados do mesmo problema.

Ao meu marido que, com a sua “racionalidade”, me obrigava a pensar mais nos mecanismos de defesa que todos usamos, sem disso nos apercebermos. Ao meu muito querido filho adolescente, que me incentivava, quando me perguntava quando é que acabava “de estudar”.

A todos os que não referi, e que foram importantes para a conclusão deste trabalho. Mesmo àqueles que acham que estudar “é só para os novos”!

Muito obrigada a todos!

A CULPA ESCONDIDA – UMA LEITURA ANALÍTICA DA CULPABILIDADE EM FILHOS DE
IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

A Culpa Escondida

Uma leitura analítica da culpabilidade em filhos de idosos institucionalizados

O presente estudo propõe-se analisar a existência da culpabilidade, em filhos, com pai ou mãe institucionalizados, assim como o uso de mecanismos de defesa para gerir essa culpabilidade. Para o efeito, foram selecionados 10 participantes (6 mulheres e 4 homens), com idades entre 50 e 70 anos. A análise das entrevistas semiestruturadas foi realizada com recurso ao método fenomenológico, o que permitiu encontrar dez constituintes essenciais: (1) Desresponsabilização da decisão de institucionalizar; (2) Racionalização e generalização; (3) Idealização das instituições e desidealização da casa familiar; (4) Sentimentos dos filhos; (5) Perceção, pelos filhos, dos sentimentos dos pais; (6) Pagamento como alívio; (7) Institucionalização como último recurso; (8) Visitas e contactos como alívio da culpabilidade; (9) Saídas temporárias da instituição (10) O peso do passado no relacionamento com os pais. A generalidade dos filhos revelou sentimentos de culpabilidade, devido à institucionalização dos pais, usando vários mecanismos inconscientes, como defesas.

Palavras-chave: institucionalização; culpabilidade; filhos; idosos; mecanismos de defesa

Abstract

The Hidden Guilt

An analytical view of the guilt felt by adult children of institutionalized elderly

The present study aims at analysing the existence of guilt in children, who have an institutionalized father or mother, as well as the defence mechanisms used by them to deal with this guilt. For this purpose, 10 participants were selected (6 women and 4 men), aged from 50 to 70 years. The analysis of the semi-structured interviews was carried out using the phenomenological method, which allowed us to find ten essential constituents.: (1) Non-responsibility for the decision of institutionalization; (2) Rationalization and generalization; (3) Idealisation of the institutions and devaluation of the family home; (4) Children's feelings; (5) Children's perceptions about their parents' feelings; (6) Payment as a relief; (7) Institutionalization as last option; (8) Visits and contacts as guilt relief; (9) Temporary departures from the institution (10) The weight of the past in the relationship with parents. Most children revealed feelings of guilt, due to the institutionalization of parents, using various unconscious mechanisms, such as defences.

Keywords: institutionalization; guilt; children; elderly; defence mechanisms

Índice Geral

	Dedicatória	iii
	Agradecimentos	Iv
	Resumo	V
	Abstract	vi
	Índice geral	vii
Parte 1	Razões de uma escolha	1
1.1	Introdução	3
1.2	Contextualização	5
1.3.1	Envelhecer	5
1.3.2	Envelhecimento e família	7
1.3.3	Institucionalização – um mal necessário?	11
Parte 2	Enquadramento Teórico	13
2.1	A culpa	13
2.2	Culpa e religião	20
2.3	A culpabilidade sentida pelos filhos cuidadores dos pais	24
2.4	Conteúdo manifesto, conteúdo latente e mecanismos de defesa	26
2.4.1	O manifesto e o latente	26
2.4.2	Mecanismos de defesa	27
2.4.3	Funcionamento e organização dos Mecanismos de Defesa	29
2.4.4	Mecanismos de defesa da culpa	31
Parte 3	Estudo Empírico	
3.1	Pertinência do Estudo	32
3.2	Metodologia	
3.2.1	Formulação do problema de investigação	32

3.2.2	Objetivos	32
3.2.3	Desenho da investigação	33
3.2.4	Participantes	33
3.2.5	Instrumentos	34
3.2.6	Procedimentos éticos e deontológicos	35
3.2.7	Procedimento de recolha de dados	35
3.2.8	Procedimentos de análise dos dados	36
3.3	Apresentação de resultados	38
3.3.1	Constituintes essenciais e estrutura geral	38
3.3.2	Análise dos constituintes essenciais	41
3.4	Diálogo com a literatura	67
3.5	Conclusão	73
3.5	Limitações do Estudo e Implicações Práticas	74
	Referências	76
	Índice de Figuras	
	<i>Figura 1</i>	38
	<i>Figura 2</i>	41
	Anexos	88

Mea Culpa

*Não duvido que o mundo no seu eixo
Gire suspenso e volva em harmonia;
Que o homem suba e vá da noite ao dia,
E o homem vá subindo, insecto, o seixo.*

*Não chamo a Deus tirano, nem me queixo,
Nem chamo ao céu da vida noite fria;
Não chamo à existencia hora sombria;
Acaso, à ordem; nem à lei desleixo.*

*A Natureza é minha mãe ainda...
É minha mãe... Ah, se eu à face linda
Não sei sorrir: se estou desesperado;*

*Se nada há que me aqueça esta frieza;
Se estou cheio de fel e de tristeza...
É de crer que só eu seja o culpado!*

Antero de Quental, in "Sonetos"

A CULPA ESCONDIDA – UMA LEITURA ANALÍTICA DA CULPABILIDADE EM FILHOS DE
IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Razões de uma escolha

Todos nascemos, crescemos e, se a vida for longa, envelhecemos antes de morrer. É certamente o envelhecimento a etapa mais temida pelo próprio e por aqueles que o rodeiam, devido às perdas de todos os tipos sentidas nessa fase do ciclo vital. Frequentemente, os idosos acabam os seus dias em Lares, institucionalizados, seja por decisão própria ou (e mais frequentemente) por submissão à vontade dos filhos, que consideram não ter condições para cuidar dos pais e que não os querem sozinhos em casa, quando aqueles deixam de ter condições para cuidar de si próprios. No entanto, é frequente que estes filhos exprimam, explícita ou implicitamente, um sentimento de mal-estar, uma certa culpabilidade, por não manterem os seus pais idosos no ambiente familiar onde antes viviam.

Foram estas contradições que, a partir da experiência própria e do conhecimento de muitos outros casos, despertaram, em nós, a vontade de aprofundar a existência dessa culpabilidade (consciente ou não), e de que forma os filhos a conseguem gerir. Por um lado, eles querem que os seus pais/mães sejam bem cuidados e vigiados, para evitar os problemas do isolamento e da solidão, mas, por outro, a decisão de institucionalizar o pai ou a mãe (ou ambos) não produz nenhum sentimento de felicidade ou bem-estar, despertando, antes, angústias e tristeza. O que se passa, então? Como viver o envelhecimento dos nossos e a sua crescente dependência? Como conciliar os “deveres filiais” com o aumento da esperança de vida e com a necessidade de trabalhar, mais e mais anos? Como vemos e nos relacionamos com os nossos pais institucionalizados e como preservamos a nossa vida familiar e profissional? E como nos sentimos, e porquê, nessa nova situação de visitantes?

Foram muitas as questões surgidas aquando da escolha do tema. Não pretendemos dar resposta a todas, mas tão somente analisar a culpabilidade que pensamos acompanhar, muitas vezes, estes processos familiares.

Da literatura consultada, encontrámos poucos estudos específicos sobre esta matéria, e nenhum feito em Portugal. Muitos há sobre o bem-estar, a satisfação com a vida dos idosos institucionalizados, todos na perspectiva do idoso, mas não sobre o que sentem os filhos que, frequentemente, são responsáveis por essa institucionalização.

A CULPA ESCONDIDA – UMA LEITURA ANALÍTICA DA CULPABILIDADE EM FILHOS DE
IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Essa ausência de estudos motivou-nos a investigar um pouco. Esperemos, humildemente, poder contribuir para uma melhor compreensão do problema.

Introdução

“É um mal necessário, para eles e para nós, que temos de decidir e temos de lá os deixar, porque, para mim, aquilo é mesmo o ponto de passagem para o outro lado. Quando eles vão, já não voltam mais, e isso é muito difícil pensar que os vamos deixar ali e que já não regressam a casa. Aquilo ali é mesmo o ponto de passagem para o outro lado, não há volta a dar, todos os que vão já não voltam.”

F10¹

A experiência vivida de decidir, ou participar na decisão, de institucionalizar o pai ou a mãe, é vivida por filhos de meia idade, de formas diversas, mas, cremos nós, sempre carregadas de uma culpabilidade, mais ou menos, consciente, traduzida em atitudes e comportamentos, e expressa através de diversos mecanismos de defesa.

Ser/sentir-se culpado de uma decisão referente aos pais, coloca os filhos numa posição de fragilidade emocional e altera os relacionamentos familiares, já que ninguém está preparado para ser “pai/mãe dos seus pais” e a inversão de papéis é muito difícil de aceitar por uns e por outros. Pelos pais, porque sempre decidiram e, pelos filhos, que passam a decidir.

Apesar da escassez de estudos sobre esta matéria, encontrámos, na literatura, fundamentos para acreditar que os filhos adultos passam por experiências emocionais negativas, e que, apesar de já, antes, serem cuidadores dos pais, a institucionalização mobiliza sentimentos de “pesar”, que estes filhos carregam e que não diminuem com a frequência de visitas aos pais. Para aliviar essa culpabilidade, os filhos adultos servem-se de mecanismos de defesa, mais ou menos adaptativos, de acordo com o estilo defensivo de cada pessoa.

O presente estudo, feito a partir do relato verbal de um conjunto de dez entrevistados, pretende observar, no discurso, a existência da culpabilidade filial, relacionada com a institucionalização dos idosos, e quais os mecanismos de defesa mais usados para lidar com essa culpabilidade. Essa análise é de tipo qualitativo, utilizando o método fenomenológico, que permite estudar profundamente

¹ Filho 10 (10ª entrevistado)

a experiência vivida por cada um/a, desde os antecedentes que conduziram à institucionalização do pai/mãe, até às visitas (aos) e saídas temporárias (dos) idosos, que passaram a viver institucionalizados, sem terem, livremente, tomado essa decisão.

No estudo, não esquecemos que cada fenómeno (e este também) se insere num tempo e numa sociedade, com características específicas, em que a estrutura familiar é dinâmica e que os cuidadores familiares (tradicionalmente mulheres) ocupam, hoje, outras funções, na família, na sociedade e no mundo do trabalho, que colidem com a sua função de cuidadores.

O trabalho aqui apresentado está dividido em três partes: uma primeira, em que se contextualiza o fenómeno do envelhecimento e a institucionalização; uma segunda parte, em que é fundamentada, teoricamente, a culpabilidade, assim como os mecanismos de defesa, e uma terceira parte, dedicada ao estudo realizado e aos seus resultados.

Parte I - Contextualização

Envelhecer

A importância dos estudos sobre o envelhecimento tem vindo a crescer ao longo das últimas décadas, pelo aumento da esperança média de vida, que tem levado a um crescimento significativo de pessoas idosas, na população, em geral. Atualmente, verifica-se a existência de um número progressivamente superior de pessoas muito idosas, situadas por alguns autores na denominada quarta idade, ou seja, pessoas com idades superiores a 80 anos (Oliveira, Freire & Giaretta, 1999).

O envelhecimento demográfico em Portugal, entre 1960 e 2001, caracterizou-se por um decréscimo de 36% na população jovem (0-14 anos) e um aumento de 140% da população com 65 ou mais anos de idade. Dentro deste mesmo grupo, acentua-se o envelhecimento das pessoas com idade igual ou superior a 75 anos que, em 1960, era de 2,7% e passou, em 2001, para 6,7% do total da população. A população com idade igual ou superior a 85 anos aumentou de 0,4% para 1,5% entre 1960 e 2001. Os indivíduos com 100 anos eram cerca de um milhar, com maior longevidade nas mulheres. “*Assiste-se assim, ao fenómeno do envelhecimento da própria população idosa*” (INE, 2002: 11). A esperança média de vida aumentou, no mesmo período, cerca de 11 anos para os homens e cerca de 13 para as mulheres. A par do aumento da população idosa, em Portugal, tem-se verificado uma diminuição da população mais jovem, nas últimas décadas, chegando aquela a representar, em 2006, 17,3% da população total, e a população jovem, apenas 15,5% (INE, 2007).

O crescente aumento do número de idosos faz crescer a preocupação com a sua inserção na sociedade. Assim, é necessária uma especial atenção aos apoios que favoreçam a sua qualidade de vida e bem-estar. Moura (2012) refere que o envelhecimento “...é hoje uma manifesta questão demográfica, que representa um papel significativo na preparação para o desafio sobre a presente organização da sociedade, em que a estrutura etária da população constitui um dos aspetos que torna a abordagem do envelhecimento demográfico uma prioridade” (p.27). Pinto (2009) refere que, na Europa, “se estima um ritmo de crescimento quatro vezes maior no número de

idosos, em relação ao número de jovens” (p.156). De acordo com Rosa (2012), em Portugal, a população deverá continuar a envelhecer, de forma crescente. Estima-se que, em 2060, mesmo que os níveis de fecundidade não aumentem muito e os saldos migratórios continuem a ser positivos, a população poderá continuar próxima dos dez milhões de pessoas, porém, será bem mais envelhecida do que atualmente.

O aumento do número de idosos significa que uma parte crescente da população deixa de ter um papel ativo no mundo do trabalho e beneficiará de uma reforma. A reforma tem, com efeito, uma dupla significação, que representa o afastamento do circuito de produção e a possibilidade de direito a um repouso remunerado. A primeira significação associa-se ao efeito do afastamento do trabalho, porque provoca sentimentos de inutilidade e vazio, decorrentes da diminuição dos contactos sociais estabelecidos ao longo de uma vida profissional, acrescidos de uma baixa autoestima e de um empobrecimento pela diminuição de rendimentos. A segunda significação associa-se a aspetos positivos da situação de reforma (Assis, 2002): os indivíduos idosos passam a ter mais tempo livre, o que, idealmente, favorece a experiência de novas competências, no sentido de redefinir a sua nova posição no sistema social, (Santos, 1992) capaz de contribuir para uma satisfação e realização pessoais.

A sociedade vive sob a égide da efemeridade, na qual, o indivíduo, para se manter, tem que ser produtivo e jovem, uma vez que a mais-valia e a meritocracia são as ideologias vigentes (Farber, 2012). O individualismo requer, dos cidadãos, independência e agilidade de adaptação às mudanças, que rapidamente ocorrem. E os avanços tecnológicos não são dominados por todos os que são da geração anterior à atual. Enquanto a sociedade valoriza a informação, os idosos condoem-se com a perda da memória e do senso de continuidade histórica reinante (Farber 2012). Segundo Fraiman (1991), a velhice diferencia-se de outras faixas etárias, principalmente se considerarmos: as inúmeras perdas sofridas, seja por morte de pessoas próximas ou afastamento no decorrer da vida; as novas constituições familiares, decorrentes de falecimento dos pais ou do cônjuge ; o casamento dos filhos; problemas devidos à saída do mercado de trabalho; perdas orgânicas, e o aparecimento de doenças, além da ameaça/ proximidade da morte, sem esquecer a falta de papéis sociais favoráveis. Para Nazaré e Moraes (2009), a dimensão psicológica faz parte do processo de envelhecimento, e é influenciada por vários fatores, relacionados com a percepção, pelo indivíduo, do seu envelhecer.

É indiscutível que os idosos vivenciam várias perdas, sejam físicas ou afetivas, com maior frequência do que noutras idades. O medo do desconhecido, a angústia, a desvinculação de um tempo, antes preenchido, a ameaça de morte mais próxima, certamente potenciam um estado de maior insegurança. Mesmo que falemos de uma abordagem social, jamais poderemos desvincular-nos do individual, que se processa no envelhecimento (Fraiman, 1991).

Apesar de muitos idosos encontrarem e prosseguirem atividades que preenchem o seu tempo e a necessidade de se sentirem úteis, e outros têm que continuar a sustentar (com os seus rendimentos) filhos e netos, para muitos, a reforma coincide com o aparecimento de doenças, ou agrava as já existentes, e o sonhado “tempo dourado” é mais negro do que alguma vez se imaginara. E são estes últimos, os primeiros a necessitar de cuidados de terceiros, e de decisões quanto à natureza e proveniência desses cuidados, de acordo com a estrutura familiar e a rede de apoio social existentes.

Envelhecimento e família

É feio ver os idosos descartados, é coisa feia, é pecado. A Igreja não quer nem pode conformar-se com uma mentalidade de impaciência, e muito menos de indiferença e de desprezo, em relação à velhice. Temos de despertar o sentimento coletivo de gratidão, de apreço e hospitalidade, que façam sentir ao idoso que este é parte ativa da comunidade.

Papa Francisco

Audiência Geral, Praça de S. Pedro, Vaticano, 4/3/2015

O envelhecimento é um processo complexo de mudanças biológicas, psicológicas e sociais, que se iniciam no momento do nascimento e se prolongam ao longo da vida. Ao nível biológico, o envelhecimento é associado ao acumular de uma grande variedade de danos moleculares e celulares. Com o tempo, esse dano leva a uma perda gradual nas reservas fisiológicas, um aumento do risco de contrair diversas doenças e um declínio geral na capacidade intrínseca do indivíduo (World Health Organization, 2015). Pode ser entendido como um processo dinâmico, progressivo, com alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas, que mudam, de forma progressiva, o organismo, tornando-o mais suscetível às agressões internas e externas. Surgem, então,

a lentidão dos movimentos, incapacidade para realizar atividades voluntárias, assim como alterações funcionais, associadas à prevalência de doenças crónicas, conducentes à diminuição das habilidades e da independência (Netto, 2006). Outros autores, como Garcia (1987), referem-se à velhice como uma etapa de perdas do antigo referencial de vida, de elementos da realidade de si mesmo. No contexto social, tem-se associado o envelhecer a uma representação, atribuindo-se ao idoso, à velhice, ao processo de envelhecimento e ao cuidado, valores diferentes, predominantemente negativos. Perlado (1995) diz que o ato de envelhecer implica mudanças constantes, em que o saber lidar com as perdas, e procurar novas aquisições, durante o processo de envelhecimento, traria a possibilidade de o tornar saudável. E aí, o meio familiar do idoso desempenha um papel fundamental.

A família, cuja constituição e conservação exigiram altos esforços morais e mentais, ao longo de todas as épocas, é uma instituição humana com uma história, uma experiência prolongada e diversificada, que está em constante mudança, porque inserida numa sociedade, também ela, em permanente e acelerada alteração. A transformação da instituição “família” foi acontecendo sempre, tendo passado por formas diversas, até às atuais (Canevacci, 1984), que não pararão de se modificar. E, em cada momento, a família lidará, à sua maneira, com a velhice e o envelhecimento. Hoje não é igual a ontem e será diferente do amanhã.

A estrutura familiar alterou-se com a passagem do predomínio das famílias múltiplas e extensas para as famílias tendencialmente formadas por um só núcleo, o dos pais e dos filhos, e de famílias recompostas, de famílias não convencionais, como as mulheres com filhos ou pessoas do mesmo sexo com filhos, ou pessoas a viverem sós (Carvalho, 2009). Em pouco anos, a organização familiar reconfigurou-se, devido às transformações relacionadas com o aumento da taxa de participação das mulheres no mercado de trabalho, a fragmentação dos agregados familiares, com as alterações nos processos de trabalho centrados na tecnologia, e com a globalização crescente, associada tanto a potencialidades, como a riscos. Estas mudanças poderão reduzir o papel das famílias na provisão de serviços para os mais idosos. Em Portugal, como em muitos países do Mediterrâneo, os familiares (mulheres, pais, maridos, etc.) formam o grosso dos cuidadores das pessoas idosas com dificuldades nas atividades da vida diária (Comas-Herrera, Wittenberg & Pickard, 2003), com predomínio das mulheres nestes cuidados. Mas, se figura da mulher doméstica, por opção, passou a ser uma raridade,

como conciliar o seu papel de cuidadora com o de mulher trabalhadora, que não prescinde desse estatuto?

São necessárias inovações nas respostas sociais, para atender às necessidades em serviços de saúde e apoio social, numa sociedade em rápida mudança. O que não muda, tão facilmente, são as leis sociais, os deveres filiais internalizados, em confronto com novas formas de pensar.

A velhice e o envelhecimento, numa visão global, evidenciam a falta de suporte familiar no cuidado ao idoso dependente. Diante da precariedade das condições de saúde, ressalta a fragilidade do idoso e as dificuldades em lidar com as suas alterações funcionais e comportamentais (Telles e Petrilli, 2002). Na sociedade pré-moderna, o sistema básico de “seguro social” implícito consistia em os filhos adultos cuidarem dos seus pais idosos, constituindo-se, assim, um sistema de interajuda inter geracional. A transição duma economia rural para uma economia (pós)industrial, caracterizada pela urbanização, pela nuclearização da família, pela mobilidade geográfica e pela erosão das tradicionais normas de obrigação familiar e reciprocidade, quebrou esta instituição ancestral, chegando-se à situação de muitos filhos não terem tempo ou disponibilidade para cuidar dos seus pais dependentes.

Se a velhice traz consigo várias patologias e um decréscimo das competências de adaptação (Baltes & Smith, 1997), por outro lado, verifica-se que o suporte familiar é cada vez mais reduzido, por razões histórico-sociais já apontadas. Para outros autores, como Slepj (2000), a família “*baseia-se, hoje, mais na satisfação de desejos do que na assistência recíproca*” (p.89). O envelhecimento da população e conseqüente aumento de pessoas idosas dependentes, o menor número de filhos, a focalização dos indivíduos no sucesso profissional, levaram à desresponsabilização do papel da família como cuidadora primária, passando o “dever” de os filhos prestarem assistência aos seus pais, para um novo grupo profissional, o do cuidador formal (Casado & López, cit. por Martínéz, 2005).

No entanto, a família continua a ter um papel de extrema importância, pois, se não lidar bem com o envelhecimento, este poderá tornar-se um fardo, algo inesperado ou difícil de suportar. E a conseqüência pode ser o distanciamento dos seus membros, por não conseguirem suportar as modificações do envelhecimento que dizem respeito ao declínio da memória, da percepção, atenção, capacidade de conhecer e reconhecer os seus familiares. Em termos psicológicos, os familiares de idosos dependentes

experimentam um antagonismo de sentimentos, vivendo uma relação em que o amor e a raiva podem coexistir, já que o cuidado ininterrupto de uma pessoa idosa pode levar o cuidador à sobrecarga (Caldas, 2003).

Por outro lado, o envelhecimento de um membro da família remete para o envelhecimento dos próprios filhos. No momento em que o indivíduo percebe a velhice do outro, fantasia a sua própria velhice, reconhecendo que a vida é finita. Não saber lidar com esta fase desenvolvimental, no outro, poderá significar o medo da sua própria velhice. Assim, constata-se que experiências negativas de envelhecimento, na família e na sociedade, podem gerar conflitos familiares e perturbações psicoafectivas, assim como a perpetuação de mitos e estereótipos do envelhecimento, como um processo patológico.

Também se pode associar o afastamento do familiar, na fase da institucionalização, com situações relacionais. De acordo com Netto (2006), alguns familiares, por vezes, negligenciam o contacto com o idoso e não assumem compromissos, por não possuírem uma relação afetiva e um sentido de responsabilidade para com ele, evidenciando uma relação comprometida por problemas de ordem emocional que não foram solucionados. Num estudo feito com familiares de idosos sobre a análise da representação social da relação entre o cuidador familiar e o idoso, Mazza e Lefrève (2005), foi investigado o quotidiano dos familiares de idosos com incapacidade funcional, concluindo que a família possui uma ambiguidade de sentimentos, que vão desde um dever a uma obrigação. Acontece, frequentemente, a inversão de papéis na relação mãe/pai e filho/filha, provocando desgaste e sobrecarga no cuidador. Quando os filhos começam a cuidar dos pais doentes, não contam mais com a figura sólida que estes representavam. E, então, pode surgir a raiva, provavelmente para proteger o filho, ao defrontar-se com a fragilidade dos pais, já que pode ser doloroso e triste perder a condição de ser cuidado e protegido para ocupar o lugar de quem protege (Eizirik et al., 1993).

Com o tempo, a tarefa mais importante da família é estabelecer um equilíbrio entre a continuidade da assistência e a consideração das necessidades de cada um dos seus membros. Para os filhos, esta situação é desconcertante, pois, em alguns casos, a institucionalização dos pais, em lares, mobiliza sentimentos de resistência, tanto da parte do idoso como de alguns familiares. A forma como estas situações de crise são elaboradas por esses filhos de 50, 60 anos ou mais, provavelmente vai interferir nas suas

relações futuras com os seus filhos e netos (Krassoievitch, 1988). Neste contexto podem surgir sentimentos de culpa, quando os membros da família acreditam que não lidaram adequadamente com a situação (Stuart- Hamilton, 2002), ou quando os filhos percebem que os seus pais estão envelhecendo e que começam a ficar dependentes deles (Eizirik et al., 1993; Krassoievitch, 1988), sentindo a dificuldade em assumir o papel de cuidadores.

A reação às perdas na velhice, de maneira ideal, deveria ser vivenciada pelos familiares, de forma a elaborar e construir novas forças adaptativas, com o objetivo de manter o bem-estar e a qualidade de vida, na rede familiar, nesta etapa do ciclo vital. Perlado (1995) destaca o papel duplo da família perante o idoso; por um lado, é a fonte de apoio emocional no que diz respeito ao afeto, segurança e equilíbrio, por outro é a fonte de apoio económico para alimentação e outros cuidados na doença, ou seja, um apoio emocional e outro prático, estrutural. Enfatiza ainda que o apoio afetivo e emocional seria produtor de sentimentos de confiança, aceitação e dignidade, sendo um fator importante para o estado de saúde dos mais velhos. Mas nem sempre as mudanças são assim. Celich e Batistella (2007), ao pesquisarem as vivências e sentimentos da família ao cuidar do idoso com demência, notaram o impacto sobre a família, ajustes na sua dinâmica de funcionamento, sobrecarga física e emocional. Portanto, muitas vezes, o familiar pode não estar preparado para lidar com as múltiplas dimensões do cuidado ao idoso dependente. E, nesse contexto, a institucionalização pode ser uma (a única) alternativa possível.

A institucionalização do idoso é, frequentemente, acompanhada por sentimentos de culpa, por parte dos familiares, que, racionalmente, consideram ter tomado a melhor decisão, mas, emocionalmente, não a aceitam. E essa culpabilidade não compreendida passa a invadir o relacionamento inter-geracional. É comum os próprios idosos não entenderem a institucionalização, já que, no passado, eles cuidaram dos seus idosos e, agora, não têm quem cuide de si. É como se o “investimento” feito nos filhos fosse um “seguro de vida” fraudulento! E esta “cobrança” dos pais contribui também para o desenvolvimento da culpabilidade nos filhos.

Institucionalização---um mal necessário?

A institucionalização, cada vez mais presente na vida familiar, é um tema de grande interesse, desde há algumas décadas, devido à necessidade de se conhecerem os fatores a ela associados, o seu impacto na vida das pessoas idosas, assim como a necessidade de se fomentar o conhecimento de práticas que promovam o bem-estar destas pessoas. Embora seja, geralmente, rejeitada e temida pela maioria das pessoas mais velhas, existem famílias que, por motivos financeiros ou emocionais, não têm capacidade de cuidar dos seus familiares dependentes; assim, embora possa ser considerada negativa, a verdade é que a institucionalização pode promover uma maior sensação de segurança (Pimentel, 2001), principalmente se resultar de perdas na autonomia, causadas por patologias físicas, perda de cônjuge, carências de apoio social, isolamento ou vivências habitacionais negativas.

Existe, hoje, uma diversidade de respostas propiciadoras de cuidados aos mais velhos. Estas respostas sociais são desenvolvidas por Instituições Privadas Com Fins Lucrativos ou por Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) ou equiparadas, como Santas Casas da Misericórdia, Centros Sociais e Paroquiais, Cooperativas, Associações de Reformados, entre outras.

Em Portugal, a institucionalização é feita, maioritariamente, por IPSS, que surgiram em 1976, e são até hoje, as instituições que disponibilizam um maior número de serviços para a população idosa, desde centros de convívio (focados na prevenção do isolamento e manutenção das relações sociais), aos centros de dia (onde são disponibilizados, essencialmente, serviços associados à alimentação, higiene e outros cuidados básicos, durante o dia, permitindo à pessoa idosa manter-se em sua casa ou com a sua família, mesmo que esta não lhe possa prestar todos os cuidados necessários), serviços de apoio domiciliário (cuidados que incluem, desde a satisfação das necessidades básicas a cuidados de saúde e de higiene, permitindo-se à pessoa idosa continuar a viver em sua casa), até aos lares ou residências de terceira idade, com um carácter mais permanente, onde se prestam serviços, como o alojamento temporário ou permanente, alimentação, cuidados de saúde, higiene e conforto, atividades de convívio e animação social, assim como ocupação dos tempos livres (Despacho Normativo nº 12/98 de 25 de Fevereiro).

Segundo os resultados definitivos dos Censos 2011 (INE, 2012) o número de pessoas que vive em estabelecimentos de apoio social aumentou cerca de 49% face ao anterior período censitário, o que traduz a resposta da sociedade portuguesa ao crescimento da população mais idosa, sobretudo mulheres, salientando-se a representatividade da população acima dos 70 anos, no universo das pessoas que residem nestes estabelecimentos. O acolhimento dos mais velhos, na residência dos filhos ou dos parentes, tem vindo progressivamente a ser substituído pela institucionalização do idoso, em estabelecimentos vocacionados para o efeito.

Em 2002, segundo estimativa do INE, referida por Aleixo, Escoval e Fonseca (2012), residiam em lares, cerca de 51.017 pessoas idosas, sendo a maioria mulheres (69%) e 85% do total dos residentes tinha mais de 75 anos de idade. Passados dois anos, em 2004, existiam 56.535 pessoas idosas institucionalizadas em 1517 lares (legais) de terceira idade, representando 3.2% das pessoas idosas (INE, 2007, citado por Neto & Corte-Real, 2013). E, em 2016, com um índice de envelhecimento de 150.90 (nº de pessoas com 65 e mais anos por cada 100 jovens com menos de 15 anos), o número de idosos institucionalizados ultrapassa os 78 mil, a somar aos 76 mil que recebem apoio domiciliário, a cargo de 4775 IPSS (ISS, 2017).

Parte II - Enquadramento Teórico

A raiva é um sentimento muito poderoso, mas é a culpa que nos destrói.

Stefan Salvatore

A Culpa

Na perspectiva da teoria psicanalítica (a que mais nos interessa), a culpa é alvo de uma atenção particular, surgindo como complexo de culpa. O problema foi abordado por variados autores, de que se distinguem Sigmund Freud, Mélanie Klein, León Grinberg, António Coimbra de Matos, entre outros.

Sigmund Freud percorreu um trajeto de pesquisas e investigações, em que se destaca a universalidade da culpa, na tentativa de explicar o cerne da civilização, e dá atenção à neurose e à culpa que atormentam o sujeito. Em muitos textos, especificamente em “Totem e Tabu” (1913), e “O Futuro de uma Ilusão” (1927), Freud apresenta o antagonismo irremediável entre as exigências da sociedade e a moção pulsional, considerando tal incompatibilidade como ameaça constante à sobrevivência da civilização, uma vez que os impulsos agressivos e hostis procuram sempre uma forma de expressão. E é por isso que a civilização beneficia do agente interno que vigia o sujeito e o condena, com o aparecimento da culpa. Após inúmeras reflexões e trabalhos, em 1930, em “O mal-estar na cultura”, Freud conclui que a civilização consegue, de uma maneira ou de outra, dominar o perigoso desejo de agressão, enfraquecê-lo, desarmá-lo e estabelecer, no interior do sujeito, um agente para conter o desejo. Esse agente – o superego – vigia o ego e está pronto a condená-lo, intensificando o sentimento de culpa, que sustenta a civilização. “Totem e Tabu” (1913) foi um dos mais importantes textos de Freud para explicar a relevância do sentimento de culpa no indivíduo. A partir de estudos antropológicos sobre comunidades primitivas ainda existentes, o autor abordou rituais e proibições fortemente enraizadas, como, por exemplo, o horror ao incesto e a exogamia. No texto, Freud sugere que existem inúmeras semelhanças e pontos de concordância entre a psicologia dos povos primitivos e a psicologia dos neuróticos. É importante destacar também a relevância da infância,

uma vez que, para Freud, o homem selvagem e o neurótico assemelham-se muito às crianças. Um neurótico apresenta, invariavelmente, certo grau de infantilismo psíquico: ou falhou em libertar-se das condições psicosssexuais que predominavam na sua infância ou regressou a elas (regressão).

Freud utiliza o exemplo da proibição do incesto no seio de uma tribo de aborígenes para explicar o que entende por “culpa coletiva”. Se o transgressor é punido de forma violenta por toda a comunidade, isso significa a existência da culpa coletiva, pois, se ele ficasse impune, todo o povo poderia ser castigado. A culpa estaria, então, ligada à necessidade de castigo. E explica-o a partir do mito da Horda Primeva, em que os filhos se teriam unido para assassinar o Pai Primevo. Mas com a morte do pai, ao invés de satisfação e liberdade, os filhos depararam-se com o remorso e o temor de uma punição; assim, adotaram um totem (frequentemente um animal) como substituto sagrado do pai, o qual era venerado e inviolável, provocando uma espécie de reconciliação, que pudesse amenizar a culpa e ajudasse a esquecer o crime cometido (Freud, 1913). O sentimento moral tem origem na mesma fonte, da qual se originou a religião, porém esse é fruto da exigência da sociedade e da penitência que o sentimento de culpa estabelece.

A questão da culpa aparece também no texto freudiano “Sobre o Narcisismo – uma Introdução” (1914), quando Freud fala sobre o ideal do eu e a instância daí resultante, o superego. Com o conceito de narcisismo, o autor avançou bastante na compreensão do sentimento de culpa, pois a construção de uma noção de ideal do eu e, posteriormente, do superego, exemplifica a emergência da culpa. Laplanche e Pontalis apontam o ideal do eu como uma formação intrapsíquica relativamente autônoma, que serve de referência ao eu para apreciar as suas relações afetivas, e afirmam que “*a sua origem é principalmente narcísica*” (Laplanche & Pontalis, 1968).

Com a formulação do complexo de Édipo (Freud, 1915), o sentimento da culpa está presente e é revivido individualmente, no que o autor identifica como intensos desejos de morte (desejo de matar o pai), podendo estes transfigurar-se em medo consciente da própria morte (como vingança) graças à ação da instância interna opressora que se origina com a resolução do Édipo – o superego. Para Freud, quando do crime primevo, a autoridade era externa ao sujeito; agora, com a emergência do superego e a internalização das normas, a instância opressora é interna. A culpa é compreendida, portanto, como sendo a forma pela qual o ego percebe a crítica do

superego. É, pois, um sentimento de indignidade. Há um ideal do eu que “critica” o eu e este sente-se indigno do ideal. Então, a culpa é o resultado da tensão existente entre o Ego e o Superego. O Id é a instância que condensa as pulsões mais primitivas e a necessidade de satisfação imediata do prazer associado a essas mesmas pulsões, enquanto que o Superego está encarregado da sua repressão, através de juízos de censura e crítica (Freud,1923). Cabe ao Ego a função de mediação destas duas instâncias, em benefício do indivíduo, na sua totalidade. No entanto, quando a severidade e rigidez do superego dominam, esta mediação torna-se difícil de alcançar, originando, assim, uma submissão do Ego ao Superego. É desta submissão, segundo Freud, que emerge o sentimento de culpa, que seria, então, um agente de moralização, através da repressão, e daí ela ser geradora de neuroses e de várias formas de doença psíquica. Temos a culpa como um fenómeno negativo e de carácter patológico.

Mélanie Klein (1937, 1948) também escreveu sobre a culpa e investigou de que maneira ela aparece na vida do ser humano e a afeta. A teoria kleiniana salienta o sentimento de culpa como sendo o resultado da integração dos objetos parciais num objeto total (Klein, 1948). Inicialmente, o bebé relaciona-se com a mãe sob a forma de objetos parciais, sendo esta alvo de impulsos agressivos (quando percecionada como um objeto ameaçador). Quando é feita a integração dos objetos parciais, surge o sentimento de culpa, que advém do facto de o bebé perceber que o objeto que ama e que odeia é um só. Assim, ele receia ter destruído esse objeto com os seus impulsos mais destrutivos e teme perder o seu amor. Desta forma, em Klein, a ansiedade depressiva e a culpa surgem com a introjeção do objeto como um todo (Klein 1937), numa síntese entre o amor e o ódio, relativamente aos objetos parciais. Segundo a autora, esta síntese dá origem à ansiedade depressiva, à culpa e ao desejo de reparação do objeto amado.

Apesar de Klein considerar o sentimento de culpa como positivo e auxiliador da criança no seu desenvolvimento e amadurecimento, em termos psicológicos, percebe-se que a qualidade da culpa e a forma como ela aparece na experiência do indivíduo, ainda se relaciona com a teoria freudiana. Klein não abandona os conceitos freudianos de pulsão de vida e de morte (que originam a culpa) e também a ideia de que ela é o resultado do choque entre o Id e o Superego. Para ela, a criança, mesmo antes do contacto com conteúdos edípicos, já possui um superego, ainda que arcaico (Klein, 1937).

Outro autor, Donald Winnicott, também abordou o tema, refletindo sobre os textos de Freud e Klein. Reconhece que a culpa é uma aquisição maturacional, já que a chegada a este estado está associada à restituição e reparação (Winnicott, 1963) face ao objeto. No entanto, defende ele que a criança experiencia a culpa, não só como medo de perda, mas também porque reconhece o objeto como autônomo, que existe fora de si, e se preocupa com os efeitos que pode ter causado nele. A culpa seria mais uma preocupação e cuidado com o outro, e não só o medo da perda. Loparic (1997) escreveu, a este respeito,

Segundo Klein, a agressividade contra a mãe, que é sentida na posição depressiva, resulta da frustração, seja da pulsão de aniquilação ou de morte. Para Winnicott, a agressividade do estágio de concernimento, é mais primitiva que a raiva da frustração. Esta última implica a existência de instintos formados, visando a satisfação, condição a que o bebê que entra na fase de concernimento, ainda não chegou (1997, p. 53).

A culpa, para Winnicott resulta do encontro entre a criança com o outro (mãe), uma relação de intimidade, e não um fenômeno resultado de dinamismos psíquicos e mentais, ou intrapsíquicos. E o papel desse “outro” é de extrema importância para que a culpa seja vivida e possa contribuir para a transformação e o amadurecimento. Uma mãe “suficientemente boa”, está ali, em permanência, disponível para acolher os diversos estados do bebê. Quando este alcança o estatuto de um “eu”, separado do “não eu”, começa a integrar a instintualidade como fazendo parte do eu (Dias, 2000). Ele começa a reconhecer que o eu dos estados tranquilos e o dos estados excitados é o mesmo, e mais, que a mãe que cuida dele e a que ele ataca nos estados excitados, são uma e mesma pessoa. O bebê passa, então, a preocupar-se e a sentir-se responsável pelos resultados do seu amor excitado, tanto na mãe como em si mesmo. E assim que a criança começa a dar-se conta do dano que é provocado pelo seu amor excitado e começa a preocupar-se e a sentir culpa, a sua tendência é fazer a reparação do dano (Winnicott, 1965).

Para que essa reparação se faça, a criança precisa sustentar a culpa por algum tempo e isso só é possível com a ajuda de uma mãe pessoal e viva, que permanece e suporta a situação, durante o tempo necessário para esse processo. Se a mãe é contentora, o bebê tem tempo de organizar as numerosas consequências imaginativas da experiência instintiva e resgatar algo que seja sentido como "bom", que não agrida, que seja aceitável e, com isto, repare, imaginativamente, o dano causado à mãe. Essa

sequência agredir-e-curar repete-se inúmeras vezes e, gradualmente, o bebê passa a acreditar no esforço construtivo, a suportar a culpa e, assim, a tornar-se livre para o amor instintivo. É a isso que Winnicott chama *círculo benigno* e, se ele se estabelece, a criança torna-se capaz de descobrir a sua destrutividade e o seu próprio ímpeto pessoal de dar, construir e reparar (Winnicott, 1958). Caso contrário, a vida instintiva será inibida e reaparecerá a dissociação entre os estados tranquilos e os estados excitados; o descanso torna-se impossível e fica perdida a capacidade de brincar, alhear-se, concentrar-se; e o amadurecimento é perturbado.

Desta forma, o sentimento de culpa na teoria winnicotiana, é um processo complexo e depende muito da provisão ambiental, podendo trazer consequências muito positivas para a criança quando esta alcança o seu potencial, isto é, quando pode ser vivido como consideração, preocupação e cuidado com o outro. Pode promover o aparecimento da ideia de “valor” (das coisas e do outro) e de acreditar em, e auxilia a criança a tornar-se responsável por si e pelo outro. A culpa não surge de uma moral apresentada à criança, mas sim do amor pelo objeto.

Para que o sentimento de culpa possa conduzir à reparação e à transformação vivida na relação entre o bebê e a mãe, o ambiente tem que ser constante, sustentar a situação no tempo e sobreviver à carga destrutiva dessa etapa do desenvolvimento. Winnicott (1963) coloca a questão, distinguindo a culpa ligada à reparação e, portanto, fruto do sucesso entre a sustentação ambiental e as potencialidades da criança, da culpa insuportável, fruto do desencontro e da falta de ligação entre a mãe e o bebê. Neste último caso, o resultado é o empobrecimento da vida interna da criança e o desperdício do potencial criativo da culpa (Dias, 2000).

Noutras fases do desenvolvimento, para além da primeira infância, a capacidade transformadora da culpa e as potencialidades que a mesma gera nas relações, pode também ser analisada a partir da teoria winnicotiana. É o próprio autor que nos diz:

A maioria dos processos que se iniciam nos primeiros meses de vida nunca se estabelecem plenamente e continuam a ser fortalecidos pelo crescimento, que prossegue nos anos subsequentes da infância – e, na verdade, da vida adulta e até mesmo da velhice (1963, p. 112)

Léon Grinberg (1964, 2000) baseia-se nas teorias de Freud, Klein e Winnicott para estruturar a sua própria teoria acerca da culpa, que surge como um conjunto

organizado de várias teorizações sobre este tema. Por um lado, recorre às reflexões de Klein para apresentar a “sua” culpa persecutória (caracterizada por um funcionamento onde predominam as ansiedades persecutórias e o duplo sentimento de perda, relativo ao objeto e às partes do self) e a culpa depressiva, que subentende a existência de um Eu mais maduro e integrativo, de modo a proporcionar os movimentos de reparação. Este tipo de culpa emerge do sentimento de se ter agredido o objeto e da necessidade de repará-lo destes ‘danos’ que o indivíduo sente ter provocado, com os seus impulsos agressivos.

Reunindo as considerações de Klein e Winnicott, Grinberg (2000) atribui um carácter de alternância e predominância a estes estados, (conforme o predomínio de Eros ou Tanatos), i.e., a criança passaria de um tipo de culpa para o outro, evoluindo na capacidade de a sentir, e transformando a ansiedade e angústias referentes a esta (morte e castração) em capacidade de reparação. Para isso, precisaria de ter um Eu amadurecido, capaz de aceitar a ansiedade inerente à culpa primária/persecutória. No entanto, conservaria interiormente, resíduos de uma culpa que, por ser primária, precocemente experienciada, provocou grande choque no Eu ainda frágil e em formação, pelo que algumas partes da sua ação e afetos, a ela associados, se perpetuam na vida da criança.

A formação da culpa, segundo Grinberg (2000), é sempre potenciada pelas sucessivas perdas e privações que a criança sofre durante a vida, pois “*em todas as experiências de perda, existe implicitamente uma certa dose de culpa*” (p. 101). É este cariz (persecutório ou depressivo) que dita a forma como a ansiedade (de separação, abandono ou morte) se apresentará ao Eu: como algo insuportável e persecutório, em que o Eu vive atormentado pela destruição que provocou no objeto, e a angústia de morte domina as suas fantasias, ou como um apelo à reparação, face ao empobrecimento da relação, devido à fantasia agressiva do Eu. O espectro da perda do amor incita o Eu a tentar recuperar esse amor do objeto, a restaurar o objeto e o vínculo entre os dois.

Esta sucessão de privações desencadeia-se desde a infância mais precoce, momento em que se forma o primeiro tipo de culpa, de cariz persecutório. À semelhança das hipóteses freudiana e kleiniana sobre a relação entre culpa e instinto (de vida – Eros – e de morte – Tanatos), para Grinberg (2000), a culpa persecutória encontra-se diretamente sob o domínio da pulsão de morte, que invade o interior

psíquico e, através das “*fantasias inconscientes relacionadas com as experiências de perda e frustração*” (p. 103), provoca a angústia de morte no Eu frágil, forçando-o a uma defesa, pela projeção no objeto. No entanto, ao utilizar este como depósito da pulsão de morte, ao clivar as suas próprias partes más, e ao dissociar-se dessas partes destrutivas e culpadas, colocando-as no objeto, enfatiza o regresso de uma culpa persecutória, sob a forma de pressão do Superego.

O Eu frágil ultrapassa o período persecutório da culpa, recorrendo a mecanismos de defesa primitivos como a dissociação, a negação, a idealização e a identificação projetiva, para afastar a culpa, colocando-a fora do Eu. Quando permanecem na vida adulta, estas defesas poderão conduzir a estados-limite, onde imperam as autopunições e passagens ao ato (Grinberg, 2000).

O ressentimento assume um papel importante para Grinberg, na medida em que, só a sua diminuição, enquanto emoção primordial, permitirá uma diminuição da culpa persecutória e do rancor dirigidos ao objeto e ao próprio self e, assim, um aumento “da aflição e dor pela perda, com uma conotação mais depressiva, aumento da preocupação e da responsabilidade e, em última instância, da capacidade reparadora” (Grinberg, 2000, p. 105).

A partir do momento em que a ambivalência se torna suportável para o Eu e se instala a capacidade de integração, i.e., quando a criança percebe que o objeto que magoou não foi destruído e se apercebe que existem, em si e no outro, partes boas e más, dá-se o crescimento emocional, a ambivalência da culpa passa a ser tolerada, a criança liberta-se do ressentimento, para sentir, simultaneamente, tristeza e preocupação (pelo objeto que lesou), arrependimento e aflição (pela fantasia destrutiva que desenvolveu) e responsabilidade (pela agressividade que colocou no objeto), (Grinberg, 1964; Pracana, 2007). É a capacidade de reparação que desponta no Eu, a vontade de reparar o objeto que, apesar de ter recebido a sua agressividade, se conserva como contentor e reforça o vínculo através de um incondicional amor, mas que, na fantasia da criança, ficou magoado e necessita de ser tratado, amado e reparado. O alcançar da culpa depressiva só é possível quando o Eu sublima ou reprime o instinto destrutivo e o substitui pelo instinto reparador, só possível na presença de um objeto e de um vínculo satisfatórios. Nesta perspetiva, a culpa existe na relação com o objeto, e decorre da ação do Eu que ataca esse mesmo objeto ou (e) é atacado por ele, não havendo lugar à reparação.

Na perspectiva mais relacional, Coimbra de Matos (2000) fala da culpabilidade inconsciente, considerando-a uma espécie de resíduo que, mantendo-se inconsciente, determina e condiciona os comportamentos do indivíduo, sem que a sua origem seja identificável (Matos,2000). Para o autor, a culpa resulta de três fatores relacionais: a necessidade absoluta que a criança tem do seu objeto, enquanto o convívio com o mesmo, dado o seu potencial hostil e agressivo, se torna insuportável; os seus próprios impulsos agressivos para com o objeto; a sua própria atitude culpabilizante e a projeção culposa no objeto, face à introjeção, no self, do objeto malévolos e agressivo (Matos, 2001). Trata-se de uma culpa persecutória, que persegue o indivíduo de dentro e por dentro, e que o torna muito sugestionável à inculpação vinda de fora, à indução da culpa pelos outros, que é, muitas vezes, a projeção da culpa do indutor, uma identificação projetiva deste, manipulador, em que o objeto quer transformar o sujeito naquilo que projeta nele. (Matos, 2001).

Stephen Mitchell e Jay Greenberg (1983) defenderam que as relações com os outros constituem os blocos fundamentais na construção da vida mental. O termo relacional, muito amplo, inclui interações entre o indivíduo e o mundo social, relações interpessoais internas e externas, autorregulação e regulação mútua, formando, assim, uma ponte entre os espaços interpessoal e intrapsíquico (Lewis Aron, 1996).

Na visão relacional, a unidade básica de estudo não é o indivíduo como uma entidade separada, na qual os seus desejos entram em conflito com a realidade externa, mas sim a vasta área relacional onde os indivíduos se encontram, procurando manter o contacto com os outros e articularem-se a si mesmos. A compreensão do ser humano só é possível através da compreensão da sua vasta “tapeçaria relacional” passada e presente (Mitchell, 1988). As teorias dos modelos relacionais veem a mente como fundamentalmente diádica e interativa, em que as relações de objeto são as interações do indivíduo com os outros externos e internos (reais e imaginados), e a relação entre os seus mundos internos e externos. Quando se verificam falhas nas relações primárias, existe um défice nos ingredientes que permitem o crescimento emocional. A criança internaliza e fica presa a estas relações, uma vez que não se pode separar e necessita delas para a sua própria sobrevivência. E assim cresce, tendo internalizado que uma má relação é melhor que nenhuma relação (Matos, 2002), situação que certamente, se repercutirá nas futuras relações com esse e com outros objetos.

O ponto fundamental da vivência da culpa é o sentimento que a acompanha. Trata-se de um sentimento de pesar, o “peso” sentido da culpa, muito mais do que “pena” ou “tristeza”. Está sobre nós próprios, fazendo peso sobre a nossa consciência (Castilla del Pino, 1991).

As teorias tradicionais da culpa assentam no individual e intrapsíquico, mas menosprezam a sua natureza intrinsecamente relacional. De facto, toda a culpa, exteriorizada ou sentida, é culpa perante alguém, real ou virtual (Deus), podendo entender-se como uma emoção reguladora das relações sociais (Castilla del Pino, 1991; Pérez-Sales, 2006). Em sentido negativo, poderia ser vista como um procedimento de controlo (indução da culpa), utilizado para conseguir que outras pessoas se submetam a determinados pedidos que, de outra forma, não aceitariam, sem resistir. Do ponto de vista interpessoal, é sempre o outro que projeta, sobre o sujeito, o valor moral das suas ações. A atitude desse outro (ou a atitude que supomos que ele tem para conosco) converte-se no espelho do valor moral das nossas ações, porque todas as relações são especulares (Garcia Haro, 2014). Não há imagem se não houver um outro que a devolva, e quem se sente culpado, fá-lo perante os outros, porque são eles que o fazem sentir assim. No entanto, para além do olhar real, pode haver olhares simbólicos acusatórios e, assim, a ação em que o sujeito edifica a sua culpabilidade seria aquela que supõe transgressão das definições mútuas, ou imagens recíprocas, previamente acordadas. De facto, a culpa compromete tanto a continuidade da relação como a imagem dessa relação e, segundo Garcia-Haro (2014), ela poderá servir como “*senal de alarme moral*”, de que algo se rompeu na relação e que, para preservar ou restabelecer o vínculo afetivo e a harmonia, o indivíduo tem de fazer alguma reparação.

Culpa e Religião

*“Confesso a Deus todo-poderoso
e a vós irmãos,
que pequei muitas vezes
por pensamentos, palavras,
atos e omissões
por minha culpa,
minha tão grande culpa.”*

Ato de Contrição (oração católica)

É desta forma que a religião católica aborda a questão da culpa e do pecado, surgindo a primeira na sequência do ato de pecar. E se o pecado pode acontecer por “*pensamentos, palavras, atos e omissões*”, tal significa, ser, praticamente, impossível, não pecar, e, logo, não haver culpa. E daí surge a necessidade de castigo/penitência e, só depois, o perdão. A culpa aparece ligada ao “pecado”, já que significa um desvio às normas de conduta e valores que orientam a existência, podendo causar um mal-estar psicológico, entendido como culpabilidade (Frankl, 2008). Esse sofrimento interno, daí decorrente, pode conduzir à necessidade do perdão, o que se verifica no judaísmo e no cristianismo, onde existem rituais de redenção (Lukas, 1991).

Segundo o escritor judeu Tauber (2007), falando sobre a culpa no judaísmo, vem à baila uma citação do Torá, no texto de Devarim 21.1025: “*Quando você construir uma casa, faça um parapeito para o seu telhado; para que você não derrame sangue em sua casa, quando alguém dele cair.*” A intenção é mostrar a orientação judaica, segundo a qual as opções e os atos de cada indivíduo, embora atinjam apenas uma área minúscula da vida de outra pessoa, e uma área ainda menor da história humana, poderão influenciar profundamente o destino de qualquer sujeito, as realizações da comunidade e o curso do progresso humano, no decorrer do tempo. Aquilo que o indivíduo escolhe e faz, fará até a diferença entre a morte e a vida, entre fracasso e sucesso.

Também Kertzer pondera que a “culpa judaica” ocorre por uma visão egocêntrica, falha e pessimista do universo. Segundo este autor, os pais judeus culpam-se por se acharem responsáveis pelos fracassos dos filhos, mesmo que estes filhos já tenham sessenta anos; os líderes religiosos interiorizam que todos os problemas do mundo estão relacionados com os pecados cometidos por eles como rabinos. Portanto, a ideia judaica de culpa é que as pessoas são responsáveis por tudo o que acontece no lugar onde estão inseridas. Segundo Kertzer, os judeus explicam a culpa dizendo que se Deus colocou aquela pessoa em determinada situação, significa que ela pode fazer alguma diferença, portanto, é sua responsabilidade fazê-la, e, com êxito, pois foi escolhida por Deus e Ele a ajudará.

No Antigo Testamento (Bíblia, Êxodo) consta que os hebreus acreditavam na existência de um único deus, autor de uma aliança com o povo, a quem Ele deu a conhecer as leis e as consequências decorrentes da quebra dessa aliança. Na cultura

judaica, quando o povo se afastou de Deus e das suas leis, sofreu o castigo que Moisés havia predito. Para combater o politeísmo e fortalecer as leis divinas, os castigos pelas suas transgressões contribuíram para o aparecimento de uma consciência culpada (Cambi, 1999).

O monoteísmo difundiu a figura de um Deus punitivo, que prosseguiu com o cristianismo. Os discursos de Moisés apresentavam o povo como eterno devedor de um Deus que o libertou da escravidão, que cuidou dele, mas que exigia, em troca, a exclusividade da adoração, punindo todos os que adoravam outros deuses. A culpa do homem surge, então, para justificar o pecado contra esse Deus único, que iria dominar toda a cultura ocidental. Refletir sobre a culpa na perspectiva do cristianismo passa obrigatoriamente pelas consequências do pecado de Adão, passadas para a raça humana e que pesam sobre a humanidade, sob a forma de culpa e castigo.

O pecado inclui a culpa e a corrupção e define culpa como “*o estado de merecimento da condenação ou de ser passível de punição, pela violação de uma lei ou de uma exigência moral*” (Berkhof 1990). O autor explica que a culpa expressa a relação do pecado com a justiça ou da personalidade com a lei, advertindo ainda que a palavra tem duplo sentido: um indicando uma qualidade inerente ao pecador, ou seja, as suas más qualidades, o que o faz merecedor do castigo; o outro é o que indica a obrigação de satisfazer a justiça, pagar a penalidade do pecado.

Henry Thiessen (1987) escritor protestante, afirma que as Escrituras reconhecem diferentes graus de culpa, que resultam de diferentes tipos de pecados e que “este princípio é reconhecido no Velho Testamento, na variedade dos sacrifícios exigidos para as diferentes transgressões, e também indicadas pela variedade de julgamentos, no Novo Testamento. Em contraposição à ideia de culpa no cristianismo católico, que prega a distinção de pecados veniais (aqueles que podem ser perdoados), e mortais, (que são voluntários e deliberados e que envolvem a morte da alma), Henry Thiessen relaciona as diferenças de culpa com as diferenças de pecado.

Com a Idade Média e o advento da Inquisição, aumenta o peso da culpabilidade e do castigo e das conseqüentes punições a que estavam sujeitos os hereges. Na Europa instalou-se uma mentalidade obsessiva e uma enorme culpabilização, provocando uma busca incessante de interiorização, de recolhimento e de consciência moral (Delumeau, 2003), e uma grande dificuldade de vencer os desejos e a vontade. Delumeau (2003) afirma que a crença na existência de um Deus rigoroso, que castiga e vinga os pecadores

(apesar da redenção de Cristo), se transforma numa “neurose cristã”, não sendo possível fazer desaparecer o sentimento de culpabilidade. Segundo Scliar (2007), com o Renascimento, a Reforma Protestante e a Contrarreforma, surgiram novos valores. Por um lado, o progresso científico, intelectual e artístico e, por outro, as doenças, as guerras e as crenças antigas, facilitavam um sentimento de culpa desencadeado pelo luxo e a vaidade, conforto e facilidades materiais, confrontados com o medo do pecado e a preocupação exagerada com a morte, momento do “acerto de contas” com Deus.

No séc. XIX, Nietzsche (2009) explica, em *Genealogia da Moral*, que a má consciência é uma doença adquirida pelo homem que, ao tentar externalizar a sua agressividade, é impedido pela pressão social, sendo obrigado a conter os seus instintos e impulsos, o que origina a má consciência ou sentimento de culpa, considerada por ele, uma doença que o homem sofre consigo mesmo. Para Nietzsche, o conceito de culpa está associado ao aparecimento e propagação do cristianismo, e tem crescido, em paralelo, com o conceito de Deus. O pecado e a culpa são inseparáveis da moral judaico-cristã, aparecendo sempre como uma ofensa a Deus, que é preciso reparar, através do remorso e do arrependimento (Scliar, 2007).

Com a possibilidade do perdão, o indivíduo que vive perturbado é capaz de seguir um caminho diferente, à luz da fé, e alcançar a paz com o outro, consigo mesmo e no contexto onde vive e interage. A teologia procura desenvolver, no ser humano, a capacidade de “*viver a consciência de culpa e não o sentimento de culpa*”, segundo Lucas Mazzochini (2009), e tem procurado estudar esse enigma do vazio e fragmentação, desenvolvendo estudos que promovem a reconciliação do ser humano consigo mesmo e nas suas relações, através da reflexão sobre a culpa, o pecado e o perdão. O que não é fácil, se tivermos em conta que, ao nascer, uma criança já carrega consigo um pecado que não cometeu, o chamado “pecado original”, em resultado da transgressão dos nossos primeiros antepassados.

O peso da cultura religiosa, mesmo para os que a negam, faz-se sentir, principalmente, quando não se lida bem com o “dever moral”, quando o indivíduo não conseguiu resolver o dilema entre o que deseja e o que pensa que deveria desejar, quando se teme o castigo “divino” pelas falhas humanas. No lado oposto, temos uma reconciliação com as nossas imperfeições, com ajustamentos entre a realidade e o desejo, com assunção plena dos atos praticados. Em suma, uma relação saudável com Deus.

A Culpa Sentida pelos Filhos Cuidadores dos Pais

“Eu acho, não sei se estou a pecar ou não, mas eu acho que, para mim, foi a melhor solução” (F7)

A culpabilidade dos filhos cuidadores não tem uma definição única, e tem sido pouco estudada, em comparação com os inúmeros estudos existentes sobre os sentimentos do idoso face à família. Uma definição dada por Goldberg (1985) descreve-a como *“o sentimento de culpabilidade que surge quando há a infração consciente dos valores morais admitidos pelo indivíduo”* (p. 32). E continua *“um erro que foi cometido e é preciso fazer algo para o anular: expiar, reparar, obter perdão”* (p. 32). Friedman (1985) critica algumas teorias sobre a culpa e define-a de forma mais precisa: *“uma pessoa considera, de forma consciente ou inconsciente, que os seus planos, pensamentos, ações e omissões são prejudiciais para alguém, de que ela se sente responsável”* (p. 529).

A culpa é a ansiedade, o sofrimento, a ausência de prazer, a depressão e os remorsos (Stein, 1968). A autopunição, a confissão de ter agido mal e a necessidade de reparar sugerem, também, um sentimento de culpabilidade (Abramson, Mosher, Abramson & Woychowski, 1977). A culpa é uma resposta emocional comum nos cuidadores (Hatch & Franken, 1984), é uma reação psicológica que se segue à colocação de uma pessoa próxima numa instituição (Brandwein & Postoff, 1980; Brody et al., 1990; Gladstone, 1995). A culpa sentida pelos filhos de um idoso institucionalizado pode advir do facto de ter transgredido uma regra moral, respeitante aos cuidados de suporte que devem ser dados, pelos membros da família, a um elemento da mesma, quando deles necessita (Grau et al., 1993). Alguns membros da família, nomeadamente, os filhos, sentem-se culpados por não terem feito mais pelo idoso institucionalizado (Brody et al., 1990; Pruchno, Peters, Kleban & Burant, 1994), ou por não estarem disponíveis para o fazer. As mulheres, em particular, sentem-se mais culpadas por não poderem responder a todas as necessidades (Zarit, cit in Barusch et Spaid, 1989), já que, tradicionalmente, cabe à mulher o papel de cuidadora. No meio rural português, é ainda muito comum a mulher cuidar do sogro ou da sogra, como

cuida dos pais, e essa é uma tarefa socialmente tão valorizada quanto desvalorizador é o oposto, a delegação dos cuidados noutros, nos cuidadores formais.

A institucionalização é vista como uma solução de último recurso pelo familiar, que não pode continuar a encarregar-se de todas as responsabilidades que o cuidar exige (Stone et al., 1987). Institucionalizar um pai/mãe é uma experiência bastante stressante para o cuidador/filho (Zarit & Whitlatch, 1992), que diz não ter tido outra opção (Townsend, 1990). Alguns autores, como Matthiesen (1989) defendem que a decisão de institucionalizar a mãe levaria as filhas a viver, de forma recorrente, sentimentos de culpabilidade, mesmo quando a institucionalização não é recente, e há filhos (as) que creem que o seu sentimento de culpabilidade só desaparecerá com a morte do pai/mãe (Matthiesen, 1989), enquanto outros continuam a sentir-se culpados um ano depois do falecimento (Mullan, 1992).

A decisão de institucionalizar o idoso pressupõe uma nova fonte de stress para os cuidadores familiares porque existe uma troca de papéis (Zarit, 1992), quando o familiar tem que admitir que não é a única pessoa capacitada para proporcionar cuidados ao seu idoso. A tomada de decisão precipita-se quando a pessoa começa a desenvolver alterações de comportamento, como acontece nos casos de demência (Cumming, 1994; Gaugler, 2010), mesmo tendo passado vários anos após o diagnóstico. Segundo Artaso et al. (2001), a decisão engloba sentimento de culpabilidade, escassez de recursos económicos e a falta de confiança nos cuidadores formais. É necessária a intervenção junto das famílias que, quando existe, produz redução da culpabilidade, redução da sintomatologia depressiva e de sobrecarga e, a longo prazo, melhoria da saúde do cuidador familiar (Gaugler, 2007).

A disfunção da situação familiar, o conhecimento da evolução da doença e a escassez de apoio favorecem a tomada de decisão da institucionalização definitiva (Spitznagel, 2006) que, não obstante, pode provocar sintomatologia depressiva. Este fenómeno poderá ser amenizado se, antes da decisão, foram tidas em conta variáveis, como o grau de incapacidade ou dependência do idoso, a idade do/a cuidador familiar e o possível aproveitamento dos recursos comunitários (Lieberman, 2001; Tornatore 2002).

Gaugler, (2003) estudou, durante anos, um grupo de famílias que tinham institucionalizado os seus idosos, tendo concluído que: os cuidadores mais velhos apresentavam um maior grau de satisfação; as mulheres apresentavam mais queixas

(talvez devido às expectativas dos cuidados); quanto maior era o nível educativo dos cuidadores, maior a participação nos cuidados ao idoso e maior o número de visitas. Estas relacionam-se com a perda de intimidade entre as pessoas (familiares e idosos) e com as alterações comportamentais destes últimos. Observou também o autor que, depois da institucionalização, a sobrecarga do cuidador familiar se reduzia significativamente, entre os seis e os doze primeiros meses (Gaugler, 2007). Davis y Buckwalter et al. (2001) fizeram uma revisão dos estudos publicados até então, concluindo que os familiares apresentam, durante um período de tempo significativo, sentimentos ambivalentes de culpa, sintomas depressivos e preocupação.

A culpabilidade sentida pelos filhos que institucionalizam os seus pais idosos pode ser regulada pelo custo da institucionalização, seja ela paga pelos idosos que têm recursos para isso, ou pelos filhos, se o idoso não puder pagar. O preço a pagar à instituição poderá ter o também o papel de abafar emoções negativas intensas, invasoras, mas indizíveis, suscitadas por uma imagem materna ou paterna danificadas e, por isso, inaceitáveis (Durieux, 2006). A culpabilidade, de que as lágrimas são a expressão depressiva, mostra a dificuldade em conter a agressividade e as pulsões destrutivas, e o custo financeiro da instituição pode ter o valor simbólico de descarga da culpabilidade, inerente à relação entre gerações (Durieux, 2006). Trata-se, segundo a autora, de um “contrato narcísico”, que liga os filhos dos idosos à instituição e aos cuidadores profissionais, que teriam o papel de responder aos desejos fantasmáticos dos filhos, de “rejuvenescer” os seus velhos pais.

Conteúdo Manifesto, Conteúdo Latente e Mecanismos de Defesa

O Manifesto e o Latente

As expressões *conteúdo manifesto* e *conteúdo latente* relacionam-se, em primeiro lugar, com a análise dos sonhos, proposta por Freud, em que o manifesto se refere ao que se apresenta à memória do sonhante, enquanto o latente diz respeito aos significados inconscientes, não permitidos pelo superego. O conteúdo latente de um sonho seria, então, constituído por restos diurnos, recordações da infância, impressões corporais, alusões à situação transferencial. Num sentido mais restrito, o conteúdo latente designaria, por oposição ao conteúdo manifesto — lacunar e mentiroso —, a tradução integral e verídica da palavra do sonhante, a expressão adequada do seu desejo. O conteúdo manifesto (que Freud designa muitas vezes apenas pelo termo “conteúdo”)

é a versão mutilada, sendo o conteúdo latente (igualmente chamado “pensamentos” ou “pensamentos latentes” do sonho), descoberto pelo analista, a versão correta (Laplanche e Pontalis, 1990).

Na análise qualitativa, o investigador tem de optar quanto ao tipo de conteúdo que se propõe examinar. Irá limitar-se ao conteúdo manifesto ou procurará explorar igualmente o conteúdo latente? Esta opção relaciona-se também com a opção por uma exploração objetiva, em oposição a uma análise de carácter subjetivo. A análise de conteúdo, a nível manifesto, restringe-se ao que é dito, sem procurar os significados ocultos. Ao nível do latente, o pesquisador procura captar sentidos implícitos, partindo da informação manifesta no texto, para então se dirigir à intenção que o autor quis expressar, chegando, às vezes, a captar algo de que nem aquele tinha plena consciência.

Os níveis *manifesto* e *latente* estão relacionados com a ênfase posta na objetividade ou na subjetividade, entre as quais oscila a análise de conteúdo. O nível manifesto corresponde a uma leitura representacional, na qual se procura a inferência direta do que o autor quis dizer. Mas a busca de uma compreensão mais profunda não pode ignorar o conteúdo latente das mensagens, revelado mais, pelo não dito, do que pelo expresso. Isto corresponde a uma leitura que capta nas entrelinhas, motivações inconscientes ou indizíveis, reveladas por descontinuidades e contradições.

Então, podemos-nos questionar: como fazer, de uma forma válida, uma análise de dados subjetiva? Segundo Lincoln e Guba (1985), a dimensão da objetividade-subjetividade não questiona a objetividade ou a subjetividade do pesquisador. A ênfase na subjetividade não é inconciliável com o rigor científico. Este não exclui nem substitui sentidos latentes e intuições não quantificáveis. A análise de conteúdo, numa abordagem qualitativa, ultrapassa o nível manifesto, articulando o texto com o contexto psicossocial e cultural. No discurso, verbalizado ou escrito, procuramos também o latente, através do manifesto, procuramos interpretar o que é dito ou escrito, para chegar à versão correta, verdadeira, do que, na realidade se sente, mas que a “censura interna” não deixa surgir, conscientemente.

Mecanismos de Defesa

Os mecanismos de defesa constituem operações de proteção do *self*, para sua própria segurança, e são fundamentais para a sobrevivência de um ego frágil. Mas, não

representam apenas o conflito e a patologia, são também uma forma de adaptação. O que torna ‘as defesas’ uma perturbação é a sua utilização ineficaz ou, então, a sua não adaptação às realidades internas ou externas. Existem vários tipos de mecanismos de defesa, mas ninguém faz uso de todos. Cada pessoa utiliza somente alguns deles, que se tornam modalidades regulares de reação e que são repetidas ao longo da vida, sempre que ocorre uma situação semelhante. Estas operações mentais protegem o indivíduo da ansiedade excessiva, assim como de outros afetos negativos e sentimentos potencialmente dolorosos, que podem surgir.

O conceito de defesa foi introduzido, pela primeira vez, por Freud, em 1894, de forma a descrever os mecanismos de defesa específicos que operam na histeria, tendo estes sido definidos, originalmente, como forças direcionadas contra a expressão de determinados impulsos indesejáveis. As defesas constituíram um aspeto saliente, original e importante no início de teoria de Freud, que o autor desenvolveu ao longo da sua vida e obra, evoluindo o conceito “defesa”, de sinónimo de recalçamento (pedra basilar da psicanálise) para uma diversidade de conceitos. Freud estipulou nove tipos de defesas: a projeção, introjeção, regressão, repressão, virar-se contra o self, formação reativa, anulação, isolamento e reversão (Cooper, 1998; Ihilevich, e Gleser, 1986), tendo identificado cinco propriedades das mesmas, descrevendo-as como um meio inconsciente de gerir instintos e afetos. Considerou-as distintas umas das outras, reversíveis, e podendo ser consideradas como adaptativas ou como patológicas (Freud citado por Plutchick, 1995). Mais tarde, o autor reconheceu, ainda, as funções de bloquear, inibir ou distorcer conteúdos mentais; ou filtrar e encobrir esses conteúdos, pelo uso de conteúdos opostos ou diversos (Plutchick, 1995).

A partir dos trabalhos do seu pai, Anna Freud teorizou e consolidou a teoria das defesas, tendo acrescentado algumas à lista, como a identificação ao agressor e a intelectualização (Anna Freud, citada por Cooper, 1998; Ihilevich e Gleser, 1986; McWilliams, 2005). A autora apresenta a defesa como uma atividade do ego, destinada a proteger o indivíduo contra uma exigência pulsional demasiado grande (A. Freud, citada por Bergeret, 1987).

Com os trabalhos de Melanie Klein e dos autores das teorias das relações de objetos, as defesas são apresentadas como funcionando em sistemas, estando estes associados a relações de objeto internalizadas, que formam organizações defensivas estáveis ao longo do tempo.

Assim, com a evolução da teoria psicanalítica, a definição clássica das defesas, como formas de funcionamento pouco desejáveis e associadas a conflitos intrapsíquicos, resultantes da oposição de pulsões e instâncias intrapsíquicas, tem vindo a ser alargada. Atualmente, as defesas são percebidas como tendo uma grande influência a nível das relações interpessoais e do desenvolvimento (Cooper, 1998).

Os mecanismos de defesa foram também influenciados pelo evoluir das teorias em psicanálise. Cooper (1998) identifica Harry Stack Sullivan, (como Anna Freud, mais ligado à psicologia do Ego), como um dos primeiros teóricos a perspetivar as defesas do ponto de vista da relação interpessoal, considerando o valor relacional do mecanismo de defesa, como algo que ocorre na relação com o outro (Cooper, 1998). Também Norem (1998) salienta esta mudança, argumentando sobre a utilidade de se compreenderem as defesas, do ponto de vista das relações de objeto e da vinculação, devido a serem mais extensíveis a outros domínios da psicologia, bem como a temáticas atualmente mais pertinentes, como é o caso da autoestima (Cooper, 1998, Norem, 1998). As relações de objeto trouxeram, assim, para o tema das defesas, a noção de que não seriam tão independentes umas das outras, mas que tenderiam a funcionar em conjunto, formando sistemas que fazem parte de, e funcionam com o padrão relacional da pessoa (Plutchick, 1995). Os autores das relações de objeto, entendem, assim, o agir humano numa base essencialmente relacional, considerando que os indivíduos, mesmo nas suas atividades mais complexas e adultas, reproduzem, de algum modo, as configurações relacionais que estiveram na base da sua relação primária (Matos, 2002).

Lagache, (citado por Bergeret, 1987) descreve as defesas como processos automáticos, inconscientes, sob a dependência de processos primários, funcionando para redução da tensão pulsional e da angústia que dela decorre. O papel adaptativo destas tem vindo a ser reforçado, uma vez que elas ajudam e proporcionam ao indivíduo, uma forma de adaptar as suas necessidades internas às necessidades sociais e relacionais (Matos, 2002).

Em 1994, Vaillant descreveu cinco das principais propriedades dos mecanismos de defesa: 1) os mecanismos de defesa são as formas principais de gestão de conflito e dos afetos; 2) são relativamente inconscientes; 3) são distintos entre si; 4) apesar de estarem significativamente associados à presença de psicopatologia, são reversíveis; 5) e, por último, podem ser, tanto patológicos, como adaptativos.

A definição atual de Mecanismos de Defesa apresenta-os como processos, maioritariamente inconscientes, que protegem o indivíduo de stressores internos ou externos, tendo, portanto, uma função normal e adaptativa, mas podendo tornar-se psicopatológicos ou desadaptativos, se usados de uma forma rígida, inflexível e excessiva (Perry & Bond, 2005).

Funcionamento e Organização dos Mecanismos de Defesa

Os mecanismos de defesa têm a função de proteger o indivíduo de perigos externos ou internos, geradores de mal-estar psicológico (Fonagy & Target, 2003). Essa proteção tem vindo a ser alargado, ao longo do tempo, com o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Atualmente são vistos como desempenhando as seguintes funções: a) protegem o indivíduo de sentimentos de perda, abandono, sentimentos de medo e angústia (Matos, 2002); b) Mantêm o narcisismo e um sentimento de segurança interna (Gabbard, 2004, McWilliams, 2005); c) mantêm a estabilidade interna e a integração do ego (Pearson, Cooper & Gabbard, 2005; Mcwilliams 2005; Cramer, 2006) d) permitem gerir conflitos passados e presentes (Gabbard, 2004); e) controlam impulsos, de forma a promover a adaptação às necessidades relacionais e sociais (Matos, 2002). Para atingirem estes fins, os mecanismos de defesa alteram a realidade subjetiva do sujeito, com o intuito de evitar a perceção de experiências potencialmente perturbantes e dolorosas (Lemma, 2003; Caligor, Kernberg e Clarkin, 2008), atuando, também, ao nível das perceções (e representações) dos outros; e do próprio, ao nível das ideias e dos sentimentos.

Os mecanismos de defesa classificam-se por níveis de maturidade (defesas maduras, neuróticas ou imaturas), constando, nas primeiras, a sublimação, humor, antecipação e supressão, que ajudam o ego a ajustar-se, e indicam uma melhor adaptação às diferentes situações (Vaillant, 1994; Kipper et al, 2004).

Freud (1993) incluiu, nos mecanismos de defesa neuróticos, a anulação, o pseudoaltruísmo, a idealização e a formação reativa, e defendeu que eles permitem que alguns conteúdos mentais indesejáveis, cheguem à consciência, de forma encoberta ou distorcida, a partir de formações de compromisso do conflito psíquico (Andrews; Sing; Bond, 1993). Dessa forma, o indivíduo consegue manter fora da consciência, ansiedades, emoções, ideias, memórias, desejos, temores, todos os conteúdos

potencialmente ameaçadores. São estas defesas que alteram os conteúdos internos e a expressão das pulsões, e cuja eficiência depende da maior ou menor integração dessas forças mentais em conflito (Vaillant, 1994).

Por outro lado, quando o ego é frágil, poderá haver uma regressão aos níveis de funcionamento anteriores, se os objetos internalizados tiverem características primitivas, persecutórias e temidas. O ego ficará empobrecido e mais exposto aos stressores externos. Segundo Andrews, Sing e Bond (1993), os mecanismos de defesa imaturos são: projeção, agressão, isolamento, desvalorização, negação, deslocamento, dissociação, cisão, racionalização e somatização. As defesas imaturas servem para controlar a ansiedade, mantendo os stressores ou componentes mentais desagradáveis ou inaceitáveis, fora da consciência. Estas defesas podem “disfarçar” o conflito, atribuindo-o a causas externas, conduzindo a uma pior adaptação do indivíduo (Vaillant, 1994).

Coimbra de Matos (2002), ao abordar os esquemas de ação dos mecanismos de defesa do Ego, refere que estes podem intervir de diferentes formas: 1) distorcendo a expressão dos pensamentos, impulsos e sentimentos ao nível da sua representação ou ação; 2) limitando o acesso destes à consciência; 3) adaptando as necessidades internas às circunstâncias da realidade externa. Cada pessoa organiza defensivamente, a sua experiência interna e externa, e todas utilizam mecanismos de defesa, podendo estes ser mais ou menos adaptativos.

Não iremos analisar todos os mecanismos de defesa, antes sim, dar especial ênfase àqueles que surgem mais ligados à culpabilidade, como forma de aliviar essa culpa, de que o indivíduo se quer (e não consegue) libertar.

Alguns Mecanismos de Defesa

Negação.

Na Negação existe uma evitação (negação) da tomada de consciência de aspetos da realidade externa que são difíceis de ser encarados (Gabbard, 2004, Caligor, et. al., 2008). Trata-se de uma recusa em perceber factos perturbadores. Retira, ao indivíduo, a percepção necessária para lidar com os desafios inerentes à situação, e a capacidade de se valer de estratégias adaptativas adequadas.

Idealização.

A Idealização é caracterizada por ver os outros, o próprio ou os acontecimentos, como exageradamente bons, com o objetivo de evitar ansiedades relacionadas com a tomada de consciência de sentimentos negativos (Kernberg, 1976).

Racionalização.

A racionalização está relacionada com a nossa necessidade de explicar o que acontece e manter a coerência entre ações e pensamentos. Consiste na utilização de uma justificação lógica artificial para evitar o reconhecimento de ansiedade associada às ideias, pensamentos e sentimentos.

Projeção.

A Projeção permite a percepção de impulsos e características inaceitáveis do próprio, como sendo externas, colocadas em objetos externos (Gabbard, 2004). Este mecanismo ocorre quando o indivíduo reprime as suas pulsões, projetando-as no mundo exterior, e fazendo com que a mente consciente não as reconheça.. O ego projeta, coloca fora, o que lhe é inadmissível e angustiante. Este mecanismo, segundo Bergeret (2006), também está articulado com a negação.

Parte III - Estudo Empírico

Pertinência do Estudo

Muitos estudos existem sobre os idosos e as consequências, boas e más, da institucionalização. No entanto, esses trabalhos têm buscado perceber o impacto da institucionalização, do ponto de vista da pessoa institucionalizada, ou, noutros casos, dos cuidadores formais. Ora, por detrás de um idoso que entra num lar residencial, está (quase sempre) uma família que tomou essa decisão, geralmente, os filhos, quando os há. E poucos trabalhos têm sido feitos, particularmente em Portugal, abordando os sentimentos de quem decide, e as consequências, no relacionamento familiar, da institucionalização.

Metodologia

Formulação do Problema de Investigação

Após alguns anos de observação e interação com filhos de idosos institucionalizados, e depois de consultada a literatura disponível, conclui-se que existe um sentimento de culpabilidade nos filhos que decidem institucionalizar os pais idosos, independentemente das razões que conduziram à institucionalização. Também se verifica que os filhos que tomaram a decisão, usam mecanismos de defesa para gerir essa culpabilidade. De que forma são eles revelados, e como é vivida essa culpabilidade? É esta a questão que nos ocupa. Perante a constatação de que nem sempre o sentimento de culpa se manifesta de uma forma explícita, mas está, sobretudo, latente, tornou-se fundamental perceber como é possível a sua identificação, a partir do relato dos entrevistados.

Objetivos

O objetivo principal deste trabalho foi investigar a existência de culpabilidade nos filhos/as de idosos/as institucionalizados. A partir do objetivo geral, foram definidos

três objetivos específicos: (1) analisar o que significa a institucionalização do idoso/a para o filho/a e que alterações se produzem na relação familiar; (2) investigar o sentimento de culpabilidade, manifesto ou latente, de quem decidiu a institucionalização e (3) observar os mecanismos de defesa usados pelos filhos para atenuar essa culpabilidade.

Desenho de Investigação

Este é um estudo exploratório qualitativo. Considerámos que a metodologia qualitativa, de natureza fenomenológica, seria a mais adequada a este estudo, por dispor de estratégias que permitem alcançar e compreender a realidade subjetiva e o significado individual das experiências vividas pelas pessoas envolvidas no processo do objeto de estudo, tendo em vista resultados não generalizáveis por enumeração ou frequências, mas por uma interpretação analítica do fenómeno investigado, através do uso de entrevistas semiestruturadas.

Para atingir os objetivos do estudo, o método de investigação deve ser escolhido de acordo com a natureza desse mesmo estudo (Groenewald 2004), por isso, entendemos aplicar o método fenomenológico, na análise dos dados, visando estudar a vivência humana individual, através da compreensão interpretativa das suas experiências (Giorgi, 2006). O investigador não pretende encontrar explicações, mas tão só factos significantes vividos e expressos pelos participantes (Amatuzzi, 2007). O método fenomenológico, em Psicologia, procura analisar como os dados são representados à consciência e não propriamente qual é a sua “realidade”, procura perceber como eles são sentidos por cada pessoa em particular (Giorgi & Souza, 2010). A fenomenologia é um método de investigação intuitivo e descritivo, tanto da descrição concreta das experiências vividas e narradas pelos participantes, como do processo de análise dessas experiências, através de interpretação da essência psicológica do fenómeno (Giorgi & Giorgi, 2008). A investigação de natureza fenomenológica é direcionada para a descoberta e não para confirmar hipóteses ou testar teorias, permitindo uma descrição exaustiva do fenómeno de uma experiência quotidiana, com a intenção de compreender a sua essência.

Participantes

De acordo com os objetivos desta investigação, os critérios de seleção da amostra assentam na temática principal sobre a “culpabilidade sentida”. Os participantes constituem uma amostra de dez indivíduos, com as seguintes características: a) são filhos ou filhas adultos/as de pai/mãe institucionalizado; b) antes da institucionalização, eram os cuidadores principais desses idosos; c) tomaram (ou participaram na tomada) da decisão da institucionalização; d) todos os participantes mantêm relação com o pai/mãe institucionalizado; e) são todos/as portugueses/as. São dados mais detalhes no quadro dos participantes (Anexo 3).

O contacto com os participantes foi feito pessoalmente, a partir do conhecimento da investigadora e de sugestões dadas pelos primeiros entrevistados. A fim de preservar o anonimato dos participantes neste estudo, eles são identificados pela letra F (Filhos): F1, F2, F3, F4, F5, F6, F7, F8, F9, F10, correspondendo o número à ordem das entrevistas.

Instrumentos

Em pesquisa qualitativa, a entrevista procura ampliar o papel do entrevistado, ao fazer com o que o pesquisador mantenha uma postura de abertura no processo de interação, evitando restringir-se às perguntas pré-definidas, de forma que a palavra do entrevistado possa encontrar liberdade para se exprimir (Gaskell, 2002). Pode elaborar-se um guião, que oriente a condução da entrevista, mas que não impeça o aprofundamento de aspetos que possam ser relevantes ao entendimento do objeto ou do tema em estudo. Para a elaboração dos tópicos, é importante que o pesquisador avalie os seus interesses de investigação e proceda a uma revisão da literatura sobre o tema.

Na abordagem qualitativa, entretanto, o que se pretende, além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Por outras palavras, é dar voz ao outro e compreender de que perspetiva ele fala. Para atingir este objetivo, o entrevistador assume um papel menos diretivo, para favorecer o diálogo mais aberto com o entrevistado, e fazer emergir novos aspetos significativos sobre o tema.

Foi elaborado um guião de entrevista (Anexo 2) que pudesse guiar a conversa, sem cortar a espontaneidade dos entrevistados. Como é referido por Bogdam e Biklen (1994), no âmbito da investigação qualitativa, a entrevista representa um instrumento

básico que possibilita “*recolher dados na linguagem própria do sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo*”. Optámos por este meio, tendo em conta a natureza do estudo. Todas as entrevistas foram realizadas apenas com a presença da investigadora e do participante, sem qualquer interrupção ou interferência de terceiras pessoas.

Os participantes tiveram toda a liberdade de expressar situações, sentimentos e opiniões, sob orientação da investigadora, apenas para que fossem obtidos os dados considerados pertinentes ao estudo. As entrevistas foram gravadas digitalmente, com o computador, após aceitação por parte do participante.

Procedimentos éticos e deontológicos.

A pesquisa seguiu as recomendações éticas para a realização de investigação em Psicologia, de acordo com os princípios éticos e os códigos de conduta da American Psychological Association (APA, 2010) e da Ordem dos Psicólogos Portugueses (Regulamento nº 258/11, de 20 de abril). Neste âmbito, antes de cada entrevista, foi explicado o objetivo do estudo e assinado, pelos participantes, um Termo de Consentimento Informado (Anexo 1) com: 1) identificação da investigadora, do curso a que pertence e da orientadora do trabalho; 2) breve esclarecimento sobre os objetivos do estudo; 3) informação sobre o carácter voluntário da participação e da possibilidade do participante se retirar a qualquer momento; 4) conhecimento, ao participante, que a investigadora assegurava a privacidade, confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos, esclarecendo-se que não seriam apresentados nomes nem outros dados referentes a locais ou pessoas referidas nas entrevistas.

Procedimentos de recolha de dados

O primeiro passo na recolha de dados foi a elaboração de uma lista de possíveis participantes, a partir do conhecimento próprio da investigadora. Os critérios de elaboração da lista incluíram o facto de serem adultos (homens ou mulheres), terem o pai, a mãe (ou ambos) institucionalizados, terem sido os principais cuidadores antes da institucionalização, e terem tomado (ou participado) a decisão sobre a institucionalização. Os contactos iniciais foram feitos pessoalmente ou por telefone,

tendo sido apresentado o objetivo do trabalho e a garantia de anonimato e total confidencialidade dos dados. Após aceitação por parte do entrevistado, foram marcadas as entrevistas, para local e hora acordados previamente, mas sempre à escolha do entrevistado. Antes da concretização da entrevista, foi apresentado e explicado o Termo de Consentimento Informado, que foi assinado pelo entrevistado. Preencheu-se também um pequeno questionário sociodemográfico, após o que se procedeu à entrevista áudio gravada (com autorização do entrevistado).

A partir das primeiras entrevistas, também os participantes contribuíram para alargar a lista inicial, com indicações de outras pessoas, suas conhecidas, nas mesmas condições. Todas as entrevistas foram realizadas entre janeiro e maio de 2017.

Não se pode esquecer que o esclarecimento dos critérios de escolha dos participantes a serem entrevistados é muito importante, visto que a aleatoriedade na abordagem qualitativa não é considerada a melhor opção. O que importa não é quantos foram entrevistados, mas se os entrevistados foram capazes de trazer conteúdos significativos para a compreensão do tema em questão. Em pesquisas qualitativas, o fundamental é que a seleção seja feita, de forma a ampliar a compreensão do tema e explorar as variadas representações sobre determinado objeto de estudo. O critério mais importante a ser considerado, neste processo de escolha, não é numérico, já que a finalidade não é quantificar opiniões, mas explorar e compreender os diferentes pontos de vista. Num ambiente social específico, o espectro de opiniões é limitado, pois a partir de um determinado número de entrevistas, percebe-se o esgotamento das respostas quando elas tendem a se repetir, e novas entrevistas não oferecem ganhos qualitativos adicionais para a compreensão do assunto. Isto significa que já se torna possível identificar a estrutura de sentido, ou seja, as representações compartilhadas socialmente sobre determinado tema de interesse comum (Gaskell, 2002; Gondim, 2002). Neste sentido, foram realizadas dez entrevistas, apesar de, inicialmente, se terem previsto quinze.

Análise dos Dados

Começou-se por fazer uma audição atenta de cada entrevista, após o que se transcreveram, na íntegra, as dez que constituem o material a analisar, tendo em conta os objetivos do estudo. A transcrição serviu também para que a investigadora

compreendesse melhor o conteúdo do que havia sido dito. Segundo AmatuZZi (2007), quando se solicita aos participantes o fornecimento das suas vivências pessoais, o investigador deve estar atento às frases dos participantes, que dizem algo essencial acerca do fenômeno em estudo, mas que os participantes não conseguem expressar de maneira detalhada. Após as transcrições, fizemos uma reflexão sobre o material recolhido, a partir das respostas de cada participante, e escolhemos o método fenomenológico do psicólogo americano Amadeo Giorgi, desenvolvido em 1970, a partir do conceito de interpretação do filósofo Husserl e adaptado aos conhecimentos científicos da Psicologia (Giorgi & Giorgi, 2008). Este método é constituído por quatro fases (Giorgi & Souza, 2010).

1 - Leitura da descrição do relato dos participantes na sua integridade, para obter a compreensão do todo, tendo em conta que a abordagem fenomenológica tem um carácter holístico. Deve ser considerado que todas as fases do método têm como foco o sentido da descrição oferecida pelos participantes. A descrição do relato do participante é repartida em unidades de significado (situações, eventos ou sentimentos relacionados diretamente com o fenômeno em estudo), numa perspectiva psicológica, considerando que na abordagem fenomenológica há um componente arbitrário na constituição das unidades, podendo diferentes investigadores assinalar diferentes unidades. As unidades de significado foram retiradas das respostas dadas pelos participantes. Os nomes próprios das pessoas referidas nas mesmas foram substituídos por uma letra, de modo a assegurar a confidencialidade dos dados. Também os nomes de instituições ou localidades foram substituídos pela letra inicial. Todas as unidades de significado constam do Anexo 4.

2 - A transformação das unidades de significado em linguagem psicológica, referente ao fenômeno em estudo, permite o refinamento progressivo do sentido da descrição original e permite tornar explícitas as vivências subjacentes do fenômeno (nomeadamente em relação ao significado psicológico), mas que não são relatados de forma clara ou consciente. Essas unidades são transformadas de maneira livre, dependendo da criatividade interpretativa do investigador, o que permite explorar o fenômeno sob diferentes perspectivas, com o objetivo de descobrir a sua essência. A transformação também envolve descrever a situação com sensibilidade psicológica, o que significa esclarecer os significados psicológicos implicados na experiência. Nessa

fase, há também uma transformação da linguagem cotidiana e do senso comum, transformando-a em linguagem psicológica, tendo em conta o fenómeno que está a ser investigado.

3 - Segue-se a síntese das unidades de significado e uma determinação dos fatores invariantes da estrutura. Nessa fase, o investigador analisa cada uma das unidades transformadas e selecciona os constituintes essenciais, que são utilizados na construção da estrutura, o que permite uma compreensão mais profunda da experiência, reduzindo a descrição a componentes essenciais.

4 - Para finalizar esse processo de análise dos dados e a descrição essencial da vivência do fenómeno, o investigador dialoga com a literatura, de forma a estabelecer uma comparação entre os dados recolhidos e analisados e as investigações e teorias existentes.

Apresentação dos Resultados

Constituintes essenciais e estrutura geral.

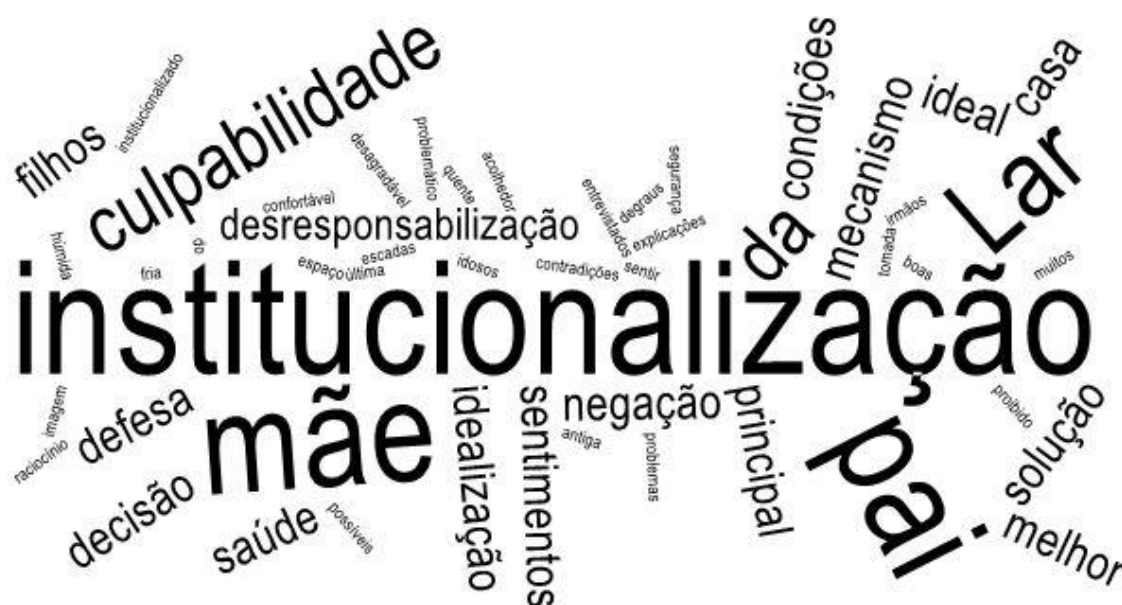


Figura 1. Nuvem de palavras obtida, no word, a partir da apresentação dos resultados.

Estrutura geral.

É proibido sentir! A negação da culpabilidade constitui o mecanismo comum aos dez entrevistados, embora se expresse de formas diferentes em cada um, e está intimamente ligada com a idealização, surgindo, frequentemente, através de contradições. O principal mecanismo de defesa serve para que os sujeitos (filhos) possam lidar com a culpabilidade de terem institucionalizado o pai/mãe, ou ambos. Assim, surge, muitas vezes, nas respostas, a desresponsabilização da decisão tomada, remetendo-a para o pai/mãe, ou para os irmãos, embora o sujeito tenha participado ou tenha conduzido o processo, não deixando outra alternativa ao idoso.

A institucionalização surge, com pormenorizadas explicações sobre as condições de saúde que conduziram àquele momento e após a tentativa de encontrar outras soluções, surgindo o Lar como a última solução, logo, não a melhor solução. O ideal aparece no condicional “*a casa seria melhor*”, mas esta também é descrita com atributos pouco apelativos, e adjetivada como “*fria, húmida, com muitos degraus, escadas,...*”, opondo-se-lhe a imagem do Lar como “*acolhedor, quente, confortável, com boas condições*”. Estas contradições colocam a institucionalização no plano ideal, ao

contrário do que é dito expressamente, enquanto a antiga casa surge como o espaço desagradável, problemático, gerador de possíveis problemas de saúde e segurança.

Os entrevistados apresentam um raciocínio racional, explicitando todas as variáveis objetivas que influenciaram a decisão, (nomeadamente, a doença e a dependência) e tentando colocar os aspetos emocionais aparte, certamente como forma de autoproteção.

Os contactos com o pai/mãe institucionalizado, em geral, constituem-se como formas de diminuição da culpabilidade, sendo muito mais frequentes as visitas ao idoso do que a saída deste da instituição, mesmo quando a saúde e a autonomia não são limitativas. Esses contactos, entre filhos e pais carregam um significativo peso do relacionamento familiar passado, que ressurge, agora, e traz à superfície, fantasias e conflitos nunca resolvidos.

Constituintes Essenciais.

1. Desresponsabilização da decisão de institucionalizar

A partir das narrativas feitas pelos entrevistados, dos percursos que levaram à institucionalização do pai ou da mãe, analisaremos o que é comum, e algumas particularidades apresentadas como justificação, assim como a atribuição da responsabilidade da decisão ao pai/mãe ou irmãos.

2. Racionalização e generalização

Os sujeitos utilizam descrições e narrações muito pormenorizadas dos factos que conduziram à institucionalização do (a) seu/sua pai/mãe, colocando esses acontecimentos fora do domínio das emoções.

3. Idealização das instituições e desidealização da casa familiar

Os Lares residenciais surgem como o local ideal para viver os últimos anos da vida, em oposição à casa tradicional do pai/mãe, sendo os primeiros adornados com todo o tipo de condições de conforto, enquanto a casa é caracterizada como um espaço desconfortável.

4. Sentimentos dos filhos

O que os entrevistados dizem sentir não é, frequentemente, consistente, já que surgem, nos relatos, contradições, quando os filhos falam dos sentimentos, quer no momento da institucionalização, quer aquando da entrevista.

5. Perceção, pelos filhos, dos sentimentos dos pais

O que os filhos pensam sobre o que os pais sentem condiciona a culpabilidade sentida face à institucionalização.

6. O pagamento como alívio

Analisamos o papel dos custos financeiros da institucionalização, pagos pelos filhos, na diminuição da culpabilidade.

7. Institucionalização como último recurso

Neste ponto, analisaremos as vantagens apontadas pelos participantes, para a institucionalização, contrapondo a sua perceção de que um Lar é sempre o último recurso, esgotadas todas as outras soluções.

8. As visitas e contactos como alívio da culpabilidade

A frequência das visitas, e as suas razões, levar-nos-ão ao seu papel na diminuição da culpabilidade sentida pelos filhos.

9. Saídas temporárias da instituição

As respostas dos entrevistados revelam um crescente isolamento do idoso/a face ao mundo exterior, como se a institucionalização fosse uma porta que se fecha sobre o mundo e sobre a vida anterior.

10. O peso do passado no relacionamento com os pais

Este constituinte permite-nos relacionar a qualidade do relacionamento entre filho/a e pai/mãe, com as histórias de vida contadas pelos entrevistados, e perceber como a culpabilidade e inferioridade podem condicionar as atitudes destes e dos seus pais.

Análise dos constituintes essenciais

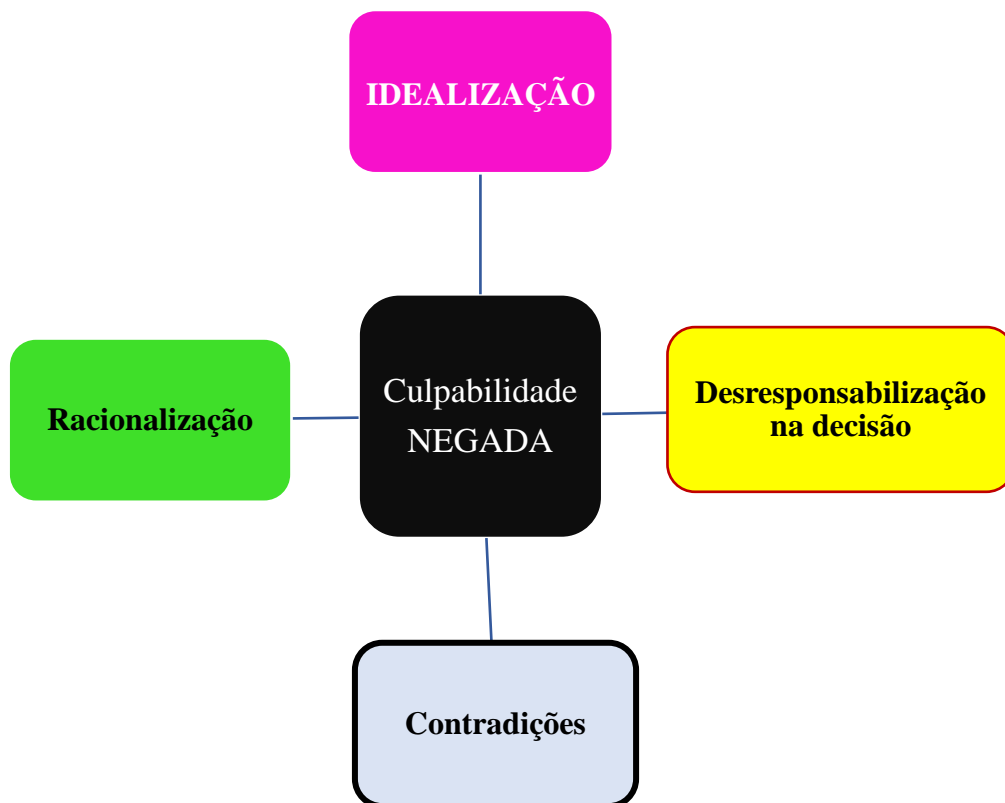


Figura 2: Esquema dos mecanismos defensivos mais usados para gestão da culpabilidade.

1. Desresponsabilização da decisão de institucionalizar

F1. “Então, o meu pai tinha tido um AVC com 50 e poucos anos, estava em cadeira de rodas, e a minha mãe tinha que cuidar dele. Entretanto, ela começou a ter algumas dificuldades de memória e de fazer as coisas básicas. Começámos a ver que ela não estava bem, foi a um neurologista e tinha um princípio de demência. Viviam os dois lá na aldeia, longe dos filhos (eu, um irmão e duas irmãs) e não podiam continuar sozinhos. Então, a minha mãe é que tratou de tudo.”

F2. “Isto tudo começou, a minha mãe esteve hospitalizada durante quase três semanas, depois desorientou-se completamente, já não dizia coisa com coisa, mas entretanto no hospital recuperou, veio para casa. (...) a gente távamos a ver que ela

sozinha estava mal e metemos ali uma rapariga a fazer os serviços da casa e a fazer-lhe algum tipo de comer, mas começámos a ver que não resultava, e então começámos a mandar vir o comer do lar e elas vinham cá fazer a limpeza e faziam essas coisas. (...) E então vimos que ela estava bem e ela começou a dizer “ah, eu faço o comer e pronto”, mas a gente ainda fomos a ver se arranjávamos uma pessoa para vir dormir (...), um dia de manhã cai, bate com a cabeça no guarda-fato, abriu a cabeça, (...) eu falei com ela e com a minha irmã e disse-lhe “oh mãe, você não pode estar aqui sozinha, o que é que quer fazer?”, “ah, eu vou pro lar, se me arranjares lugar no lar, eu vou pro lar”.

F3. *“Ela estava em casa, ela tem uma dificuldade imensa em se locomover e faz fisioterapia. Em casa tínhamos uma senhora que tratava dela, pagávamos imenso, pagávamos o dobro do que pagamos aqui, não tinha as condições nem de perto nem de longe que tem aqui. Essa senhora só estava lá até às 19, a partir daí a minha mãe ficava sozinha, quer dizer, ficava com o meu pai. Depois tinha crises grandes, fazia anemias, lá tínhamos que chamar o INEM. Numa dessas estadias dela no hospital, acabou por apanhar uma bactéria, esteve mal, depois voltou para casa. Esteve mal outra vez, e então chegámos à conclusão que não podia ser, porque ela em casa não tinha as condições, nós não conseguíamos dar-lhe as condições que ela precisava, que era estar sempre com alguém do lado e com alguém que soubesse cuidar dela e dar-lhe mais assistência. E então, eu e o meu irmão, e o meu pai, os três, resolvemos procurar uma instituição.*

F4. *“A decisão foi tomada porque ele [o pai] veio do hospital, esteve hospitalizado em X, veio do hospital referenciado pela unidade da C. V. para recuperação; entretanto, não havia vagas, pediu-se a alguém que nos ajudasse e esteve três semanas no lar, numa enfermaria à espera da vaga, até que surgiu a ida para a C. V. para Y aí, esteve algum tempo, dois meses mais ou menos, e ao fim desses dois meses, foi transferido para Z para a C. V.. (...) aí, saiu numa situação em que tínhamos praticamente as esperanças perdidas que ele sobrevivesse porque estava mesmo, mesmo mal. Felizmente chegou a Z e ao fim de dias, começou a recuperar, ou porque teve outra assistência ou porque tinha mesmo de recuperar.*

F5. “Então a minha mãe, é insulinodependente, há muitos anos e vivia sozinha lá em B., (...) depois começou a deixar de comer, os diabetes começaram-se a alterar, começou a ter distúrbios. Entretanto (...) as minhas primas, telefonaram-me (...) eu fui, nesse dia logo, trouxe-a para a minha casa. Esteve seis meses a viver comigo em casa, pronto, foi um bocado complicado porque ela depois durante a noite desorientava-se, eu ia trabalhar. Cheguei ao fim daqueles seis meses, que achei que era um bocadinho complicado e já estava a ficar um pouco saturada, porque eu não dormia nas noites e tinha de vir trabalhar, resolvi metê-la no centro de dia, pronto, eu ia levá-la às 9 e depois ia busca-la às 7 da noite. (...) nesse período que ela teve comigo em casa caiu, partiu o coxís e eu disse que a partir daí ela nunca mais poderia ficar em casa sozinha (...) a partir daí foi mais complicado, as noites cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais, pedi ajuda ao meu irmão, para tentarmos resolver a situação e ele disse que decidiu o que achasse que era melhor e pronto, a minha mãe foi para o lar.”

F6.” Foi mais ou menos entre os três [ele, o irmão e a mãe], Numa altura em que ela estava já sozinha lá em casa e que às tantas as coisas não estavam a começar a funcionar, ela perdeu os medicamentos, mesmo que a gente fosse lá todos os dias era difícil, então entre os três e ela aceitou que íamos fazer uma experiência para lá. Que ela foi para lá já um bocado debilitada, e acho que para... o feitio que a minha mãe tem, ela achava que já estava debilitada em relação a isso, então nós concordámos, aceitámos e colocámo-la lá, pronto.”

F7. “...a minha mãe já sofre, de há muitos anos, de artrite reumatoide, tem problemas de coração, tem problemas de diabetes, tem uma data de complicações. O... os ossos, em si, estão-se a começar a deformar, tem as mãos a ficar deformadas. (...) a situação dela agravou-se..., em questão de pulmões, em questão de coração. Ficou muito tempo metida na cama, perdeu a massa muscular, deixou de andar. Entretanto, ela depois recuperou. Entretanto, nós, as três, entendemos que ela não tinha condições para estar sozinha. Além da medicação que tinha que tomar, a casa tem degraus... e já tinha acontecido uma vez ela lá, ... de noite, levantar-se, ter caído, ficou lá em casa caída, gritava, gritava, até que as vizinhas deram por ela... tiveram que arrombar a porta, para... chamar a polícia e tudo mais (...) E então nós, depois de ela ter vindo de V., achámos que era a melhor situação era ela ir... para um Lar. Decidimos que seria

melhor ela estar numa instituição onde fosse vigiada dia e noite, onde tivesse alimentação a horas, onde lhe dessem a medicação...”

F8.” Essa decisão, da minha parte, eu queria que ela fosse para um Lar, assim que faleceu meu irmão, o F., porque ela ficou sozinha em casa, num primeiro andar, umas escadas antigas, difíceis, e ela não queria. Não queria abandonar a casa dela, de maneira nenhuma. Depois, a 16 de julho teve a infelicidade de cair lá no quarto, partiu a cabeça do fêmur, foi hospitalizada, foi operada e a partir daí, seguiu para M., para os Cuidados Continuados. Esteve lá 30 dias, de M. passou para os ... também nos cuidados continuados, mais dois meses e meio. Dali é que teve uma vaga para a S. C.de M. de B., onde está desde 22 de novembro de 2016. Foi quando surgiu a oportunidade e ela aceitou.”

F9. “Primeiramente entrou na vertente de dia, um mês antes, durante o mês de junho, (...). Ia de manhã e eu ia buscá-la à tardinha. Até que, depois, quando vagou uma cama, ficou lá. (...) comecei a ver que ela estava a perder aquelas faculdades dela, aquelas pequenas coisas que ela, que toda a gente faz, no dia a dia. (...) com a morte da minha irmã, isto veio-se a precipitar tudo, né? (...), tornou-se completamente dependente. Entretanto, levei-a ao neurologista e ele disse que aquilo era demência e que, realmente, não podia estar sozinha”.

F10. (...) “porque já não têm capacidade para estarem, para se cuidarem, para terem todo o apoio que é preciso, porque eles não têm, já, quando chega a uma certa idade, não têm essas capacidades, embora eles não admitam, mas já não têm, precisam de ter alguém com eles 24 horas por dia (...), e nós não temos possibilidades de estar com eles o tempo todo, temos a nossa casa, a nossa família, marido, filhos, trabalho, é impossível! E eles precisam, chega a uma certa altura que tem mesmo que ser. (...) Ele [o pai] precisava de todos os cuidados, ele era cem por cento dependente para tudo: ir à casa de banho, para comer, para tudo, ele dependia sempre 24 horas por dia, dependia de todos para tudo”.

Todos os filhos/as entrevistados/as respondem exaustivamente à questão sobre as razões que levaram à institucionalização do pai ou da mãe, descrevendo todas as etapas do processo de doenças e perdas de capacidades, numa demonstração de que a decisão de institucionalizar foi precedida de motivos suficientemente fortes, objetivos,

impossibilitadores da continuação do idoso/a no meio em que, antes, vivia. Em comum, surgem a solidão, o isolamento, as quedas, o agravamento das perdas cognitivas.

2. Racionalização e Generalização

A racionalização surge, nos relatos, para diminuir a culpabilidade sentida pelos entrevistados, e é comum a todos, com predominância em algumas respostas. Relatam-se, “objetivamente”, todos os passos dados, pelo(s) cuidador (es), e justificam-se todas as vantagens de estar institucionalizado (alimentação cuidada, medicação atempada, acompanhamento, higiene) para colocar fora os sentimentos que acompanham essa decisão. Ao apresentar a decisão como uma necessidade decorrente de acontecimentos externos, o filho cuidador sente um menor peso e uma menor responsabilidade, já que coloca, externamente, as razões da institucionalização.

Alguns entrevistados generalizam as considerações que fazem, alargando-as a todos os idosos, a todas as situações de doença e/ou dependência, para, de algum modo, poderem diluir, no “todos” o peso que tem a decisão individual.

3. Idealização das instituições e desidealização do lar familiar

Os Lares residenciais surgem, nas respostas, como o local ideal para viver os últimos anos da vida, em oposição à casa tradicional do pai/mãe, sendo os primeiros adornados com todo o tipo de condições de conforto (material e humano), enquanto a casa é caracterizada como um espaço desconfortável e isolado. Tudo isto, ao serviço da desculpabilização de quem tomou uma decisão que lhe “pesa”, emocionalmente.

F1. *“o Lar tem boas condições, um quarto, sala e w.c. privativos, sentiu que aquela passava a ser a sua casa”;*

F2 . *“ela está impecável, está bem, está muito melhor, mais bem-encarada do que o que estava aqui em casa, não tem nada a ver. Pronto, porque ela lá está tratada a tempo e a horas e aqui passava frio, lá não tem frio, essas condições”;*

F3. *“...gelada, cheia de frio, porque a casa é muito húmida, muito fria; ...aqui há condições de higiene, há assistência, há apoio, segundo aquilo que me parece ver, os utentes são bem tratados, são bem cuidados; aqui estava melhor, tinha mais condições, tinha mais conforto. A casa dos meus pais é uma casa antiga, não é plana, tem muitos portados, muitas portadas e, pronto, era difícil. É fria, no inverno...; aqui*

há muito asseio, há muita limpeza, esfregam muito, como ela gosta; ela está num sítio em que ela é muito bem tratada, em que tem tudo aquilo que é importante”;

F5. *“lá no lar as pessoas são impecáveis, ... lá no lar tem acompanhamento; a minha mãe está bem e está cuidada, se calhar melhor do que eu a conseguisse cuidar; ela diz-me “elas tratam-me bem, elas tratam-me bem”;*

F6. *“ Lá começou a tomar tudo a horas, comia a comida que era necessária para ela, não era os outros doces, e pronto, não era o que ela lhe apetecia, e a partir daí ela começou a melhorar; então ela saía, comia o que queria, comprava bolos, queria aquilo, não fazia uma refeição como devia de ser, apesar da gente dizer, mas... lá, pronto, é sempre diferente e depois não estava acompanhada...; vimos que aquele era o melhor [Lar]; lá, está acompanhada, tem médicos, tem enfermeiros, tem as senhoras que estão lá que tratam delas, fazem-lhe tudo; levam-nos a passear”;*

F7 . *“a casa tem degraus... e já tinha acontecido uma vez ela lá, ... de noite, levantar-se, ter caído, ficou lá em casa caída, estava ali isolada; não sei se estou a pecar ou não, mas eu acho que, para mim, foi a melhor solução que nós arranjámos para a minha mãe; haja ali qualquer problema, haja aquilo que houver com ela, tem uma médica; há qualquer problema durante a noite - há lá pessoal para a trazerem... e em estando em casa sozinha, ela não tinha nada disso; a solidão também deve ser uma coisa muito triste; as vizinhas, ali, praticamente, são todas... andam mais ou menos naquela idade, está tudo dentro de casa e, praticamente, não se vê ninguém”;*

F8. *“ela ficou sozinha em casa, num primeiro andar, umas escadas antigas, difíceis; eles ali tratam muito bem as pessoas, todas as pessoas que estão naquela instituição, sabem tratar-lhes, a alimentação é razoável, e cheguei à conclusão que é onde ela estava melhor; está claramente integrada e está satisfeita. Nota-se que está satisfeita.; ali sempre está acompanhada. Qualquer situação que surja, de imediato, tem socorro”;*

F9 . *”porque o simples facto de ela estar entre quatro paredes sozinha, só a estava a prejudicar também, a fazer-lhe mal. Sozinha, sem comunicar com ninguém; levá-la para a minha casa não era solução porque ela ficava sozinha o dia inteiro; a minha mãe mudou da noite para o dia, a minha mãe está muito melhor, não tem nada a ver; Muito alegre, sempre bem-disposta, não a sinto triste em nada; é muito raro aparecer uma pessoa nas condições da minha mãe, em que vai para um Lar, e gostar tanto de lá estar; parece que está sempre desejosa de voltar; Adorou o espaço porque*

aquilo tem um espaço enorme cá fora para poder passear, para estar sentada num banquinho; Ela criou aquele espaço dela lá, tem as coisinhas dela lá”;

F10. “nós entendemos e eles são bem tratados e são bem cuidados e ali têm tudo aquilo que, se tiverem na casa deles, não têm...; precisam de ter alguém com eles 24 horas por dia; a casa é muito... e o sítio é um bocado isolado”;

4. Sentimentos dos filhos

O que sentem nem sempre é o que dizem sentir. A forma como respondem à questão indicia que, mesmo os que dizem sentir-se “satisfeitos”, “reconfortados”, apresentam, nessa e noutras respostas, contradições que evidenciam a culpabilidade negada para defender o ego da angústia.

F1. “Naquela altura senti-me triste. Afinal, um Lar não é a nossa casa. E comecei a pensar que um dia me vai acontecer a mim o mesmo; agora, sinto-me bem, porque eles estão bem, quando os visito estão sempre bem, contentes...”;

F2. “Eu fiquei muito satisfeito com aquilo, porque ela, (...) está impecável, está bem, está muito melhor; A minha opinião, eu hoje em dia, assim eu tivesse dinheiro, uma reforma para poder ir para lá”;

F3. “ não, não me senti mal...se a minha mãe estivesse num lugar, num sítio em que fosse maltratada, não houvesse condições, eu sentia-me muito mal e não a deixava; mas ela está num sítio em que ela é muito bem tratada, em que tem tudo aquilo que é importante”;

F4. “ foi uma coisa que nunca nos passou pela cabeça.... pronto. Nós eramos, somos oito e nunca nos passou pela cabeça que ele chegasse a esta situação”;

F5. “senti-me um pouco triste, pronto, porque eu sabia que ia deixá-la num, vá, num quarto onde ela praticamente nunca tinha visto, pessoas com quem ela nunca tinha dormido; eu não me sinto, pronto, muito mal, porque eu sei e vou lá, pronto...; custa-me um bocado porque eu sei que ela fica triste e não gosta e às vezes está revoltada.”;

F6. “Como é que eu me senti? A primeira vez, a gente não sabe como é que aquilo funciona...; está sempre à espera que seja bom para ela, mas depois com a continuação, estamos sempre a ver como é que ela se adapta, se não se adapta...; estou tranquilo”;

F7. *“Eu senti-me um bocado em baixo e foi complicado para mim (tom de voz choroso) porque, ao fim e ao cabo, eu é que tive que dar a cara... e ela se calhar até pensou que eu é que a queria lá meter; custou-me um bocado ter que lhe dizer, Custou-me um bocado, mas... eu... tive que dizer à minha mãe, pronto, que era realmente a situação mais indicada para ela, ao fim e ao cabo para estar... acompanhada; mas eu não fico com remorsos nenhuns daquilo que fiz, porque eu achei que era o melhor para a minha mãe;*

F8. *“Senti-me mais reconfortado, porque sei e conheço o Lar; é claro que, para mim, foi uma coisa difícil, porque a casa dela, eu sei como é”;*

F9. *“a mim custou-me um bocado, né? Custou-me porque ela sempre foi uma pessoa muito autónoma...; Chorei. Quando eu dei por mim a ver de um sítio para ela ficar porque não podia estar sozinha, e quando dou por mim a visitar este tipo de instituições, ao final do dia caí em mim e comecei a chorar porque, realmente, acho que isto é o mais triste que pode haver;... pensei: vou meter a minha mãe com pessoas estranhas, pessoas com que ela nunca lidou, pessoas que ela não conhece de lado nenhum; Eu não tive a sensação de abandono, que a estava a abandonar, não foi essa sensação que eu tive; olhar para a minha mãe e vê-la naquele estado, e saber que a tinha que ir meter numa instituição para tomarem conta dela, despoletou todos os meus sentimentos, né? Apesar de eu saber que estava a fazer o melhor pra ela, e não pra mim.”)*

F10. *“Foi, foi, foi muito difícil. (...) Sinto-me impotente porque, por um lado, gostava que fosse, gostava de a ver feliz e contente da vida, porque voltava à casa dela, voltava a ter as vizinhas com quem, pronto, toda aquela rotina que ela antigamente tinha. (...) mas não, mas por outro lado, penso que não, que não há condições, não pode ser”*

5. Perceção, pelos filhos, dos sentimentos dos pais

As respostas à questão *“Como acha que ele/ela se sentiu [no início da institucionalização] e como se sente agora?”* dão-nos , não o verdadeiro sentir dos

idosos institucionalizados, mas sim a percepção dos filhos sobre esses sentimentos, e a forma como esses filhos avaliam o bem-estar ou o mal-estar dos seus pais.

F1. *“A minha mãe sentiu-se logo bem, até porque foi ela a decidir, e sempre foi uma mulher muito ativa. O meu pai sempre fez o que ela decidia, sempre esteve de acordo com ela. Agora, ele continua igual e ela está muito melhor. Faz ginástica, pertence a um grupo de teatro, participa nas iniciativas culturais, que são várias. Está sempre ocupada. Sinto que eles estão melhor, agora”;*

F2. *“a opinião dela agora é que está lá muito bem, está contente, está..., diz ela que já lá devia estar há mais tempo”;*

F3. *“A princípio foi um bocado complicado porque falava muito na casa, queria muito ir para casa; Chegou a um ponto que ela tinha imensa dificuldade até em levar a colher à boca e aí ela percebeu que não dava e acabou por aceitar, digamos assim, conformar-se a estar aqui; está conformada, vê-se que está deprimida, isso nota-se perfeitamente que ela está deprimida (...) mas ela já percebeu também quando está em casa ou quando vai a casa, ela fica pior; tinha dias que me dizia que havia de ser permitido que as pessoas, quando querem morrer, morressem. Porque ela via lá na televisão a eutanásia e achava que essa seria a solução para ela”;*

F4. *“Ele no Lar, em Y, nunca gostou de estar, não sabemos porquê, ele se calhar não gosta de estar em nenhum...; Ele só uma vez ou duas é que falou “quando é que me levam ou eu quero-me ir embora, não estou aqui a fazer nada”; o meu pai foi sempre muito fechado, muito para sofrer para ele. Ele, à vista, nunca tinha problemas;”*

F5. *“Muito mal, ainda hoje lida muito mal. A minha mãe não aceita, a minha mãe não queria, não quer e continua a não querer; pensa que eu é que a meti lá porque quis; a minha mãe faz, diz que não gosta porque fui eu que a coloquei lá e tomei a decisão, mas depois ela reconhece também e diz-me “não, mas elas tratam-me bem, elas tratam-me bem”;*

F6. *“À medida que começou a melhorar, começou a capacitar, a pensar que já tinha condições para se ir embora; agora, precisamente, depois de ter acontecido aquilo que aconteceu, sente-se mais calma e sente-se que está lá bem, é porque ainda não está a cem por cento; ela também se vai adaptando. Aquilo depende dos dias, aquilo é dias, pronto; ela já não liga muito à casa dela, neste momento”;*

F7. *“Houve uns dias, ao princípio, que estava assim um bocado mais em baixo, porque não sabia para onde ia, não conhecia ninguém; depois, foi-se habituando, começou a ver a recuperação, habituou-se; foi-se habituando, até lá tem pessoas conhecidas, que ela já conhecia cá de fora. E agora tem aceitado bem; Não sei, não posso dizer como é que ela se sentiu, porque ela também não demonstrou muito aquilo que sentiu; ela só diz “Quem está cá dentro é que sabe aquilo que se passa”. É o que ela diz”;*

F8. *“Primeiro, não queria sair de casa dela. Depois (...) já estava mais mentalizada; ela é uma pessoa de relações fáceis. E tem aquele, de qualquer coisa faz um verso (...) e ela começou a ter uma noção da realidade, que era diferente daquilo que ela imaginava. E com a conversa que eu lhe fazia também, ela chegou à conclusão que pronto, ainda teve muita sorte, em ter ali um lugar; sente-se privilegiada. Até se sente privilegiada em relação a algumas pessoas que não têm tanta sorte; agora já está claramente integrada e está satisfeita. Nota-se que está satisfeita. E sente-se muito melhor.”;*

F9. *“A primeira vez que eu falei com ela, ela ficou um bocado..., até parece que ficou ofendida comigo, e até me respondeu que, se eu gostava tanto dos lares, que fosse eu para lá, e que a deixasse a ela na casa dela; a minha mãe mudou da noite para o dia, a minha mãe está muito melhor, não tem nada a ver. Muito alegre, sempre bem-disposta, não a sinto triste em nada; ela gostou imenso. Desde o início, desde o primeiro dia, ela sempre gostou de lá estar”;*

F10. *“Ela, se fosse ela, ela não queria, achava que não ia e talvez não fossem, pelo menos naquela altura, não iam se não, se não fosse o caso dele estar conforme estava; pela minha mãe não ia e, ainda hoje, depois do meu pai partir, eu tenho a sensação que, se eu dissesse à minha mãe se ela queria voltar para casa, ela não olhava para trás; eu sei, eu sinto que ela gostava, que ela não se importava nada de voltar p’ra casa dela”;*

6. O pagamento como alívio

Alguns filhos/as entrevistados, tomaram a decisão de escolher uma instituição onde os custos são mais elevados, não sendo suficiente, para os pagar, a pensão de reforma do pai/mãe, e sendo eles, filhos, os pagadores da diferença. Nestas situações, a instituição ainda é mais idealizada, e a culpa mais “abafada” pelo dinheiro pago. No

entanto, mesmo nos restantes casos, os custos também surgem, nas respostas, como se se tratasse de uma “penitência” paga pela culpabilidade que sentem.

F2. *“a pessoa para vir dormir queria 400 e tal euros e uma semana por mês tínhamos que lá ir alguém dormir com ela. Fiz contas e disse-lhe “olhe, a gente assim, em estar a pagar 400 e tal euros, mais o comer do lar não vale a pena...; ficava a pagar num 700€, noutra 775€ e noutra 890€. Então olhe, é pra onde me arranjar vaga, quando mais depressa melhor! E ficou no mais caro!”;*

F3. *” eu e o meu irmão, e o meu pai, os três, resolvemos procurar uma instituição com condições que nós pudéssemos arranjar e tivéssemos condições de pagar...; é mais caro mas, pronto, ficamos de consciência tranquila que fizemos o melhor por ela e arranjámos o melhor para ela estar confortável”;*

F6. *“Colocámos outra hipótese, mas depois surgiu aquela novamente e então, preferimos ali, preferimos ali. Dos três lares, havia a opção de alterar, mas vimos que aquele era o melhor, então optámos por ficar lá, apesar de ser mais caro, pronto...”;*

F7 . *“tem telefone para pagar, há contagens para dar, há transferências de dinheiros para o lar e essas coisas todas; sou eu que tenho que fazer tudo”;*

F8. *“Eu inscrevia-a precisamente naquele lar que é subsidiado, porque a reforma dela é muito pequena, a reforma dela é de 375 euros, mas na impossibilidade de haver uma vaga nesse, ela ficou nesse mesmo lar, numa daquelas 10 camas não participadas... Ficou a pagar 700 euros, mais as fraldas, os medicamentos à parte...; . E é isso que eu tenho estado a suportar. As despesas são só minhas. Porque o outro está com uma reforma de 200 e poucos euros e não pode....; ... tive de aproveitar, e tive que assumir. E tive que assumir eu sozinho, porque eu é que tenho decidido, posto o preto no branco;... Eu carrego-lhe o telemóvel, sou eu que lhe carrego o telemóvel; a minha mãe só tinha a reforma dela e eu muitas vezes durante esse tempo todo, fui com ela ao supermercado, e quem pagou a conta para ela e para ele, foi o meu cartão de débito; desde os quinze anos de idade que era chefe de família, com ela viúva e três irmãos menores, que fui eu que tive de os acabar de criar; o meu dinheiro era lá para a casa, eu é que era o chefe de família; ela sabe quem a tem apoiado toda a vida. Ela sabe em que se encostar e quem tem contribuído inclusivamente para uma vida mais feliz”;*

F9 . *“eu estou sozinha nesta maratona, eu pago os extras todos do meu bolso, nem sequer é pago pela reforma; estas instituições levam as reformas todas, não sobra um tostão que seja, e depois é tudo pago à parte. Ou seja, tudo o que ela ganha é tudo para a instituição.*

Medicamentos, produtos de higiene, cortes de cabelo, arranjos de pés, tudo o que for extra sou eu que pago do meu bolso”;

7. Institucionalização como último recurso

Todos os entrevistados referem vantagens da mudança do pai/mãe, de casa para o Lar Residencial. Foram essas vantagens que serviram para justificar a opção tomada. No entanto, por melhores que sejam as condições apresentadas, todos dizem que o “ideal seria a casa”, colocando esse ideal no plano do desejo, não possível na realidade.

F1. *“o Lar tem boas condições, um quarto, sala e w.c. privativos...mas, afinal, um Lar não é a nossa casa!”;*

F2. *“ela lá está tratada a tempo e a horas..., está bem, está muito melhor, mais bem encarada; eu penso que como toda a gente pensa, ir para o lar é a última hipótese...; ... As pessoas a estar mal em casa, é preferível...; sim, a nossa casa é a nossa casa. Enquanto a gente está em condições de estar em casa e ter companhia, eu acho que em casa está-se sempre melhor, estar no nosso cantinho, faz aquilo que a gente quer e isso tudo”;*

F3. *“ela em casa não tinha as condições, nós não conseguíamos dar-lhe as condições que ela precisava, que era estar sempre com alguém do lado e com alguém que soubesse cuidar dela e dar-lhe mais assistência; e conseguimos pô-la aqui., onde há condições de higiene, há assistência, há apoio, há até, segundo aquilo que me parece ver, os utentes são bem tratados, são bem cuidados;... ela não pode estar sempre connosco, que seria o ideal;... É claro, o ideal seria ela estar na casa dela”;*

F4. *“foi uma situação realmente nunca, foi uma coisa que nunca nos passou pela cabeça.... pronto. Nós eramos, somos oito e nunca nos passou pela cabeça que ele chegasse a esta situação. O certo é que a gente, pronto a gente à distância, por vezes não vê as coisas como elas, sempre pensamos que a.... um dia que chegasse a esta situação haver algum ou alguma que tivesse disponibilidade...; A minha sogra teve a felicidade de ter a filha que se disponibilizou e está lá há doze anos em casa dela, pronto. Não está num lar, está em casa da filha. Mas sempre pensamos que o meu pai estivesse assim, tivesse essa possibilidade, mas.... atendendo à vida que cada um tomou, não era possível isso acontecer”;*

F5. *“Se eu pudesse monetariamente pagar, em vez de a minha mãe estar num lar, ter uma pessoa que enquanto eu estivesse a trabalhar, tomasse conta dela e me ajudasse um bocadinho, na noite, sim. Não teria posto a minha mãe num lar, pelo menos ela não saía do ambiente familiar dela. É lógico que sim, eu mudaria isso. Isso eu faria, sim, sim, sim. Se houvesse estabilidade financeira para isso, claro”;*

F6. “*está acompanhada, tem médicos, tem enfermeiros, tem as senhoras que estão lá que tratam delas fazem-lhe tudo;... Se a gente tivesse hipóteses de a termos na nossa casa, mas a gente não está em casa, a gente trabalha...; um dia mais tarde, se lá chegar, não é, também gostava de estar num sítio desses;... Em casa é sempre preferível, enquanto se pode...; “Você imagina-se naquela situação? F6: se tiver que ser, não é?”*”;

F7. “*acredito que num lar onde há tanta gente, é natural, se calhar, de vez em quando, não serem tratadas, não quer dizer que as tratem mal, mas se calhar não serem tratadas se calhar como elas deviam.; A gente também sabe que, num lar onde há tanta gente, nem sempre se pode dar atenção a todas ao mesmo tempo, nem de igual maneira, porque cada pessoa, pronto e cada pessoa também tem o seu feitio...; Ela tem a casinha dela ainda, à mesma, tem água, tem luz...”*;

F9. “*elas foram sempre muito carinhosas com ela, gostou, adaptou-se lindamente, integrou-se de uma maneira que eu nunca pensei que ela se viesse a integrar; ...realmente, acho que isto é o mais triste que pode haver; Se eu pudesse, ela não..., não sei, porque eu hoje em dia, no início, era o que eu pensei quando lá a meti, pensei: vou meter a minha mãe com pessoas estranhas, pessoas com que ela nunca lidou, pessoas que ela não conhece de lado nenhum...pelo menos, no cantinho dela, na casinha dela, ela estava melhor, vai lá a família; vê-la naquele estado, e saber que a tinha que ir meter numa instituição para tomarem conta dela...; eu sei que há pessoas que estão, mesmo contrariadas, e choram e não ligam a ninguém e muitas vezes é meio caminho andado para a morte, porque infelizmente, ali é a última morada da maior parte delas”*;

F10. “*a maior parte dos idosos estão lá porque tiveram que ir para ali, é um tem que ser; para mim é um mal (...) nós entendemos e eles são bem tratados e são bem cuidados e ali têm tudo aquilo que, se tiverem na casa deles, não têm, porque já não têm capacidade para estarem, para se cuidarem; eu digo que é um mal necessário para eles e para nós, com que temos de tomar e temos de lá os deixar porque, para mim, aquilo é mesmo o ponto de passagem para o outro lado. Quando eles vão, já não voltam mais, isso é muito difícil pensar, que os vamos deixar ali e que já não regressam a casa. Aquilo ali é mesmo o ponto de passagem para o outro lado, não há volta a dar, todos os que vão já não voltam; ... aquilo ali, apesar de não ser aquilo que eles acham que é bom mas, nós é que, é aquilo que lhe podemos dar, pelo menos terem ali umas condições mínimas necessárias para irem vivendo...”*”

8. As visitas e contactos como alívio da culpabilidade

As visitas ao idoso institucionalizado, por parte dos filhos, antes cuidadores, estão relacionadas com a culpabilidade sentida, ainda que de forma não linear. Não podemos dizer que quem se sente mais culpado faz mais ou menos visitas ao pai ou à mãe, já que essa relação não é automática e, de acordo com os relatos, existem outros fatores (nomeadamente, relacionamento anterior) que condicionam e regulam os contactos que se estabelecem após a institucionalização.

F1 . *“como não conduzo, vou quando o meu marido pode, mais ou menos, de quinze em quinze dias, mas falo com a minha mãe quase todos os dias, ao telefone”*;

F2 . *“Todos os dias; eu penso que as pessoas, estando num sítio daqueles, os filhos nem aparecem lá, penso que as pessoas começam a estar contrariadas de tudo”*;

F3 *“;Todos os dias. Só quando eu não posso. Só mesmo quando eu não posso vir, de forma alguma, às vezes acontece, não é? Só mesmo quando é completamente impossível. E, se eu não venho, ela fica triste, muito triste e muito preocupada; se eu não vier todos os dias, eu não fico bem comigo própria, sinto a falta (...) e porque penso assim, ela agora, a minha mãe que tá lúcida ainda, eu ainda consigo estar com ela, ela ainda tira algum prazer de estar comigo e eu com ela, ainda falamos, ainda lhe conto as graças das minhas netas que ela fica feliz, ainda lhe conto como vai o negócio, como vão as pessoas que trabalham lá em casa, como vai tudo isso e também porque penso que pra já, ela ainda está cá, ainda tá lúcida e eu ainda consigo estar com ela, usufruir dela...; tenho que aproveitar todos os dias e sempre que posso enquanto ela estiver cá.”*;

F4. *“Todas as terças feiras vou com a minha mulher visitá-lo (...) se eu lá não for durante a semana, ele não estranha nada, mas, se eu tiver quinze dias sem lá ir, já estranha; se a minha irmã não me disser nada, telefono-lhe eu” então como é que está o X” portanto é a nossa conversa é o X “então como é que estava o X?” [refere-se ao pai pelo nome próprio]*;

F5 . *“Eu, às vezes, vou durante a semana uma vez e depois vou sempre aos fins-de-semana, ou sábado ou domingo; ou telefone. Mãe, olhe que eu não vou”*;

F6. *“Dois, três dias, às vezes vou lá ao domingo. Domingo, essa não falha, não é, e às vezes trazemo-la, e vai almoçar com a gente, juntamos todos, a família toda”*;

F7. *“Vou lá todas as semanas. E todos os dias, se for preciso, telefono-lhe (...): normalmente vou uma vez por semana mas, se ela precisar, se eu telefonar, se ela precisar de coisas que leve, vou duas e três vezes se for preciso lá a levar-lhe aquilo que ela precise; eu sou sincera, eu todos os dias também não posso porque também tenho a minha casa, tenho as minhas coisas para fazer e tudo o que seja relativo à minha mãe sou eu tudo que tenho que tratar; portanto eu não tenho disponibilidade de ir lá todos os dias. Tenho disponibilidade de lhe telefonar”;*

F8. *“ Se fosse como ela queria, se calhar tinha-a visitado das 11 ao meio dia e das 3 às 5, como ela queria. Mas não pode ser, visito-a dia sim, dia não; E quando não vou, no dia que eu não vou, ela tem sempre visitas. É que ela tem sempre visitas, e por vezes 3 e 4 pessoas. Ela é muito visitada; E telefona-me duas vezes, e aí há bocado, ela telefonou-me para ver como é que estava. Logo à noite, as 7, sete e tal quando se deita, telefona-me sempre; por vontade dela, eu iria todos os dias. Mas ela tem lá muita gente e por vezes vou lá só para a ver, porque depois é muita gente e não há condições para receber muita gente em simultâneo”;*

F9. *“ dia sim dia não (e antigamente era todos os dias) eu passava por lá para sabe se ela se estava a integrar. Agora é que já vou mais espaçadamente porque sei que está bem e também não quero estar a ser massacrante porque aquilo tem um horário de visita; ...atende, fala, mas não tem telemóvel. eu telefono para a instituição e elas passam-lhe o telefone”;*

F10 . *“eu ainda vou lá todos os dias, eu ainda passo lá, p’ra já porque lá trabalho, e mesmo não trabalhando (feriado ou fim de semana) eu vou lá mesmo todos os dias; às vezes penso que não havia necessidade, eu tenho a minha vida, tenho o dia mais ocupado, mas a minha mãe está sempre à espera; sempre, sempre, sempre. Até o facto de ser feriado, ser fim de semana, o saber que não me vê com tanta frequência, (porque eu passo por lá às 9, ao meio dia e meia, depois de almoço e ao fim da tarde, antes de sair), portanto ela sabe que se for fim de semana ou feriado, só me vê uma vez. E ela diz” é bom p’ra ti o feriado, é bom p’ra ti o fim de semana, mas eu estranho”*

9. Saídas temporárias da instituição

Institucionalizar o idoso/a significa deixá-lo lá para sempre, com corte total de ligação ao mundo exterior? O pai/mãe perdem os seus direitos de cidadania ao irem

viver para um Lar de idosos? Qual é a conceção que os filhos têm e que praticam? Como veem esta mudança na vida dos pais e de que forma agem?

F1. *“Sim. Vou sempre no Natal e quando fazem anos. Vêm para a minha casa, outras vezes vão para casa dos meus irmãos. A minha irmã da Suíça também os vai buscar quando vem a Portugal, duas vezes por ano. Eles gostam de sair e a minha mãe diz que só tem saudades da sua casa, de mais nada”;*

F2. *“ Já saiu, fomos um dia ao médico e fomos outro dia à da minha irmã, a casa da minha irmã em Beja, e pronto. E veio outro dia para minha casa”;*

F3. *“a minha mãe logo quando veio, de quinze em quinze dias, ia a casa”;*
Pois, porque estava melhor, de quinze em quinze dias, nós levávamo-la a casa. Ainda chegou lá a passar, logo ao princípio de estar aqui, três/quatro dias, umas férias; ... só que a situação depois também se começou a complicar)

F4. *“Eu ainda não fui, ainda não fui, ainda não calhou... os meus irmãos foram; pelo natal foram uns e pelo ano novo foram outros”;*

F5. *“eu vou buscá-la sempre de manhã, almoço comigo, quando começa lá pelas 2 e meia 3 horas, começa a dizer “se calhar vais-me mas é levar, elas tão lá ao pé de mim, eu quero é ir lá para o pé delas”;*

F6. *“às vezes trazemo-la, e vai almoçar com a gente, juntamos todos, a família toda. Ela gosta muito de sair com a gente, de ir comer. (...) No Natal vai para o meu irmão e depois a gente vai lá ter...; no ano novo, normalmente juntamos lá todos na minha casa”;*

F7. *“Quando é festas, a minha mãe sai. Quando é só assim... um dia... quando é assim um dia ou assim, nós vamos buscá-la e trazê-la. Por exemplo, quando foi pelo natal, fui buscá-la, mas é assim: a minha mãe é uma pessoa que está dependente do oxigénio”;*

F8. *“Trouxe-a a almoçar a casa uma meia dúzia de vezes, quando vem tratar dos pés, vou lá buscá-la e vai tratar dos pés e depois levo-a a casa a almoçar e depois vou a uma esplanada quando o tempo permite, aliás... para falar com dois ou três, bebe um cafezinho e depois vou levá-la”;*

F9. *“Ela gosta de sair, nunca diz que não. Eu vou lá e digo "mãe, hoje vais almoçar comigo", "Ah, está bem, está bem", mas quando a trago, depois está sempre*

desejosa de voltar; eu fiz anos no dia 9 de março, fui buscá-la, tinha ido buscá-la um fim de semana atrás; tinha ido buscá-la no ano novo. Vou buscá-la quando calhar”;

F10. “ *quando vêm estes dias [Natal], levava os meus (sempre, sempre), agora levo a minha mãe. E noutras ocasiões, claro! Sou incapaz, sempre assim foi, quando alguém faz anos...* ”

10. O peso do passado no relacionamento com os pais

Em todas as entrevistas veio à superfície a importância do relacionamento anterior nas atuais relações entre filhos e pais. Alguns, aprofundaram mesmo a sua história pessoal, desde a infância (sem que isso tenha sido pedido), como forma de justificar (?) o tipo de contactos atuais e a sua qualidade.

F2. “*toda a vida a minha relação com a minha mãe foi boa, pronto. Eu fiquei sem pai, ainda não tinha dois anos e pronto, vivi sempre com a minha mãe, com os meus avós. Depois a minha mãe casou, o meu padrasto foi, se calhar, melhor que um pai, o meu padrinho foi impecável sempre, nunca me faltou nada, precisasse daquilo que precisasse era dizer-lhe e ele se tivesse, estava desenrascado. E pronto, foi sempre uma vida assim com eles sempre me dei bem e com a minha irmã, igual, com a minha irmã nunca tivemos nada um com o outro, felizmente e espero nunca virmos a ter”;*

F3 (*...na minha relação com a minha mãe, ao longo destes dois anos, temos uma relação mais calma, mais tranquila, porque nós chocávamos imenso as duas, muito. Somos um pouco polos opostos, enquanto a minha mãe é, era, coitada, o quero, posso e mando, dava ordens, eu era ao contrário; E por vezes, entravamos até um bocado em conflito as duas, até por causa das pessoas que trabalham lá em casa. Achava, não concordava, na maneira, na forma como a minha mãe por vezes falava para as pessoas, com tom autoritário; agora, a nossa relação assim é mais, é mais...*

E--Tranquila?

F3--Mais tranquila.

E--Não têm essas coisas para discutir.

F3--Nem essas, nem “onde estiveste? nem onde foste? onde andaste? Nem, olha lá que horas são! porque eu estou viúva. Onde é que foste, passas o dia na rua, havia sempre....; eu às vezes também perdia a paciência, também com ela. Houve umas ocasiões, em que a senhora que ficava lá com ela, que estava a cuidar dela, eu não

suportava aquilo, não suportava. Ela punha a criatura de joelhos, tinha que andar de joelhos a esfregar o chão da cozinha, não sei com o quê.

F4. “ *Eu nunca fui pessoa muito deandar a ir todos os dias, por exemplo, a ver o meu pai a casa ou ver a minha mãe (...) nós somos muitos, todos os dias nos vemos (...) todos os dias eu e a minha irmã que estava em casa, todos os dias de manhã, eu via-a, ela vinha beber café para ir para o serviço dela ou para sair para o escritório e eu perguntava-lhe sempre " então os meninos?" ; A nossa relação.... e eu fui sempre, portanto tive sempre assim uma boa relação, porque eu não fui criado com os meus pais, em parte...não foi por isto ou por aquilo. Antigamente havia aquela tradição, a mãe ter um bebé, o outro mais novinho precisava de estar uns dias afastado, desmamar, não sei quê, e foi assim que eu fui para casa dos meus padrinhos, fui e lá fiquei, pronto, a minha irmã foi para os XX e lá ficou” ;*

F5 . “*Sempre foi o mesmo, sempre foi preferencial o meu irmão; por isso é que eu talvez senti muito, muito, muito a morte do meu pai. Porque o meu pai tentava sempre compensar, embora o meu pai tivesse sempre a predileção pelo meu irmão. Mas foi muito complicado. Hoje em dia já não é tanto. A gente tem fases difíceis na vida e vamos ultrapassando; ... Isto que vou dizer, a minha mãe disse-me muitas vezes, que não gosta tanto de mim como gosta do meu irmão, mas pronto. (...) E ela às vezes diz-me, pronto que eu tenho assim, sou um pouco mais explosiva e que gosta mais do meu irmão. Mas isso disse-me muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes. (...) E foi muito difícil, muito difícil!” ;*

F6. “ *Ela sempre teve o feitio aquele, sempre havia os altos e baixos; [queixa-se] de tudo! De toda a gente! E antes, antes de ir para o lar também se queixava muito. Aqui, o feitio é igual, ah, o feitio é igual! (...) quando tem que dizer, diz, e depois às vezes, arrepende-se.; ... sim, sim, sim é o nosso dever [dos filhos]. Ela cuidou da gente, e a gente tem de cuidar dela” ;*

F7. ” *A minha relação com a minha mãe foi sempre boa. Mas... chegou a uma certa altura que a minha mãe... era o que ela dizia, era o que tinha que ser feito! E eu, depois, cheguei a uma certa altura que tive que me impor com a minha mãe...e fazer-lhe ver-lhe certas coisas, porque ela comigo é que desabafava tudo. E eu levava... e hoje, se for preciso, se eu não lhe cortar, levo com tudo aquilo que ela tem que dizer às outras; Normalmente, costumamos dizer que... costumamos dizer que é o mais velho,*

não é?, que tem obrigação, é assim e assado; eu não, eu é ao contrário, eu sou a mais nova”;

F8. *“Toda a vida foi boa [relação com a mãe]. Foi excelente, aliás os meus irmãos, perante os meus irmãos, sempre foram um bocado difíceis, porque tinham muitos vícios, desde o álcool, passando pelo tabaco e pela batota, e isto e aquilo; desde os quinze anos de idade que era chefe de família; ela foi mãe solteira... ele gostava imenso da minha mãe, mas os pais tinham a mania que eram ricos... a minha mãe era de família pobre, aquilo era proibido”;*

F9. *“Melhorou [a relação]. Melhorou porque é assim, a minha mãe está muito mais carinhosa, ela tornou-se uma pessoa muito mais chegada, não sei se é por estar afastada da família, estar numa instituição. A minha mãe não era uma pessoa carinhosa, a minha mãe até era uma pessoa fria, não era uma pessoa de muitas demonstrações de sentimentos. E agora quando me vê diz logo "olha, olha a minha filha!", faz assim, faz uma festa tão grande quando nos vê!... agarra-se a mim e, ela dantes não, dantes eu ia a casa dela e ela não se manifestava dessa maneira;... estava habituada a lidar com ela, ter uma relação diferente com ela”;*

F10. *“a minha vida sempre foi um bocado condicionada por eles. Sempre as minhas atitudes e as minhas decisões foram tomadas, muitas vezes, em relação a eles; em função deles, do bem-estar deles, das opiniões e dos sentimentos;... Eu tive um irmão. Faleceu com oito anos (pausa) quando eu tinha 9 meses...durante a minha infância, os primeiros anos, eu parecia que eu tinha vivido com ele, porque a minha mãe sempre falava dele, sempre guardou coisas dele, e ainda hoje ela fala muito nele, ainda hoje ela acha que, se ele cá estivesse, as coisas também poderiam ser um pouco diferentes; (...) ela despegou-se ali um bocado de mim, porque ela, o sentido dela era só nele. Ela centralizou ali uns anos da vida dela só nas lembranças do filho. Tanto que, sempre ela me disse que tinha uma prima que foi p’ra casa para cuidar de mim, porque ela, simplesmente, não estava bem, ela não tinha capacidade para cuidar de mim!.... E eu sempre me senti que eu era a única...pronto, era o único apoio que eles tinham! E sempre tentei fazer...pronto, não fazemos sempre tudo aquilo que eles esperam de nós, ninguém é perfeito!...eu ainda hoje sinto a falta e penso muitas vezes se eu tivesse aquele irmão, também tudo seria diferente!... Quando eles estão no fim da vida, tudo aquilo que eles passaram, tudo, lá está, é um mal necessário! Se a gente pudesse, faria as coisas diferentes, faria tudo com que eles estivessem bem!”*

Na maior parte das respostas, verifica-se a tentativa de desresponsabilização do entrevistado/a, relativamente à decisão tomada de institucionalizar o pai ou a mãe, fosse por não ter participado diretamente (F4), tendo a decisão sido dos irmãos, ou por considerar que foi o pai ou a mãe a decidir (F1 e F2), perante a inoperacionalidade de outras alternativas. A verdade é que essas decisões dos idosos, tal como são apresentadas nas respostas, foram opções “forçadas”, quando não lhes foram apresentadas outras soluções. No entanto, fica a ilusão de que foi ele/ela (pai/mãe) a optar pela ida para o Lar, aliviando a responsabilidade do filho/ cuidador/a (F2), que se “conformou” com a situação, tendo em conta as circunstâncias. Invertem-se os papéis e fica-se na ilusão de que ele/ela continua a tomar as decisões importantes sobre as suas vidas, e essa ilusão é tranquilizadora, securizante e desresponsabiliza os filhos dos atos praticados.

Em algumas respostas, é visível a crítica a outros (irmãs/irmãos) que não se disponibilizaram para ajudar a cuidar (F5 e F7), enquanto outros referem as barreiras físicas (escadas, F8), como impedimento para a continuação da mãe em casa. Há uma resposta (F9) que refere o conselho do médico para que a idosa não continuasse a viver sozinha.

Verifica-se uma tentativa de racionalização, nas respostas, enumerando factos e acontecimentos que terão levado à solução adotada, mesmo que, antes, se tenham experimentado outras soluções, todas elas conducentes à institucionalização. E, pelo menos, uma entrevistada (F10) generaliza a crescente dependência dos idosos para justificar a institucionalização, simultânea, dos seus pais, admitindo a sua própria incapacidade para os cuidar, mesmo que dispusesse de tempo. Assim, normalmente a culpa vem projetada no exterior, ou seja, numa doença súbita ou no agravamento da mesma, nas condições desconfortáveis da casa, numa situação familiar difícil, ou, no sentir-se só para prodigalizar os cuidados necessários.

Em resumo, a generalidade dos entrevistados distribui a responsabilidade da institucionalização por pessoas (pai/mãe, irmãos, indisponibilidade destes) e/ou circunstâncias (doença, dependência física ou psicológica do/a idoso/a), assim como características da habitação (ausência de cuidadores ou vigilantes próximos, barreiras arquitetónicas, falta de conforto da casa), de forma a aliviar a culpabilidade que julgamos ser sentida por todos. A casa do idoso foi “despida” de todas as comodidades,

de todo o conforto (é fria, húmida, tem escadas, degraus, é isolada), e o filho/a isola (ele próprio) as emoções e afetos ligados a esse lar, que foi, muitas vezes, o local onde nasceu e cresceu. Por outro lado, todos os atributos positivos e favoráveis a uma boa qualidade de vida (“*ela lá está tratada a tempo e a horas e aqui passava frio, lá não tem frio, essas condições*” – F2: 5) “, passam para a instituição (boas condições, conforto, acompanhamento, alimentação, cuidados médicos), que passa a ter o estatuto de “nova casa, novo lar”.

Os aspetos negativos da vida num Lar de Idosos, são referidos *en passant* e minorizados, ou são completamente ignorados; mesmo quando a mãe se queixa (F6), o filho responde “*então, elas tratam-te bem, cuidam de ti!*”, como se, só através dessa idealização da instituição, fosse possível suportar a culpabilidade. A negação do menos bom da institucionalização surge também em F7 (21) “*A gente também sabe que, num Lar onde há tanta gente, nem sempre se pode dar atenção a todas ao mesmo tempo, nem de igual maneira (...) nunca vi ninguém tratar mal ninguém, nunca vi ninguém dar resposta má a ninguém, nem muito menos à minha mãe...*”, em que a filha admite haver, mas justifica, atitudes pouco corretas relativamente aos idosos.

No entanto, e apesar da idealização da instituição e da institucionalização, esta é acompanhada, e mesmo, precedida de sentimentos de angústia, tristeza e medo, porque os filhos têm consciência da profunda alteração na vida familiar, que nunca mais será igual. A institucionalização remete também para o envelhecimento do próprio, quando se antevê numa situação semelhante, refletido no pai/mãe, que agora está a entrar para a sua última morada. E esta forma de encarar o Lar de Idosos como uma inevitabilidade, ou como um privilégio, a que o próprio não sabe se terá direito, são duas faces da mesma moeda, uma mais adequada (reconhecendo a culpabilidade do ato), outra menos adaptativa e mais idealizada (atribuindo o estatuto de privilegiado ao pai/mãe, em comparação com muitas outras pessoas). Esses filhos, que consideram os pais/mães privilegiados por terem acesso a um lugar num Lar de Idosos (“*assim eu tivesse dinheiro, uma reforma pra poder ir para lá*” – F2:18); (*ela chegou à conclusão que pronto, ainda teve muita sorte, em ter ali um lugar*” – F8:15) são também os que associam os custos financeiros à qualidade dos serviços prestados, e idealizam, não só a institucionalização, mas também a mãe (“*foi sempre muito comunicativa, apesar de ser analfabeta publicou um livro sobre a vida dela*”- F8:4; “*Ela é uma pessoa de relações fáceis. E tem aquele, de qualquer coisa faz um verso*” – F8:14; “*ela é muito visitada*” –

F8:22; “*ela como está boa de cabeça, ela está impecável, para mim, devia haver uma situação que as pessoas estivessem em zonas diferentes* – F2:12).

Os filhos que negam sentimentos de tristeza e que, pelo contrário, se afirmam “*muito satisfeito*” (F2), “*não me senti mal*” (F3) “*reconfortado*” (F8), são aqueles que mais idealizam a institucionalização e que atribuem uma grande melhoria à qualidade de vida do pai/mãe. Pensamos que esta visão “dourada” serve para aliviar a culpabilidade, negando-a e racionalizando os sentimentos, quando se diz “*se a minha mãe estivesse num lugar, num sítio em que fosse maltratada, não houvesse condições, eu sentia-me muito mal*” (F3), fazendo depender o que se sente, dos cuidados físicos dispensados e do tipo de instituição escolhida.

Os que exprimem, claramente, o mal-estar e admitem sentir-se tristes, vivenciam a culpabilidade de uma forma mais adaptativa e, talvez, menos angustiante. “*Senti-me um pouco triste*” – F5; “*senti-me um bocado em baixo e foi complicado para mim*” – F7; “*a mim custou-me um bocado. Chorei*” – F9; “*Foi, foi, foi muito difícil*” – F10. Ao contrário de outros, estes filhos não escondem as emoções e sentimentos negativos, associados à entrada dos pais num Lar de Idosos e, pelo menos aqui, não usam a negação como defesa. Mas, mais do que tristeza, a institucionalização do pai ou da mãe faz-se acompanhar de pesar, algo mais poderoso e sufocante. Escolhemos, para ilustrar o sentimento de pesar (*la pesadumbre*, como escreve Garcia Haro, 2014), reconhecido por vários entrevistados, um excerto da resposta de F10: “*quando ali os deixamos, pensamos mais, pensa-se mais, que ali é como se os estivéssemos a pôr no início da ponte. E que, agora é atravessar a ponte. A ponte pode demorar mais, menos, mas a ponte está lá, e há-de chegar o fim da ponte. E há-de chegar aquele dia*”. E o princípio do fim, quando é sentido desta forma, é particularmente doloroso “*porque aquilo que nos toca cá no fundo, por mais que se queira, nós não conseguimos disfarçar, aquilo atormenta, não conseguimos mostrar que as coisas são diferentes. Queremos, de alguma maneira, mas não convence. É difícil. É difícil mesmo!*” (F10);

Quanto à reação dos pais, da forma como é sentida pelos filhos, podemos dizer que estes reconhecem que não foi fácil, tendo alguns deles (pais) resistido, enquanto puderam, à mudança. Os percursos são diferentes, e somente F1 e F2 consideram que os respetivos pais/mães se sentiram, desde o início, satisfeitos com a ida para o Lar (a primeira porque “*foi ela a decidir*”; a segunda por reconhecer que “*deveria ter ido antes*”). F8 diz que a mãe não queria sair de casa, mas agora está “*plenamente integrada*”

e satisfeita”, e “chegou à conclusão que ela *“ainda teve muita sorte”* em ter ali um lugar”. Para o filho, esta conclusão “da mãe” serve de alívio à pressão feita por ele, para a mãe aceitar a institucionalização, ou seja, ela confirma e reforça a convicção dele de que um lugar num Lar é um privilégio a que nem todos têm direito, e aqueles que o têm devem estar agradecidos a quem o proporcionou. Logo, sendo ele o responsável por essa “dádiva”, sente um verdadeiro alívio na culpabilidade por ter institucionalizado a mãe.

Os restantes entrevistados admitem que os pais/mães não queriam ser institucionalizados, reagiram mal, no início, mantendo-se a maior parte, não satisfeita com a vida atual que têm. A percepção dos filhos, dessa insatisfação, acentua o seu próprio mal-estar, de que se vão defendendo, invocando o caráter “fechado” do pai/mãe (F4 e F7) ou a sua permanente insatisfação e instabilidade (F6). Os restantes vivem atormentados, por não conseguirem devolver aos pais o ambiente familiar, admitem essa angústia, que remete diretamente para uma culpabilidade sentida, aqui não ocultada por mecanismos de defesa.

Não vai para um Lar de Idosos quem quer, nem par o Lar que gostaria. O problema dos custos, frequentemente não suportados pela pensão de reforma dos idosos, surge nas entrevistas, como um fator condicionante da culpabilidade. Sempre que foi possível, ou quando não foi possível a opção “mais barata”, os filhos que decidiram apresentam “a conta” do que têm que pagar por um lugar numa instituição. Mas, mesmo quando a reforma do idoso/a é suficiente para pagar a mensalidade, surge o “sacrifício” feito pelo filho/a, ao pagar todos os extras: medicamentos, fraldas, cuidados corporais, etc. São os filhos cuidadores a pagar porque, como diz F9, *“estas instituições levam as reformas todas, não sobra um tostão que seja, e depois é tudo pago à parte, e sou eu que pago do meu bolso”*. Isto é dito, evidenciando uma revolta por assumir esses custos sozinha, mas servindo também para aliviar o peso da decisão de ter institucionalizado a mãe.

Os participantes F3 e F6 relatam como optaram pela solução mais cara, entre várias opções, por considerarem ser essa a melhor solução, a que reunia mais vantagens, enquanto F2 apresenta os custos de três opções, dentro da mesma instituição (todos acima das possibilidades financeiras da mãe) e optou pela que tivesse lugar mais rapidamente, que foi também a mais cara. Mas é, nas respostas de F8, que mais se evidencia o papel dos custos financeiros na redução da culpabilidade. Não é só o custo mensal do Lar onde institucionalizou a mãe, mas também os gastos que, ao longo da vida, o filho suportou, para proporcionar conforto à mãe e aos irmãos. Esse “preço” pago à família não teve retorno de nenhum tipo, já que os irmãos

viveram uma vida de “vícios”, como ele diz, e “não quiseram” aproveitar as oportunidades, tendo-se suicidado um, enquanto o outro morreu de cancro (por abuso do tabaco). F8 considera-se o apoio permanente da mãe, desde os quinze anos, e acha que ela reconhece essa dedicação, que “justifica” a institucionalização. Ao filho que já pagou tanto (e que continua a pagar), não se pode culpar de nada! Trata-se, pensamos, de uma fuga, de uma defesa que lhe permite fugir à culpabilidade.

Mas, mesmo os sujeitos que mais defesas usam para se sentirem menos culpados, não estão imunes às contradições, muito evidentes no conjunto das respostas. A contradição entre o Lar institucional como solução para todos os problemas (solidão, cuidados físicos, alimentação) e a representação que os filhos adultos têm da institucionalização, está bem presente nas respostas que deram. A ideia principal que fica é que um Lar é mesmo a última morada, o último recurso da família, quando já nada mais há a fazer, ou, entendemos nós, quando queremos convencer-nos de que não havia outras hipóteses de solução para o problema que nos aflige. A “última morada”, o “início da ponte para o outro lado”, “um Lar não é a nossa casa”, “o ideal seria a casa” “Eu penso que... , como toda a gente pensa, ir para o Lar é a última hipótese” constituem desabafos do filho/a, um buraco no muro sólido, que construíram mentalmente, de que tomaram a melhor decisão (em benefício dos pais). Contradição? Talvez não, se tivermos em conta o fundo de culpabilidade que acompanhou essas decisões, e a oposição verbalizada pelos idosos. Ainda assim, e por mais que os filhos tenham procurado a residência mais cara ou luxuosa, qual hotel de cinco estrelas da velhice, (pelo menos, fantasiada, por eles dessa forma), o estigma do Lar de Idosos, a conotação negativa da própria palavra, a despersonalização de alguém no meio de 20 ou de 200, não deixa de acompanhar a representação que se tem da institucionalização.

Os próprios pais são idealizados, mas também pintados com cores que vão, rapidamente, do branco ao preto ou o inverso: “a minha mãe tinha um princípio de demência/ ela começou a ter algumas dificuldades de memória e de fazer as coisas básicas (...) a minha mãe é que tratou de tudo” (F1:1); “Faz ginástica, pertence a um grupo de teatro, participa nas iniciativas culturais, que são várias. Está sempre ocupada” (F1:6); “Acho que sim, que está conformada, vê-se que está deprimida, isso nota-se perfeitamente que ela está deprimida porque está ali, está aqui o dia inteiro, está sentada...” mas, “quando vai a casa, ela fica pior”. (F3:7); “ela diz para os irmãos, que tem os filhos muito amigos dela, porque os filhos dela puseram-na num sítio muito bom, onde ela é muito bem tratada, onde há muito asseio onde cuidam muito

bem dos velhos”; (F3:21); *“ele era analfabeto, mas ele nunca teve o problema de falar qualquer coisa com alguém. Ele tinha um assunto para tratar com o juiz, por exemplo, com um advogado, com ... ele não tinha problemas”* (F4:19); *“Ela agora tem saudades da casa dela, pede para lá ir, mas também já estou a ver que ela já não liga muito à casa dela”* (F6:17); *“Ela tem um cérebro extraordinário, a 100%, não tem dores”,*(F8:3); *“Ainda ontem, ela me perguntou por uns candeeiros... gosta de saber e ainda tem aquela nostalgia..., mas, de qualquer maneira não a afeta psicologicamente”* (F8:18); *“até o meu pai, na demência dele, tinha aqueles dias em que ele estava mais lúcido”*(F10:12).

Os filhos entrevistados mantêm um contacto regular com os pais, seja visitando-os, telefonando e levando-os a sair do Lar, embora mais raramente. Desde as visitas diárias (e, no caso de F10, três vezes por dia), às semanais com dia marcado (F4), estes filhos/as mantêm uma relação próxima com os pais, semelhante, na maioria dos casos, à que mantinham antes da institucionalização. Mais do que o número de visitas, é a justificação das mesmas que nos dá uma mais clara ligação com a culpabilidade. F2, por exemplo, justifica as visitas diárias à mãe com a convicção de que os idosos que não têm visitas dos filhos, começam a viver constantemente “contrariados”, tendo as visitas o papel de aliviar a solidão que sentem, ainda que no meio de todos os outros. Para este filho, a visita à mãe é fundamental para que ela se sinta bem, logo, diminui a sua (dele) culpabilidade. F3, que também vai diariamente (faz todos os dias 30 km) sente uma enorme necessidade de aliviar a angústia da mãe porque, nas suas palavras, ela *“fica muito preocupada”*, e porque precisa aproveitar enquanto a mãe cá está” (na vida). No entanto, a sua resposta indica também outras necessidades da filha e da mãe, a primeira tendo que dar conta de tudo o que se passa na família, para satisfazer a ilusão de controlo da segunda, numa mimetização do relacionamento anterior. Esta filha, com mais de 60 anos, continua a prestar contas, diárias, à mãe, sobre a família, o negócio e a casa.

No caso de F8, as visitas constituem-se como a reafirmação de que aquele é o “filho ideal”, que nunca falhou à mãe, que continua a ser o “chefe de família”, e cuja saúde preocupa a senhora de 96 anos. A necessidade de não falhar a esta mãe (já que os outros falharam), obriga F8 a ir, dia sim dia não, justificando a não ida diária com a idealização da vida social da mãe que *“tem sempre visitas, é uma mulher muito*

visitada” e ele (filho) não “*quer incomodar*” porque o espaço não tem “*condições para receber, muita gente, em simultâneo*”.

F4 tornou as visitas ao pai um ritual semanal, com dia marcado, e vai sempre acompanhado da mulher. Esta ritualização assume o caráter de um dever filial a cumprir, porque não era habitual visitar os pais, perguntava por eles à irmã mais nova, o que continua a acontecer nos dias em que não vai, usando o nome do pai (X), demonstrando alguma distância afetiva, compreendida na história de vida de F4. Mas, quando não vai uma semana, o pai recorda-lhe essa “falta” e, por isso, torna-se “culpado”, logo, tem de reparar a falta, se não a puder impedir.

Outros filhos dizem que “*agora é que já vou mais espaçadamente, porque sei que está bem e também não quero estar a ser massacrante*” (F9:23) ou “*Ela tem a casinha dela ainda, à mesma, tem água, tem luz, tem telefone para pagar, há contagens para dar, há transferências de dinheiros para o lar e essas coisas todas; sou eu que tenho que fazer tudo, portanto eu não tenho disponibilidade de ir lá todos os dias*” (F7:22), sentindo necessidade de se justificar com as tarefas referentes à casa que a mãe já não habita, nem está previsto voltar a habitar. Um caso particular é o de F1, que coloca no marido a responsabilidade pelas visitas aos pais, já que ela “não conduz” e, portanto, vai quando “o marido pode”. Esta desresponsabilização é consonante com a tomada de decisão inicial, em que também se verifica a alienação da responsabilidade. Para esta filha, colocar a culpa no exterior, é o mecanismo de defesa principal.

As saídas dos pais/mães do Lar, que poderiam ser frequentes, pelo menos quando não existe dependência física, são uma realidade esporádica, na maior parte dos casos, como se a porta se tivesse fechado para aquelas pessoas, como se se tratasse de um convento, do qual só se sai, em ocasiões especiais, e a sua vida ficasse dividida entre um “antes” e um “depois”. A resposta à pergunta “Costuma ir buscar os seus pais com frequência?” não tem muitas variantes: “*sim, pelo Natal e Ano Novo*”, entendendo-se, talvez, que há datas em que é mesmo obrigatório ir (e será “pecado” não o fazer), esquecendo que o ano tem 365 dias. E cumpridos esses rituais, das “ocasiões especiais”, fica a consciência tranquila de ter feito o que é devido (e esperado).

Desde F1, que diz ir buscar os pais “*sempre no Natal e quando fazem anos*”; “*já saiu; fomos um dia ao médico e outro a casa da minha irmã*” (F2); “*ainda não calhou assim uns anos ou assim*” (F4); “*Ela gosta muito de sair com a gente, de ir comer. No Natal vai para o meu irmão e depois a gente vai lá ter, no ano novo, normalmente*

juntamos lá todos na minha casa e pronto,” (F6); *“levo-a lá para regar as flores [à casa dela] apesar das flores já estarem todas mortas”* (F6); *“Quando é festas, a minha mãe sai”* (F7); *“Trouxe-a a almoçar a casa uma meia dúzia de vezes”* (F8); até F10 *“levava os meus sempre, agora levo a minha mãe [no Natal]. E noutras ocasiões, claro! Sou incapaz, sempre assim foi, quando alguém faz anos...”* fica claro que as saídas não são entendidas como um direito ou uma necessidade dos idosos, bastando as visitas dos filhos, que consideram os pais numa categoria diferente, após a institucionalização, passando a estar confinados a um espaço delimitado.

Há, no entanto, respostas que não se enquadram no parágrafo anterior, e em que se regista uma informalidade nas saídas (leia-se, no convite dos filhos aos pais, para sair), sendo essa a exceção e não a regra geral. A institucionalização é, pois, para a maioria dos filhos, um momento de corte, uma passagem para outra dimensão do contacto com os pais, mudança “aceite” pelos idosos, como se não houvesse possibilidade de ser de outra forma. Não se trata de uma simples mudança de casa, mas sim uma mudança de vida.

Verificamos, também, que o atual relacionamento pais – filhos está ligado ao passado conjunto, emergindo, nas entrevistas, relações de vinculação diferentes, estabelecidas muito precocemente, traumas e conflitos emocionais que reaparecem no presente, quais fantasmas preciosamente guardados. Não nos atrevemos a dizer que essas relações do passado condicionam as atuais, entre pais e filhos, por não ser esse o objeto do nosso estudo; o que podemos afirmar é que os entrevistados falaram do passado e, alguns, aí mergulharam, ressuscitando dores que, certamente, não são alheias ao que sentem agora.

O passado não se apaga. Em resposta à questão *“O seu relacionamento com o seu/sua pai/mãe mudou depois da institucionalização?”* surgiram verdadeiras “viagens ao passado” do filho/a entrevistado/a. E nesse “regresso”, apareceram histórias que fazem renascer emoções e sentimentos que ligam (ou ligaram) mães e pais, pais e filhos, filhos e mães, irmãos (vivos e mortos) uns com os outros, e com o sujeito. Essas teias de laços afetivos condicionam formas de relacionamento atuais, que unem (e dividem) as famílias, em momentos de crise, como o é a institucionalização do pai ou da mãe (ou de ambos).

Em F1, é a relação da entrevistada com uma irmã, que se deteriorou, porque a culpa, a ela, de ter institucionalizado os pais, enquanto F3 recorda os constantes

conflitos relacionais com a mãe, e o seu autoritarismo, que não lhe permitiram, a ela, ter liberdade, até aos 60 anos. F2 recorda a sempre boa relação com a mãe, a irmã e o padrasto (que considera pai) para dizer que esse afeto se mantém até hoje no seio familiar. F4 mantém uma relação de “respeito” e de idealização do pai que, no entanto, não o cuidou a ele, em criança, tendo-o entregue aos padrinhos. Já F5, única cuidadora da mãe e principal visita, refere ter sido, sempre, preterida em relação ao irmão, ausente e não cuidador, mas nega sentir-se “*mal com isso*”, apesar da mãe continuar a verbalizar claramente essa preferência. F6 habituou-se à instabilidade emocional da mãe e mantém uma quase irregularidade nas visitas, afastando, visivelmente, as emoções associadas à institucionalização. Por seu lado, F7 diz que, ao contrário do que é habitual nas famílias, foi ela (a mais nova) quem assumiu a decisão e a comunicação à mãe, relativas à ida para o Lar, sendo as irmãs “poupadas” a esse confronto, devido à distância (uma) e à doença mental (outra); e, sendo ela a interlocutora da mãe, é quem suporta toda a agressividade materna, mesmo quando ela é dirigida a outros membros da família. F8 foi filho de mãe solteira, num tempo e num meio social em que isso era uma condição ostraciza-te; no entanto, aos quinze anos viu-se responsável pela mãe e por três irmãos (filhos do padrasto que morreu) e foi ele, até agora (e continua a ser) o suporte material da mãe, assim como o foi de dois irmãos, entretanto falecidos. Esta condição de “suporte” e “amparo” da família granjearam-lhe o estatuto de “filho preferido”, aquele a quem nada se pode reprimir. Em F9 recai também a responsabilidade com a mãe, por ausência do irmão (está longe e é “irresponsável”) e da irmã, que morreu há um ano. Talvez por isso (ou não) a mãe tenha passado, segundo ela, a ser mais carinhosa, a expressar emoções e afetos que a filha estranha porque nunca assim fora. F10 é a filha única que teve um irmão (falecido aos 8 anos) que ela conhece através das memórias demasiado vivas da mãe, que continua a recordá-lo como se estivesse vivo. E esta filha, que cresceu à sombra de um fantasma, considera-se “*o único apoio dos pais*”, e vive “*em função deles*”, como sempre fez, enterrando sonhos e desejos.

Consideramos haver, na generalidade, uma negação da culpabilidade sentida, porque é doloroso, para os filhos, assumir que tomaram a decisão de institucionalizar o pai ou a mãe. Embora procurando justificações racionais, tendo sempre em vista a melhoria das condições de segurança e conforto do “seu” idoso/a, embora assumam gastos elevados com a institucionalização, consideram a ida para o Lar como último recurso, guardando, para si, os remorsos que dizem não sentir (“*eu não fico com*

remorsos nenhuns daquilo que fiz” diz F7), e “compensam” com visitas o que não podem dar de outra forma (“se eu não vier todos os dias, eu não fico bem comigo própria” – F3; “Eu penso que as pessoas, estando num sítio daqueles, se os filhos nem aparecem lá, penso que as pessoas começam a estar contrariadas de tudo” – F2).

Diálogo com a literatura

Depois de analisar os constituintes essenciais relevantes neste estudo, relacionados com a culpabilidade sentida por filhos de idosos institucionalizados, ousamos compará-los com a literatura encontrada, numa tentativa de perceber a forma como essa culpabilidade é analisada por outros investigadores, e saber se os nossos resultados vão ao encontro de conclusões anteriormente verificadas.

A família é o lugar principal das partilhas inter-geracionais (Fernandes, 2001). É o lugar da troca e da entajuda, onde as gerações se encontram de forma intensa. Estas relações inter-geracionais desenvolvem-se em estruturas familiares contemporâneas que diferem das tradicionais, dado o incremento do número de famílias tri-geracionais com aumento e reforço do topo, (o que leva a que haja mais avós do que netos), a redução da coabitação dos pais idosos com os seus filhos adultos e o aumento dos idosos a viverem sós, tal como mostram os dados das entrevistas que fizemos. Os modelos de ajuda que se estabelecem entre os membros da família, quer derivem da geração intermédia para os seus pais idosos, ou ao contrário, dos pais mais velhos para os filhos, têm usualmente origem no reconhecimento de uma necessidade. E essa necessidade intensifica-se quando ocorre perda de competências e se geram dependências, nos idosos, que carecem de apoios mais intensos, como aconteceu com os pais de todos os nossos entrevistados.

Para Vaz Serra (cit in Martins, 2005), apoio social/familiar é a quantidade e a qualidade das relações sociais/familiares que envolvem, de modo ativo, uma pessoa, e que têm o intuito de fomentar o seu bem-estar físico e psíquico. Concluímos, de acordo com este autor, que o conceito de apoio social/familiar envolve transações entre pessoas e as suas redes sociais/familiares, no sentido de satisfazer necessidades. O apoio social/familiar tem um efeito direto sobre o bem-estar, favorecendo a saúde. Assim, quanto maior for o apoio social/familiar, menor será o mal-estar psicológico percebido e

quanto menor for o apoio social/familiar maior será a ocorrência de perturbações (Martins, 2005).

A proliferação de serviços públicos e privados, exclusivos para os idosos, é considerada, por alguns autores, como uma das causas da progressiva desresponsabilização da família. Martin (cit in Rodrigues, 2000) refere que, cada vez mais, as pessoas aguardam respostas globais por parte das instituições particulares e públicas, esquecendo-se que algumas dessas competências eram tradicionalmente remetidas para a família. De facto, se não existissem respostas sociais, os filhos não institucionalizariam os pais, logo, não se poria o problema da culpabilidade, mas a existência dessas estruturas impede outro tipo de problemas que se colocariam às famílias atuais, diferentes das de há cinquenta anos ou mais atrás.

Segundo Quaresma (1996), as situações que exigem cuidados surgem, muitas vezes, na sequência de um problema de saúde repentino (acidentes vasculares cerebrais, quedas e outras situações cujo progresso conduziu a uma clara perda de autonomia), do agravamento da situação de saúde ou de uma deficiência (cegueira progressiva, senilidade, estados de desorientação psíquica, por exemplo) que, manifestando-se numa maior dependência, levam ao aumento do tipo e da frequência dos apoios concedidos pela família. Os casos dos pais/mães dos nossos entrevistados inserem-se todos nestas situações, sentindo os filhos uma forte pressão social (sobretudo, as mulheres), tendo em conta a gratificação que experimentam pela imagem positiva que a comunidade tem a seu respeito (Quaresma, 1996).

No entanto, Quaresma e Bernardo (1996) também explicitam as dificuldades com que se debatem os cuidadores familiares: dificuldades de ordem pessoal – demonstração de stresse físico e psicológico, medos e receios de não saber resolver a situação, conflitos de expectativas de realização pessoal, escassez de informação e de formação adequadas à prestação dos cuidados. Alguns dos filhos com quem falámos referiram essas dificuldades, ao confessarem cansaço físico e psicológico, indisponibilidade devido ao trabalho, ansiedade, problemas de saúde dos próprios cuidadores e incapacidade para prestar cuidados de saúde especializados. Outras dificuldades, de ordem familiar, incluem aparecimento de conflitos familiares graves (nomeadamente, com irmãos) e dificuldade em criar uma rede familiar de apoio. Segundo Perlini et al. (2007), as dificuldades de relacionamento com os restantes elementos da família também contribuem para que o idoso seja integrado num Lar para

Idosos. E também esses problemas se depararam aos nossos entrevistados: indisponibilidade de irmãos para ajudar a cuidar os pais, distância física desses possíveis cuidadores, conflitos e desresponsabilização de alguns membros da família.

Perante todas estas dificuldades, e de acordo com Figueiredo e Sousa (2008), a prestação de cuidados a um familiar idoso dependente pode ser esgotante, por isso, na literatura gerontológica utiliza-se o termo “sobrecarga” para estimar os efeitos negativos, na saúde e bem-estar do cuidador, da tarefa de cuidar, sendo usual distinguir-se duas dimensões da sobrecarga, a objetiva e a subjetiva, referindo-se a primeira às consequências do cuidar, nas várias dimensões da vida do cuidador (familiar, social, económica, profissional), enquanto a segunda se prende com as atitudes e respostas emocionais do cuidador às exigências do cuidar. As consequências, para o cuidador, evidenciam-se ao nível de mal-estar psicológico (ansiedade, depressão) e de morbilidade física (sistema imunitário debilitado, perceção negativa do estado de saúde, ocorrência elevada de doenças crónicas, cansaço físico). De acordo com Caldas (2003), a sobrecarga física, emocional e socioeconómica de cuidar de uma pessoa idosa é enorme e, por isso, a família deve ser capaz de lutar contra os sentimentos de culpa, frustração, raiva, depressão e outros sentimentos intrinsecamente ligados a esse encargo. Alguns dos filhos/filhas que entrevistámos foram, antes da institucionalização dos pais, os seus principais cuidadores, e integram-se, perfeitamente, nesta descrição. Cansaço, labilidade emocional, stress, dores físicas, hipertensão, foram-nos relatadas por filhos cuidadores, que tinham institucionalizados o seu pai/mãe, recentemente.

A procura da instituição pauta-se por razões de proximidade geográfica, condições de conforto, atenção dos cuidadores e, sobretudo, um local onde as suas necessidades básicas sejam totalmente atendidas, de uma forma mais capaz do que aquela que a família pode conceder (Perlini et al. (2007). Neste sentido, os familiares, por vezes acompanhados pelos próprios idosos, fazem visitas a diferentes instituições, com o intuito de descobrir aquela que poderá atender melhor às expectativas de ambos, tal como fizeram os sujeitos do nosso estudo. Para Perlini et al (2007) a situação económica e os custos cobrados pela instituição são também pontos importantes na decisão, seja porque inviabilizam algumas opções, seja (dizemos nós) por escolha pelo mais caro, por representar, para os decisores, a melhor qualidade e menor sentimento de culpabilidade.

Para os filhos, o problema financeiro pode ser perturbador e angustiante, quando constatam que a pensão do pai/mãe idoso/a, tem que ser completada com contribuições complementares, e que o seu próprio orçamento será sobrecarregado. Nessa situação, como cuidar da mãe idosa, enquanto ela, no seu tempo, cuidava do filho, sem sentir o peso da dívida de gratidão? (Durieux, M. 2006), é um problema que alguns dos nossos entrevistados afloram (“*ela cuidou de nós, temos obrigação de cuidar dela*” F4; “*Eu sei que ela cuidou de mim quando eu era pequena, mas os tempos eram outros*” – F5). No entanto, estes filhos não podem ser hostis a uma mãe ou um pai “que custa dinheiro” porque fragilizado, já que esse sentimento não é permitido pelo superego, tendo que ser reprimido. Defende Durieux que a culpabilidade, de que as lágrimas são a expressão depressiva, mostra a dificuldade em conter a agressividade e as pulsões destrutivas. O custo da institucionalização terá tido, ao longo do tempo, um valor simbólico de descarga da culpabilidade inerente à relação entre gerações (p. 176). O dinheiro pago à instituição poderá também ter a função de ajudar o filho a libertar-se de emoções negativas muito intensas, invasoras mas indizíveis, suscitadas por uma imagem da mãe ou do pai, danificada, logo, inaceitável. E esta representação parece-nos estar presente no caso F8, que idealiza tanto a mãe e a instituição, quanto sublinha todos os gastos que tem (e que sempre teve) que suportar sozinho.

“*S’il y a souffrance de voir cette mère aimée s’écarter de ce qu’elle a été au point de devoir être protégée à son tour comme un enfant, il y a aussi une culpabilité bien humaine dans notre contexte socioculturel*”, diz Durieux (2006), que caracteriza essa culpabilidade como proveniente do laço indissolúvel entre amor e ódio, que caracteriza todas as relações. Lembremo-nos das palavras de F9 “*vê-la naquele estado, e saber que a tinha que ir meter numa instituição para tomarem conta dela, despoletou todos os meus sentimentos; Quando eu dei por mim a ver de um sítio para ela ficar porque não podia estar sozinha, e quando dou por mim a visitar este tipo de instituições, ao final do dia cá em mim e comecei a chorar, porque, realmente, acho que isto é o mais triste que pode haver.*” e deparamo-nos com a impotência sentida pelos filhos, perante os pais dependentes, filhos que não estão preparados para ser pais dos seus pais, para passar de cuidados a cuidadores (“*nunca nos passou pela cabeça que ele chegasse a esta situação*” – F4) ou (“*Sinto-me impotente, porque gostava de a ver feliz e contente da vida*” – F10). De acordo com Eizirik et al. (1993), quando os filhos começam a cuidar dos pais doentes, não contam mais com a figura sólida que estes

representavam, e essa fragilidade dos mais velhos torna frágeis, emocionalmente, os seus descendentes (“*andava enervado. Ainda ando, ainda não consegui ver-me livre da situação*” – F2).

Os filhos decisores, para além de racionalizarem a situação, procurando apresentar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, para a atitude (Laplanche e Pontalis, 1990) face à institucionalização, idealizam a instituição escolhida e o estado do seu pai/mãe. Esta idealização está patente em quase todas as entrevistas, e serve para ver o acontecimento como exageradamente bom, com o objetivo de evitar ansiedades relacionadas com a tomada de consciência de sentimentos negativos (Kernberg, 1976), que acompanham a culpabilidade. O Lar “*foi a melhor decisão*”; *a minha mãe está muito melhor*”; “*tem muito boas condições*”; “*lá, tratam muito bem as pessoas*”; “*já devia ter ido há mais tempo*”; “*ela está sempre contente, bem-disposta, não parece a mesma*”; *quando sai, está sempre com pressa de voltar para lá*”, como se a institucionalização potenciase o rejuvenescimento. E, se isso acontecesse, os filhos sentir-se-iam recompensados, desaparecendo a culpa de ter transgredido a norma em relação ao outro (Garcia Haro, 2014). De acordo com Mancini (2000), para que alguém se sinta responsável e culpado é necessário assumir algum controle, atual ou potencial, sobre as próprias ações, o que acontece com os nossos entrevistados, que tinham a possibilidade de ter decidido de outra forma, cujas consequências para o “outro” teriam sido diferentes. E mais culpabilidade se sente quanto mais o sujeito se depara com o olhar real do outro, porque, sem esse olhar, a ação tem pouca capacidade de suscitar culpa (Castilla del Pino, 1998). Por isso, é tão difícil, para alguns dos sujeitos do presente estudo, continuarem a encarar o olhar acusador do pai ou da mãe, quando lhes diz que não gosta de estar no Lar, que gostaria de ou quer voltar para casa. Pela mesma razão, se compreende o alívio da culpabilidade naqueles que ouvem os pais dizerem que “estão lá muito bem, que gostam muito de lá estar”.

A culpabilidade nunca é admitida pelos sujeitos entrevistados, dado que, ou se desresponsabilizam, colocando a responsabilidade noutros familiares (aí incluindo o próprio institucionalizado), ou racionalizam os motivos que conduziram à tomada de decisão. Esta negação, tal como a definem Gabbard, 2004, Caligor, et. al. (2008), evita (nega) a tomada de consciência de aspetos da realidade que são difíceis de ser encarados, neste caso, o peso da culpabilidade, por terem praticado uma ação que,

intimamente, consideram reprovável, ou que é considerada, dessa forma, pelos outros externos. E a negação, como mecanismo defensivo, protege o indivíduo da dor de sentir. Na maior parte das entrevistas, os sujeitos não admitem, conscientemente, que a institucionalização é negativa, ignoram a vontade dos pais idosos e minimizam as suas queixas, enquanto idealizam as instituições e os cuidados aí prestados. Fazem-no, inconscientemente, para não terem de se confrontar com o lado “mau”, com a falha para com o objeto. E, ao fazê-lo, projetam também, no mundo exterior (nos irmãos, nas condições da casa dos pais ou da sua, na personalidade “difícil” dos pais) impulsos e características próprias, que lhes são inaceitáveis (Gabbard, 2004), reprimindo e fazendo com que a mente consciente não as reconheça. Por ser inadmissível e angustiante sentir culpabilidade, ela é negada (Bergeret, 2006) e reprimida.

Em sujeitos que admitem que, se tivessem recursos, fariam diferente, reconhecendo o desprazer do pai/mãe institucionalizados, que não idealizam tanto a solução adotada, e que admitem não se sentir “tranquilos”, mas tão só “conformados”, as defesas são mais adaptativas, permitindo o contacto com o desprazer (seu e do outro). Como defendeu Klein (1937), a ansiedade depressiva e a culpa surgem com a introjeção do objeto como um todo, e são fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo.

Posteriormente à institucionalização, uma forma de facilitar a conservação e o desenvolvimento dos laços afetivos estabelecidos no decorrer da vida, entre o idoso e a sua família mais restrita, é a regularidade das visitas, e a evidência de que as mesmas são realizadas com afeto, interesse, preocupação e responsabilização. Para Perlini et al. (2007), um dos benefícios da institucionalização, para toda a família, é o de haver maior interação e entendimento entre o idoso e a família, uma vez que as questões que poderiam promover o conflito, derivadas da convivência contínua, se dissipam ou podem ser resolvidas de uma outra forma. E temos, no nosso estudo, F3 que admite “*ao longo destes dois anos, temos uma relação mais calma, mais tranquila, porque nós chocávamos imenso as duas*” ou F9 “*a minha mãe está muito mais carinhosa, ela tornou-se uma pessoa muito mais chegada*”. Esta relação, mais amenizada, mais afetiva, sentida por duas filhas entrevistadas, deve-se, segundo elas, à ausência de motivos de conflito, e contribui para que as visitas se repitam mais frequentemente. Ou a tentativa de reparar a anterior relação a isso conduz.

“*A culpa é má, péssima - um veneno psíquico. Porém, a inferioridade não é melhor: é corrosiva; mais silenciosa, mas letal*” (Matos, 2012). Alguns dos filhos

entrevistados carregam o peso da inferioridade, que lhes foi inculcado pelos objetos primários. O filho F4, com sete irmãos, recorda “*Antigamente havia aquela tradição, a mãe ter um bebê, o outro mais novinho precisava de estar uns dias afastado, desmamar, não sei quê, e foi assim que eu fui para casa dos meus padrinhos, fui e lá fiquei*”, mas F5 (com um irmão cinco anos mais velho, diz “*a minha mãe disse-me muitas vezes, que não gosta tanto de mim como gosta do meu irmão*”, enquanto F 10 constata ter-se sentido esquecida pela mãe (“*ela despegou-se ali um bocado de mim, porque ela, o sentido dela era só nele. Ela centralizou ali uns anos da vida dela só nas lembranças do filho*”) para concluir que “*ainda hoje sinto a falta e penso muitas vezes se eu tivesse aquele irmão, também tudo seria diferente*”.

Recordemos Fairbain (1980) e a sua Teoria das Relações de Objeto, quando o autor defende que, para evitar a dependência de objetos maus, pouco responsivos, a criança encontra modos defensivos de se relacionar com esses objetos, identificando-se com a maldade presente neles, e, considerando-se, a si própria, má. O autor sugere que essa é uma estratégia para sobreviver num mundo incondicionalmente mau, visto que seria melhor considerar que a maldade, presente nas relações de objeto, é condicional à sua pessoa, e não uma consequência inevitável do objeto, do qual depende. É melhor ser má num mundo de bons objetos do que ser boa num mundo de maus objetos, assim como é melhor ter um mau objeto do que não ter nenhum. Ora, estes filhos/as que recordam não ter tido uma *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1985), têm ainda mais necessidade de preservar essa relação com o objeto, mas ela vai ser contaminada pela culpa, como forma de defesa contra as relações do ego com esses objetos (Fairbain, 1980). E a institucionalização pode ser vivida como um ataque ao objeto, ao seio mau, (Kein, 1998), ataque gerador de culpabilidade.

Conclusão

“quando eles estão no fim da vida, tudo aquilo que eles passaram, tudo, lá está, ... é um mal necessário! Se a gente pudesse, faria as coisas diferentes, faria tudo com que eles estivessem bem!”

F10

Os sentimentos de culpa são provenientes das normas culturais, familiares ou morais e são transmitidos pelas gerações mais velhas às mais novas. Todos, em algum momento de nossas vidas, já nos sentimos culpados por alguma coisa que dissemos, fizemos, ou ainda, por algo que deixamos de fazer ou mesmo de dizer. Estes sentimentos podem ser saudáveis, quando servem para reparar o prejuízo causado a alguém, ou ser doentios, quando se traduzem numa angústia persecutória, desencadeada por exigências irracionais, de ordem intrapsíquica, cultural, ética e religiosa.

Na psicanálise, o sentimento de culpa aparece, frequentemente, relacionado com a moral e a ética, bem como com o superego e o desenvolvimento e sobrevivência da civilização. A culpa é tida como um sentimento universal, que sustenta a vida em comunidade, mas que também se relaciona, no sujeito, com o aparecimento de perturbações. Porém, é na relação que a culpabilidade se concretiza, sendo necessário um objeto, que é alvo da ação do sujeito. No nosso estudo, alguns desses objetos, pais ou mães dos sujeitos, verbalizavam mesmo o mal-estar provocado pela ação do/a filho/a, tornando mais penosa a culpabilidade destes. Por outro lado, pudemos observar como as relações afetivas e os conflitos familiares, anteriores à institucionalização, podem contribuir para o aumento da culpabilidade sentida.

A culpa costuma acompanhar os filhos cuidadores, prejudicando ainda mais a sua qualidade de vida, e a qualidade da relação com o pai/mãe cuidado/a. É frequente o relato dos filhos refletir culpa por terem levado o idoso para uma instituição, ainda que ela tenha as melhores condições de cuidados e assistência. E é também frequente a negação dessa culpabilidade, através de alguns mecanismos de defesa, como a negação, a idealização institucional, a desidealização da casa do idoso, a racionalização dos fatores desencadeantes, e as inúmeras contradições que tentam equilibrar a tensão entre o que se fez e o que “não se deveria ter feito”.

O familiar filho/ pode sofrer muito mais em consequência dos seus sentimentos de culpa do que em relação ao que realmente está acontecendo com o idoso, já que, frequentemente, o encontra “bem”, “melhor”, “ótimo”. Verificámos, em alguns casos, que a própria entrevista teve uma função contentora, serviu para aliviar os sentimentos negativos que acompanham os filhos cuidadores, o que só prova a necessidade de haver apoio técnico especializado para ajudar estas pessoas, minimizando a sua angústia e ansiedade. A culpa escondida é corrosiva, destrói por dentro, mesmo que ela seja, conscientemente, negada.

Limitações e implicações práticas

A principal limitação deste estudo está na dificuldade de transformar as respostas dos entrevistados em unidades de significado psicológico, sem perder o real significado das experiências relatadas. Por outro lado, o tamanho da amostra não permite a generalização dos resultados, nem isso era pretendido. Privilegia-se a experiência subjetiva, como fonte a que acedemos, para melhor compreender o indivíduo. Uma outra dificuldade relaciona-se com o facto de a maior parte dos estudos realizados, que encontramos, terem sido na área da medicina e da psicologia social.

No entanto, pensamos que, apesar destas limitações, as experiências vividas, relatadas e analisadas, dos filhos adultos com pais institucionalizados, constituem um contributo importante para a compreensão do fenómeno da culpabilidade em filhos que institucionalizaram os seus pais. E podemos afirmar que os filhos cuidadores carecem de apoio, antes e durante a institucionalização e, mesmo, após a morte do idoso. Precisam de poder exprimir emoções e sentimentos de culpa, e poder viver bem com a decisão tomada. Precisam de compreender e validar o que sentem, para se aceitarem e poderem aceitar, verdadeiramente, a realidade interna e externa, que conduziu àquela situação.

As instituições que acolhem idosos teriam vantagem em disponibilizar esse apoio às famílias. A bem dos idosos, dos filhos e do funcionamento das próprias instituições. Porque um relacionamento com menos culpabilidade, beneficiaria os idosos, os seus filhos, as relações interpessoais, e da família com as instituições. Se a ida para um Lar deixasse de ser “um mal necessário”.

Para o futuro, fica o gosto por esta área da investigação. Seria importante, pensamos, investigar se as representações menos boas das relações do passado, entre pais e filhos, conduzirão a mais culpabilidade no momento da institucionalização do idoso. Outra área de interesse, para a compreensão deste fenómeno, prende-se com a necessidade de analisar como a representação social dos Lares Residenciais influencia e potencia a culpabilidade de quem decide a institucionalização.

Referências

- Abramson, P.R., Mosher, D.L., Abramson, L.M., & Woychowski, B. (1977). Personality correlates of the Mosher Guilt Scales. *Journal of Personality Assessment*, 41(4), 375-382.
- Aleixo, T., Escoval, A., & Fonseca, C. (2012). Indicadores de Qualidade em Lares para Idosos. *Revista Investigação em Enfermagem*, 21, 17-30.
- Amatuzzi, M. M. (2007). Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In M. A. T. Bruns & A. F. Holanda. *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectiva* (2ª ed., pp. 17-25). Campinas, São Paulo: Alínea
- American Psychological Association. (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association*. Washington (DC): APA.
- Andrews, G., Singh, M., Bond, M. (1993). The Defense Style Questionnaire. *J Nerv. Ment Dis*: 181(4): 246-56.
- Aron, L. (1996). *A meeting of minds: mutuality in Psychoanalysis*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Artaso Irigoyen, B., Goñi Sarriés, A., Gómez Martínez, A.R. (2001). Sobrecarga del cuidador informal del paciente con demencia: demanda en un Centro de Día Psico geriátrico en Navarra. *Geriatrics*. 2001;17 (2):69-73,39-4
- Assis, M. (2002). *Promoção da saúde e envelhecimento: orientações para o desenvolvimento de ações educativas com idosos*. Rio de Janeiro: Centro de Referência e Documentação sobre Envelhecimento, UnATI, UERJ
- Baltes, P. B. & Smith, J. (1997). A systemic-holistic view of psychological functioning in very old age: Introduction to a collection of articles from the Berlin Aging Study. *Psychology and Aging*, 12(3), 395-409. doi: 10.1037/0882-7974.12.3.395
- Barusch, A.S., & Spaid, W.M. (1989). Gender differences in caregiving: Why do wives report greater burden? *The Gerontologist*, 29(5), 667-676.

- Bergeret (1987). *Psicologia Patológica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bergeret, J. (2006). *Psicopatologia – Teoria e clínica*. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Berkhof, L. (1990). *Teologia Sistemática*. Campinas: Luz Para o Caminho.
- Bíblia Sagrada. *Texto Bíblico do Antigo e Novo Testamento*. Lisboa: Mel Editores
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brandwein, C., & Postoff, R. (1980). A model of intervention for working with adult children of aged parents. *Long Term Care and Health Services*, 4, 173-182.
- Brody, E.M., Dempsey, N.P., & Pruchno, R.A. (1990). Mental health of sons and daughters of the institutionalized aged. *The Gerontologist*, 30(2),212-219.
- Caldas, C. (2003). Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família. *Cadernos de Saúde Pública*, vol.19, nº3, pp.773-781.
- Caligor, E., Kernberg, O., Clarkin, J. & Rosa, S. (2008). *Psicoterapia Dinâmica das Patologias Leves de Personalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Cambi, F. (1999). *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP.
- Canevacci, M. (1984). *Dialética da família*. São Paulo: Brasiliense
- Carvalho, M. I. L. B. (2009). Os cuidados familiares prestados às pessoas idosas em situação de dependência: características do apoio informal familiar em Portugal. *Revista Kairós*, 12 (1), 77-96.
- Castilla del Pino, C. (1991). *La culpa*. Madrid: Alianza.
- Celich, K. L. S., & Batistella, M. (2007). Ser cuidador familiar do portador de doença de Alzheimer: vivências e sentimentos desvelados. *Cogitare Enferm*, 12(2), 143-149.
- Comas Herrera, A.; Wittwnberg, R. e Pickard, L. (2005). Making projections of public expenditure on long-term care for the European member states: Methodological proposal for discussion. In European Commission - Brussels: AWG-OECD Workshop, 21-22

- Cooper, S. (1998). Changing notions of defense within psychoanalytic theory. *Journal of Personality*, 66, 947–964.
- Cramer, P. (2006). *Protecting the self: defense mechanisms in action*. New York: Guilford Press.
- Cummings, J.L., Mega M, Gray K., Rosenberg-Thompson S., Carusi DA, Gornbein. (1994). The Neuropsychiatric Inventory: Comprehensive assessment of psychopathology in dementia. *Neurology* 44: 2308-2314
- Daniel, F. (2009). Profissionalização e Qualificação da Resposta Social ‘Lar de Idosos’ em Portugal. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*, 17. Acesso em Fevereiro 6, 2017 de <http://interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/316/328>
- Davis L.L., Buckwalter K. (2001). Family caregiving after nursing home admission. *J Ment Health Aging*.
- Diário da República (1998). Despacho Normativo n.º 12/98 de 25 de Fevereiro — I SÉRIE-B N.º 47.
- Diário da República (2011). Regulamento n.º 258/2011. D.R. n.º 78, Série II
- Delumeau, J. (2003). *O Pecado e o Medo. A História da Culpabilização no Ocidente*. Vol.1. Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru/SP. Edusc.
- Dias, E. O. (2000). Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza humana*. 2(1), 9-48. Consultado em 29 de janeiro de 2017, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>
- Despacho Normativo n.º 12/98. Diário da República n.º 47/1998, Série I-B de 1998-02-25
- Durieux, M. (2006). Argent et vieillissement en institution de retraite. Une approche psychologique. *Gérontologie et société*, n.º 117, p. 173-182. DOI 10.3917/g.s.117.0173
- Eizirik, C., Kapczinski, F., & Bassols, A. M. (1993). *O Ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed.

- Fairbairn, W. R. D. (1980). *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (E. Nick, Trad.). Rio de Janeiro: Interamericana. (Original publicado em 1952).
- Farber, S. S. (2012). Envelhecimento e elaboração das perdas. In *ATerceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento*, vol. 23, nº 53, março. S. Paulo: SESC
- Feuerbach, L. (2002). *A Essência do Cristianismo*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fernandes, A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia – Problema e Práticas*, nº 36, pp.39-52.
- Figueiredo, D. e Sousa, L. (2008). Percepção do estado de saúde e sobrecarga em cuidadores familiares de idosos dependentes com e sem demência. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, vol.26, nº1, pp.15-24.
- Fonagy, P. & Target, M. (2003). *Psychoanalytic theories: perspectives from developmental psychopathology*. London: Whurr.
- Fraiman, A. P. A (1991). Crise da Meia Idade. In *Coisas da Idade*, 2ª ed. São Paulo (SP): Hermes Ed. E Informação S.A.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido*. Petrópolis. Vozes.
- Freud, S. (1894). *The neuro-psychoses of defence*. SE, 3, 41-61.
- Freud, S. (1969). Totem e Tabu – alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud* (J. Salomão trad., Vol. 13, pp. 171-192). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1974). Sobre o narcisismo: Uma introdução, In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 14).
- Freud, S. (1969). O ego e o id. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 13-80). Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1969). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 154-209). Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1927).

- Freud, S. (1969). O inconsciente. In S. Freud, In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 163-210). Rio de Janeiro Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1969). O mal estar na cultura. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 651-48). Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Friedman, M. (1985). Toward a reconceptualization of guilt. *Contemporary*
- Freud, A. (1993). *The ego and the mechanisms of defence* (Rev. ed.). London: Karnac Books.
- Gabbard, G. (2004). *Long-term psychodynamic psychotherapy: a basic text*. Washington, DC: American Psychiatric Pub.
- Garcia, C. (1987). *La vida y su sentido en la tercera edad*. Buenos Aires: Paidós.
- Garcia Haro, J. (2014). Culpa, Reparación e Perdón: implicaciones clínicas y terapêuticas. *Revista de Psicoterapia*, 25 (97), 179-210.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e de grupos. In M.W. Bauer & G. Gaskell (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático* (pp.64-89). Petrópolis: Vozes.
- Gaugler, J.E., Zarit, S.H., Pearlin, L.I. (2003). Family involvement following institutionalization: modeling nursing home visits over time. *Aging Hum Dev*; 57(2):91-117.
- Gaugler, J.E., Pot, A.M., Zarit SH. (2007). Long-term adaptation to institutionalization in dementia caregivers. *Gerontologist Dec*; 47(6):730-40.
- Gaugler J.E., Yu F., Krichbaum, K, Wyman J.F. (2009). Predictors of nursing home admission for persons with dementia. *Med Care Feb*; 47 (2):191-8.
- Gaugler J.E., Mittelman M.S., Hepburn K, Newcomer R. (2010). Clinically significant changes in burden and depression among dementia caregivers following nursing home admission. *BMC Med Dec* 17;8:85.

- Gellis, A., & Hamud, M. (2011). *Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente*. *Psicologia USP*, 22(3), 635-654. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642011005000020>
- Giorgi, A. (2006). Concerning variations in the application of the phenomenological method. *The Humanistic Psychologist*, 34(4): 305–319. doi: 10.1207/s15473333thp3404_2
- Giorgi A, Giorgi B. (2008). Phenomenological psychology. In: Willig C, Stainton-Rogers W, editors. *The Sage handbook of qualitative research in psychology*. London: Sage. doi: <http://dx.doi.org/10.4135/9781848607927.n10>.
- Giorgi, A. & Souza, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Portugal: Sociedade Unipessoal.
- Goldberg, J. (1985). *La culpabilité, axiome de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Gondim, S.M. (2002). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos. *Paidéia, Cadernos de Psicologia e Educação*, 12(24), 149-161.
- Grau, L., Teresi, J., & Chandler, B. (1993). Demoralization among sons, daughters, spouses and other relatives of nursing home residents. *Research on Aging*, 15(3),324-345.
- Grinberg, L. (1964). Two kinds of guilt: Their relations with normal and pathological aspects of mourning. *International Journal of Psycho-Analysis*, 45, 366-371.
- Grinberg, L. 2000. *Culpa e Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Groenewald, T. (2004). A phenomenological research design illustrated. *International Journal of Qualitative Methods* 3 (1) April, 2004.
- Hatch, R., & Franken, M.L. (1984). Concerns of children with parents in nursing homes. *Journal of Gerontologie Social Work*, 7, 19-30.
- Ihilevich, D & Gleser, G. (1986). *Defense Mechanisms – Their classification, correlates and measurement with the Defense Mechanisms Inventory*. Owosso Michigan: DMI Associates

- Instituto Nacional de Estatística (2002). *O Envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socioeconómica recente das pessoas idosas*. Lisboa: INE
- Instituto Nacional de Estatística (2006). *Estimativas de População Residente 2006*. Lisboa: INE
- Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011. Resultados Definitivos - Portugal*. Lisboa: INE.
- Instituto da Segurança Social (2017). *Segurança Social em Números*. Lisboa: ISS
- Kernberg, O. F. (1976). *Object-relations theory and clinical psychoanalysis*. New York: J. Aronson.
- Kertzer, M. *O que é Torá*. Disponível em:
www.colecao.judaismo.tryte.com.br/livro1/11cap23.php. Consultado em 23 janeiro 2017.
- Kipper, L. Blaya, C., Teruchkin, B., Heldt, E., Isolan, L., Mezzomo, K., Bond, M, Manfro, G.G. (2004). Brazilian Patients with panic disorder: the use of defense mechanisms and their association with severity. *J. Nerv Ment Dis*, 192:58-64.
- Klein, M. 1998. *Love, Guilt and Reparation*. London: Vintage Publishing.(Textos originais publicados entre 1935 e 1948).
- Krassoievitch, M. (1988). *Psicoterapia Geriátrica*. México: Fundo de Cultura Económica.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1968). *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: Presses Univ. de France.
- Laplanche, J.; Pontalis, J-B. (1990). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Editorial Presença.
- Lemma, A. (2003). *Introduction to the practice of psychoanalytic psychotherapy*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Liberman (2001). The Effects of Nursing Home Placement on Family Caregivers of Patients with Alzheimer's Disease. *The Gerontologist*, Vol. 41, No. 6, 819–826.

- Lincoln, Y.S.; Guba, E.G. (1985). *Naturalistic Inquiry*. Londres: Sabe.
- Loparic, Z. (1997). Winnicott e Mélanie Klein: conflito de paradigmas. In *A clínica e a pesquisa no final do século - Winnicott e a Universidade*, S. Paulo: Lemos
- Lukas, E. (1991). *A Descoberta do Ser: Estudos sobre a Psicologia Existencial*. Rio de Janeiro. Rocco.
- Mancini, F. (2000). Un modelo cognitivo del transtorno obsessivo-compulsivo. *Revista de Psicoterapia*, 42/43, 5-30.
- Martínez, J. L. (2005). *Entrenamiento en el Manejo del Estrés en Cuidadores de Familiares Mayores Dependientes: Desarrollo Y Evaluación de la Eficacia De Un Programa*. Universidad Complutense de Madrid: Madrid.
- Martins, R. (2005). A relevância do apoio social na velhice. *Educação Ciência e Tecnologia*, pp.128-134.
- Matos, A. C. (2001). *A depressão*. Lisboa: Climepsi.
- Matos, A. (2002) *O Desespero: quem da depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Matthiesen, V. (1989). Guilt and Grief: When daughters place mothers in nursing homes. *Journal of Gerontological Nursing*, 15(7), 11-15.
- Mazza, M. M. P. R.; Lefrève, F. (2005). Cuidar em família: análise da representação social da relação do cuidador familiar com o idoso. *Revista Brasileira de Crescimento e desenvolvimento humano*, v. 15, n. 1, p. 1-10.
- Mazzochini, L. A. (2009). Culpa e pecado na sociedade atual. *Anais do X Salão de Iniciação Científica*. Porto Alegre: PUCRS.
- McWilliams, N. (2005). *Diagnóstico Psicanalítico*. Lisboa: Climepsi.
- Mitchell, S. & Greenberg, G. J. (1983). *Relational Concepts in Psychoanalysis*. Cambridge, MA.: Harvard University Press.
- Mitchell, S. (1988). *Relational concepts in psychoanalysis: an integration*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- Moura, C. (2012). *Processos e estratégias do envelhecimento: Intervenção para um envelhecimento ativo*. Lisboa: Euedito.

- Mullan, J.T. (1992). The bereaved caregiver: A prospective study of changes in well-being. *The Gerontologist*, 32(5), 673-683.
- Nazaré, O; Moraes, P. (2009). Grupos de Idosos: Atuação da Psicogerontologia no Enfoque Preventivo. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2009, 29 (4), 846-855.
- Neto, M. P. (2006). *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu.
- Neto, M. J., & Corte-Real, J. (2013). *A pessoa idosa institucionalizada: depressão e suporte social*. 26ª Reunião do GEECD.
- Nietzsch, F. (2009). *Genealogia da Moral: uma polémica*. S. Paulo: Companhia das Letras.
- Norem, J. K. (1998) Why should we lower our defenses about defense mechanisms? *Journal of Personality*, 66(6), 895-917
- Oliveira, S., Freire, S. & Giaretta, V. (1999). Análise da depressão em idosas institucionalizadas. *XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica*. São Paulo: Universidade do Vale do Paraíba.
- Pérez-Sales, P. (2006). *Trauma, culpa y duelo*. Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Perlado, F. (1995). *Teoria y práctica de la geriatría*. Madrid: Diaz de Santos.
- Perlini, G.; Leite, T. e Furini, C. (2007). Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. *Revista Escola de Enfermagem*. USP [online], vol.41, nº2, pp.229-236.
- Perry, J. & Bond, M. (2005). Defensive function. In Oldham, J., Andrew, S. & Donna, B. (Eds.) *The American Psychiatric Publishing textbook of personality disorders* (pp. 523-540). Washington, DC: American Psychiatric Pub.
- Person, E., Cooper, A. & Gabbard, G. (2005). *The American Psychiatric Publishing textbook of psychoanalysis*. Washington, DC: American Psychiatric Pub.
- Pimentel, L. (2001). *O Lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajetórias*. Coimbra: Quarteto.

- Pinto, H.G.C. (2009). *Satisfação de idosos institucionalizados em lar lucrativo e idosos a usufruirm da prestação informal de apoio domiciliário: uma abordagem comparativa*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Porto.
- Plutchik, R. (1995). A theory of ego defenses. In H.R. Conte & R. Plutchik (Eds.), *Ego defenses. Theory and measurement* (p. 13-37). New York: John Wiley and Sons Inc.
- Pracana, C. (2007). *Félix Culpa: Ensaio psicanalítico sobre a culpa*. Tese de Doutoramento, não publicada. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Pruchno, R.A., Peters, N.D., Kleban, M.H., & Burant, C.J. (1994). Attachment among adult children and their institutionalized parents. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 49, S209-S218.
- Quaresma, M., (1996). *Cuidados familiares às pessoas muito idosas*. Lisboa: Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação da Direção-Geral da Ação Social.
- Quaresma, M. e Bernardo, M. (1996). Cuidados a Idosos, Formação para apoio às famílias, in Bonfin, C.; Teles, A. e Saraiva, M. *População idosa, análise e perspetivas: a problemática dos cuidados intrafamiliares*. Lisboa: Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação da Direção-Geral da Ação Social.
- Ribeiro, A.M. (2012, março, 4). Entrevista a Coimbra de Matos. *Público*.
- Rodrigues, M., (2000). *Já não tenho família*. *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Rosa, M. (2012). *O envelhecimento da sociedade portuguesa*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Santos, B. S. S. (1992) “O Estado e a Sociedade na Semiperiferia do Sistema Mundial: o caso português” in *O Estado e a Sociedade em Portugal (1974-1988)*, 2.^a ed. Porto: Edições Afrontamento.
- Scliar, N. J. (2007). *Enigmas da Culpa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Coleção Filosófica.
- Segal, H. (2011). *Introduction à l'Oeuvre de Melanie Klein* (11ed). Paris: PUF.
- Slepoj, V. (2000). *As relações de família*. Lisboa: Editorial Presença.

- Spitznagel MB, Tremont G, Davis JD, Foster SM. (2006). Psychosocial predictors of dementia caregiver desire to institutionalize: caregiver, care recipient, and family relationship factors. *J Geriatr Psychiatry Neurol*, Mar;19(1):16-20.
- Stein, E. (1968). *Guilt: Theory and therapy*. E.V. Stein (Éd.) Philadelphia, PA: The Westminster Press.
- Stone, R., Cafferata, G.L., & Sangl, J. (1987). Caregivers of the frail elderly: A national profile. *The Gerontologist*, 27(5),616-626.
- Stuart-Hamilton (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Porto Alegre: Artmed.
- Tauber, Y. 2011. *A culpa judaica*. Disponível em www.chabad.org.br/biblioteca/index.html . Consultado em 23 janeiro 2017
- Telles, P. C. P. P.; Petrilli, J. F. (2002). Causas da inserção de idosos numa instituição asilar. Escola Anna Nery. *Revista de Enfermagem*, v. 6, n. 1, p. 135-143.
- Thiessen, H. C. 1987. *Palestras em Teologia Sistemática*. São Paulo: Imprensa Batista Regular.
- Tornatore J, & Grant, L. A. (2002). Burden Among Family Caregivers of Persons With Alzheimer's Disease in Nursing Homes. *The Gerontologist* Vol 42. Nº 4, 497-506.
- Townsend, A.L. (1990). Nursing home care and family caregivers' stress. In M.A.P. Stephens, J. H. Crowther, S. E. Hobfoll, & D. L. Tennenbaum (Eds.), *Stress and coping in later-life families*. Washington (DC): Hemisphere
- Vaillant, G. (1994). Ego mechanisms of defense and personality psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, 103, 44-50.
- Winnicott, D. 1963. The Development of Capacity for Concern. *Collected Papers. Maturation Processes*. London: Karnak Books.
- Winnicott, D. W. 1983. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre. Artmed. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. (1990). Psycho-Analysis and the Sense of Guilt. *Collected Papers. Maturation Processes*. London. Karnak Books (texto publicado em 1958)

World Health Organization (2015). *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*.

Zarit, S.H., & Whitlatch, C.I. (1992). Institutional placement: Phases of the transition.
The Gerontologist, 32(5),665-672

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Informado



Curso de Mestrado em Psicologia

Especialidade de Psicologia Clínica

Termo de Consentimento Informado

Tomei conhecimento de que a estudante do Mestrado em Psicologia, da Universidade de Évora, Maria Filipa Martins de Almeida, está a desenvolver a sua dissertação sobre *uma leitura analítica da culpabilidade em filhos de idosos institucionalizados*, sob orientação da Professora Doutora Isabel Mesquita, docente na instituição.

Neste âmbito, foram-me explicados os objetivos do trabalho e foi solicitada a minha colaboração, participando numa entrevista.

Fui informado(a) de que a minha identificação nunca será divulgada e que os dados serão usados unicamente para fins académicos. A minha colaboração tem carácter voluntário, podendo desistir em qualquer momento.

Compreendo que não irá existir qualquer tipo de remuneração ou custos pela minha participação neste estudo. É-me garantido que, sempre que necessitar, ser-me-á proporcionado qualquer esclarecimento.

Fui esclarecido(a) sobre todos os aspetos que considero importantes e as perguntas que coloquei foram respondidas. Fui informado(a) que tenho direito a recusar participar e que a minha recusa não terá consequências para mim.

Aceito, pois, colaborar neste estudo e assino onde indicado.

---/---/ 201

Anexo 2 – Guião da Entrevista

1. Como foi tomada e por quem, a decisão de institucionalizar o seu pai/mãe? E porquê naquela instituição?
2. Como se sentiu e como se sente agora em relação à institucionalização? O que mais o/a preocupa?
3. Como acha que ele/ela se sentiu e como acha que se sente agora?
4. O que é que mudou na sua relação com o seu/sua pai/mãe?
5. Costuma visitá-lo/a regularmente? Telefona-lhe ou telefona a pedir notícias dele? Porque é que vai tantas vezes/porque é que vai tão pouco?
6. Leva o seu pai/mãe para fora do Lar? Com que frequência? Onde? Como acha que ele/ela se sente?

Anexo 3 - Dados sociodemográficos dos entrevistados

sujeito	género	idade	nac.	estado civil	profissão	hab. liter.	Nº irmãos
F1	feminino	59	Port.	Casada	Assist. adm.	11º. ano	3
F2	masculino	63	Port.	Casado	Industrial serralharia	2º. Ciclo	1
F3	feminino	60	Port.	Viúva	Prof. reformada	licenciatura	1
F4	masculino	64	Port.	Casado	comerciante	Ensino básico	7
F5	feminino	52	Port.	divorciada	Assist. admin.	12º. ano	1
F6	masculino	53	Port.	Casado	Técnico eletrónico	11º ano	1
F7	feminino	53	Port.	Casada	Assist. admin.	12º ano	2
F8	masculino	70	Port.	Casado	reformado	2º ciclo	4
F9	feminino	52	Port.	Casada	Tec. Superior	licenciatura	1
F10	feminino	50	Port.	Casada	Aux. Serv. Gerais	11º ano	0

Anexo 4 - Tabela das unidades de significado e expressões de significado psicológico das entrevistas

Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico

Participante F1

Unidades de Significado	Expressões de Carácter Psicológico
<p><i>1. O meu pai tinha tido um avc com 50 e poucos anos, estava em cadeira de rodas, e a minha mãe tinha que cuidar dele. Entretanto, ela começou a ter algumas dificuldades de memória e de fazer as coisas básicas. Começámos a ver que ela não estava bem, foi a um neurologista e tinha um princípio de demência. Viviam os dois lá na aldeia, longe dos filhos (eu, um irmão e duas irmãs) e não podiam continuar sozinhos. Então, a minha mãe é que tratou de tudo</i></p>	<p>1. A entrevistada refere a doença incapacitante do pai, o início de demência da mãe, e a distância física de todos os filhos, como razões que levaram à institucionalização simultânea do pai e da mãe. Assegura que foi a mãe quem concretizou a institucionalização, escolhendo também a instituição de acolhimento.</p> <p>Para esta filha, foi normal que, quando os pais começaram a precisar de cuidados diários, e se a mãe não podia cuidar do pai, e não tinha os filhos por perto, a própria mãe contactou uma instituição e tratou do processo, com isso desresponsabilizando os filhos.</p>

<p><i>2. Eu, a minha irmã que vive em E. e o meu irmão, concordámos. A minha outra irmã, que está na S., nunca esteve de acordo, mas também não apresentou uma alternativa.</i></p> <p><i>(...) A relação nunca mais foi a mesma. Ela não perde uma oportunidade para me acusar de ter posto os pais num Lar. Mas a verdade é que ela não está cá, não ajudava em nada, e como eu sou a mais velha, acha que a decisão foi minha.</i></p>	<p>2. A filha admite que as relações fraternais se degradaram devido à institucionalização dos pais, mas considera isso uma inevitabilidade, já que quem criticou não apresentou uma alternativa para o problema. Esta filha, por ser a mais velha de todos, sente-se acusada pela irmã discordante, por ter levado os pais para um Lar, como se aos mais velhos coubesse a responsabilidade destas decisões.</p>
<p><i>3.. E comecei a pensar que um dia me vai acontecer a mim o mesmo. Mas como os via bem-dispostos, fiquei mais descansada.</i></p>	<p>3. A entrevistada recorda o momento da institucionalização, com tristeza, e revela que o facto a fez pensar na sua própria velhice futura, e numa situação similar, quando não restar outra solução, e ela tiver que trocar a sua casa por uma instituição.</p>
<p>4. E- E agora, como te sentes em relação a isso?</p> <p><i>F1 - Sinto-me bem porque eles estão bem, quando os visito estão sempre bem, contentes...</i></p>	<p>4. O facto de ver os pais satisfeitos, quando os visita, tranquiliza-a e apazigua a sua consciência, aliviando a culpabilidade que parece carregar.</p>
<p>5. E - Vais visitá-los com frequência?</p> <p><i>F1 - Como não conduzo, vou quando o meu marido pode, mais ou menos, de quinze em quinze dias, mas falo com a minha mãe quase todos os dias, ao telefone. Ela conta-me o que se passa e eu</i></p>	<p>5. A resposta de F1 informa e justifica a frequência quinzenal de visitas, atribuindo a causa ao marido (que conduz) e não a si própria, colocando a culpa no</p>

<p><i>sinto que ela está sempre satisfeita. Tem telemóvel e consegue atender e telefonar. Também, quando eles estavam em casa, não os via mais vezes, porque viviam lá na aldeia e eu vivo na cidade há mais de 30 anos.</i></p>	<p>exterior. O telefone serve para manter contacto com a mãe, e para a deixar tranquila a ela (filha)</p> <p>Refere que a situação da distância não é nova para ela nem para os pais, já que há mais de trinta anos que vivem em terras diferentes, desvalorizando o facto de, agora, eles não serem autónomos como eram e de não viverem na sua própria casa. F1 considera as duas situações semelhantes, e isso pode servir para reduzir a culpabilidade.</p>
<p>6. <i>A minha mãe sentiu-se logo bem, até porque foi ela a decidir, e sempre foi uma mulher muito ativa. Como conhecia muitas pessoas, e o Lar tem boas condições (um quarto, sala e w.c. privativos), sentiu que aquela passava a ser a sua casa. O meu pai sempre fez o que ela decidia, sempre esteve de acordo com ela. Agora, ele continua igual e ela está muito melhor. Faz ginástica, pertence a um grupo de teatro, participa nas iniciativas culturais, que são várias. Está sempre ocupada.</i></p>	<p>6. F1 fala, entusiasmada, das melhorias na vida dos pais, após a institucionalização, como se tivessem somente mudado de casa, e para melhor. Assume que o pai está bem e que a mãe está muito melhor, ocupada com atividades de que gosta e que, antes, não tinha. E, como foi a mãe a decidir qual a instituição, F1 deposita nela (mãe) a responsabilidade pela situação.</p> <p>Para esta filha, as mudanças que houve foram positivas, e isso contribui para o seu próprio bem-estar.</p>
<p>7. <i>E- Costumas ir buscá-los algumas vezes ao</i></p>	<p>7. À pergunta da entrevistadora,</p>

<p><i>Lar?</i></p> <p><i>F1 - Sim. Vou sempre no Natal e quando fazem anos. Vêm para a minha casa, outras vezes vão para casa dos meus irmãos. A minha irmã da Suíça também os vai buscar quando vem a Portugal, duas vezes por ano. Eles gostam de sair e a minha mãe diz que só tem saudades da sua casa, de mais nada.</i></p>	<p>F1 assegura que, ela e os irmãos (incluindo a irmã emigrante), vão buscar os pais para passarem alguns dias fora do Lar, nomeadamente no Natal, nos aniversários e quando a irmã vem a Portugal. Apesar de saber que os pais gostam de sair, não os vai buscar fora dos momentos festivos.</p>
<p><i>8.. A minha mãe sempre foi muito ativa, e o meu pai sempre apoiou o que ela dizia e fazia. E continua. Se ela está bem, ele também está. Até diz que, se ela morrer primeiro, ele se atira da varanda. Não quer viver sem ela.</i></p> <p><i>9 . Desde sempre, a minha mãe é que decidia tudo. Eles tinham uma loja na aldeia, trabalhavam os dois, mas era ela que mandava. Não sei se é por isso, mas ela ficou sem mãe aos 16 anos e o meu pai apoiou-a muito, antes e depois de casarem. Mas, foi ela que tomou conta de tudo.</i></p>	<p>8 . F1 fala da relação dos pais, apresentando-a como muito sólida e cooperante, desde sempre, mas com uma clara dominância da mãe, que tudo decide, cabendo ao pai o papel passivo, embora feliz.</p> <p>9 . Tudo o que for decidido pela mãe, é visto como positivo, como se a vontade dela fosse também (e sempre) a vontade dele.</p> <p>Curiosamente, diz que a mãe ficou órfã aos dezasseis anos, e foi o pai (então namorado) quem a apoiou, mas depois ela tomou o comando da vida de ambos, e assim continuam, numa clara relação “desequilibrada”, mas pacífica.</p>
<p><i>10 . A minha mãe sempre foi ativista política e continua a ser. Quando há eleições, ela faz campanha junto dos outros velhos e velhas e</i></p>	<p>10 . A filha fala, com orgulho, da força de carácter da mãe, que continua fiel à sua antiga</p>

<p><i>incita-os a ir votar (no partido dela, claro!). Mesmo sabendo que o diretor do Lar é de outro partido, ela não quer saber. Diz “se ele pode ser de um, eu posso ser de outro!”. Como há muitos da mesma aldeia, às vezes vai uma carrinha do Lar, mas outras vezes vai o meu irmão buscá-los e levá-los a votar.</i></p>	<p>intervenção social e política e não abdica dos seus direitos de cidadã. Como em tudo, o marido segue-a, sem vontade própria nem autonomia. E ela, F1, não tem qualquer intervenção nisso.</p>
<p>II . Se pudesses voltar atrás e mudar alguma coisa, voltavas a confiá-los à mesma instituição?</p> <p><i>F1 - Sem dúvida. Sinto que eles estão melhor agora, a minha mãe está melhor, embora se esqueça de muita coisa. E eu estou descansada, porque eles não estão sozinhos.</i></p>	<p>11 . Reafirma a sua satisfação com a institucionalização, devido à satisfação que vê nos pais e ao facto de não viverem sós. Em suma, parece ter encontrada a solução perfeita!</p>

Participante F2

Unidades de Significado	Expressões de Carácter Psicológico
<p>1 . <i>Isto tudo começou, a minha mãe esteve hospitalizada durante quase três semanas, depois desorientou-se completamente, já não dizia coisa com coisa, mas, entretanto, no hospital recuperou, veio para casa.</i></p>	<p>1 . F2 atribui o início do processo à doença da mãe, e consequente, hospitalização.</p>
<p>2 . <i>A gente távamos a ver que ela sozinha tava mal e metemos ali uma rapariga a fazer os serviços da casa e a fazer-lhe algum tipo de comer, mas começámos a ver que não resultava, e então começámos a mandar vir o comer do Lar e elas</i></p>	<p>2 . A desorientação que se seguiu à estada no hospital, obrigou os filhos a tomar medidas, contratando uma pessoa para ajudar a idosa. A solução não resultou, seguindo-se o</p>

<p><i>vinham cá fazer a limpeza e faziam essas coisas. (...)</i> <i>E então vimos que ela tava bem e ela começou a dizer “ah, eu faço o comer e pronto”, mas a gente ainda fomos a ver se arranjavamos uma pessoa para vir dormir. A pessoa para vir dormir queria 400 e tal euros e uma semana por mês tínhamos que lá ir alguém dormir com ela. Fiz contas e disse-lhe “olhe, a gente assim, em tar a pagar 400 e tal euros, mais o comer do Lar não vale a pena. “Não, eu fico sozinha e não sei quê”. Pronto, como ela andava bem, decidimos que ela ficava sozinha em casa. Eu passava lá quatro, cinco, seis vezes por dia a ver como é que ela tava. Andou ali um mês e tal mais ou menos bem,</i></p>	<p>apoio domiciliário.</p> <p>Depois de melhorar, a idosa quis voltar a viver sem apoio, embora a família quisesse contratar alguém para dormir lá, solução não adotada devido ao custo excessivo. Perante a estabilidade de saúde e a lucidez demonstradas, voltou a viver sozinha, na sua própria casa, sendo visitada pelo filho várias vezes por dia. Este filho, sendo o que estava mais próximo da casa da mãe, sentia-se constantemente preocupado que algo pudesse acontecer-lhe, sem ter quem a socorresse. A preocupação com uma mãe de noventa anos não permitia a F2 estar tranquilo, obrigando-se a viver numa constante ida e vinda, situação causadora de grande inquietação e instabilidade emocional.</p>
<p>3 . <i>Um dia de manhã cai, bate com a cabeça no guarda fato, abriu a cabeça, por sorte conseguiu chegar ao pé do telefone, telefonou-me, eu vim a correr, tava ela gelada no chão, uma poça, uma grande poça de sangue, chamei o INEM, fui com ela para E., o médico achou que era melhor irmos pra É., fomos pra É., fez um TAC, depois quando viemos de lá, eu falei com ela e com a minha irmã e disse-</i></p>	<p>3 . A queda física que a idosa sofreu, sozinha em casa, e que obrigou a outra ida ao hospital, foi o fator decisivo para a sua institucionalização, sugerida pelo filho (com apoio da irmã) e aceite, finalmente, por ela.</p> <p>Esta decisão já estava na mente de</p>

<p><i>lhe “oh mãe, você não pode tar aqui sozinha, o que é que quer fazer?”, “ah, eu vou pro Lar, se me arranjares lugar no Lar, eu vou pro lar”.</i></p>	<p>F2 que, no entanto, não queria assumi-la, sem o acordo da mãe. Perante os acontecimentos, foi a mãe a “encontrar” (aceitar) a solução que tranquilizou o filho.</p>
<p><i>4 . Ela mudou de opinião. E ao mudar de opinião, até fiquei muito satisfeito, porque ela depois, eu consegui arranjar vaga lá no Lar e olha, infelizmente pra uma pessoa que morreu, felizmente pra gente que conseguimos. Ela foi pra lá e a opinião dela agora é que tá lá muito bem, tá contente, tá..., diz ela que já lá devia tar há mais tempo.</i></p>	<p>4 . O filho ficou muito satisfeito e mais tranquilo com a mudança de opinião da mãe e a sua aceitação da institucionalização. Ao ouvi-la dizer que está lá muito bem, o filho vê recompensados os seus esforços, porque, mesmo a solução “ida para o Lar” nem sempre é possível, dependendo de vagas existentes (que são resultantes da morte de alguém) e das diligências de quem a solicita.</p>
<p><i>5 . Eu fiquei muito satisfeito com aquilo, porque ela, (...) tá impecável, tá bem, tá muito melhor, mais bem encarada do que o que tava aqui em casa, não tem nada a ver. Pronto, porque ela lá tá tratada a tempo e a horas e aqui passava frio, lá não tem frio, essas condições.</i></p>	<p>5 . A satisfação do filho está relacionada com as condições físicas que ele verifica que a mãe tem no Lar e não tinha em casa. Os cuidados prestados pela instituição fazem parecer que a institucionalização é a solução ideal para a solidão dos idosos e para as más condições de habitabilidade.</p>
<p><i>6 . E - Na tua opinião, qual era o receio que ela tinha, quando ela dizia que não queria, que queria ficar em casa? Porque é que achas que ela não quereria pensar no Lar?</i></p> <p><i>F 2 - Eu penso que... , como toda a gente pensa, ir</i></p>	<p>6 . Ele acha que ela não queria, anteriormente, porque a institucionalização significa a última hipótese. Um Lar de Idosos é a última morada para o idoso, e</p>

<p><i>pro Lar é a última hipótese.</i></p>	<p>essa consciencialização não foi fácil, nem para o filho nem para a mãe. É admitir que a mãe chegou à fase final da vida e tem que ser entregue ao cuidado de outras pessoas. E a consciência da finitude é dolorosa.</p>
<p><i>7. Eu, na minha opinião, pronto, o Lar, porquê? Vamos lá. A gente vai ao lar e se entrarmos no mais velho, no Dr. Humberto, a gente tem uma opinião totalmente diferente. E depois, o pessoal do centro de dia que tá lá, e aquilo a porta a abrir e a fechar constantemente, e as pessoas sentadas nas cadeiras e aquilo não tem o aquecimento que tem nos outros. (...) E a gente tem uma opinião diferente. Quando a gente entra nos outros e vê as condições em que as pessoas tão, é totalmente diferente.</i></p>	<p>7. Aqui, o filho conforta-se a si mesmo, quando estabelece a comparação entre o Lar “bom” e o Lar “mau”, entre o mais “pobre”, mais velho, com menos condições de conforto, e os outros dois, que ele diz serem totalmente diferentes. A ida para um destes últimos não é vista, socialmente, da mesma forma. É quase um “privilégio” ter condições para estar lá. É a diferença entre ter e não ter, meios para pagar. E isso é fator de diminuição da culpabilidade latente.</p>
<p>8. <i>Pois, porque em casa era a preocupação. Era dela tar ali gelada, cheia de frio, porque a casa é muito húmida, muito fria e eu tava sempre preocupado. Depois ela cai, como é que chama alguém, se não conseguir chegar ao telefone? E eu, na minha casa não tenho condições. Sabes, eu tenho lá a minha filha e os meus netos e agora não tinha condições nenhuma. Porque se eu tivesse condições, ela ia lá pra minha casa, como teve a minha sogra.</i></p>	<p>8. F2 volta a justificar a institucionalização da mãe, com as condições de habitação e com o facto de estar sozinha e poder acontecer-lhe qualquer coisa. E introduz aqui, sem qualquer pergunta da investigadora, outra justificação: não ter condições, na sua própria casa, para aí acolher a mãe, tal como acolheu a sogra.</p>

<p><i>Agora eu não tenho lá condições nenhuma, pronto, andava enervado. Ainda ando, ainda não consegui ver-me livre da situação.</i></p>	<p>Dado que teve que acolher a filha e os netos, não pode fazer o mesmo à mãe, o que o deixa ansioso e amargurado, (culpado?) não conseguindo sentir-se bem, mesmo depois da institucionalização.</p>
<p>9. <i>Eu com a minha irmã, a gente damos lindamente bem e sempre o que eu decidir, tá decidido, o que ela decidir tá decidido. A gente nunca metemos problemas de coisa nenhuma.</i></p>	<p>9. A relação de cumplicidade com a irmã facilitou a decisão, já que ela confia nele (e vice-versa) em todas as decisões.</p>
<p>10. <i>Eu ainda a fui inscrever nos Combatentes, na Liga dos Combatentes, em E., como sócia pra ver se arranjava lá vaga, porque tá lá a minha tia, a irmã dela (...) mas pronto, como em todo o lado, não é fácil. Depois aqui, pus a situação pra qualquer dos três, (...) Ficava a pagar num 700€, noutro 775€ e noutro 890€. “Então olhe, é pra onde me arranjar vaga, quando mais depressa melhor”, disse eu. Depois, pronto, até que foi mais ou menos rápido, um mês, um mês e qualquer coisa.</i></p>	<p>10. O filho conta que procurou outra solução, a ida para outra instituição onde a mãe tem uma irmã, mas não houve vaga. Então, perante os valores a pagar, ele confiou a esta instituição a decisão sobre qual dos Lares seria, por ordem de rapidez. Depois da mãe aceitar, o importante era que não demorasse, era urgente. Já não importava o lugar, tendo ficado no mais caro. Esta questão é realçada como uma “desculpa” para a decisão. Fica implícita a ideia de que, se custa muito dinheiro, é porque é bom.</p>
<p>11. <i>Agora neste momento, pelo menos eu ainda não vi que houvesse assim que me preocupar, (...) a única coisa que eu disse ao enfermeiro é que não quero mexidas nos medicamentos dela, só quem mexe nos medicamentos dela são os médicos dela. (...)</i></p>	<p>11. F2 deixou claro que, em relação aos cuidados médicos, a mãe continua com os mesmos médicos de antes, não transferindo essa responsabilidade para a</p>

<p><i>Porque ela tá a ser tratada pelo cardiologista, tá a ser tratada pelo do rim e tá a ser tratada pela médica de família, por causa dos diabetes, pronto e eu acho que chega de medicamentos, não há que alterar nada.</i></p>	<p>instituição, o que também era possível E, se for necessário alterar algum medicamento, será ele (filho) a falar com os médicos da mãe, e não o profissional da instituição. É uma responsabilidade que o mantém ligado à mãe, que faz com que continue a sentir-se cuidador.</p>
<p>12 . <i>Ela conta-me, pronto. Aquilo além, o engraçado é que uns, infelizmente, tão passados da cabeça e ela de vez em quando diz “deixo-me rir com parvoíces dos outros e pronto,” ela como tá boa de cabeça, ela tá impecável(...) para mim, devia haver uma situação que as pessoas tivessem em zonas diferentes.</i></p>	<p>12 . F2 mantém conversas com a mãe, que está lúcida, e que se ri de comportamentos de outros idosos que sofrem de demências. O ideal, para F2, seria que esses estivessem num espaço diferente, e não juntos com os que “estão bem da cabeça”. Esta opinião vai ao encontro de muitas outras, que consideram que os doentes mentais deveriam estar separados dos outros. Se a mãe estivesse somente com pessoas lúcidas, como ela, o Lar poderia ser mais semelhante a uma “casa”.</p>
<p>13 . <i>E - As amigas que ela tinha costumam visitá-la, também?</i></p> <p><i>F2 - Olha, não tenho lá visto ninguém. Dizem-me é “tenho que lá ir a ver, tenho que lá ir”, mas por enquanto ainda lá não foram. Encontrou-se lá há dias com uma velhota que morava aqui ao pé dela, que é de B. que de vez em quando vai lá acima às festas que eles lá fazem às quintas-feiras ou às</i></p>	<p>13 . Respondendo a uma pergunta da investigadora, F2 introduz aqui o assunto do corte de relações da mãe com amigas e vizinhas (resultado da institucionalização), que, apesar de dizerem que vão visitar a mãe dele, não o fazem. Está implícita uma crítica, pois seria muito melhor, para os idosos</p>

<p><i>quartas e um dia destes é que se encontraram lá e tiveram a falar, de resto, pronto, as outras amigas, que gostavam muito dela, aqui da rua e isso tudo “tenho que lá ir a vê-la”, mas pronto, há sempre coisas.</i></p> <p><i>Ela tá sempre a dizer “então já falaste, viste alguém das vizinhas? Já lhes disseste alguma coisa como eu tou? Tou contente e não sei quê”. É a conversa dela para mim.</i></p>	<p>institucionalizados, poderem continuar a conviver com as pessoas com quem se relacionavam antes. E a mãe faz-lhe sentir essa ausência, solicitando-lhe que seja ele a manter essa ligação, que era importante para ela, a dizer às amigas que ela está bem.</p>
<p>14. <i>E - E tu, vais lá muitas vezes?</i></p> <p><i>F2 - Todos os dias. Ainda hoje ela me disse “quando tu não poderes vir, não venhas. Não estejas a vir de propósito, às vezes que não podes, não vens.</i></p>	<p>14. O filho refere que visita a mãe, diariamente, embora ela lhe diga que não é necessário. Ele reafirma que, enquanto puder, vai todos os dias. Pretende manter as visitas, como fazia quando ela estava em casa. Considera isso um hábito, só mudou o local.</p>
<p>15. <i>Eu penso que as pessoas, estando num sítio daqueles, os filhos nem aparecem lá, penso que as pessoas começam a tar contrariadas de tudo.</i></p> <p><i>E - Revoltadas, se calhar.</i></p> <p><i>F2 - Revoltadas, sim, revoltadas de tudo. É isso que eu me dá a sensação das pessoas que lá tão e que menos pessoas lá vão.</i></p>	<p>15. F2 tece uma crítica aos filhos que não visitam os pais, considerando que essa ausência provoca contrariedade e revolta nos idosos. Já que puseram os pais num Lar, é dever dos filhos ir visitá-los, frequentemente, opinião que corrobora a do meio social em que F2 está inserido. Apesar das vantagens da institucionalização, ela só é suportável se se mantiver a proximidade da família.</p>
<p>16. <i>Toda a vida, a minha relação com a minha mãe foi boa, pronto. Eu fiquei sem pai, ainda não tinha</i></p>	<p>16. F2 diz não haver qualquer alteração na relação afetiva com a</p>

<p><i>dois anos e pronto, vivi sempre com a minha mãe, com os meus avós. Depois a minha mãe casou, o meu padrasto foi, se calhar, melhor que um pai, o meu padrinho foi impecável sempre, nunca me faltou nada, precisasse daquilo que precisasse, era dizer-lhe e ele se tivesse, tava desenrascado. E pronto, foi sempre uma vida assim com eles, sempre me dei bem e com a minha irmã, igual, com a minha irmã nunca tivemos nada um com o outro, felizmente e espero nunca virmos a ter.</i></p>	<p>mãe, reafirmando que sempre tiveram uma boa relação. O facto de ter ficado órfão de pai na 1^a infância, não prejudicou a sua vida. Considera a mãe como sempre presente e o padrasto como um pai autêntico (para além da proximidade que teve com os avós) e diz que as relações familiares sempre foram muitas boas, entre todos os membros, incluindo a irmã.</p>
<p>17 . E - E depois da ida para lá, ela já saiu, já a foste buscar?</p> <p><i>F2 - Já. Saiu, fomos um dia ao médico e fomos outro dia à da minha irmã, a casa da minha irmã, em B., e pronto. E veio outro dia pra minha casa.</i></p>	<p>17 . O filho responde que já foi buscar a mãe, enumerando as saídas: ida ao médico, visita à filha. Como filho mais próximo, cumpre todos os deveres: visitas, passeios, telefonemas. E isso dá-lhe tranquilidade.</p>
<p>18 . A minha opinião, eu hoje em dia, assim eu tivesse dinheiro, uma reforma pra poder ir para lá. Porque eu já tou, agora, vendo aquilo, a maneira como são tratados, mesmo, pronto, eu vejo lá pessoas que ainda tão nas faculdddes de sair e de vir até cá abaixo. As pessoas a tar mal em casa, é preferível.(...)</p> <p><i>Sim, a nossa casa é a nossa casa. Enquanto a gente tá em condições de tar em casa e ter companhia, eu acho que em casa tá-se sempre melhor, tar no nosso cantinho, faz aquilo que a gente quer e isso tudo,</i></p>	<p>18 . F2 conclui que, apesar de se estar melhor em casa, porque aí a pessoa tem liberdade para fazer o que quer, não está sujeita a regras, horários e opiniões dos companheiros de quarto, a solução da institucionalização (nas condições físicas em que a mãe está) é muito boa e não está ao alcance de todos, provavelmente, ele não terá recursos para ir para lá, quando for velho. Logo, a mãe tem direito a um privilégio que muitos</p>

	<p>não têm. Esta racionalização constitui um mecanismo de defesa, relativamente à institucionalização.</p>
--	--

Participante F3

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p><i>1 . A minha mãe está institucionalizada, o meu pai não. Ele faz a sua vida, é autónomo.</i></p>	<p>1 . F3 informa, logo de início que a mãe está no Lar, enquanto o pai se mantém, de forma autónoma, em casa, o que pressupõe que a institucionalização está ligada à falta de autonomia da mãe.</p>
<p><i>2 . Ela estava em casa, ela tem uma dificuldade imensa em se locomover e faz fisioterapia. Em casa tínhamos uma senhora que tratava dela, pagávamos imenso, pagávamos o dobro do que pagamos aqui, não tinha as condições nem de perto nem de longe que tem aqui. Essa senhora só estava lá até às 19, a partir daí a minha mãe ficava sozinha, quer dizer, ficava com o meu pai. Depois tinha crises grandes, fazia anemias, lá tínhamos que chamar o INEM, ia para É., estava em É. dois, três dias, faziam-lhe lá umas transfusões, e mandavam-na para casa. Numa dessas estadias dela em É., acabou por apanhar uma bactéria, esteve mal, depois voltou para casa. Voltou para casa, esteve mal outra vez, e então chegámos à conclusão que não podia ser, porque ela em casa não tinha as condições, nós não conseguíamos dar-lhe as</i></p>	<p>2 . A mãe de F3 tem dificuldades locomotoras, necessitando de fisioterapia. Em casa, dispunha de uma cuidadora formal, durante o dia, mas havia a desvantagem de ser uma solução muito cara, sem as boas condições físicas do Lar.</p> <p>F3 justifica que a mãe ficava sozinha, de noite, mas depois diz que ficava com o marido, desvalorizando essa presença, que não considera cuidadora.</p> <p>O relato dos problemas de saúde faz crer que os mesmos estavam relacionados com a ausência de</p>

<p><i>condições que ela precisava, que era estar sempre com alguém do lado e com alguém que soubesse cuidar dela e dar-lhe mais assistência.</i></p>	<p>cuidados permanentes e de assistência especializada, que os familiares não conseguiam proporcionar, mas está subjacente, nas palavras e na forma de falar de F3, a incapacidade para lidar com uma mãe demasiado exigente e autoritária.</p>
<p>3 . <i>E então, eu e o meu irmão, e o meu pai, os três, resolvemos procurar uma instituição com condições que nós pudéssemos arranjar e tivéssemos condições de pagar, e conseguimos pô-la aqui em B., onde há condições de higiene, há assistência, há apoio, há até..., segundo aquilo que me parece ver, os utentes são bem tratados, são bem cuidados, e nós, família estamos satisfeitos, embora o ideal fosse ela estar em casa.</i></p>	<p>3 . A filha assume que a decisão foi tomada por ela, pelo irmão e pelo pai, sem qualquer participação da mãe (embora esta esteja completamente lúcida). A escolha teve em conta a qualidade da assistência prestada, mas também o custo da mesma. Tudo feito sem qualquer pedido de opinião à mãe/esposa. Para os familiares, o fundamental foi haver higiene, assistência e apoio, suficientes para lhes proporcionar satisfação (a eles).</p>
<p>4 . <i>Ela, a minha mãe, quando veio, vinha na ideia de que estava cá um mês ou dois e depois voltava para casa. A princípio foi um bocado complicado porque falava muito na casa, queria muito ir para casa. Depois, ela própria, ao fim de algum tempo, nós levávamo-la a passar o fim de semana, e ela própria queria vir para o Lar porque sentia que aqui estava melhor, tinha mais condições, tinha mais conforto. A casa dos meus pais é uma casa antiga, não é plana, tem muitos portados, muitas portadas e, pronto, era</i></p>	<p>4 . F3 revela que a mãe não sabia que a ida para o Lar era definitiva, ou seja, foi enganada, pensando que se tratava de um centro de recuperação, de onde voltaria para casa. Quando se apercebeu da verdade, assumiu que não haveria regresso. A justificação da filha é acompanhada da descrição das más condições da habitação, das</p>

<p><i>difícil. É fria, no inverno, ...e foi assim!</i></p>	<p>barreiras arquitetônicas, da falta de conforto, da temperatura, mas não explica porque foi omitida, à mãe, a questão principal.</p>
<p>5 . E - <i>Porque é que veio para este Lar? Foi o que consideraram melhor? Porque não era o mais próximo!</i></p> <p><i>F3 - Foi o que nós consideramos melhor, porque mais próximo tínhamos X, Y, mas principalmente X. Mas eu, tanto eu como o meu irmão, não queríamos a nossa mãe em X, porque lá, acho que não há grandes condições de higiene, não tem as condições que tem aqui. É mais caro mas, pronto, ficamos de consciência tranquila que fizemos o melhor por ela e arranjámos o melhor para ela estar confortável.</i></p>	<p>5 . F3 relata a pesquisa de instituição, feita por ela e pelo irmão, que recusaram Lares mais próximos de casa por os considerarem com menos condições de higiene. Refere também que escolheram a solução mais onerosa, a fim de ficarem com a consciência tranquila de que tinham escolhido o melhor. O problema do custo é, frequentemente, referido pelos familiares, para minimizar um possível sentimento de culpa, como se, pagando mais, se justificasse melhor a decisão tomada.</p>
<p>6 . <i>Ela falava muito em ir para casa e que ainda conseguia cozinhar e (...) engomar a roupa, lavar a loiça, ela podia fazer essas coisas lá em casa. Claro que ela não podia fazer nada, nem sequer consegue estar em pé, não é? Entretanto, ela própria, depois começou a perceber, as vezes que lá foi, que não conseguia nada. Chegou a um ponto que ela tinha imensa dificuldade até em levar a colher à boca e aí ela percebeu que não dava e acabou por aceitar, digamos assim, conformar-se a estar aqui.</i></p>	<p>6. A filha admite que a mãe não queria a institucionalização, tendo, várias vezes, afirmado que conseguia ser autónoma, na sua casa. No entanto, na opinião de F3, a mãe era dependente, e acabou por ceder à vontade da família, embora não concorde. É uma situação clara de imposição familiar, dos filhos e do marido, que não permitiram à</p>

	idosa, qualquer alternativa.
<p><i>7. E - Como é que acha que ela se sente agora? Depois de já estar, disse há pouco que ela está conformada, mas acha-a bem, bem-disposta ou ela é sempre assim?</i></p> <p><i>F3 - Não, ela era, a minha mãe era uma pessoa muito ativa, era uma mulher poderosa, ela era general, ela comandava toda a gente, como eu digo é que é, como eu faço é como se faz, ela tinha muito, costumava muito dizer isto, “mesmo que seja mais mal feito, mas sou eu que mando, pronto”. É evidente que aqui não pode ser assim, não é? Acho que sim, que está conformada, vê-se que está deprimida, isso nota-se perfeitamente que ela está deprimida porque está ali, está aqui o dia inteiro, está sentada, vai fazer a fisioterapia duas vezes por semana, anda um bocadinho, com imensa dificuldade, porque tem muitas dores, mas ela já percebeu também, que quando está em casa ou quando vai a casa, ela fica pior.</i></p>	<p>7. F3 diz que a mãe está deprimida, associando, claramente, esse estado ao facto de passar o dia inteiro sentada, no Lar, completamente passiva, e sem querer ali estar. E, a isso, opõe a imagem anterior de uma mulher poderosa, autoritária, tipo “general”, a quem família e empregados eram obrigados a submeter-se, e que não tinham direito a opinião própria. Hoje, institucionalizada, perdida toda a autoridade, é, segundo a filha, uma pessoa claramente deprimida.</p>
<p><i>8. Agora já não me tem dito isso, mas tinha dias que me dizia que havia de ser permitido que as pessoas, quando querem morrer, morressem. Porque ela via lá na televisão a eutanásia e achava que essa seria a solução para ela.</i></p>	<p>8. A filha diz que, perante a perda completa de autoridade e de autonomia, a mãe considera não haver razões para continuar a viver, e diz-lhe que a eutanásia seria a melhor solução para ela.</p>
<p><i>9. No entanto, ela, a minha mãe aqui, ela diz muito bem, porque ela era muito limpa, muito, gostava de</i></p>	<p>9. O Lar, diz F3, é considerado, pela mãe, um lugar muito limpo,</p>

<p><i>esfregar e tudo isso e ela manifesta muitas vezes isso, que aqui há muito asseio, há muita limpeza, esfregam muito, como ela gosta.</i></p>	<p>com muita higiene, como ela gostava de fazer em casa. É um aspeto positivo, que merece ser referido pela filha, talvez para atenuar o desprazer da idosa em estar naquele local, que, ainda que somente num aspeto, se assemelha à casa que “perdeu”.</p>
<p>10 . <i>Logo que veio para cá, ela ia à Oficina do Idoso e gostava muito, mas depois chegou a um ponto que deixou de ir porque ela já não conseguia fazer absolutamente nada, porque não tinha, nos dedos, ela não tinha sensibilidade, não tinha força, não conseguia nada e então, a partir daí, ela ficou mais triste porque já nem isso conseguia fazer.</i></p>	<p>10 . Outro aspeto positivo da instituição era, segundo F3, a Oficina do Idoso, onde a mãe gostava de estar porque isso lhe permitia fazer coisas. Com a perda de sensibilidade nas mãos, perdeu também essa competência, o que a deixa mais abatida.</p>
<p>11 . <i>E - Vem todos os dias visitá-la?</i></p> <p><i>F3 - Todos os dias. Só quando eu não posso. Só mesmo quando eu não posso vir, de forma alguma, às vezes acontece, não é? Surgirem situações que tenho que resolver, aí eu falo com ela ao telefone, mas eu venho cá todos os dias. Só mesmo quando é completamente impossível. E, se eu não venho, ela fica triste, muito triste e muito preocupada.</i></p>	<p>11 . F3 responde à entrevistadora, dizendo que visita a mãe diariamente, só não o fazendo se houver impossibilidade total. E, quando isso acontece, sabe que a mãe fica triste e muito preocupada com ela. De alguma forma, F3 continua a temer a mãe que a todos dominava, e faz, todos os dias 30 km, para não a desiludir, para manter o amor do objeto.</p>
<p>12 . <i>E - E diga-me uma coisa, se não quiser responder, não responda. Porque é que acha essa necessidade de vir todos os dias, mesmo todos os dias?</i></p>	<p>12 . Esta filha justifica a visita diária à mãe, com o seu próprio bem-estar. É um ato indispensável à sua tranquilidade, mas é também</p>

<p><i>F3 - Olhe, porque se eu não vier todos os dias, eu não fico bem comigo própria, sinto a falta (...) e porque penso assim, ela agora, a minha mãe que tá lúcida ainda, eu ainda consigo estar com ela, ela ainda tira algum prazer de estar comigo e eu com ela, ainda falamos, ainda lhe conto as graças das minhas netas que ela fica feliz, ainda lhe conto como vai o negócio, como vão as pessoas que trabalham lá em casa, como vai tudo isso e também porque penso que pra já, ela ainda está cá, ainda tá lúcida e eu ainda consigo estar com ela, usufruir dela, uma vez que ela não pode estar sempre connosco, que seria o ideal, não é? E então, tenho que aproveitar todos os dias e sempre que posso enquanto ela estiver cá.</i></p>	<p>a resposta à necessidade da mãe, de continuar a saber tudo o que se passa, sem o seu comando. Diz que ambas retiram prazer desses momentos e, por isso, acha que os deve aproveitar, enquanto a mãe for viva. Parece que ambas necessitam de continuar a desempenhar os papéis de dirigente e dirigida, o que lhes dá segurança. E, à filha, o contacto com o objeto é necessário, apesar de poder não ser um bom objeto (mais vale um menos bom, do que nenhum).</p>
<p>13 . E - E o seu pai, também a visita com regularidade?</p> <p><i>F3 - Olhe, não. O meu pai, é curioso, o meu pai, a minha mãe está aqui faz dois anos em agosto e ele não vinha cá. Desculpava-se que não podia porque doíam-lhe as pernas e depois tinha que andar, não vinha cá. Agora, há um tempo a esta parte, vem com alguma, para mim, com alguma frequência porque vem todas as semanas. (...) morreu um irmão dele, o mais novo de todos e a partir daí, o meu pai ficou um bocado, ficou perturbado, ficou diferente, tá diferente e a partir daí ele agora quer vir todas as semanas.</i></p>	<p>13 . F3 responde à entrevistadora, admitindo que o pai não visitava a mãe, situação que mudou desde que lhe morreu um irmão, o que, na opinião da filha, o terá deixado perturbado e mais sensível aos afetos, aos outros, nomeadamente, à esposa. Esta diferença, que a filha nota, mas não consegue explicar, provocou alterações nas visitas à mãe de F3, que passaram a ser semanais.</p>
<p>14 . A minha mãe logo quando veio, de quinze em quinze dias, ia a casa.</p> <p><i>Pois, porque estava melhor, de quinze em quinze</i></p>	<p>14 . No início da institucionalização, F3 levava a mãe a casa, quinzenalmente,</p>

<p><i>dias, nós levávamo-la a casa. Ainda chegou lá a passar, logo ao princípio de estar aqui, três/quatro dias, umas férias, porque estava a minha filha, estavam as meninas, ela gosta muito de crianças e gosta muito das meninas, para usufruir mais delas, só que a situação depois também começou-se a complicar.</i></p>	<p>situação que deixou de acontecer, com regularidade, passando essas saídas para ocasiões festivas, embora a idosa continue a gostar de ir. F3 não explica concretamente as razões dessa mudança, e fala sempre no plural “nós”, aí incluindo o pai e o irmão, embora seja ela a visita mais frequente e quem poderia tomar outra decisão.</p>
<p>15 . E - Uma pergunta que eu costumo fazer a toda a gente: quando há eleições, costuma levá-la a votar?</p> <p><i>F3 - Ora bem, desde que ela aqui está, ... ela gostou sempre muito de votar, sempre.</i></p> <p><i>E - Era uma cidadã ativa?</i></p> <p><i>F3 - Muito. E nós, ela está aqui, portanto, penso que as únicas eleições que houve desde que ela, ah não, já houve duas, as legislativas e a presidência da República.</i></p> <p><i>E - Sim, sim.</i></p> <p><i>F3 - E nós, ela dizia que queria ir, que queria ir, que queria ir. E nós, sim senhora, levamo-la. Mas depois, quando era mesmo no dia que era para ir, disse que desistia, não queria. Mas foi sempre muito ativa. Ela é capaz de ir votar é para as autárquicas, aí vamos lá ver.</i></p>	<p>15 . A filha afirma que a mãe sempre foi uma cidadã ativa, gostava de ir votar, mas, curiosamente, já houve eleições desde que entrou para o Lar e ela desistiu de ir, no próprio dia. Também na questão da cidadania, é claro, para a filha, que a mãe mudou, tendo-se desinteressado, passando de ativa a passiva. Resta a esperança: talvez vá nas próximas, porque são eleições autárquicas.</p>
<p>16 . <i>Curiosamente, na minha relação com a minha mãe, ao longo destes dois anos, temos uma relação</i></p>	<p>16 . À pergunta sobre como a filha se tem sentido e o que mudou na</p>

<p><i>mais calma, mais tranquila, porque nós chocávamos imenso as duas, muito. Somos um pouco polos opostos, enquanto a minha mãe é, era coitada, agora já não é, o “quero, posso e mando”, dava ordens, eu era ao contrário.</i></p> <p><i>E - Obedecia?</i></p> <p><i>F3 (acena afirmativamente) - E por vezes, entravamos até um bocado em conflito as duas, até por causa das pessoas que trabalham lá em casa. Achava, não concordava, na maneira, na forma como a minha mãe por vezes falava para as pessoas, com tom autoritário.</i></p>	<p>relação, ela responde, sem hesitar, que, agora, se relaciona de forma mais tranquila com a mãe, porque, antes, não concordava com o autoritarismo dela, mesmo com as funcionárias de casa. No entanto, a mãe não permitia a ninguém (nem mesmo à filha) fazer valer as suas opiniões. Agora, que já não tem poder, e que os papéis se inverteram, a relação é melhor. Contraditoriamente, a filha lamenta que a mãe tenha perdido o poder, mas essa perda contribuiu para a facilitação a relação entre ambas.</p>
<p><i>17 . Agora, a nossa relação assim é mais, é mais ...</i></p> <p><i>E - Tranquila?</i></p> <p><i>F3 - Mais tranquila.</i></p> <p><i>E - Não têm essas coisas para discutir.</i></p> <p><i>F3 - Nem essas, nem “onde estiveste? nem onde foste? onde andaste?” Nem,” olha lá que horas são!” porque eu estou viúva. “Onde é que foste, passas o dia na rua”, havia sempre....</i></p>	<p>17 . Outro aspeto da relação de que F3 fala diz respeito à sua submissão pessoal à mãe, que, apesar da idade da filha (mais de 60 anos) e da sua condição de viúva, a controlava nas saídas de casa e lhe exigia explicação de tudo o que fazia. Era como se a filha continuasse a ser adolescente, como se a relação não tivesse amadurecido nem tivesse havido individuação.</p>
<p><i>18 . Agora tenho, agora tenho o meu pai.</i></p> <p><i>E - Que faz esse papel?</i></p> <p><i>F3 - Que faz esse papel, embora tenha outra maneira, não é? É mais... não é tão possessivo, mas também faz um pouco isso. Também me controla,</i></p>	<p>18 . A situação de dependência e submissão filial continua, agora controlada pelo pai, que, embora de forma um pouco diferente, também interfere na vida pessoal da filha e a controla. E isto é dito por F3, com</p>

<p><i>quer saber onde eu vou, se vou arranjar as mãos, é porque sou vaidosa, é assim...</i></p>	<p>um ar resignado, como se não houvesse forma de resolver e modificar estas relações doentias, como se ela não encontrasse forças para reverter a situação, como se fosse uma fatalidade.</p>
<p>19. <i>Como também já disse, o ideal seria ela estar na sua própria casa. Sentiu-se mal com isso, com essa decisão que tomaram em conjunto? Em algum momento, ou naquele momento, no princípio?</i></p> <p><i>F3 - Não. Quer dizer, não, porque se a minha mãe estivesse num lugar, num sítio em que fosse maltratada, não houvesse condições, eu sentia-me muito mal e não a deixava, nem sequer a deixava. Mas ela está num sítio em que ela é muito bem tratada, em que tem tudo aquilo que é importante. É claro, o ideal seria ela estar na casa dela.</i></p>	<p>19 . F3 afirma não se sentir mal com a decisão tomada, de institucionalizar a mãe, porque considera que ela está bem tratada. Diz que não é a solução ideal, mas o ideal não é possível, então, satisfaz-se com o “bom”.</p>
<p>20 . (...) <i>eu às vezes também perdia a paciência, também com ela. Houve umas ocasiões, em que a senhora que ficava lá com ela, que estava a cuidar dela, eu não suportava aquilo, não suportava. Ela punha a criatura de joelhos, tinha que andar de joelhos a esfregar o chão da cozinha, não sei com o quê.</i></p>	<p>20 . Infere-se, da sua resposta, a tranquilidade que advém da impossibilidade atual da mãe maltratar ou subjugar alguém, como fazia quando estava em casa. Esta perda do poder prepotente da mãe é o lado positivo/compensatório.</p>
<p>21 . <i>No entanto, a minha mãe hoje diz para os irmãos e assim, que eu e o meu irmão é que estamos a completar a reforma dela, que somos nós que estamos a suportar o que falta. E então, ela diz para os irmãos, que tem os filhos muito amigos dela,</i></p>	<p>21 . A filha refere a imagem positiva que a mãe passa, dos filhos, para as outras pessoas, dizendo que eles a puseram num local bom, muito limpo. Esta</p>

<p><i>porque os filhos dela puseram-na num sítio muito bom, onde ela é muito bem tratada, onde há muito asseio, onde há muita higiene, onde cuidam muito bem dos velhos.</i></p>	<p>imagem para o exterior é necessária à manutenção, ainda que aparente, de um controlo da idosa, sobre a situação, embora seja um falso controlo.</p>
<p><i>22 . Há uma mágoa que ela tem, que ela se queixa, que é quando as pessoas, os utentes que estão aqui, partem, ninguém lhe dizer.</i></p>	<p>22 . F3 refere uma só queixa feita pela mãe, que é não ser informada quando algum dos utentes do Lar morre. E saber, depois, só quando pergunta, deixa-a muito magoada. Mais uma vez, está presente a reação negativa perante a perda de controlo sobre os acontecimentos e sobre o conhecimento do que acontece.</p>

Participante F4

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p><i>1 . E - Já me disse que já não tem mãe e tem sete irmãos. Como é que foi tomada a decisão de institucionalizar o seu pai?</i></p> <p><i>F4 - A decisão foi tomada porque ele veio do hospital, esteve hospitalizado em X, veio do hospital referenciado pela unidade da C.V. para recuperação; entretanto, não havia vagas, pediu-se a alguém que nos ajudasse e esteve três semanas no Lar, numa enfermaria do Lar à espera da vaga, até que surgiu a ida para a C.V. para Y aí, esteve algum tempo, dois meses mais ou menos, sensivelmente, e</i></p>	<p>1 . Numa primeira resposta, F4 conta o percurso da doença do pai, passando por vários serviços médicos e de apoio, e a sua recuperação, que os filhos julgavam impossível. Atribui esse facto, talvez, à qualidade do último serviço onde esteve (uma Unidade de Recuperação), ou ao acaso. É como se um milagre tivesse acontecido, após perdidas todas as esperanças.</p>

<p><i>ao fim desses dois meses foi transferido, para Z, para a C.V.. (...) Aí, saiu numa situação em que tínhamos praticamente as esperanças perdidas que ele sobrevivesse porque estava mesmo, mesmo mal. Felizmente, chegou a Z e ao fim de dias, começou a recuperar, ou porque teve outra assistência ou porque tinha mesmo de recuperar. Ele estava totalmente dependente, inclusivamente para se virar na cama, tinha que ser ajudado.</i></p>	
<p><i>2 . Quando adoeceu, ainda a minha mãe estava também viva e estavam os dois em casa com a minha irmã. Com a mais nova, uma das mais novas. Entretanto, a minha mãe faleceu, faleceu enquanto ele esteve na C.V, em Z, e não era possível ele lá em casa com a minha irmã que também não tinha fisicamente possibilidades de estar com ele, uma vez que ele continuava, embora mais recuperado, mas continuava sendo dependente de alguém.</i></p>	<p>2 . Durante esse tempo, faleceu a mãe de F4, ficando em casa, somente a filha mais nova, também ela com problemas de saúde, sem capacidade para cuidar do pai, após a saída da Unidade de Recuperação. Todos estes factos são contados, por F4, numa voz trémula, não conseguindo conter as lágrimas durante quase toda a entrevista. É-lhe difícil recordar como, em poucos meses, a estabilidade familiar foi abalada, com a morte da mãe e a doença/dependência do pai.</p>
<p><i>3 . Tudo isto começou na altura, portanto, em que ele acabou por ir para a C.V. para X, mas, aí, nessa altura, é que chegou-se à situação em que ele, portanto, para ir à casa de banho, a minha mãe, na altura a minha mãe ainda era viva também, a minha mãe, ela coitada, tinha dificuldade em se movimentar, ela porque tinha a bengala, só com as duas bengalinhas, senão era impossível de pensar em ela ajudar alguma coisa, e a minha irmã também não</i></p>	<p>3 . A decisão da institucionalização foi tomada, pelos filhos, antes da morte da mãe, já que previam que ela não conseguiria ajudar o marido, devido à sua própria debilidade, e a filha também não. A hipótese dos filhos acolherem o pai, também foi rejeitada por todos, tendo decidido a</p>

<p><i>podia, e então ai tomámos a decisão, uma vez que nenhum de nós tinha possibilidades para o ter em casa, e pronto, foi decidido tentarmos arranjar lugar num Lar.</i></p>	<p>institucionalização.</p>
<p>4 . <i>Ele no lar em Y, nunca gostou de estar, não sabemos porquê, ele se calhar não gosta de estar em nenhum, mas lá, ele não gostava mesmo, pediu-nos para nós o mudarmos porque não queria lá estar, foi quando nós tomámos a decisão e conseguiu-se arranjar a colocação dele, primeiro no lar A, depois mais tarde no lar B, onde se encontra. Foi uma coisa que nunca nos passou pela cabeça, mas teve que ser.</i></p>	<p>4 . A primeira instituição escolhida foi rejeitada pelo pai, que pediu aos filhos que o tirassem de lá, ao que eles acederam, encontrando-se, atualmente, na localidade onde vivia. O filho diz que nunca, antes, tinham (ele e os irmãos) pensado nesta solução que, visivelmente, lhe causa mal-estar, mas que foi adotada por não ser possível outra alternativa. E acrescenta, choroso, que, talvez o pai não goste de nenhum Lar.</p>
<p>5 . <i>E - Como é que ele aceitou, ele participou nessa decisão ou foram os filhos?</i></p> <p><i>F4 - Não, na altura ele não tinha condições.</i></p> <p><i>Não tinha condições psicológicas nem emocionais, de maneira nenhuma, portanto nada, para tomar essa decisão, nós é que lhe dissemos, pronto, e ele aceitou, aceitou... ele teve fases que não sabia sequer se estava no lar se estava em casa, portanto não, ele não teve qualquer decisão aí, a única coisa em que ele teve um bocadinho de influência, que foi à vontade dele, foi na transferência do lar de Y..</i></p>	<p>5 . F4 assume que o pai não participou na decisão relativa à sua institucionalização nem tinha (naquela fase da doença) capacidade mental para decidir. Também não foi consultado, sendo-lhe apresentada a solução como um facto consumado. A única vontade que os filhos lhe satisfizeram, posteriormente, foi a mudança de instituição.</p>
<p>6 . <i>Ele só uma vez ou duas é que falou “quando é que me levam ou eu quero-me ir embora, não estou aqui a fazer nada” e quando às vezes se fala, quer</i></p>	<p>6 . O filho reconhece que o pai, em momentos de lucidez, os (aos filhos) interroga sobre a necessidade da sua</p>

<p><i>sair porque diz que não está a fazer nada " o que é que estou aqui a fazer se não tenho aqui trabalho e não tenho nada que fazer" mas pronto, mas foi uma situação... realmente nunca, foi uma coisa que nunca nos passou pela cabeça.... pronto. Nós eramos, somos oito e nunca nos passou pela cabeça que ele chegasse a esta situação. O certo é que a gente, pronto a gente à distância, por vezes não vê as coisas como elas..., sempre pensamos que a..... um dia que chegasse a esta situação haver algum ou alguma que tivesse disponibilidade...</i></p>	<p>estadia no Lar, mostrando vontade de sair, mas não lhe sendo dada nenhuma resposta. F4 constata, lamentando, a decisão tomada, que diz não ter sido planeada por nenhum dos irmãos, cada um sempre pensando que, entre tantos, algum teria disponibilidade para acolher o pai. É como uma fatalidade, que poderia ter sido evitada. Embora não acuse ninguém, está implícita a crítica, mas é, segundo as suas palavras, uma crítica feita por todos os filhos a todos os irmãos, cada um responsabilizando os outros, tendo, todos, “ignorado” o problema do envelhecimento dos pais.</p>
<p><i>7. Por exemplo, o caso da minha sogra. A minha sogra teve a felicidade de ter a filha que se disponibilizou, e está lá, há doze anos em casa dela, pronto. Não está num lar, está em casa da filha. Mas sempre pensamos que o meu pai estivesse assim, tivesse essa possibilidade, mas.... atendendo à vida que cada um tomou, não era possível isso acontecer.</i></p>	<p>7 . E surge a comparação com a situação da sogra, que teve a felicidade de ir para casa da filha (a casa de F4), enquanto o seu pai teve que ser institucionalizado. É latente o mal-estar familiar, quando se tratam, intra familiarmente, duas situações semelhantes, de formas completamente opostas, uma considerada boa (a da sogra), e a outra menos boa (a do pai).</p>
<p><i>8. E - Quando tomaram a decisão, foi uma decisão consensual dos filhos?</i></p> <p><i>F4 - Sim, sim, sim, foi, foi, foi tomada por dois ou</i></p>	<p>8 . A decisão não foi tomada por todos os filhos. Alguns decidiram e os outros (incluindo F4) aceitaram, porque não encontraram uma melhor</p>

<p><i>três, mas pronto, todos...Por exemplo, quando os meus irmãos vieram ter comigo, vieram para me dizer "olha pensamos isto assim a assim". Com certeza, então, tem que ser tomada, ele não pode estar sozinho," portanto ... foi assim.</i></p>	<p>alternativa, o que deixa transparecer uma unanimidade forçada e uma “unidade” familiar em que há diversos graus de poder, e em que, claramente, a F4 não cabe tomar a iniciativa.</p>
<p>9 . <i>Vão dois anos e tal já que ele, digamos que não está em casa. Ele sente-se, ele, o meu pai foi sempre muito, mesmo noutro tempo, foi sempre muito fechado, muito para ele sofrer para ele. Ele, à vista, nunca tinha problemas, tinha lá os problemas dele.</i> <i>(...) mesmo na questão de doenças, ele só à última ou se alguém que detetasse.</i></p>	<p>9 . F4 rodeia a questão, justificando-se, antecipadamente, com o a forma de ser do pai, dizendo que ele sempre foi muito fechado, nunca falou muito de si próprio nem se queixava de nada, embora tivesse problemas ou alguma doença.</p>
<p>10 . <i>(...) mesmo agora, quando já estava nesta situação e que a minha mãe faleceu, foi a mesma coisa, ele..... a minha mãe faleceu, quando soube foi ao fim de três ou quatro dias (...) ele chorou um bocadinho, quis saber como é que tinha sido o funeral, quem é que tinha vindo, se a irmã da minha mãe, que uns tempos antes tinham tido assim uma quezíliazita, estavam um bocadinho, pouco bem humoradas uma com a outra, se a outra tinha vindo, quis saber isso tudo, a partir daí, só quis foi o luto, quis fazer o luto, pediu-me roupa preta para fazer o luto, e a partir daí não quis mais conversa.</i></p>	<p>10 . Até a reação à morte da esposa mostra um homem”duro”, resistente, respeitador de tradições. Após a informação sobre o funeral, não quis voltar a falar do assunto, como se o tivesse enterrado, definitivamente, esse assunto.</p>
<p>11 . <i>(...) mas foi sempre, sempre assim, sempre, mesmo quando ele se chateava com qualquer pessoa, nós não sabíamos, nós só sabíamos se essa pessoa ou alguém nos dissesse " olha afinal o teu pai..."</i></p>	<p>11 . A imagem que nos transmite é a de um homem que não expressa sentimentos, que não se queixa de nada, e que aceita o inevitável, que só faz pequenas “confissões” quando</p>

	<p>está menos lúcido.</p> <p>F4 constata que o pai sempre foi assim, nunca partilhava preocupações com a família, portanto agora é igual, não sabendo o filho qual o seu verdadeiro estado de ânimo.</p>
<p>12 . Não, não, na minha relação não mudou praticamente nada, porque foi assim.</p> <p><i>E - Costumava vê-lo frequentemente, antes dele ir o lar?</i></p> <p><i>F4 - Hã, hã, sim, quase todos os dias, porque ele quase todos os dias aqui vinha, hã, hã, porque eu fui sempre assim também com ele, e ele sabia isso e a minha mãe também, Deus tenha a alma em descanso, mas sabia isso também. Eu nunca fui pessoa muito deandar a ir todos os dias, por exemplo, a ver o meu pai a casa ou ver a minha mãe (...) nós somos muitos, todos os dias nos vemos (...) todos os dias eu e a minha irmã que estava em casa, todos os dias de manhã, eu via-a, ela vinha beber café para ir para o serviço dela ou para sair para o escritório e eu perguntava-lhe sempre" então os meninos?"</i></p>	<p>12 . F4 assegura que o seu contacto com o pai é igual ao que era.</p> <p>Enquanto foi possível, era o pai que o visitava a ele (no café) e, no mesmo local, via diariamente a irmã que vivia com os pais. Ele, filho, só ia a casa dos pais se fosse mesmo necessário, caso contrário, não tomava a iniciativa. À irmã, perguntava pelos “meninos”, infantilizando os pais, fantasiando-os como crianças, à guarda da filha mais nova.</p>
<p>13 . A nossa relação.... e eu fui sempre, portanto, tive sempre assim uma boa relação, porque eu porque eu não fui criado com os meus pais, em parte (...) Mas, não é isso, não é isso, porque isso não afetou em nada a nossa relação, nem com os meus irmãos nem com os meus pais, nunca, tal como a minha irmã X a mesma coisa, também, isso nunca afetou porque nós, apesar de não sermos criados</p>	<p>13 . F4 diz que sempre teve uma boa relação com o pai, e introduz aqui um facto da sua história de vida, revelando não ter sido criado pelos pais, tal como uma das irmãs, justificando e minimizando o facto com um hábito antigo, nas famílias numerosas, de afastar o filho mais</p>

<p><i>com eles, nós não fomos criados com eles, não foi por isto ou por aquilo. Antigamente havia aquela tradição, a mãe ter um bebê, o outro mais novinho precisava de estar uns dias afastado, desmamar, não sei quê, e foi assim que eu fui para casa dos meus padrinhos, fui e lá fiquei, pronto, a minha irmã foi para os XX e lá ficou.</i></p>	<p>novo, aquando do nascimento de outro bebé. Reafirma que isso não afetou a relação familiar nem os sentimentos que nutria/nutre pelos pais e pelos irmãos. É uma resposta que tenta negar o efeito do afastamento, decidido pelos pais, na relação afetiva com eles, desresponsabilizando-os e colocando a responsabilidade num costume da época.</p>
<p>14 . <i>Fui criado com os meus padrinhos, que já também faleceram os dois, esses infelizmente nunca chegaram a esta situação, à situação nem à idade, porque a idade por vezes não é tudo, mas, faleceram antes de chegar a uma situação que tivessem que ir para o Lar, porque senão pronto, se calhar eu teria que tomar a mesma decisão.</i></p>	<p>14 . E, para reforçar a convicção de que não há diferenças na relação que teve com os pais e com os padrinhos, diz que, se tivesse sido necessário, teria tomado mesma decisão de os institucionalizar. Mas aqui fala na 1ª pessoa, em que seria ele a decidir, era ele o cuidador, e não teria com quem dividir a responsabilidade, em que a mesma se dilui no “nós”.</p>
<p>15 . <i>Todas as terças feiras, vou com a minha mulher visitá-lo (...) se eu lá não for durante a semana, ele não estranha nada, mas, se eu tiver quinze dias sem lá ir, já estranha.</i></p> <p><i>(...) se a minha irmã não me disser nada, telefone-lhe eu" então como é que está o X ?" portanto, é a nossa conversa, é o X "então como é que estava o X?"</i></p>	<p>15 . A visita ao pai é um ritual, com dia e hora marcados, semanalmente. Admite que há algumas exceções, não indo um desses dias ou indo, sem ser esperado. O pai, habituado à rotina semanal, faz-lhe sentir a falta, se não for visitá-lo uma vez por semana.</p> <p>Nos outros dias, recorre às informações da irmã mais nova</p>

	<p>(elemento responsável, perante a instituição), perguntando-lhe pelo X (refere-se ao pai pelo nome próprio).</p> <p>Funciona a rede familiar para trocarem informações sobre o estado do pai, mais do que o diálogo com o próprio. Aliás, sente-se, nesta conversa, mais do que afetividade, o cumprimento de um dever para com o progenitor, o que se compreende pela história de vida de F4.</p>
<p>16 . E - Ele já voltou a casa, depois de ir para o Lar?</p> <p><i>F4 - A casa dele não, não voltou. (...) A casa não, porque nós temos evitado sempre isso... porque como ele não fala, nem gosta, e nós não o temos levado a casa dele, por isso, para que ele não viva mais aquela sensação da falta.</i></p>	<p>16 . À pergunta direta, responde que nunca levaram o pai à sua própria casa, para que ele não sinta o vazio deixado pela morte da mulher, pressupondo que isso o fará sofrer, mas nunca lhe tendo perguntado se queria ir.</p>
<p>17 . E - E você, já foi buscá-lo alguma vez?</p> <p><i>F4 -Eu ainda não fui, ainda não fui, ainda não calhou, assim uns anos ou assim, como um dia em que desse para eu..., os meus irmãos foram; pelo natal, foram uns e pelo ano novo, foram outros.</i></p>	<p>17 . Quanto a ele, F4, confessa nunca ter ido buscar o pai para sair um pouco do Lar, embora já tenha estado com ele, em casa de irmãos. Não apresenta justificação, dizendo apenas que nunca “calhou”.</p>
<p>18 . E - Como é que acha que ele se sente nessas saídas de lá? Acha que se sente bem?</p> <p><i>F4 - Sente, sente bem, porque ele é , ele é assim; se o meu irmão lá chegar e disser assim "ó pai, olha, eu amanhã ou hoje, venho-te buscar para ires a</i></p>	<p>18 . F4 diz que o pai gosta de sair do Lar, porque, quando não quer sair, se recusa a fazê-lo. É reforçada aqui a imagem de um pai com um funcionamento rígido, fechado em si</p>

<p><i>almoçar ou ir jantar" e ele se não estiver naqueles dias em que ele não tem vontade e que por qualquer motivo, ele diz logo " olha não venhas que eu não vou,... não venhas que eu não vou", ele vai. (...) mas, quando ele diz não..."</i></p>	<p>próprio, e que impõe a sua vontade, sem qualquer explicação. E, perante essa rigidez, F4 sente-se intimidado e receoso.</p>
<p>19 . <i>Foi sempre assim, mesmo na vida dele. Ah, qualquer coisa que tinha com alguém, era com essa pessoa é que ele, é que ele esclarecia o assunto, fosse quem fosse, e depois tinha, teve sempre, uma coisa, ele nunca teve o problema, ele era analfabeto, mas ele nunca teve o problema de falar qualquer coisa com alguém. Ele tinha um assunto para tratar com o juiz, por exemplo, com um advogado, com ... ele não tinha problemas: tinha que falar, tinha que falar, tinha assunto para tratar, tinha assunto para tratar, era ele, o assunto era dele e ele é que tinha de falar, tinha que tratar, é que tinha de esclarecer e, felizmente, ao longo da vida, com essas atitudes todas, só arranjou amigos, felizmente.</i></p>	<p>19 . F4 deixa clara a grande admiração sentida pela retidão e frontalidade que sempre reconheceu no pai, em relação a todos os assuntos, afirmando que esse carácter sempre foi reconhecido pelos outros, com respeito e amizade. A imagem do pai é bastante idealizada, é a imagem de um “grande homem”, apesar de analfabeto, um ser superior, admirado por todos. No entanto, é uma imagem distante, em termos afetivos.</p>

Participante F5

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p>1 . <i>Então a minha mãe, pronto, a minha mãe é insulino dependente, há muitos anos, e vivia sozinha lá em B., (...) depois começou a deixar de comer, os diabetes começaram-se a alterar, começou a ter distúrbios, (...), trouxe-a logo, trouxe-a para a minha casa.</i></p>	<p>1 . F5 fala da mãe, com 86 anos, descrevendo o que aconteceu, desde os primeiros problemas graves de saúde (devido à diabetes) com desorientação, tendo F5 ido buscá-la (à casa onde vivia sozinha) para ir viver consigo.</p>

<p><i>2 . Esteve seis meses a viver comigo em casa, pronto, foi um bocado complicado porque ela depois, durante a noite, desorientava-se, eu ia trabalhar. Cheguei ao fim daqueles seis meses, que achei que era um bocadinho complicado e já tava a ficar um pouco saturada, porque eu não dormia nas noites e tinha de vir trabalhar. Resolvi metê-la no centro de dia, pronto, eu ia levá-la às 9 e depois ia buscá-la às 7 da noite. (...) nesse período que ela teve comigo em casa caiu, (...) quando eu cheguei a casa à 1h, a minha mãe ainda tava deitada no chão. Partiu-me o coxís e eu disse que a partir daí ela nunca mais poderia ficar em casa sozinha (...) a partir daí foi mais complicado, as noites cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais...</i></p>	<p>2 . A filha descreve o agravamento dos problemas da mãe e a sua própria dificuldade em trabalhar e, simultaneamente, cuidar bem dela, o que a levou a decidir-se pela institucionalização parcial, num Centro de Dia. Após uma queda grave da mãe, F5 decidiu que ela não poderia continuar sem vigilância permanente.</p>
<p><i>3 . Pedi ajuda ao meu irmão pra tentarmos resolver a situação e ele disse que decidiu o que achasse que era melhor e pronto, a minha mãe foi para o Lar.</i></p>	<p>3 . Fala num tom magoado, de alguém que teve que tomar, sozinha, a decisão de institucionalizar a mãe, já que o irmão, que vive longe, se demitiu dessa responsabilidade.</p>
<p><i>4 . A minha mãe já estava, durante o dia, naquele local, pronto, foi porque eu conhecia lá muita gente, (...) as vagas, pronto, eram onde estavam mais disponíveis, percorri vários e todos os que havia não eram em E., eram tudo fora do meu local, daqui, onde eu vivo. (...) porque havia para mais longe, quer dizer, mas isso também não me interessava. Qualquer problema, eu estou aqui perto e elas, pronto, lá no lar as pessoas são impecáveis, e mesmo como sabem que eu estou aqui, telefonam-me logo imediatamente</i></p>	<p>4 . Pesquisou instituições pela proximidade da terra onde vive e pelos conhecimentos pessoais na instituição escolhida, tendo em conta as poucas vagas disponíveis nas instituições para idosos.</p> <p>A proximidade foi importante porque as funcionárias da instituição contactam-na sempre que há qualquer problema e ela pode ir lá, em pouco tempo. Estar próxima da mãe, é, para F5, um fator importante.</p>

<p><i>5 . Ainda hoje lida muito mal. A minha mãe não aceita, a minha mãe não queria, não quer e continua a não querer e ela sabe que não consegue já quase andar, já caiu algumas três vezes lá no Lar e tem acompanhamento, das quais partiu 3 vértebras, (...) e continua renitente e não quer e não gosta, quer ir pra casa dela, mas isso é impossível.</i></p>	<p>5 . F5 afirma claramente que a mãe reagiu muito mal à institucionalização e que continua a pedir para voltar a casa. E, apesar do agravamento dos problemas de saúde, não aceita (nem nunca aceitará, diz a filha) o facto de estar num Lar. Mas, apesar de ter consciência disso, esta filha considera completamente impossível o regresso.</p>
<p><i>6 . (...) A minha mãe não aceita, não aceita nem nunca irá aceitar. Depois, às vezes, torna-se um bocadinho complicado, porque ela depois pensa que eu é que a meti lá porque quis.</i></p> <p><i>E - Ela faz-lhe sentir isso, fala-lhe disso?</i></p> <p><i>F5 - Faz, faz.</i></p> <p><i>E - Acusa-a de ser a J. a tê-la colocado lá...</i></p> <p><i>F5 - Porque eu quis.</i></p> <p><i>E - Porque não queria cuidar dela?</i></p> <p><i>F5 - Exato.</i></p>	<p>6 . E mantém a decisão, embora a mãe a acuse, frequentemente, de a ter posto num Lar porque não queria cuidar dela.</p> <p>F5 não tem dúvidas quanto à vontade da mãe, completamente oposta à institucionalização, e essa percepção mostra-se muito perturbadora.</p>
<p><i>7 . Eu não me sinto, pronto, muito mal, porque eu sei e vou lá, pronto, em parte afetiva eu até gostava e adoraria, mas é assim, infelizmente nós temos a nossa vida. Eu sei que ela cuidou de mim quando eu era pequena, não é, mas os tempos eram outros e eu agora pra cuidar da minha mãe tinha que deixar de trabalhar e eu não posso. Como viveria eu, não é? E</i></p>	<p>7 . F5 diz não se sentir muito mal, e, embora gostasse de cuidar da mãe como ela a cuidou quando era pequena, não o conseguiria sem deixar de trabalhar, e isso deixá-la-ia sem recursos para viver.</p> <p>Tem consciência da tristeza da mãe e</p>

<p><i>eu tentei, tive seis meses com a minha mãe sozinha em casa, eu tentei, pronto, porque custa-me um bocado, porque eu sei que ela fica triste e não gosta e às vezes tá revoltada</i></p>	<p>da sua revolta, mas não encontra forma de a aliviar.</p>
<p>8 . (...)mas por outro lado eu sei, e isso eu sei plenamente, porque a minha mãe tem graves problemas de diabetes e picos altíssimos, altíssimos e que a minha mãe tá bem e tá cuidada, se calhar melhor do que eu a conseguisse cuidar.</p>	<p>8 . No entanto, diz que, devido aos problemas de saúde da mãe, talvez nem a conseguisse cuidar tão bem como faz a instituição. E dá o exemplo de cuidados noturnos que, por vezes, são necessários, e que ela não teria condições de prestar com a mesma qualidade.</p>
<p>9 . E - Quando a deixou lá, a primeira vez, lembra-se como é que se sentiu?</p> <p><i>Quer dizer, senti-me um pouco triste, pronto, porque eu sabia que ia deixá-la num, vá, num quarto onde ela praticamente nunca tinha visto, pessoas com quem ela nunca tinha dormido, conhecia, durante o dia, não é, mas dormir, o ambiente, não sabia como é que era, ela, pronto, a casa de banho também era diferente, porque era tudo diferente.</i></p>	<p>9 . A filha recorda que se sentiu triste no 1º dia de institucionalização da mãe. O desconhecido, o diferente, o que é novo, preocupavam F5 e desencadearam um sentimento de tristeza, por não saber como iria a mãe lidar com essas mudanças.</p>
<p>10 . E - Vai visitá-la com frequência?</p> <p><i>F5 - Sim e levo-a para casa. Não, não, eu vou buscá-la.</i></p>	<p>10 . À pergunta da entrevistadora, F5 responde que visita a mãe com frequência e que a vai buscar regularmente.</p>
<p>11 . Encontro-a bem, e ela, bem, quando está em casa, comigo, ela diz que não gosta de lá estar, mas depois, (por isso é que eu fico mais tranquila), porque em chegando, assim, aí às vezes, eu vou buscá-la sempre de manhã, almoço comigo, quando começa lá pelas 2 e meia 3 horas, começa a dizer “se calhar vais-me</p>	<p>11. F5 diz que a forma contraditória como a mãe vê o Lar, a deixa a ela, filha, mais tranquila, porque a mãe diz que não gosta, mas, quando a filha a leva a sua casa para almoçar, ela quer regressar ao Lar, poucas</p>

<p><i>mas é levar, elas tão lá ao pé de mim, eu quero é ir lá para o pé delas”, oh mãe, então, mas tamos aqui em casa comigo, “não, não, não, vai-me lá levar que eu gosto de lá estar, eu quero mesmo estar ao pé delas”. Portanto, isto também me tranquiliza, porque eu sei que ela gosta de me ver e depois diz-me “então, mas eu já te vi, já almocei contigo, vai-me levar já, eu quero ir para lá, que eu gosto de lá estar”.</i></p>	<p>horas depois, explicando que gosta de lá estar.</p>
<p>12 . (...) <i>a minha mãe diz que não gosta porque fui eu que a coloquei lá e tomei a decisão, mas depois, ela reconhece também e diz-me “não, mas elas tratam-me bem, elas tratam-me bem” e eu fico também mais tranquila.</i></p>	<p>12. Esta contradição é vista por F5 como uma acusação da mãe à decisão da filha, de a institucionalizar, embora a idosa reconheça os aspetos positivos da mesma.</p>
<p>13. <i>Eu, às vezes, vou durante a semana, uma vez, e depois vou sempre aos fins-de-semana, ou sábado ou domingo.</i></p> <p><i>E-- E quando (já deve ter acontecido alguma vez) não poder ir, ela lembra-a disso?</i></p> <p><i>F5-- Diz, diz. “Ah não sei quê, no outro dia não vieste cá.” Eu disse” tá bem, então, não vim mas não podia vir mãe, não posso. (...) Ou telefono. “Mãe olhe que eu não vou ou não sei quê.”</i></p>	<p>13 . F5 diz que visita a mãe, regularmente, duas vezes por semana (a meio e no fim-de-semana). Quando, por qualquer motivo, não pode ir, a mãe “cobra-lhe” essa falta, embora ela tenha a preocupação de telefonar a avisar que não pode. É um ritual que, ao ser quebrado, produz uma reação de acusação.</p>
<p>14 . <i>Com o meu irmão reage mal, porque ela gosta muito do meu irmão, tem uma paixão muito, muito pelo meu irmão, é o menino dela, pronto, é filho, né? E depois queixa-se, às vezes diz-me “ah, o teu irmão vem cá, nunca se senta, tá sempre com pressa, quase nunca, às vezes vem aqui, tá sempre “ah tenho de me</i></p>	<p>14 . F5 diz que a mãe sente muito a falta do filho, que vai vê-la poucas vezes e que está sempre apressado para se ir embora. Queixa-se, à filha, da pouca disponibilidade do filho, cabendo àquela o papel de mediadora</p>

<p><i>ir embora e não sei quê.” (...) Eu noto que ela tem muita carência do meu irmão, tem.</i></p> <p><i>E - E a J. alguma vez que falou com o seu irmão sobre isso?</i></p> <p><i>F5- Já, mas ele é assim, já falei tantas vezes.</i></p>	<p>e de pressionar o irmão, que sempre teve este tipo de comportamento, inclusivamente com o pai, já falecido. F5 diz não ser possível a mudança de atitude do irmão, apesar das suas muitas tentativas.</p>
<p><i>15 . Infelizmente tive outra situação com o meu pai e nem essa consegui. (...) o meu pai morreu, tinha cancro no pulmão. E eu pedi-lhe tantas vezes, e às vezes tinha de lhe fazer mesmo ultimatoss.</i></p>	<p>15 . Diz que o irmão teve a mesma atitude com o pai (já falecido), pelo que ela não espera que ele mude.</p>
<p><i>16 . Só telefona ao meu irmão. (gargalhada)</i></p> <p><i>E - Não sente ciúmes?</i></p> <p><i>F5 - Não, já aprendi a lidar com isso, e lido com isso desde que nasci. (...) Sempre foi o mesmo, sempre foi preferencial o meu irmão.</i></p> <p><i>E - Para si, foi complicado?</i></p> <p><i>F5 - Muito complicado, muito complicado, muito complicado. Tive sempre, pronto, não totalmente, mas por isso é que eu talvez senti muito, muito, muito a morte do meu pai. Porque o meu pai tentava sempre compensar, embora o meu pai tivesse sempre a predileção pelo meu irmão. Mas foi muito complicado. Hoje em dia, já não é tanto. A gente tem fases difíceis na vida e vamos ultrapassando, mas ainda hoje existe, ainda hoje existe e sempre foi, o meu irmão é sem sombra de dúvidas. Eu, não é ciúmes, pronto, mas eu lido bem com isso.</i></p>	<p>15 . F5 diz que a mãe nunca lhe telefona, mas ao filho, sim. Diz não sentir ciúmes porque já aprendeu a viver com isso, mas a mãe sempre deixou claro que preferia, e prefere, o filho, 5 anos mais velho. F5 diz que sentiu essa diferença de afeto da mãe, desde que nasceu e, que, talvez por isso, tenha sentido muito mais a perda do pai, que tentava compensar esse desequilíbrio afetivo, embora também preferisse o filho. Também confessa que, na infância e adolescência, foi muito difícil. Compreende-se a sua revolta, embora diga que aprendeu a viver com isso, e a sua atitude de crítica ao irmão que, sendo o preferido da mãe e do pai, não demonstrou nem demonstra disponibilidade, mesmo quando está presente. Apesar disso,</p>

	<p>ele continua a ser objeto da atenção da mãe, que utiliza a filha para saber notícias dele.</p>
<p>17. <i>Isto que vou dizer, a minha mãe disse-me muitas vezes, que não gosta tanto de mim como gosta do meu irmão, mas pronto.</i></p> <p><i>(...) E ela às vezes diz-me, pronto que eu tenho assim, sou um pouco mais explosiva e que gosta mais do meu irmão. Mas isso disse-me muitas vezes, muitas vezes, muitas vezes. (...) E foi muito difícil, muito difícil!!!</i></p>	<p>17. F5 não tem dúvidas sobre a preferência da mãe pelo filho porque a própria mãe sempre lhe disse isso, claramente. Para F5 foi, como ela diz, muito difícil aceitar esse 2º lugar no afeto da mãe.</p>
<p>18. <i>Se eu pudesse, sim. Se eu pudesse monetariamente pagar, em vez de a minha mãe estar num lar, ter uma pessoa que enquanto eu estivesse a trabalhar, tomasse conta dela e me ajudasse um bocadinho, na noite, sim. Não teria posto a minha mãe num lar, pelo menos ela não saía do ambiente familiar dela. É lógico que sim, eu mudaria isso. Isso eu faria, sim, sim, sim. Se houvesse estabilidade financeira para isso, claro.</i></p>	<p>18. F5 diz, claramente que, se tivesse meios financeiros para contratar uma cuidadora, não teria institucionalizado a mãe, e mudaria a situação, caso viesse a tê-los. Não tem qualquer dúvida sobre o assunto. Apesar da mãe a preterir, relativamente ao irmão, ela (filha) investiria na tentativa de melhoria da relação, proporcionando à mãe, o meio familiar e afetivo. Parece ser uma tentativa fantasiada de reparar a relação, de compensar o afeto não recebido do objeto.</p>

Participante F6

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
-------------------------	-----------------------------------

<p>1. E - Há quanto tempo está a sua mãe institucionalizada?</p> <p><i>F6- Quatro anos, com um intervalo ali pelo meio, quis vir para casa, mas depois teve que voltar outra vez.</i></p>	<p>1 . F6 diz que a mãe está institucionalizada há 4 anos, com uma pequena interrupção.</p>
<p>2 . E - E como é que foi tomar essa decisão? Quem é que a tomou? Foi ela? Foram os filhos?</p> <p><i>F6 - Foi mais ou menos entre os três, não é, o que é que a gente achou? Numa altura em que ela estava já sozinha lá em casa e que, às tantas, as coisas não estavam a começar a funcionar como funcionavam dantes, ela perdeu os medicamentos, mesmo que a gente fosse lá todos os dias era difícil, então, entre os três, ela aceitou que íamos fazer uma experiência para lá.</i></p>	<p>2 . F6 diz que a decisão da institucionalização foi tomada, consensualmente, entre ele, o irmão e a mãe, que aceitou, numa fase da vida em que estava mais debilitada e já não conseguia tomar a medicação, sem ajuda dos filhos. Diz que a mãe aceitou experimentar o Lar, ou seja, não se tratou de uma decisão definitiva da idosa, mas antes de um recurso temporário (foi assim que ela o viu) para uma fase de saúde menos boa.</p>
<p>3 . Aconteceu que ela melhorou. Lá, começou a tomar tudo a horas, comia a comida que era necessária para ela, não era os outros doces, e pronto, não era o que ela lhe apetecia, e a partir daí, ela começou a melhorar. À medida que começou a melhorar, começou a capacitar, a pensar que já tinha condições para se ir embora.</p> <p><i>Dizia que estava capaz de ir embora sozinha para casa, e a gente disse sempre que não, e havia sempre atritos entre nós todos, que ela queria vir, queria vir, queria vir... e depois ofendia lá as pessoas e não sei o quê mais, e a gente às tantas" Ai sim? então vamos embora!"</i></p>	<p>3 . A melhoria de saúde, devido à medicação atempada e à alimentação cuidada, sem os excessos que fazia antes, devolveram-lhe energia, lucidez e a crença de que podia voltar à sua casa e a viver sozinha.</p> <p>Essa vontade de sair provocou atritos com os filhos e com as funcionárias da instituição, e a idosa acabou por regressar a casa.</p>
<p>4 . Ao fim de, não sei quanto tempo, não posso</p>	<p>4 . Aí, a saúde voltou a deteriorar-se</p>

<p><i>precisar, mas três, quatro meses (...) aquilo começou a piorar, não é, a fazer a mesma vida que fazia dantes, e ia sempre a piorar. Às tantas, tivemos que optar por colocá-la lá, mas não havia vagas e ela, depois já queria, não é, depois então levamo-la para o centro de dia, fazia lá as refeições todas e depois vinha para casa, mas pronto, porque não dava. Sempre a dizer que não queria lá estar, não sei o quê mais, e então às tantas, veio outra vez para casa. A partir daí, começou outra vez a piorar, até que às tantas não deu mesmo. (...), até que, pronto, ela capacitou-se que tinha que ir para lá outra vez, via que não podia estar ali (...) depois, combinou-se, arranjou-se uma vaga, e ela, por iniciativa própria, foi sozinha para lá. Ela é que foi para lá. (...) Também já ia um bocado debilitada.</i></p>	<p>e, passados alguns meses, os filhos recorreram ao Centro de Dia, onde a mãe fazia as refeições e tomava a medicação, indo dormir a casa. No entanto, também esta não se revelou a solução adequada, tendo voltado à institucionalização plena, após alguns meses à espera de vaga (que já não tinha). E aí, ela própria tomou a iniciativa de ir.</p> <p>Como se trata de uma mulher que dificilmente aceita opiniões de terceiros, este processo foi sendo construído de acordo com o estado de saúde da mãe de F6, até à institucionalização definitiva.</p>
<p><i>5. Por mais que a gente fizesse, não podíamos estar sempre ao pé dela, então ela saía, comia o que queria, comprava bolos, queria aquilo, não fazia uma refeição como devia de ser, apesar da gente dizer, mas... lá, pronto, é sempre diferente, e depois não estava acompanhada porque a gente só podia ir à noite.</i></p>	<p>5 . O filho justifica -se, dizendo que não podia estar sempre com a mãe, que fazia o que queria, comia o que não devia (sofre de diabetes) e eles, filhos, não conseguiam controlar a situação.</p>
<p><i>6 . (...) e acontece que andou agarrando nos saquinhos, outra vez, novamente para ir para lá e a partir daí ficou lá até hoje. Apesar de, depois, ao fim de dois meses, melhorar outra vez e quis-se vir embora. (...) agora nós temos andado a convencê-la para não vir e ..., mas pronto, agora em princípio já não vai sair.</i></p>	<p>6 . Em determinado momento, foi a mãe que decidiu voltar para o Lar, mas, quando voltou a melhorar, quis sair de novo, no entanto, ainda lá continua, apesar das insistências para sair. Paira, nas palavras do filho, a dúvida sobre a continuação da mãe na instituição, embora ele diga que já</p>

	não deverá sair.
<p><i>7 . Colocámos outra hipótese, mas depois surgiu aquela novamente e então, preferimos ali. Dos três lares, havia a opção de alterar, mas vimos que aquele era o melhor, então optámos por ficar lá, apesar de ser mais caro, pronto.</i></p>	<p>7 . F6 diz que consideraram três lares, tendo optado pelo melhor, apesar de ser mais caro.</p> <p>Consideraram que a instituição mais cara é a que apresenta melhores condições para a mãe.</p>
<p>8 . E - <i>Como é que se sentiu, sentiu-se aliviado, sentiu-se mal, como é que se sentiu?</i></p> <p><i>F6 - A primeira vez, a gente não sabe como é que aquilo funciona, não é, e então a gente está, está sempre à espera que seja bom para ela, mas depois com a continuação, estamos sempre a ver como é que ela se adapta, se não se adapta, porque ela ainda estava um bocadinho debilitada, e então, com o continuar, vimos que foi a melhor coisa que fizemos, foi ela estar lá, está acompanhada, tem médicos, tem enfermeiros, tem as senhoras que estão lá que tratam delas, fazem-lhe tudo...</i></p> <p><i>E - Está mais tranquilo agora do que no princípio, ou está igual?</i></p> <p><i>F6 - Não, estou igual. (...) Tanto da primeira como da segunda, estou tranquilo.</i></p>	<p>8 . À pergunta direta sobre como é que se sentiu aquando da primeira institucionalização, F6 rodeia a resposta, reconhecendo que o desconhecimento real do funcionamento da instituição lhe provocou alguma apreensão, tendo-se mantido muito atento à adaptação da mãe, e tendo concluído, mais tarde, não haver razão para receios, devido às boas condições de cuidados existentes. Não responde verdadeiramente à pergunta e só, após outra pergunta, diz que está tranquilo (e que já estava), o que parece uma contradição com o início da resposta dada.</p>
<p>9 . E - <i>E quando ela diz que se quer vir embora, quando ela melhora e depois se quer vir embora, como é que você se sente, quando ela lhe diz isso?</i></p> <p><i>F6 - Sinto que era outra asneira, que já fizemos uma vez, e então, agora na segunda vez temos que... a voltar ao mesmo não dá, mas ela, neste momento, já se</i></p>	<p>9 . O filho revela algum receio de que a mãe possa querer regressar a casa e é sempre com cautela que vai acompanhando a situação, dizendo que, agora que ela está mais calma, é porque ainda não está completamente</p>

<p><i>sente mais..., agora precisamente depois de ter acontecido aquilo que aconteceu, sente-se mais calma e sente-se que está lá bem, é porque ainda não está a cem por cento.</i></p>	<p>bem de saúde.</p>
<p>10 . <i>E ela também se vai adaptando. Aquilo depende dos dias, aquilo é dias, pronto, a idade também já é avançada e ela também, a mente também já não é o que era, mas pronto! Há dias que acorda como se não tivesse nada, há outros dias que aparece com ..., que elas dizem, não é, entre parenteses, com a veneta, que aquilo, pronto, mas aí a gente temos que dar desculpa, eu pelo menos dou e tento dizer a eles.</i></p> <p><i>E - Nunca se viu tentado a trazê-la?</i></p> <p><i>F6 - A tirá-la? Não, não. Não, porque já sei que vai acontecer novamente, então não, porque sei que ali é o melhor para ela estar.</i></p>	<p>10 . Diz também que o humor da mãe é distímico, e que ele vai informando o pessoal da instituição de que não devem “ligar” muito quando ela acorda mal-humorada.</p> <p>Apesar dessas oscilações, afirma não pensar nunca em retirá-la de lá porque sabe, antecipadamente, o que vai acontecer, e que teria que voltar. Atribui as mudanças dela ao envelhecimento, alternando dias bons com outros muito maus, situação que deve ser compreendida.</p>
<p>11 . <i>Se a gente tivesse hipóteses de a termos na nossa casa, mas a gente não está em casa, a gente trabalha. Então como é que vai para casa, para ficar sozinha outra vez? Não dá, então achamos que ali é o melhor (...)</i> <i>Em casa é sempre preferível, enquanto se pode...</i></p>	<p>11. Apesar das vantagens do Lar, F6 diz que, se houvesse possibilidade de ter a mãe em casa, acompanhada, isso seria melhor, mas como não há, porque todos trabalham, então a institucionalização é o melhor, apesar de a casa ser preferível, enquanto é possível.</p>
<p>12 . <i>Penso que, um dia mais tarde, se lá chegar, não é, também gostava de estar num sítio desses, e vejo lá outros senhores que... que optaram, e estando bem,</i></p>	<p>12 . Imagina-se, na velhice, num local semelhante, dando como exemplos, algumas pessoas que</p>

<p><i>optaram por ir para lá e são lá bem tratados, e depois fazem a vidinha cá fora à mesma, pronto, mas chegam lá, têm os sítios para comer e fazem-lhe tudo.</i></p>	<p>conhece que, estando sozinhas, optaram, elas próprias, pela institucionalização, mas mantêm uma vida autónoma “cá fora”, sem preocupações com os problemas básicos da alimentação, dormida, medicação. Assim, dessa forma, um Lar parece-lhe um bom sítio para envelhecer. Está implícita a fantasia de ver a mãe nessa situação, a estar lá voluntariamente e poder sair, voltando. O que não é o caso.</p>
<p>13 . E - Você imagina-se naquela situação?</p> <p><i>F6 - Se tiver que ser, não é, aqueles senhores que eu estava a dar o exemplo; é um senhor que se separou da mulher, estão separados, ele está sozinho, não quer depender os filhos, tem uma boa reforma, já falei muitas vezes com ele e, e pronto, e ele optou por isso, mas está sozinho, não é... o que não quer é incomodar os filhos.</i></p>	<p>13 . Imagina-se institucionalizado, se não puder viver só, continuando a dar exemplos de pessoas que não querem incomodar os filhos, optando por encontrar, numa instituição, a sua nova casa, mas só se não houver alternativa.</p>
<p>14 . <i>Eles levam-na a passear, ainda agora, na sexta feira houve lá uma missa, houve a procissão, não sei se ela foi se não, mas eu acho que não, e há outros passeios que eles fazem na primavera, aí por todo o lado, levam-nos a passear, depois, ainda por cima, têm as piscinas, que era bom para ela, que ela não gostava, mas ia.</i></p>	<p>14 . F6 acha que a instituição tem atividades suficientes para os idosos, que eles não precisam de mais. Nem sequer aproveitam todas as existentes, como é o caso da sua mãe que, por vezes, não aceita as ofertas disponíveis. Com todas as atividades que há, o Lar é o local ideal para a sua mãe.</p>
<p>15 . <i>Ela sempre teve o feitio aquele, sempre havia os altos e baixos, mas pronto, não.</i></p>	<p>15 . Acha que a sua relação com a mãe não mudou, sempre foi pautada</p>

<p><i>E - Enquanto ela esteve em casa, visitava-a com frequência?</i></p> <p><i>F6 - Pois, nem sempre lá podia ir, às vezes não ia ou então ia de dois em dois dias, outras vezes ia dia sim dia não, outras vezes mais, depois ia o meu irmão, pronto, mas é diferente lá, porque ela, enquanto pôde estava bem, esteve sempre bem, esteve lá à volta de vinte anos, desde que o meu pai faleceu, esteve lá sozinha e a gente ia lá e ela fazia de tudo: saía, ia para a minha casa, às vezes ia lá ter à minha casa e à do meu irmão pronto fazia e a gente ia quando saía do trabalho. Chegou uma altura que já não conseguiu, não consegue...</i></p>	<p>por “altos e baixos”, ela sempre foi assim, instável, mas enquanto a saúde lhe permitiu, viveu sozinha durante vinte anos, após a morte do marido. Ele, filho, ia visitá-la, às vezes, outras ia ela a casa dele e do outro filho.</p>
<p>16 . E - E agora, visita-a com muita frequência?</p> <p><i>F6 - Mais ou menos. Dois, três dias, às vezes vou lá ao domingo. Domingo, essa não falha, não é, e às vezes trazemo-la, e vai almoçar com a gente, juntamos todos, a família toda.</i></p> <p><i>Ela gosta muito de sair com a gente, de ir comer. (...)</i></p> <p><i>No Natal vai para o meu irmão e depois a gente vai lá ter, não é, como temos duas famílias, a da minha mulher, vai lá ter. No ano novo, normalmente juntamos lá todos na minha casa.</i></p>	<p>16 . Agora, diz que a visita 2 ou 3 vezes por semana, não faltando, nunca, ao domingo, dia em que, frequentemente, a levam (ele ou o irmão) a almoçar fora do Lar, para além do Natal e do Ano Novo, em que se juntam todos, em família, em casa de um ou outro irmão.</p>
<p>17 . Ela agora tem saudades da casa dela, não é, pede para lá ir, mas também já estou a ver que ela já não liga muito à casa dela, neste momento.</p> <p><i>E - Mas já lá foi?</i></p> <p><i>F6 - Já, já, tantas vezes! Levo-a lá para regar as flores. Apesar das flores já estarem todas mortas, queria regar as flores, quer ver a casa, andou a lavar</i></p>	<p>17 . O filho diz que, quando a mãe sai do Lar, leva-a, a seu pedido, à sua casa (dela), onde ela faz o que lhe era habitual: rega as flores, lava as escadas, atividades que vão enfraquecendo, gradualmente, com o tempo, embora ela planeie, ainda, ir lá fazer as limpezas maiores, no</p>

<p><i>o quintal, as escadas, sem poder, mas pronto, e pelos vistos, já não consegue. E quer, agora quando for para as limpezas, quer ir para lá, diz ela que quer ir para lá e pronto, a gente vai resolver, contratamos uma senhora para fazer as limpezas com ela e ela está lá, está lá a ver e pronto, a ajudar.</i></p>	<p>próximo verão. F6, que fala das atitudes da mãe com condescendência, diz que ela já não tem capacidades para o que quer fazer, mas ele está disposto a fazer-lhe a vontade porque sabe que não vale a pena contrariá-la.</p>
<p>18 . E - E ela costuma fazer queixas de alguma coisa?</p> <p><i>F6 - De tudo! De toda a gente! E antes, antes de ir para o lar também se queixava muito.</i></p> <p><i>Aqui, o feitio é igual, ah, o feitio é igual! (...) Quando tem que dizer, diz e depois, às vezes, arrepende-se.</i></p> <p><i>Ela, às vezes, diz mal das empregadas, mas depois a gente diz-lhe: “não! Então, elas tratam-te bem, fazem tudo o que tu queres, dão-te banho, dão-te de comer”, mas ela diz que não, lá na maneira dela. E a gente dá-lhe a volta, e é verdade, porque eu vejo que elas a tratam bem.</i></p>	<p>18 . Responde a uma pergunta, dizendo que a mãe se queixa de tudo e de todos, mas isso também já se verificava antes da institucionalização. Descreve-a como uma pessoa direta, que diz tudo o que pensa, situação que, por vezes, lhe traz alguns problemas, e que depois se arrepende.</p> <p>F6 reage às queixas da mãe, minimizando-as, e realçando os aspetos positivos e as qualidades das pessoas que ela critica. E diz que o faz porque acredita, de facto, que assim é. Já está habituado porque sempre foi assim, independentemente do estado de saúde da mãe.</p>
<p>19 . [Os netos] não os vê como eu gostava, mas pronto, vê-os menos vezes do que...(..) por não irem lá (...) são mais despegados.</p> <p><i>Não são filhos, é verdade! (...) Sim, sim, sim, é o nosso dever, ela cuidou da gente, e a gente tem de cuidar dela.</i></p>	<p>Desabafa, dizendo que os netos deveriam ir mais vezes, visitar a avó, que sente a falta deles, mas atribui essas faltas à sua condição de netos e não de filhos. Estes últimos têm o dever, considera, de cuidarem a mãe, que os cuidou em pequenos,</p>

	completando, assim, o círculo geracional.
--	---

Participante F7

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p><i>1 . A minha mãe foi para lá... está lá há poucos meses ainda, está desde novembro e isso aconteceu porque... a minha mãe é viúva há dez anos, ela teve sempre na casa dela, fazia a vida dela completamente, sem precisar praticamente de ninguém. Entretanto, a minha mãe já sofre, de há muitos anos, de artrite reumatóide, tem problemas de coração, tem problemas de diabetes, tem uma data de complicações. O... os ossos, em si, estão-se a começar a deformar, tem as mãos a ficar deformadas. Anda aí a fazer tratamento no hospital de dia, entretanto, com certos tratamentos que fez, dito pela médica, a situação dela agravou-se, em questão de pulmões, em questão de coração (...)</i></p> <p><i>Ficou muito tempo metida na cama, perdeu a massa muscular, deixou de andar. Entretanto, depois recuperou,... foi para V. para a recuperação, veio de lá a andar, com canadianas, pronto, com uma certa limitação, mas veio a andar.</i></p>	<p>1 . F7 faz um relatório pormenorizado da evolução das doenças da mãe, que a tornaram, progressivamente, dependente de cuidados de terceiros. Diz que a mãe viveu sozinha durante dez anos, após ter enviuvado, e que os problemas graves de saúde (incluindo uma queda grave) fizeram com que as filhas tivessem procurado centros de recuperação.</p>
<p><i>2 . Entretanto, nós, as três, entendemos que ela não tinha condições para estar sozinha. Além da medicação que tinha que tomar, a casa tem degraus... e já tinha acontecido uma vez ela lá, ... de noite, levantar-se, ter caído, ficou lá em casa caída, gritava, gritava, até que as vizinhas deram por ela...</i></p>	<p>2 . F7 diz que, juntamente com as irmãs, decidiram que a mãe não podia continuar a viver sozinha, devido aos medicamentos que tinha que tomar e às barreiras arquitetónicas da casa, que já lhe</p>

<p><i>tiveram que arrombar a porta, para... chamar a polícia e tudo mais (...) E então nós, depois de ela ter vindo de V.V., achámos que a melhor situação era ela ir... para... para um Lar. Foi ali para a C.V., ainda esteve lá uma semana à espera de vaga, mas entretanto, depois, foi para a S. C.</i></p>	<p>tinham provocado uma queda. E a solução encontrada foi a ida para um Lar.</p>
<p>3 . <i>Não foi muito do agrado dela, em princípio, porque acho que ninguém gosta de sair do meio onde vive... para ir para um lar, mas nós, o médico aconselhou-nos,</i></p>	<p>3 . A filha diz também que a institucionalização da mãe não foi do agrado da mesma, mas foi aconselhada pelo médico</p>
<p>4 . <i>(...) nós notávamos que a minha mãe estava muito sonolenta e que até podia haver ali, às vezes, troca de medicação, não estar a tomar a medicação como devia ser. Como tem problemas também de sangue e tudo mais, havia, às vezes, certas alterações no sangue, e nós tomámos a decisão.</i></p>	<p>4 . F7 diz que se suspeitava que a mãe poderia estar a tomar, indiscriminadamente, a medicação, algumas vezes em excesso, pois apresentava alguns sintomas de sobredosagem.</p>
<p>5 . <i>Eu tenho uma irmã que trabalha em S., tem lá a vida dela; tenho outra cá, que é a do meio, que tem problemas de depressões, que ela é bipolar... e eu, ao fim e ao cabo, encontrava-me sozinha..</i></p>	<p>5. Assim, a decisão foi baseada, na opinião de F7, na necessidade de vigilância constante da mãe e cuidados alimentares adequados, que nem ela, como filha (nem as duas irmãs) estavam em condições de proporcionar. Sentiu-se sozinha e incapaz de prestar, à mãe, os cuidados necessários, já que uma irmã vive longe e a outra sofre de doença mental crónica.</p>
<p>6 . <i>Eu também tenho a minha vida, também trabalho aqui o dia todo, para a minha casa também não a podia levar porque também não está lá ninguém - tenho a minha filha a estudar fora, tenho o meu</i></p>	<p>6 . A mãe, sozinha em casa, era uma fonte de preocupação para F7, que se sentia impossibilitada de a vigiar devidamente, porque tinha que sair</p>

<p><i>marido também a trabalhar, na minha casa também não tinha condições de a poder lá ter, porque, ao fim e ao cabo, só estava acompanhada durante a noite, e ela precisava de dia e de noite.</i></p>	<p>para trabalhar e, se a deixasse na sua casa, ela continuaria sozinha todo o dia.</p>
<p><i>7 . Porque, ao fim ao cabo, ela estava ali em casa, estava ali isolada, porque nem todos os dias podia lá ir a casa, e depois havia o problema que nós telefonávamos e ela podia estar lá para... para dentro, ou para a casa de banho, ou fosse para onde fosse... e depois não atendia o telefone, porque também não chegava a tempo, porque anda devagar, e depois tornava-se a telefonar e ela não atendia, e eu pegava no carro e tinha que ir lá a cima a casa a ver o que se passava e o que não se passava.</i></p>	<p>7 . A solidão e o isolamento da mãe eram uma preocupação constante da filha, que, por vezes, ao tentar contactá-la telefonicamente, se ela não atendia, se via obrigada a ir ver se estava tudo bem.</p> <p>Esta filha, embora sendo a mais nova, assumiu-se como cuidadora e responsável principal da mãe, e essa situação era geradora de constante ansiedade.</p>
<p><i>8 . A minha mãe sempre disse, ao princípio “Eu, quando for mais velha, não quero dar problemas a ninguém, e metam-me no lar”. Mas a gente também sabe que é muito fácil a gente falar, não é? Quando não estamos nessa situação. E tirá-la do meio ambiente dela, a gente sabe que é difícil.</i></p>	<p>8 . F7 diz que a mãe não aprovou a decisão de ir para o Lar, embora, antigamente, dissesse que queria, para não dar trabalho a ninguém. No momento da decisão, a saída do seu ambiente não foi fácil, situação que a filha compreende e que lamenta. A filha compreende que a “vontade” expressa pela mãe, quando gozava de boa saúde, não é, hoje, igual, quando tem que ser posta em prática.</p>
<p><i>9 . Mas depois, mediante a conversa que eu tive com a minha mãe, ela realmente chegou à conclusão que</i></p>	<p>9 . A filha diz que, devido às suas explicações e justificações, a mãe</p>

<p><i>era a melhor... solução para ela. (...) Houve uns dias, ao princípio, que estava assim um bocado mais em baixo, mas, já quando esteve em V. também estava em baixo, porque também não sabia para onde ia, não conhecia ninguém, era diferente. Depois, foi-se habituando, começou a ver a recuperação, habituou-se.</i></p>	<p>aceitou a decisão de ser institucionalizada. No início, a mãe estranhava o novo espaço e as pessoas que não conhecia, mas depois foi-se habituando.</p>
<p>10 . <i>Aqui no lar foi a mesma coisa. Chegou ali, não... não conhecia as pessoas, não sabia como é que era, como é que não era, mas depois foi-se habituando, até lá tem pessoas conhecidas, que ela já conhecia cá de fora. E agora tem aceitado bem.</i></p>	<p>10 . No início, a mãe de F7 não conhecia as pessoas do Lar, mas, tal como acontecera nas unidades de recuperação onde estivera, foi descobrindo, também, que até havia lá pessoas suas conhecidas. Diz a filha que ela, atualmente, está bem e integrada.</p>
<p>11 . <i>Quando estamos nesta situação, a gente dizer-lhe... quer dizer, eu é que tive que..., fui eu, pronto, fui eu mesmo é que tive que falar com a minha mãe e dizer-lhe: “Mãe, é assim: você vê a situação em que está aqui, está com dificuldades, as mãos estão todas deformadas, não têm ação! E anda com uma canadiana, tem dificuldade, e a melhor solução que nós arranjámos, visto que com a minha irmã não se pode contar, com a outra que está longe também não, eu sozinha aqui também tenho a minha vida, tenho o meu trabalho...que é o dia todo – só chego a casa praticamente às seis horas, é quando eu chego.</i></p>	<p>11 . F7 refere que foi difícil informar a mãe da decisão sobre a institucionalização, porque foi ela só que teve que assumir essa conversa, onde referiu a sua própria indisponibilidade para cuidar da mãe, assim como a indisponibilidade (por razões diferentes) das duas irmãs. Sente-se que o mais difícil para a filha, foi ter que justificar, não só a sua própria indisponibilidade, como também a das irmãs.</p>
<p>12 . <i>(...) E eu acho, não sei se estou a pecar ou não, mas eu acho que, para mim, foi a melhor solução que nós arranjámos para a minha mãe. Porque, haja ali</i></p>	<p>12 . A institucionalização foi vista como a melhor solução para esta filha, mas acompanhada do medo de</p>

<p><i>qualquer problema, haja aquilo que houver com ela, tem uma médica! Não se entendem com ela - trazem-na ao hospital; há qualquer problema durante a noite - há lá pessoal para a trazerem... e em estando em casa sozinha, ela não tinha nada disso.</i></p>	<p>pecar, ao expressar a sua satisfação e tranquilidade atuais, por ter quem se ocupe dos cuidados com a mãe. Parece que, admitindo as vantagens dos cuidados prestados por outras pessoas, à mãe, F7 se sente culpada por não ser ela a prestá-los.</p>
<p>13 . <i>Eu senti-me um bocado em baixo e foi complicado para mim porque, ao fim e ao cabo, eu é que tive que dar a cara... e ela se calhar até pensou que eu é que a queria lá meter. Mas pronto, isto foi uma decisão de nós as três. A minha irmã de cá não lhe queria dizer, porque a minha irmã, sendo também bipolar... a relação com a minha mãe... não sei se será da própria doença em si... elas não... são um bocado incompatíveis, ...chocam um bocadinho uma com a outra, não sei se é da própria doença, se é da pessoa.</i></p> <p><i>E a outra também, como lá estava... e a situação, como tinha que se resolver, porque havia aquela vaga e, por acaso, foi por uma pessoa conhecida...</i></p>	<p>13 . A filha diz que se sentiu triste quando falou com a mãe e quando a levou para o Lar, porque pensa que a mãe a responsabiliza, só a ela, pela institucionalização. A irmã doente não quis dizer à mãe e a relação entre elas é difícil, condição que F7 atribui, talvez, à doença da irmã. A outra irmã vive longe, e, quando surgiu a vaga no Lar, foi F7 quem teve que assumir todas as responsabilidades, o que fez aumentar o seu mal-estar.</p>
<p>14 . <i>Custou-me um bocado ter que lhe dizer, como... daqui amanhã, se calhar, se a minha filha me fizer o mesmo, se calhar também me vai custar, ou não, tudo depende da reação de cada pessoa. Custou-me um bocado, mas... eu... tive que dizer à minha mãe, pronto, que era realmente a situação mais indicada para ela, ao fim e ao cabo, para estar acompanhada.</i></p>	<p>14 . F7 imagina que também poderá não gostar que, no futuro, a filha lhe diga o que ela teve que dizer à mãe, conseguindo pôr-se no lugar da mãe.</p>
<p>15 . <i>Infelizmente é assim, nós precisamos dum Lar,</i></p>	<p>15 . F7 lamenta que uma decisão difícil e dolorosa, de institucionalizar</p>

<p><i>mas nem hoje temos!</i></p>	<p>alguém, tenha ainda a dificuldade de arranjar um lugar.</p>
<p>16 . <i>No meu ponto de vista... eu não fico com remorsos nenhuns daquilo que fiz; porque fui eu que, ao fim e ao cabo, é que dei a cara, porque eu achei que era o melhor para a minha mãe.</i></p> <p><i>Porque a gente também calcula, não faço ideia, pronto, nunca passei por isso... que a solidão também deve ser uma coisa muito triste. Uma pessoa estar dentro duma casa, ter uma televisão, ao fim e ao cabo, que é o bem que se tem, e ter um telefone dum filho... às cinco, às seis da tarde, às oito, às dez... estar sempre à espera que o telefone toque para poder falar com alguém, porque... aquilo é uma rua na cidade... as vizinhas, ali, praticamente, são todas... andam mais ou menos naquela idade, está tudo dentro de casa e não se vê, praticamente, ninguém.</i></p>	<p>16 . A filha acrescenta que não sente remorsos porque fez o que achou melhor para a mãe. E justifica com o que acha ser pior: a solidão dos idosos que vivem sós. O viverem dependentes das visitas ou dos telefonemas que os filhos lhes fizerem. F7 considera isso mais triste do que a institucionalização, até porque a mãe vivia numa zona em que a população é quase toda idosa e, ao final da tarde, já não há com quem falar, não se vê ninguém. E esta solidão, em casa, e o seu término com a ida para o Lar, servem também para minimizar a culpa sentida devido à institucionalização.</p>
<p>17 . <i>Ela, ao princípio, sentiu-se... Não sei, não posso dizer como é que ela se sentiu, porque ela também não demonstrou muito aquilo que sentiu. Ela, a mim, só o que me disse foi: “Agora, vou para ali e não conheço ali ninguém.” E eu disse-lhe: “Mãe, você, quando foi para V., também não conhecia ninguém. É o mesmo que a gente quando... os miúdos vão para o infantário, também não conhecem ninguém e vão-se habituando uns aos outros. Se em V. também se foi habituando às pessoas, foi conhecendo, e agora ali passará a ser a mesma coisa. Até pode haver, naquela instituição para onde vai, pessoas que você já conhece”. E, por acaso, foi o caso: há lá pessoas</i></p>	<p>17 . F7 diz que não sabe como a mãe se sentiu, no início da institucionalização, porque ela nunca disse muito explicitamente o que sentia. Somente referiu o receio de, no Lar, ir encontrar pessoas desconhecidas, tendo a filha respondido que, à semelhança da unidade de recuperação onde estivera, iria passar a conhecer as pessoas, tal como as crianças, quando vão para o infantário. Não se conhecem e, passado pouco tempo,</p>

<p><i>que ela já conhece.</i></p>	<p>já se conhecem todas.</p> <p>A comparação com a ida das crianças para o infantário pode revelar um desejo inconsciente de tornar a situação menos dolorosa.</p>
<p>18 . <i>Dão-se sempre umas melhores que as outras, pronto. Porque é... ou é a companheira de quarto, ou porque é a companheira da sala de estar lá em cima, onde elas estão, ou porque é ali do convívio, que é onde estão todas ali juntas... E ela, agora, presentemente, sente-se bem.</i></p>	<p>18 . Refere que a mãe encontrou idosas conhecidas e que se relaciona, de forma diferente, com as outras utentes, melhor com umas do que com outras, de acordo com a proximidade, em cada local (quarto, sala de estar, sala de convívio) mas acha isso normal. E diz que a mãe se sente bem.</p>
<p>19 . <i>Ela, às vezes, as queixas que faz... ela não faz propriamente queixas, ela diz “Quem está cá dentro é que sabe aquilo que se passa”. É o que ela diz. E nós tentamos... eu, quando lá vou, tento perguntar “Mãe, mas o que é que é? Disseram-lhe alguma coisa? Trataram-na mal ou...?”, “Não, não trataram, certas respostas que dão, a gente cá dentro é que sabe aquilo que se passa.”</i></p>	<p>19 . A uma pergunta direta da investigadora, responde que a mãe não se queixa diretamente de nada, mas diz que só quem está lá dentro é que conhece bem o que se passa. Embora não especifique nada, deixa entrever que, por vezes, o relacionamento com algumas funcionárias não é o melhor. E às perguntas da filha, sobre se a tratam mal, responde que não, talvez para evitar conflitos.</p>
<p>20 . <i>Nunca vi, portanto nunca vi, mas acredito que num lar onde há tanta gente, é natural, se calhar, de vez em quando, não serem tratadas, não quer dizer que as tratem mal, mas se calhar não serem tratadas como elas deviam. Ou, se calhar, as pessoas, sendo</i></p>	<p>20 . F7 diz nunca ter visto nenhuma atitude menos correta, de funcionárias para com as idosas, mas acha que, num meio com tantos utentes, talvez eles sintam que</p>

<p><i>assim, pensam que se calhar que deviam, ou ter mais cuidado do que aquilo que têm, mais atenção e tudo mais.</i></p>	<p>precisam de mais atenção individual do que aquela que lhes é dispensada. Ela acredita que poderá haver pequenos problemas no relacionamento instituição – idosos, devido à individualidade de cada um.</p>
<p>21 . <i>A gente também sabe que, num lar onde há tanta gente, nem sempre se pode dar atenção a todas ao mesmo tempo, nem de igual maneira, porque cada pessoa, pronto e cada pessoa também tem o seu feitio e é tudo diferente, pronto. (...) Agora... as atitudes, também nunca vi ninguém tratar mal ninguém, nunca vi ninguém dar resposta má a ninguém, nem muito menos à minha mãe, porque se lhe dessem alguma resposta à minha mãe, ali na minha frente...</i></p>	<p>21 . F7 considera não haver solução para dar especial atenção a todos, em simultâneo, porque cada pessoa é diferente das outras e ninguém pode agradar a todos. Acrescenta que não permitiria que tratassem mal a mãe e que, pessoalmente, nunca viu nenhuma atitude menos adequada do pessoal auxiliar.</p>
<p>21 . <i>Vou lá todas as semanas. E todos os dias, se for preciso, telefono-lhe. Normalmente vou uma vez por semana mas, se ela precisar, se ela precisar de coisas que leve, vou duas e três vezes, se for preciso levar-lhe aquilo que ela precise, vou.</i></p>	<p>21 . Vai visitar a mãe semanalmente, e contacta-a, por telefone, muitas vezes, e está disponível para ir mais vezes, quando é necessário levar alguma coisa à mãe.</p>
<p>22 . <i>Eu sou sincera, eu todos os dias também não posso porque também tenho a minha casa, tenho as minhas coisas para fazer e tudo o que seja relativo à minha mãe sou eu tudo que tenho que tratar. Ela tem a casinha dela ainda, à mesma, tem água, tem luz, tem telefone para pagar, há contagens para dar, há transferências de dinheiros para o lar e essas coisas todas; sou eu que tenho que fazer tudo, portanto eu não tenho disponibilidade de ir lá todos os dias. Tenho disponibilidade de lhe telefonar.</i></p>	<p>22 . Diz não conseguir ir todos os dias porque tem a sua vida e as responsabilidades inerentes à mãe, incluindo a casa desta, contas, medicação e tudo o mais.</p> <p>Diz que vai sempre, ao fim de semana e que, se não puder ir, por qualquer motivo, avisa a mãe e vai a filha dela ver a avó, ou, se não for nenhuma delas, telefona a avisar a</p>

<p><i>Se eu não conseguir ir... por acaso nunca aconteceu.</i></p> <p><i>Se eu não conseguir ir, irá a minha filha. Que ela também já lá tem ido sozinha a ver a avó. Se não conseguirmos ir por qualquer motivo, ou porque vamos a qualquer lado, ou seja aquilo que for, eu telefono sempre e aviso-a.</i></p>	<p>mãe.</p>
<p>23 . <i>Fala/falamos das coisas cá de fora e das coisas lá de dentro. Até porque eu tenho muito o hábito, quando lá vou à minha mãe, de fazer-lhe muitas perguntas (...) Não sei por quê, mas pronto “Então o que almoçou? Então o que jantou? Tem dormido bem, não tem dormido? Tem medicação? Como é que tinha os diabetes?”... para ver também a maneira como ela responde. Porque a gente, ao ver a maneira como ela responde, vê logo se há ou não ali qualquer coisa. Se há qualquer coisa, tento-a puxar, a ver se ela me consegue dizer. Mas ela não diz.</i></p>	<p>23 . Diz que a mãe fala muito com ela, mais de assuntos de fora do lar, mas também sobre a comida, o dormir, a medicação. F7 diz que, pelas respostas que a mãe dá às perguntas que lhe faz, infere o seu estado de ânimo e conclui da existência ou não de algum problema, embora a mãe não queira nunca explicar o que se passa.</p> <p>Nota-se uma certa inquietação, na resposta de F7, que não confia plenamente que a mãe lhe diga toda a verdade sobre o dia-a-dia na instituição.</p>
<p>24 . <i>A minha relação com a minha mãe foi sempre boa. Mas... chegou a uma certa altura que a minha mãe... era o que ela dizia, era o que tinha que ser feito! E eu, depois, cheguei a uma certa altura que tive que me impor com a minha mãe. Não foi em questão de a tratar mal nem tudo mais, nem nada disso, mas tive que impor-me com a minha mão e fazer-lhe ver-lhe certas coisas: que eu já era uma pessoa adulta, que tinha a minha casa e que tinha marido, que tinha filhos, e que já tinha cinquenta e</i></p>	<p>24 . Embora diga que a relação com a mãe sempre foi boa, acrescenta que, em determinado momento, a mãe tinha atitudes pouco flexíveis, exigindo que tudo fosse feito à sua maneira. Para além disso, diz que a mãe descarregava nela as queixas que tinha das outras filhas. E isso provocou alguns conflitos entre mãe e filha, que deixou claro que não</p>

<p><i>três anos e que, ao fim e ao cabo, não era uma gaiata que ela sempre pensou que eu fosse, para ter que estar a ouvir, às vezes, certas coisas que nem me diziam respeito a mim. Porque ela comigo é que desabafava tudo. E eu levava... e hoje, se for preciso, se eu não lhe cortar, levo com tudo aquilo que ela tem que dizer às outras.</i></p>	<p>queria ouvir nada que não lhe dissesse respeito. Diz que teve que se impor à mãe, que continuava a tratá-la como se ela ainda fosse criança.</p> <p>Atualmente, a situação voltou ao que era, a mãe não diz nada às outras duas filhas, ou aos netos, não as/os critica diretamente, mas diz a F7 o que deveria dizer às outras.</p>
<p>25 . <i>Eu vejo que a minha irmã – a mais velha – será a mais... beneficiada, não será o termo, mas pronto, em questão dessas... ela com ela não é capaz de dizer “Fizeste isto ou aquilo, ou devias ter feito ou não devias de não ter feito”. E a mim diz-mo! Se ela tiver que dizer alguma coisa, ela é a mim que me vai dizer e não às outras, às outras filhas. Mesmo que seja relacionada com as filhas.</i></p>	<p>25 . A filha sente que as irmãs, principalmente a mais velha, são mais beneficiadas na relação com a mãe, já que é sempre F7 que ouve as críticas que a mãe tem a fazer, a qualquer das filhas.</p>
<p>26 . <i>A minha mãe foi uma pessoa que esteve sempre, esteve ali em casa, e estava sempre à espera que lhe telefonassem, era preciso haver alguma coisa para ela poder telefonar à gente. Os netos, é uma coisa que a minha mãe tem, ao fim e ao cabo atravessada, que não devia ter, porque ela também o fez. A minha mãe, aos netos, por exemplo, raramente telefonava. Ou telefonava para dar os parabéns, e nada mais! Estava sempre à espera. E agora, como está ali, acha que é uma obrigação dos netos telefonarem-lhe. “Deviam ter telefonado, e ninguém telefona, e aqui está... agora já não há avó, dantes havia avó e agora não há avó”. E, depois, eles telefonam e a minha mãe não é capaz de dizer aos netos aquilo que diz à</i></p>	<p>26 . F7 diz que a mãe sempre esperou que a visitassem ou contactassem, nunca tomava ela a iniciativa, ficava à espera e criticava quem não aparecia ou telefonava. E esta filha continua a sentir-se sobrecarregada com as queixas da mãe sobre o resto da família, especialmente os netos, dos quais sente a ausência, mas que não critica quando a visitam ou telefonam.</p>

<p><i>filha, que sou eu. Que, ao fim e ao cabo, eu não tenho culpa de nada disso...! Porque a minha filha vai lá vê-la. E telefona-lhe quando é preciso.</i></p>	
<p>27 . Normalmente, costumamos dizer que é o mais velho, que tem obrigação. Eu não, eu é ao contrário, eu sou a mais nova...</p>	<p>27 . Ironiza, ao dizer que, habitualmente, a/o filha/o mais velha/o é quem “carrega” com tudo, mas, no seu caso, é ela, que é a mais nova.</p>
<p>28 . Quando há festas, a minha mãe sai. Quando é só assim... um dia... quando é assim um dia ou assim, nós vamos buscá-la e trazê-la. Por exemplo, quando foi pelo Natal, fui buscá-la, mas é assim: a minha mãe é uma pessoa que está dependente do oxigénio.</p> <p><i>E - Ela sente-se bem ou mostra alguma vontade de regressar?</i></p> <p><i>F7 - A minha mãe mostra vontade de regressar ao lar. É como uma obrigação, tem que cumprir aquele horário.</i></p>	<p>28 . F7 diz que leva a mãe a sair, de vez em quando, em dias festivos, mas, como ela está dependente de oxigénio, durante a noite, não é fácil retirá-la por muito tempo. E, quando sai, está sempre com vontade de voltar e com pressa, por causa dos horários, como se tivesse que cumprir, rigorosamente, as regras da nova casa.</p>

Participante F8

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p>1 . A minha mãe faz 96 anos a 26 de Maio. Essa decisão, da minha parte, eu queria que ela fosse para um Lar, assim que faleceu meu irmão, o F., porque ela ficou sozinha em casa, num primeiro andar, umas escadas antigas, difíceis, e ela não queria. Não</p>	<p>1 . F8 conta, em pormenor, os motivos que o levaram a institucionalizar a mãe, de 96 anos que, até aos 95, viveu na sua própria casa. Diz ele que, a partir da morte</p>

<p><i>queria abandonar a casa dela, de maneira nenhuma.</i></p>	<p>do irmão solteiro, que vivia com a mãe, a tentou convencer a ir para um Lar, mas ela não aceitou. Lúcida, sem dificuldades motoras, quis continuar a viver na sua própria casa, mesmo sozinha.</p>
<p><i>2 . Depois, a 16 de julho teve a infelicidade de cair lá no quarto, partiu a cabeça do fémur, foi hospitalizada, foi operada e a partir daí, seguiu para M., para os cuidados continuados. Esteve lá 30 dias, passou para X, também nos cuidados continuados, mais dois meses e meio. Dali é que teve uma vaga para a S. C. M. de B., onde está desde 22 de novembro de 2016. Foi quando surgiu a oportunidade.</i></p>	<p>2 . O filho refere uma queda da mãe, com fratura do fémur. A partir daí, e após alguns meses em recuperação, com estadia em duas Unidades de Recuperação, F8 insistiu com a mãe para não voltar para casa, pois temia outra queda, com previsíveis consequências ainda mais graves. A mãe decidiu, então, que iria para um Lar, mas somente na terra onde vivia, tendo-lhe dito, claramente, que não iria para outra localidade. Quando aí surgiu uma vaga, ela aceitou</p>
<p><i>3 . E - Lúcida, está lúcida?!</i></p> <p><i>F8--Perfeitamente, e quando foi operada, ficou ali um bocado com pouca lucidez, durante 3 ou 4 dias, mas eu suponho que aquilo era motivado pela anestesia. Notamos que ela perdeu ali um bocadinho a noção. Também acho que a partir dessa altura, que perdeu um bocadinho de ouvido e de vista, uma coisa pouco significativa, mas são os únicos senão que eu encontro nela, porque recuperou a consciência a 100%. Ela tem um cérebro extraordinário, a 100%, não tem dores, a não ser a perna que ela, na cirurgia que lhe fizeram, fizeram uma cavilha e um parafuso.</i></p>	<p>3 . F8 diz que a mãe goza de uma grande lucidez, e que só perdeu um pouco a capacidade auditiva e sente algumas dores na perna que partiu, quando muda o tempo, tudo o mais está bem. Considera que a mãe tem um cérebro “extraordinário”, reconhecendo-lhe um estatuto especial, em resistência e saúde.</p>

<p><i>E só quando há mudanças de tempo, doí-lhe um bocado mais e tal. Mas, de resto, descansa bem durante a noite, durante o dia convive com quem pode.</i></p>	
<p>4 . <i>Agora já aceita perfeitamente, porque vê da terra muitas pessoas conhecidas dela, ela gosta muito de falar, foi sempre muito comunicativa, apesar de ser analfabeta publicou um livro sobre a vida dela.</i></p>	<p>4 . F8 diz que a mãe, atualmente, aceita muito bem a decisão, que é muito comunicativa, o que facilita a inclusão e o convívio com os outros idosos. Acrescenta, com orgulho, que a mãe, apesar de analfabeta, já publicou um livro sobre a sua vida.</p>
<p>5 . <i>E - Portanto, ela foi para ali por ser da terra. Por ser de cá, não?</i></p> <p><i>F8 - Não, porque eu a tinha inscrito logo que teve o acidente, (...) Eu inscrevia-a precisamente naquele lar que é subsidiado, porque a reforma dela é muito pequena, a reforma dela é de 375 euros e então foi nesse que eu a inscrevi, mas na impossibilidade de haver uma vaga nesse, ela ficou nesse mesmo lar, numa daquelas 10 camas não comparticipadas.</i></p>	<p>5 . F8 diz que inscreveu a mãe no Lar, quando ela sofreu o acidente, mas só conseguiu uma vaga (não comparticipada pela Segurança Social) passados alguns meses.</p>
<p>6 . <i>Ficou a pagar 700 euros, mais as fraldas, os medicamentos à parte. E é isso que eu tenho estado a suportar, agora, enquanto não houver condições, se é que que vai chegar a haver condições, para ela passar para o Lar, onde previamente estava inscrita.</i></p>	<p>6 . Especifica os custos da institucionalização, suportando ele a diferença entre o que a mãe recebe de reforma e o custo do Lar, e diz que vai continuar a fazê-lo enquanto puder. É importante para F8 especificar os custos, o dinheiro é muito importante para ele, que sentiu a sua carência.</p>
<p>7 . <i>Tenho mais um irmão de mãe, exatamente. Tenho</i></p>	<p>7 . Apesar de ter ainda um irmão, tendo morrido dois, F8 diz que a</p>

<p><i>dois falecidos.</i></p> <p><i>E - Então esta decisão de a institucionalizar, de por a mãe no lar, foi tomado por ti ou pelos dois?</i></p> <p><i>F8 - Foi consensual. Houve consenso. Simplesmente eu é que..., tenho sido eu a responsabilizar-me em todos os atos. Tem que haver um familiar que se responsabilize.</i></p>	<p>decisão de institucionalizar a mãe foi consensual entre ela e os dois filhos. No entanto, reafirma que é ele o responsável, perante a instituição, minimizando o papel do irmão.</p>
<p><i>8 . As despesas são só minhas. Porque o outro está com uma reforma de 200 e poucos euros e não pode. Não sobra do ordenado da mulher, que trabalha na Câmara e tem ordenado baixo, paga renda de casa, de maneira que não pode, diz que não pode e tenho sido eu a suportar até que possa.</i></p>	<p>8 . Reafirma que é só ele a pagar as despesas, já que o irmão está reformado por invalidez e com dificuldades financeiras. Afirma-se como cuidador, pagador e “único” responsável.</p>
<p><i>9 . E - Como é que te sentiste quando a deixaste lá no lar?</i></p> <p><i>F8 - Senti-me mais reconfortado, porque sei e conheço o Lar, e sei que ela ali pode ser acompanhada 24 horas por dia. De dia e de noite, e é bem tratada, por aquilo que me tenho apercebido, e já tinha conhecimento disso. Eles ali tratam muito bem as pessoas, todas as pessoas que estão naquela instituição, sabem tratá-las, a alimentação é razoável, e cheguei à conclusão que é onde ela estava melhor.</i></p>	<p>9 . F8 diz sentir-se reconfortado pela institucionalização da mãe, porque ela tem acompanhamento 24 horas por dia, é bem cuidada (as pessoas lá são bem cuidadas), a alimentação também satisfaz. Diz que já tinha prévio conhecimento das condições na instituição, e está convencido que é o melhor sítio para a mãe viver.</p>
<p><i>9 . Se ela vivesse num rés-do-chão, eu tinha acedido ao pedido dela, não queria deixar a casa dela, que ela morava naquela casa há mais de 60 anos, embora não sendo dela.</i></p>	<p>9 . F8 diz que, se a mãe vivesse num r/c, teria acedido ao pedido dela para continuar em casa, já que viveu lá mais de sessenta anos, ou seja, era o verdadeiro lar familiar, carregado de memórias.</p>

<p>10 . Não queria sair de casa dela. E depois, atendendo à continuação da doença, e da recuperação, havia dificuldade em arranjar um lugar, e na C.V., em E., terminado aquele prazo, as pessoas têm que sair. E ela pôs-me a questão “eu, com a idade que tenho já não vou para longe, não permitas qualquer lar para longe, que eu não vou para longe. Se houver lugar para mim, no lar em B., eu vou. Se não houver, vou para a minha casa. Levas-me para a minha casa”.</p>	<p>10 . Diz que a mãe queria regressar a casa, depois do internamento e da estadia transitória, na unidade de recuperação, e que só lhe deu (a ele) uma alternativa (o Lar da sua terra). Se não fosse aí, queria mesmo voltar para casa.</p> <p>E, apesar de se sentir responsável e preocupado com a segurança da mãe, F8 deixa não teria como fazê-la mudar de opinião.</p>
<p>12 . E é claro que para mim foi uma coisa difícil, porque a casa dela eu sei como é, ela não podia de maneira nenhuma subir escadas, atendendo à dificuldade. Se fossem umas escadas largas e modernas, em que pudesse ser apoiada com duas pessoas, uma de cada lado para ajudar, que ela também é pesada, é forte, ainda vai que não vá, mas ela tornava-se uma prisioneira, na casa e nós tínhamos, eu e mais alguém que se voluntariasse para isso, tínhamos que passar a dormir lá.</p>	<p>12 . A F8, a recusa da mãe em sair, para uma instituição fora da sua terra, causou-lhe grande angústia, devido, diz ele, às difíceis condições de acesso da casa, com escadas antigas, para uma pessoa de 96 anos, após uma fratura do fémur. F8 antevia a mãe, prisioneira na sua própria casa, por não poder sair e entrar sozinha, e antevia-se a si, obrigado a ir dormir a casa da mãe, de forma a minimizar a sua própria preocupação. Ou seja, a “prisão” seria também para ele.</p>
<p>13 . E foi precisamente nessa altura, que surgiu ali aquele lugar. Mas dentro daquelas camas não subsidiadas, e que tive de aproveitar, e tive que assumir. E tive que assumir eu sozinho, porque eu é que tenho decidido, posto o preto no branco</p>	<p>13 . O aparecimento da solução, ainda que mais cara, significou um enorme alívio para este filho que reafirma a sua condição de único cuidador e único pagador.</p>
<p>14 . E - Como é que achas que ela se sentiu</p>	<p>14 . Diz que a mãe já estava</p>

<p><i>quando...?</i></p> <p><i>F8 - Já estava mais mentalizada. Estava mentalizada porque já falava com muitas pessoas, com casos mais difíceis. Ela em M., por exemplo, era a pessoa mais velha que lá estava. Foi muito bem tratada em M. (...) Ela é uma pessoa de relações fáceis. E tem aquele, de qualquer coisa faz um verso, e elas pronto, escreveram os versos dela e tudo mais, e ficaram com pena dela e nem lhe dava muito trabalho, porque ela, ao fim de algum tempo era autónoma, tinha um quarto e tinha a casa de banho, mesmo junto ao quarto, era um quarto de duas camas, e então, não dava, não dependia muito de terceiros e pronto, sentia-se lá bem. Era das melhores que lá estavam. Na C. V., em E. aconteceu a mesma coisa.</i></p>	<p>preparada, psicologicamente, quando entrou para o Lar, tendo servido de preparação a estadia em duas unidades de recuperação, onde conheceu muitas pessoas e casos bem piores do que o seu.</p> <p>Volta a falar da extroversão da mãe, da sua resistência física e da sua habilidade poética, fatores que a tornaram muito popular nos locais onde esteve.</p> <p>Esta mãe é idealizada pelo filho, nas capacidades físicas e intelectuais, tão idealizada que recuperou facilmente a autonomia. Mas...</p>
<p>15 . <i>E ela começou a ter, digamos assim, uma noção da realidade, que era diferente daquilo que ela imaginava. E com a conversa que eu lhe fazia também, ela chegou à conclusão que pronto, ainda teve muita sorte, em ter ali um lugar, porque agora já está claramente integrada e está satisfeita. Nota-se que está satisfeita.</i></p>	<p>15 . Diz o filho que o contacto com a realidade da institucionalização permitiu que a mãe mudasse a sua forma de ver o problema e aceitasse, porque até para isso (institucionalização) é preciso ter sorte, e a mãe teve-a. Acha que ela, agora, está satisfeita e que se acha uma pessoa de sorte, agradecida.</p>
<p>16 . <i>Está completamente e sente-se muito melhor. Tanto assim é que despejamos a casa dela e eu tive que pagar todo o mês de Dezembro, paguei no dia 8 de Janeiro o mês Dezembro, que foi o último mês (...). Ali é que foi um bocadinho mais difícil também, porque a gente fomos criados ali, e ela foi toda a</i></p>	<p>16 . F8 está convencido que a mãe está bem, está muito melhor e, por isso, decidiram despejar a casa dela, que era alugada. Diz que isso foi difícil porque era um local carregado de memórias, ele e os irmãos foram</p>

<p><i>vida ali, e depois a gente chega à conclusão que a vida é um pouco, não é aquilo que a gente imaginou.</i></p>	<p>criados ali, e a mãe viveu sempre naquela casa, desde adulta.</p>
<p>17 . <i>A gente está sempre a fazer projetos de futuro e hoje compra isto e aquilo e parece que não chega e que há pessoas mais felizes. Ao fim e ao cabo, nestas alturas a gente chega à conclusão que sobra tudo. (...) porque tivemos que deitar algumas coisas fora, porque cada um tem a sua casa (...), e pronto chegamos à conclusão que os bens materiais por vezes são mais do que aqueles que são necessários.</i></p>	<p>17 . Diz que foi difícil separar-se das coisas da mãe, mas foi inevitável porque todos (ele e o irmão) têm as suas coisas e não há lugar para os objetos que pertenciam à mãe, apesar de serem funcionais. O filho generaliza, falando, com desprendimento, dos bens materiais, muitas vezes, desnecessários.</p>
<p>18 . <i>Ainda hoje pergunta, “e isto foi para onde? Então e aquilo, e não sei o quê?” Ainda ontem, ela me perguntou por uns candeeiros, assim, assim e tal. Gosta de saber e ainda tem aquela nostalgia, estás a perceber? E é normal, que é normal. E é assim, mas pronto, de qualquer maneira não a afeta psicologicamente. Eu noto que não a afeta psicologicamente.</i></p>	<p>18 . A mãe, diz o filho, continua a sentir a falta da sua casa e dos objetos que continha, e refere-se a eles perguntando ao filho, para onde foram. É-lhe difícil aceitar a perda, simbolizada pelos objetos que a acompanharam durante muitos anos. F8 compreende isso, mas conclui, contraditoriamente, que isso não afeta, psicologicamente, a mãe.</p>
<p>19 . <i>À partida, eu fiquei mais tranquilo, porque sei que ela tem acompanhamento e por muito que eu pudesse ajudar, nunca podia estar 24 horas por dia junto dela. E era nessa altura que não pudesse estar junto dela que ela podia precisar, e ali sempre está acompanhada. Qualquer situação que surja, de imediato, tem socorro. (...) Quando é preciso ir para mais longe, tem que ser um familiar a acompanhar e assumir a responsabilidade.</i></p>	<p>19 . F8 diz que a mãe está bem integrada e que o seu estado físico e psicológico lhe proporciona, a ele, tranquilidade porque sabe que não poderia estar junto da mãe de dia e de noite e que ela poderia precisar de ajuda, em qualquer momento em que estivesse sozinha. Assim, garantido esse acompanhamento permanente, e cabendo-lhe, a ele, outro tipo de</p>

	ajuda, como levá-la ao médico, por exemplo, sente-se capaz de o dar e de assumir todas as responsabilidades.
<p>20 . <i>E - Achas que mudou alguma coisa, na tua relação com ela, depois de ela ir para o lar?</i></p> <p><i>F8 - Absolutamente nada. A mesma relação. Se fosse como ela queria, se calhar tinha-a visitado das 11 ao meio dia e das 3 às 5, como ela queria. Mas não pode ser, visito-a dia sim, dia não.</i></p>	<p>20 . F8 diz que nada mudou na sua relação afetiva com a mãe, sempre foi boa. Diz que a visita dia sim dia não, mas, por vontade dela, ele iria todos os dias, de manhã e à tarde.</p>
<p>21 . <i>E - Ela faz-te sentir isso? Que gostaria?</i></p> <p><i>F8 - Sim, porque “então já te vais embora?”, “já são cinco horas, já te vais embora?” e não sei o quê, “fica mais um bocadinho”, e a gente, às vezes tem que fazer, sabe que está bem, que ela está bem, que está acompanhada, e digo que tenho mais coisas, que tenho que me ir embora, porque tenho mais que fazer. Então já vi e vi que está bem, então não há problema nenhum. “Está bem, filho. Vai lá” e depois telefona-me, ela tem um telefone.</i></p>	<p>21 . A mãe, diz, pergunta-lhe sempre porque se vai já embora, respondendo ele que tem outras coisas para fazer. E justifica que, como já a viu e sabe que está bem, pode ir. Cumprido o “dever” da visita, sai tranquilo, mas ela telefona sempre.</p>
<p>22 . <i>E quando não vou, no dia que eu não vou, ela tem sempre visitas. É que ela tem sempre visitas, e por vezes 3 e 4 pessoas. Ela é muito visitada.</i></p>	<p>22 . Diz que a mãe tem sempre várias visitas, nunca está sem ninguém. É uma pessoa muito visitada. E isso satisfaz o filho.</p>
<p>23 . <i>E telefona-me duas vezes e aí há bocado, ela telefonou-me para ver como é que estava. Logo à noite, às 7, sete e tal quando se deita, telefona-me sempre. Eu carrego-lhe o telemóvel, estás a perceber, sou eu que lhe carrego o telemóvel, e ela tem discado o meu número, para mim tem aquele número, para o C. é o outro número, e 2 ou 3 amigas</i></p>	<p>23 . F8 carrega o telemóvel da mãe para que ela possa telefonar quando quiser, o que ela faz, todos os dias, sobretudo à noite, antes de se deitar.</p>

<p><i>que ela tem.</i></p>	
<p>24 . <i>Deixei de telefonar mais ultimamente, porque ela depois não ouvia o telefone, e então agora utilizamos mais o esquema, pego no telefone e ela liga que é mais fácil, porque ela tem dificuldade em ouvir o telefone, ali na mala, e já ouve um bocado mal, e então combinamos fazer assim. Se precisar de qualquer coisa de urgência, telefono, mas telefono para a instituição. Eles também lá têm telefone.</i></p>	<p>24 . Diz que deixou de telefonar diretamente para a mãe, devido às suas dificuldades auditivas.</p>
<p>25. <i>Por vontade dela, eu iria todos os dias. Mas ela tem lá muita gente e por vezes vou lá só para a ver, porque depois é muita gente e não há condições para receber muita gente em simultâneo. Tanto que eu optei por ir às 3 horas, porque elas têm o lanche às 3 e meia.</i></p>	<p>25 . F8 diz que visita a mãe só para a ver, e escolhe um horário em que não haja muitas visitas, porque, no Lar, não há condições físicas para muita gente, em simultâneo.</p> <p>Quando não vai (e é habitual fazê-lo antes do lanche), a mãe telefona-lhe logo, preocupada com a sua saúde.</p>
<p>26 . <i>Ela quer saber o que se passa e tal. Está sempre muito preocupada comigo, agora então, desde que tenho tido estes problemas, tem andado um bocado preocupada. Aliás, a preocupação número um, dela, agora é essa.</i></p>	<p>26 . A mãe, segundo ele, preocupa-se muito com a saúde do filho que, ultimamente, tem tido alguns problemas de ansiedade e hipertensão. A uma mulher a quem já morreram dois filhos, a ameaça de doença naquele que é o cuidador principal, provoca, certamente, angústia e medo.</p> <p>E F8 confirma, dizendo que a preocupação nº 1 da mãe é ele próprio, a quem gostaria de ver diariamente.</p>
<p>27 . <i>Trouxe-a a almoçar a casa uma meia dúzia de</i></p>	<p>27 . F8 diz que vai buscar a mãe,</p>

<p><i>vezes, quando vem tratar dos pés, vou lá buscá-la e vai tratar dos pés e depois levo-a a casa a almoçar e depois vou a uma esplanada, quando o tempo permite, aliás... para falar com duas ou três, bebe um cafezinho e depois vou levá-la.</i></p>	<p>com frequência, para almoçar com ele e a família, para ir tratar dos pés, e que, depois, leva-a ao café, antes de voltar ao Lar. Ela gosta, e ele também, do convívio e da conversa com pessoas conhecidas.</p>
<p>28 . <i>Noto que ela tem a moral elevada. Não está deprimida. E portanto, isso ajuda também a forma como os filhos se sentem. (...) O meu irmão vai lá quase todos os dias um bocadinho.</i></p>	<p>28 . Diz que acha a mãe com bom humor, com a “moral elevada”, não está deprimida, e isso ajuda os filhos a sentirem-se bem, ele e o irmão, que também visita a mãe quase diariamente.</p>
<p>29 . <i>Há muitos idosos que não têm visitas. Eu conheço alguns, infelizmente. (...) E até nesse capítulo, a minha mãe agora, constatando esses factos, sente-se privilegiada. Até se sente privilegiada em relação a algumas pessoas que não têm tanta sorte.</i></p>	<p>29 . F8 diz que há muitos idosos que não têm visitas, o que faz da mãe dele uma pessoa de sorte, porque se compara com outros idosos, a quem os filhos pouco visitam.</p>
<p>30 . <i>Toda a vida foi boa [a relação]. Foi excelente, aliás os meus irmãos sempre foram um bocado difíceis, porque tinham muitos vícios, desde o álcool, passando pelo tabaco e pela batota, e isto e aquilo. Depois, primeiro o D., ele enforcou-se lá em cima, ainda novo. O F. morreu com 58 anos com cancro na faringe e depois que se prolongou também para os pulmões, porque aquilo foi de fumar inadvertidamente, mesmo muito, e mesmo depois de estar doente e a sofrer bastante, cheguei a vigiá-lo e apanhá-lo ... estava sempre alerta, dizia-lhe coisas que ele não gostava de ouvir quando andava a fumar.</i></p>	<p>30 . Sobre a relação passada com a mãe, F8 diz que sempre foi boa, foi excelente, o que não aconteceu tanto com os irmãos, devido aos vícios (álcool, tabaco, jogo) e doenças (suicídio de um e morte por cancro, de outro). Acusa o irmão que morreu de cancro, de ter sido o causador da sua própria doença, por abuso de álcool e tabaco, tendo-o, muitas vezes, repreendido por isso.</p>
<p>31 . <i>A minha mãe só tinha a reforma dela e eu</i></p>	<p>31 . Diz que sempre ajudou</p>

<p><i>muitas vezes, durante esse tempo todo, fui com ela ao supermercado, e quem pagou a conta para ela e para ele, foi o meu cartão de débito, estás a perceber? E todas essas coisas, pronto. Mas, nesse capítulo, desde os quinze anos de idade que era chefe de família, com ela viúva e três irmãos menores, que fui eu que praticamente ... é que tive de os acabar de criar.</i></p>	<p>financeiramente, a mãe e os irmãos, tendo-se tornado chefe de família com quinze anos, altura em que a mãe ficou viúva com quatro filhos menores, sendo ele o mais velho. E essa responsabilidade persistiu pela vida fora.</p>
<p>32 . <i>Depois, aos 21 anos, a minha mulher engravidou, eu tinha sido recrutado para o serviço militar, na altura era a guerra do ultramar (...) Levei-a lá para a casa da minha mãe, não tinha outra alternativa, o meu dinheiro era lá para a casa, eu é que era o chefe de família (...) Depois, ao fim de um tempo, lá arranjam uma casita aí de aluguer. Mesmo nessas alturas tive que ajudar a minha mãe.</i></p>	<p>32 . Aos vinte e um anos, foi pai, pela 1ª vez, mas, devido à sua responsabilidade familiar, teve que levar a namorada (depois esposa) para casa da mãe porque o dinheiro que ganhava era para a família (mãe e irmãos).</p>
<p>33 . <i>Todos somos filhos dela e ela certamente gosta de todos, ela diz que sim, mas ela sabe quem a tem apoiado toda a vida. Ela sabe em que se encostar e quem tem contribuído inclusivamente para uma vida mais feliz, da parte dos meus irmãos, que não quiseram, porque os vícios levam a estas situações, infelizmente foi assim.</i></p>	<p>33 . Considera-se o filho preferido da mãe, dizendo que, certamente ela gostou de todos, mas sempre soube quem a ajudou nos momentos difíceis, a ela e aos outros filhos. F8 fala com tristeza dos vícios dos irmãos e da infelicidade em que viveram e fizeram viver a mãe, e considera que foi ele, muitas vezes, o suporte da família materna.</p>
<p>34 . <i>Ela foi mãe solteira, porque isto é assim: eles moravam ...no monte onde eu nasci, ...na margem esquerda da ribeira e a família do meu pai morava do outro lado da estrada, (...) e muita gente me disse que ele gostava imenso da minha mãe, mas os pais</i></p>	<p>34 . F8 conta a história do seu nascimento, revelando que foi filho de mãe solteira, num tempo em que isso era uma enorme vergonha. Diz que as famílias do pai e da mãe</p>

<p><i>tinham a mania que eram ricos, porque eram uns pequenos... na altura, e já pareciam que eram ricos, e então a minha mãe era filha do J. da aldeia e era de família pobre, aquilo era proibido, esses casamentos, ele casou comque por azar, a senhora coitada, faleceu ao fim de pouco tempo (...)</i></p> <p><i>Tenho três irmãos (de pai), o mais velho deles, tem 3 filhos, como eu, o F. tem uma filha...</i></p>	<p>viviam perto, mas, enquanto o pai era filho de pessoas que se julgavam ricas, a família da mãe era muito pobre, o que fez com que o pai (apesar de gostar muito da mãe de F8) tivesse casado com outra mulher, socialmente mais próxima.</p> <p>A sua mãe casou, mais tarde, com outro homem, de quem teve 3 filhos, os irmãos que ele ajudou a criar.</p> <p>Quanto ao pai, teve quatro filhos, para além dele.</p>
<p>35 . E - Hoje tens relações normais com esses irmãos da parte do teu pai? E a tua mãe sabe disso tudo?</p> <p><i>F8 - Sabe e aprova. Vê isto com bons olhos, noutra altura não, agora sim, não há qualquer problema.</i></p>	<p>35 . Atualmente, existem boas relações entre todos. Diz que, no passado, isso não era possível, mas agora a mãe aprova esse relacionamento entre os irmãos. E, para F8, essa aprovação é importante.</p>

Participante F9

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p>1 . <i>Isto é um tema que, pronto, a mim choca-me um bocadinho, não é? Porque a minha mãe está num Lar, na S.C.M. em E., desde o dia 1 de julho de 2016. Primeiramente, entrou na vertente de dia, um mês antes, durante o mês de junho, (...). Ia de manhã e eu</i></p>	<p>1 . F9 refere que a mãe começou por frequentar o Centro de Dia, tendo passado para institucionalização completa, um mês depois, quando houve uma vaga.</p>

<p><i>ia buscá-la à tardinha. Até que, depois, quando vagou uma cama, ficou lá.</i></p>	
<p><i>2 . A mim, isto é um tema que me custa muito porque isto foi uma mudança muito repentina na vida de todos nós, dos familiares, especialmente na minha vida, pronto, que veio alterar muita coisa, após a morte, o falecimento da minha irmã, porque a minha irmã vivia com ela.</i></p>	<p>2 . Diz que é um tema de que lhe custa falar, porque significou uma mudança muito grande e repentina na vida da família, principalmente na sua vida, após a morte da irmã, que vivia com a mãe.</p>
<p><i>3 . A minha irmã tinha 47 anos quando faleceu. E estava com a mãe, porque tinha sido operada ao coração há um ano atrás, e então, como ela era divorciada, vivia sozinha, então, resolveu e ficou com a minha mãe porque, onde a minha mãe morava, tinham acesso ali a tudo e estavam mais centralizadas, ali, mesmo em relação ao centro, a tudo. Infelizmente só viveu, só sobreviveu um ano após a operação, mas pronto,</i></p>	<p>3 . Diz, muito emocionada, que a irmã morreu há um ano, com 47 anos, após ter sido operada ao coração, um ano antes. Essa irmã vivia com a mãe, para não estar sozinha e poder estar mais perto de tudo (no centro).</p>
<p><i>4apesar de eu achar e de eu já andar a detetar que a minha mãe já estava a apresentar sintomas de uma pessoa que não podia viver sozinha, tipo esquecimentos, perguntava as coisas vezes sem conta, seguidas, e então eu comecei-me a aperceber, aos poucos, que ela já não estava a 100%, né? Comecei a ver que ela estava a perder aquelas faculdades, aquelas pequenas coisas que ela, que toda a gente faz, no dia a dia. (...) Com a morte da minha irmã, isto veio-se a precipitar tudo, né? (...) No dia 1 de julho de 2016 deu entrada de noite e de dia.</i></p>	<p>4 . Durante o ano em que a irmã viveu com a mãe, F9 apercebeu-se da deterioração das faculdades mentais desta, situação que se agravou, repentinamente, após a morte da filha.</p>
<p>5 . (...) tornou-se completamente dependente. Porque</p>	<p>5 . A mãe tornou-se completamente</p>

<p><i>ela, até praticamente o comer, ela deixou de fazer, e deixou de fazer pequenas coisas que lhe fazem falta para o dia a dia, como, p. ex. deixou de ver horas, deixou de atender o telefone, deixou de fazer estas pequenas coisas que lhe faziam falta, a uma pessoa que vive sozinha. Entretanto, levei-a ao neurologista e ele disse que aquilo era demência e que, realmente, não podia estar sozinha.</i></p>	<p>dependente, precisando de apoio para tudo. E ela (filha) viu-se obrigada a arranjar uma solução, após o neurologista ter confirmado o estado de demência da mãe e ter aconselhado a que ela não ficasse sozinha.</p>
<p>6 . <i>A mim custou-me um bocado, né? Custou-me porque ela sempre foi uma pessoa muito autónoma, ela fazia as coisinhas dela, ela passeava, ela sempre geriu a vidinha dela muito bem, nunca precisou de apoio de ninguém, nunca...e de repente, eu vejo-me nesta situação.</i></p>	<p>6 . F9 confessa que sofreu muito com a mudança brusca sentida, porque a mãe, que nunca precisara de ninguém, passou a precisar de ajuda para tudo. A perda da autonomia da mãe foi fonte de grande sofrimento para esta filha, que se viu confrontada com a necessidade de ser cuidadora.</p>
<p>7 . <i>A decisão foi tomada por mim, mais concretamente por mim. Falei, claro que falei com ela. Ela, ao início, ficou assim um bocado renitente porque vi mesmo que ela não queria ir porque queria ficar na casa dela, mas ela não tinha conhecimento nenhum do que eram os Lares, ela nem sequer fazia a menor ideia, e quando eu lhe falei, pela 1ª vez, e comecei a incutir-lhe isso e a dizer que ela não podia estar sozinha, porque o simples facto de ela estar entre 4 paredes sozinha, só a estava a prejudicar também, a fazer-lhe mal. Sozinha, sem comunicar com ninguém.</i></p>	<p>7 . F9 assume que tomou a decisão sozinha, após ter explicado à mãe que a doença não lhe permitia estar só em casa. A renitência da mãe causou mais angústia a F9, que continuou a tentar convencê-la a aceitar, porque a mãe (acha F9) desconhecia o que era um Lar.</p>
<p>8 . <i>eu acho que, à medida que o tempo foi passando, porque a minha irmã morreu em março, e de março</i></p>	<p>8 . F9 diz que, pacientemente, foi convencendo a mãe a aceitar a</p>

<p><i>a junho, eu fui trabalhando-a aos poucos. Ou seja, março, abril, maio, durante esses dois meses que ficaram no meio, porque ela entrou no início de junho, abril e maio andei ali, pronto, a ver o que é que...pronto, tínhamos que resolver a situação o mais depressa possível, porque também levá-la para a minha casa não era solução porque ela ficava sozinha o dia inteiro. Portanto, tirá-la da casa dela e metê-la na minha não era solução. Ela precisava era de companhia.</i></p>	<p>institucionalização, já que levá-la para a sua casa não era a solução, já que continuaria sozinha, durante o dia.</p>
<p>9 . <i>A 1ª vez que eu falei com ela, ela ficou um bocado, até parece que ficou ofendida comigo, e até me respondeu para o torto e me disse que, se eu gostava tanto dos lares, que fosse eu para lá, e que a deixasse a ela na casa dela. (...) E então, há um dia que ela...ela deve-se começar a aperceber que, realmente, já não tinha capacidade para estar sozinha. E eu fiquei surpresa, quando ela me disse: "Então quando é que lá vais ao Lar que me disseste?" E eu, como tinha lá duas tias da parte do meu marido, no lar, e ia lá algumas vezes a vê-las, disse-lhe: "Olha, por acaso, até vou neste próximo fim de semana, que vou ver as tias. "Então leva-me contigo para eu ver como é que é." E ela quis ir comigo naquele fim de semana. E gostou imenso.</i></p>	<p>9 . A filha diz que a mãe evoluiu, na forma de considerar a institucionalização como solução, tendo passado da recusa total para a sugestão de que a filha a levasse a visitar o Lar, onde estavam duas tias do marido de F9. Segundo a filha, essa visita foi um sucesso, dado que a mãe gostou muito.</p>
<p>10 . <i>Adorou o espaço porque aquilo tem um espaço enorme cá fora para poder passear, para estar sentada num banquinho. Pronto, e então ela gostou imenso. E depois disse-me "pronto, olha, se calhar até tens razão, se calhar até vou ficar aqui melhor,</i></p>	<p>10 . O espaço, exterior foi fundamental, diz a filha, para a decisão da mãe, que concluiu ser o Lar uma boa solução para se sentir acompanhada.</p>

<p><i>pelo menos, estou acompanhada.</i></p>	
<p>11. <i>entretanto, começou a ir, todos os dias eu ia levá-la de manhã e vinha sempre muito contente ao final do dia.</i></p>	<p>11 . Começou, então, a frequentar o centro de dia, de onde chegava sempre muito contente, à noite.</p>
<p>12 . <i>E - E o seu irmão, a T tem um irmão, ele não participou nesta decisão?</i></p> <p><i>F9 - Nada. Não, porque ele nem sequer vai ver a mãe! Como é que vai participar nas coisas da mãe? O meu irmão, o caminho que ele escolhe é sempre o de fugir aos problemas. Mas desde sempre. Sabe, eu estou sozinha nesta maratona, sempre estive, e se calhar vou continuar a estar sozinha, né? E não é fácil!</i></p>	<p>12 . À pergunta sobre se o irmão participou na decisão, F9 responde que não e que nem sequer visita a mãe, fugindo ao problema, como faz em tudo, na vida. F9 considera-se sozinha neste processo e não tem esperança de que isso venha a mudar. E concorda que é muito difícil ter que tratar e decidir tudo sobre a mãe, após a morte da irmã e a indiferença e desinteresse do irmão.</p>
<p>13 . <i>Neste momento, eu tenho consciência que ela deve ser das pessoas que mais gosta de lá estar, porque a maior parte das pessoas que lá estão não querem lá estar, querem-se ir embora. E o que dizem é o contrário da minha mãe. E a mim, o que me dizem, é o contrário, da minha mãe (...). E ela gostava porque elas foram sempre muito carinhosas com ela, gostou, adaptou-se lindamente, integrou-se de uma maneira que eu nunca pensei que ela se viesse a integrar.</i></p>	<p>13 . A filha acha que a mãe é das pessoas mais felizes, no Lar, porque gosta de lá estar, o que não acontece com a maioria dos idosos. Atribui essa satisfação da mãe à forma como sempre foi tratada pelas funcionárias da instituição, considerando perfeita a sua integração.</p>
<p>14 . <i>A escolha da instituição até nem foi por ser melhor ou pior, é que estávamos a chegar a um ponto de desespero, pelo menos pela parte que me toca. Durante o dia, eu vinha para aqui trabalhar e eu não estava bem, e não sabia se ela estava bem ou se não estava, o que é que lhe passaria pela cabeça,</i></p>	<p>14 . F9 diz não ter escolhido a instituição, foi aquela porque havia lugar e ela conhecia, devido às visitas que fazia às tias do marido.</p> <p>Refere a angústia que viveu, durante os dois meses em que a mãe esteve</p>

<p><i>né? Porque nós, quando a gente se começa a aperceber que, infelizmente, as coisas não estão a correr bem em termos de saúde, que era o caso dela, eu não poderia estar bem durante o dia, no meu local de trabalho, a pensar no que é que ela estava a fazer ou no que lhe poderia acontecer.</i></p>	<p>sozinha, estando a trabalhar, na incerteza do que se estaria a passar, e sem poder cuidá-la.</p>
<p>15 . <i>E então isto foi um..., as coisas precipitaram-se todas e isto teve mesmo que ser. Foi uma coisa que tinha que ser resolvida a curto prazo. Não podia, não podia levar isto muito mais tempo, e eu prefiro que ela esteja bem e que esteja orientada, do que estar em casa, não ter ninguém.</i></p>	<p>15 .A escolha e decisão sobre a instituição foram determinadas pela urgência da situação, que F9 sentia não conseguir aguentar muito mais tempo.</p>
<p>16 . <i>Eu sei que, infelizmente, há muitos casos de pessoas idosas que estão em casa, nem que seja só para lhes ficarem com as reformas e depois as pessoas ficam completamente ao abandono. Eu não sou capaz disso. Aliás, eu até lhe vou dizer mais, que eu estou sozinha nesta maratona, eu pago os extras todos do meu bolso, nem sequer é pago pela reforma, porque, hoje em dia, estas instituições levam as reformas todas, não sobra um tostão que seja, e depois é tudo pago à parte. Ou seja, tudo o que ela ganha é tudo para a instituição. Medicamentos, produtos de higiene, cortes de cabelo, arranjos de pés, tudo o que for extra sou eu que pago do meu bolso.</i></p>	<p>16 . Como o problema era urgente, diz, a solução também tinha de ser, para que a sua mãe não ficasse abandonada, como acontece a muitos idosos que conhece, que ficam em casa para os filhos usufruírem das suas reformas. Ela, filha, não seria capaz de o fazer, e paga sozinha, os custos que a reforma da mãe não cobre. Mas sente-se bem com isso.</p>
<p>17 . <i>Chorei. Quando eu dei por mim a ver de um sítio para ela ficar porque não podia estar sozinha, e quando dou por mim a visitar este tipo de instituições, ao final do dia cá em mim e comecei a chorar porque, realmente, acho que isto é o mais</i></p>	<p>17 . F9 diz que chorou quando decidiu a institucionalização da mãe, quando começou a procurar um Lar, pois considera muito triste uma pessoa passar da autonomia total</p>

<p><i>triste que pode haver.</i></p>	<p>para a dependência de outras pessoas. E diz que, ao tomar plena consciência da situação, sentiu que é a mais triste que pode haver.</p>
<p>18 . <i>Se eu pudesse, ela não..., não sei, porque eu hoje em dia, no início, era o que eu pensei quando lá a meti, pensei: vou meter a minha mãe com pessoas estranhas, pessoas com que ela nunca lidou, pessoas que ela não conhece de lado nenhum...pelo menos, no cantinho dela, na casinha dela, ela estava melhor, vai lá a família.</i></p>	<p>18 . Diz que, no início, receou colocar a mãe com pessoas que ela não conhecia, retirando-a da sua casa, da proximidade da família, e lamentou não poder mantê-la no meio familiar.</p>
<p>19 . <i>Mas, hoje em dia, estou consciente, após este tempo todo, que foi a melhor coisa que eu fiz. E cada vez estou mais consciente disso, porque, realmente, a minha mãe mudou da noite para o dia, a minha mãe está muito melhor, não tem nada a ver.</i></p>	<p>19 . No entanto, a melhoria do estado da mãe, após a institucionalização, proporcionou-lhe, a ela, satisfação e a convicção de que tomou a melhor decisão.</p>
<p>20 . <i>Eu não tive a sensação de abandono, que a estava a abandonar, não foi essa sensação que eu tive. A sensação que eu tive é que a gente olha para a vida das pessoas, né?, que elas têm uma vida muito ativa, que a minha mãe nunca dependeu de ninguém, ela sempre foi uma pessoa muito autónoma na resolução da vida dela e dos problemas dela, e de repente, olhar para a minha mãe e vê-la naquele estado, e saber que a tinha que ir meter numa instituição para tomarem conta dela, despoletou todos os meus sentimentos, né? Foi mais nesse sentido. Apesar de eu saber que estava a fazer o melhor pra ela, e não pra mim.</i></p>	<p>20 . F9 diz que nunca se sentiu abandonante da mãe, sentiu antes que estava a fazer o melhor para ela, e não para si própria. A angústia que a atormentou foi por pensar na evolução da mãe, de uma pessoa completamente independente para uma tal dependência que necessitava de ser cuidada por terceiros. Esta consciência da mudança foi precipitante de uma grande tristeza.</p>
<p>21 . <i>Muito alegre, sempre bem-disposta, não a sinto</i></p>	<p>21 . A satisfação da mãe repercute-se</p>

<p><i>triste em nada. Aliás, eu por detrás dela, até vou falar com as responsáveis que estão com ela e, inclusive, até falei com a psicóloga que dá apoio à instituição e, após a psicóloga me dizer que nunca tinha sentido, aliás, é muito raro aparecer uma pessoa nas condições da minha mãe, em que vai para um Lar, e gostar tanto de lá estar. Ou seja, aquilo que ela transmite quando lhe fazem as consultas, é que gosta muito de lá estar.</i></p>	<p>na da filha, quando vê confirmado, pelas funcionárias e pela psicóloga do Lar, o bem-estar que a mãe revela, raro em utentes nas condições em que ela entrou. Esta consciência dos benefícios da institucionalização, confirmada por outras pessoas, constituem um grande alívio para a culpabilidade sentida por F9.</p>
<p>22 . <i>A minha mãe sempre foi uma pessoa muito dura, e desde que eu me lembro, desde que eu era criança, eu nunca ouvi aquela mulher dizer "dói-me isto, dói-me aquilo, dói-me o outro". Sempre foi uma pessoa muito rija.</i></p> <p><i>E - Não, estava a pensar em se queixar da comida, do tratamento das funcionárias...</i></p> <p><i>F9 - Não, nada, nada. A comida? Só quem lida assim com estas pessoas, no dia a dia, é que se apercebe de algumas coisas. A comida? A minha mãe nem sabe o que come. Infelizmente!</i></p>	<p>22 . A filha diz que a mãe não se queixa de nada, na instituição, o que está de acordo com a forma resistente que sempre teve. A filha associa isso também ao facto de a demência não lhe permitir recordar os acontecimentos mais recentes, nem sequer o que acabou de comer.</p>
<p>23 . <i>Normalmente, quando vou vê-la ao Lar, é depois de sair daqui, porque eu, dia sim dia não (e antigamente era todos os dias) eu passava por lá para saber se ela se estava a integrar. Agora é que já vou mais espaçadamente, porque sei que está bem e também não quero estar a ser massacrante porque aquilo tem um horário de visita. Eu, infelizmente, durante a semana, só posso ir depois das cinco e meia e acontece que eu chego lá e elas jantam às seis e um quarto da tarde.</i></p>	<p>23 . F9 diz que visita a mãe, de dois em dois dias (antes era todos os dias), porque acha que ir diariamente também pode ser massacrante, dado haver horários de visitas que ela não pode cumprir devido ao seu trabalho.</p>
<p>24 . <i>Tudo o que é as pequeninas coisas do dia a dia,</i></p>	<p>24 . F9 fala, com tristeza, do estado</p>

<p><i>desaparece tudo. E eu acabei por desistir, já não faço mais perguntas. Basta a gente dizer que lhe morreu uma filha e ela não se lembra. Portanto, e com isto, eu digo tudo! Não vale a pena. Eu só quero é que o pouco tempo que ela cá estiver, ou muito, não sei, está nas mãos de Deus, eu só quero é que ela seja feliz.</i></p>	<p>da demência da mãe, que esquece as pequenas coisas do dia-a-dia, e todas as outras, incluindo a morte da outra filha. F9 diz que só quer que ela seja feliz, enquanto viver.</p>
<p>25 . <i>[a relação] melhorou... a minha mãe está muito mais carinhosa, ela tornou-se uma pessoa muito mais chegada, não sei se é por estar afastada da família, estar numa instituição. A minha mãe não era uma pessoa carinhosa, a minha mãe até era uma pessoa fria, não era uma pessoa de muitas demonstrações de sentimentos nem nada disso. E agora não, cada vez que lá vou, quando me vê faz logo "olha, olha a minha filha!", faz assim, faz uma festa tão grande quando nos vê! Eu posso lá ir todos os dias, mas ela continua a fazer a mesma festa, está a ver? "Ah, é a minha filha!" agarra-se a mim...</i></p>	<p>25 . Curiosamente, esta filha diz que a relação com a mãe melhorou. Está muito mais carinhosa do que alguma vez foi, referindo a filha que ela era uma pessoa “fria”, que não demonstrava sentimentos de afeto, ao contrário de agora, que reage muito afetivamente às visitas que recebe.</p>
<p>26 . <i>Dantes não, dantes eu ia a casa dela e ela não se manifestava dessa maneira. Eu acho que, eu, por um lado, fico contente, fico feliz, mas, eu como estava habituada a lidar com ela, ter uma relação diferente com ela, ela nunca foi de muitas demonstrações nem nada, mas, pronto, sempre nos demos bem e não sei quê... Agora, eu acho é que ela está mais carinhosa, aproximou-se mais à gente, mais...(...) não sei se é por estar com outras pessoas, que ao fim e ao cabo aquilo depois também se torna uma família, mas vejo que ela fica muito mais</i></p>	<p>26 . F9 sente estranheza nessa nova relação, sente-se feliz, mas... não reconhece essa mãe que se exprime afetivamente, que, através de palavras e gestos, demonstra grande contentamento pela visita da filha, talvez (diz esta) por estar longe da família, a viver com outras pessoas.</p>

<p><i>contente e mais alegre, de cada vez que nos vê.</i></p>	
<p>27 . E - E as saídas? Leva-a a sair, leva-a a casa?</p> <p><i>F9 - Aí é que ela se torna um bocado sensível. Ela está sempre desejosa de voltar para lá. Ela gosta de sair, nunca diz que não. Eu vou lá e digo "mãe, hoje vais almoçar comigo", "Ah, está bem, está bem", mas quando a trago, depois está sempre desejosa de voltar: "tens que me ir a levar", parece que está sempre desejosa de voltar. Ela criou aquele espaço dela lá, tem as coisinhas dela lá, está a dividir o quarto com outra senhora...</i></p>	<p>27 . Sobre as saídas da mãe da instituição, F9 diz que ela mostra vontade de sair, mas depois, está sempre com pressa de voltar ao Lar. A filha atribui isso ao facto de a mãe se sentir bem com as pessoas de lá, de ter lá as suas coisas, de ser a sua nova casa.</p> <p>Inclusivamente, o dividir, desde o início, o quarto com outra senhora, criou uma cumplicidade entre ambas, que contribui também para sentir o Lar como a sua casa, para onde gosta de regressar.</p>
<p>28 . <i>Eu fiz anos no dia 9 de março, fui buscá-la, tinha ido buscá-la um fim de semana atrás, mas isso não foi nada de especial, tinha ido buscá-la no ano novo. Vou buscá-la quando calha. Mas o que eu noto nela é que ela, cada vez mais, não se sente muito bem ao sair dali.</i></p>	<p>28 . F9 diz que vai buscar a mãe de vez em quando, em momentos festivos e noutros, quando tem oportunidade, mas, cada vez mais, nota que a mãe se sente apegada à instituição.</p>
<p>29 . <i>Foi a melhor solução, não estou nada arrependida, pelo contrário, sinto-me bem porque a vejo a ela bem, anda bem, anda contente, tem sempre um sorriso. Se eu visse que ela andava triste, com desgosto de estar ali (como eu lá certas pessoas, eu sei que há pessoas que estão, mesmo contrariadas, e choram e não ligam a ninguém e muitas vezes é meio caminho andado para a morte, porque infelizmente, ali é a última morada da maior parte delas), mas eu vejo-a a ela bem, portanto, até à data, não estou</i></p>	<p>29 . Sobre a decisão que tomou, F9 diz não estar nada arrependida, pelo contrário, acha que foi a melhor solução porque vê mãe feliz, sempre com um sorriso, muito próxima afetivamente das funcionárias e desligada da maior parte das coisas que se passam à sua volta. A filha compara a satisfação da mãe com a insatisfação de outros idosos</p>

<p><i>nada arrependida, acho que foi a melhor coisa que lhe aconteceu.</i></p>	<p>institucionalizados, e sente-se bem porque ela está bem.</p>
<p><i>30 . Tem outra coisa que eu não sei se é bom, se é mau, mas acho que é bom pra ela porque, como fica alheia a tudo, não sabe se estão a dizer mal ou bem, ela desliga disso tudo. E então vive a vidinha dela, pronto. Vive o momento, vive no mundozinho dela, ela vive naquele mundozinho que criou para ela e, pronto, sente-se feliz e sente-se bem e está sempre com um sorriso e pronto, isso para mim é ótimo.</i></p>	<p>30 . F9 diz que, se por um lado, o alheamento da mãe é mau, porque representa a demência, por outro lado, é bom a mãe viver o dia-a-dia, sem memórias dolorosas, como a morte da filha, de que não se recorda. Diz F9 que ela vive o momento, vive no mundozinho dela, naquele mundozinho que criou para ela e, pronto, sente-se feliz e sente-se bem e está sempre com um sorriso. Para F9, isso é ótimo! E desculpabilizante.</p>

Participante F10

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p><i>1 . Tenho 50 anos, sou filha única, neste momento já não tenho o meu pai, há cerca de 3 meses que ele faleceu, sou casada, tenho 2 filhos, trabalho numa instituição, embora não trabalhe diretamente com idosos mas, todos os dias passo por eles, todos os dias olho, todos os dias..., todos os dias dá que pensar...(...) o facto de lidarmos com eles todos os dias e ver que eles, muitos deles estão ali e a maioria deles foi para ali e não era aquilo que eles gostavam, não é o sitio que gostavam porque a mentalidade deles nunca foi, nunca foi feita para isso, e eu noto</i></p>	<p>1 . F10 começa por dizer que trabalha numa instituição de acolhimento de idosos e que isso a faz contactar, diariamente, com pessoas que, na sua maioria, não queriam estar ali. E acrescenta que viu isso nos seus próprios pais, institucionalizados em simultâneo (tendo o pai falecido há 3 meses) e cuja institucionalização foi uma obrigação, porque não havia</p>

<p><i>nos meus pais, foi uma obrigação, foi o tem que ser, tinha mesmo que ser, não havia, não havia alternativa.</i></p>	<p>alternativa. O contacto diário com muitos idosos confirma a sua perspetiva contra a institucionalização. Acredita que a maioria deles se sente mal, tal como os seus pais se sentiram (e a sua mãe se sente).</p>
<p>2 . <i>É um mal, é um mal necessário.</i></p> <p><i>Para mim é um mal (...) nós entendemos e eles são bem tratados e são bem cuidados, e ali têm tudo aquilo que, se tiverem na casa deles, não têm, porque já não têm capacidade para estarem, para se cuidarem, para terem todo o apoio que é preciso, porque eles não têm, já, quando chega a uma certa idade, não têm essas capacidades, embora eles não admitam, mas já não têm, precisam de ter alguém com eles 24 horas por dia (...),</i></p>	<p>2 . F10 afirma que a institucionalização é um mal necessário, porque a diminuição das capacidades dos idosos (onde se incluem os seus pais) não lhes permite continuarem sem apoio de alguém 24 horas por dia, e, em casa, já não dispõem das boas condições que um Lar proporciona, embora não admitam que precisam de cuidados.</p>
<p>3 . <i>Nós não temos possibilidades de estar com eles o tempo todo, temos a nossa casa, a nossa família, marido, filhos, trabalho, é impossível! E eles precisam, chega a uma certa altura que tem mesmo que ser. E eu digo que é um mal necessário para eles e para nós, com que temos de tomar e temos de lá os deixar porque, para mim, aquilo é mesmo o ponto de passagem para o outro lado. Quando eles vão, já não voltam mais, isso é muito difícil pensar, que os vamos deixar ali e que já não regressam a casa.</i></p>	<p>3 . Os filhos (ela) não têm disponibilidade para cuidar os pais, porque têm a sua própria vida. No entanto, está consciente de que a ida para um Lar é um ponto de viragem, sem regresso, na vida de uma pessoa idosa, e essa consciência da irreversibilidade da institucionalização é geradora de angústia. F10 diz que é muito difícil um filho/a pensar que leva os pais para um local de onde não regressarão.</p>

<p><i>4 . Aquilo ali é mesmo o ponto de passagem para o outro lado, não há volta a dar, todos os que vão já não voltam.</i></p>	<p>4 . O Lar, para F10, simboliza, muito fortemente, o início do fim, é o ponto de passagem para a morte, para todos os idosos, sem exceção.</p>
<p><i>5 . Foi, foi, foi muito difícil. Se eu não precisasse de trabalhar, se eu pudesse estar em casa, pronto, se eu pudesse estar sempre com eles, mas, são muitos anos, nunca se sabe o tempo e o desgaste que vamos ter, e às tantas, uma pessoa, aí, sente-se sozinha, não tendo ninguém que pudesse apoiar, mesmo que, se eu não precisasse de trabalhar, mesmo o facto de estar em casa, não sei até quando, eu, psicologicamente e fisicamente, iria aguentar.</i></p>	<p>5 . F10 diz que, para ela, foi muito difícil tomar a decisão e fê-lo por ter necessidade de trabalhar, por não poder cuidar os pais como eles precisavam, mas, logo de seguida, reconhece que, mesmo que não trabalhasse, talvez também não tivesse capacidade física nem psicológica para prestar esses cuidados.</p>
<p><i>6 . Nunca sabemos quando é que é o dia que eles vão partir (...) Que aquilo ali, apesar de não ser aquilo que eles acham que é bom mas, nós é que, é aquilo que lhe podemos dar, pelo menos terem ali umas condições mínimas necessárias para irem vivendo...</i></p>	<p>6 . O Lar, para F10, é (foi) a solução encontrada, que garante as condições mínimas para os pais irem vivendo, não para viverem como gostariam e mereciam. Esta filha tomou a decisão de institucionalizar os pais, mas não consegue aceitar nem considera que eles sejam (a mãe continua lá) minimamente felizes. E, conseqüentemente, ela também não.</p>
<p><i>7 . A minha mãe sempre achou que a ida dela para o lar era forçada pela demência dele. Ela, se fosse ela, ela não queria, achava que não ia e talvez não fossem, pelo menos naquela altura, não iam se não, se não fosse o caso dele estar conforme estava. Pela minha mãe não ia e, ainda hoje, depois do meu pai</i></p>	<p>7 . F10 diz que a mãe aceitou a institucionalização devido à dependência do marido, que ela própria não conseguia cuidar, mas de quem não se queria separar. Se ele não fosse completamente</p>

<p><i>partir, eu tenho a sensação que, se eu dissesse à minha mãe se ela queria voltar pra casa, ela não olhava para trás.</i></p>	<p>dependente, não teriam ido para o Lar, e, por isso, depois da morte do pai, F10 diz saber que a mãe gostaria de voltar para a sua casa, que isso lhe daria uma grande alegria.</p>
<p><i>8 . Ela voltaria para casa. Ela, ao contrário de ... enquanto viveram na casa deles, com os problemas de saúde, dela achar que não estavam bem sozinhos, embora estivessem os dois, mas, se acontecesse qualquer coisa a ela, porque ela sempre teve mais problemas de saúde do que ele. Ai! se me acontece alguma coisa aqui sozinha com o teu pai e não sei quê e não estamos aqui bem, e a casa é muito... e o sítio é um bocado isolado, os vizinhos, não temos assim ninguém aqui ao pé, não estamos bem.</i></p> <p><i>(...) eu sei, eu sinto que ela gostava, que ela não se importava nada de voltar p'ra casa dela.</i></p>	<p>8 . F10 diz que a mãe sempre teve mais problemas de saúde do que o pai, e que temia viver na aldeia, com poucos vizinhos. Apesar disso, F10 acha que ela não hesitaria em regressar a casa.</p>
<p><i>9 . Hoje já passado, sei lá, pr' ai 10 ou 15 anos de ter ouvido estas palavras dela e dela estar com 82 anos, ela neste momento, se pudesse voltar à casa dela, era uma grande alegria, só que não, não! sabe que não volta, que ela achava que teria condições, não se importava e se tiver que morrer aqui, se tivesse que morrer sozinha e conseguia dar a volta, só que o problema é que não é o morrer, não é a pessoa ficar, se morrer, se deitar, se não acordar. E o resto? os problemas, a gente não sabe quando vai nem da forma que vai, e se ela tiver problemas e depois? Como é que é? Como é que eu depois trago de volta p'ro lar?</i></p>	<p>9 . Mas, sabendo que não volta, nem sequer fala no assunto, embora a filha saiba que ela (mãe) se acha com capacidades para viver sozinha. Diz que a mãe não se importaria de estar só, desde que estivesse na sua própria casa, mesmo que isso implicasse morrer sozinha. No entanto, F10 teme, não a morte, mas o agravamento dos problemas de saúde que a mãe já tem e que, quando precisasse de voltar para a instituição, não houvesse lugar para ela.</p>

<p>10 . <i>Sinto-me impotente porque, por um lado, gostava que fosse, gostava de a ver feliz e contente da vida, porque voltava à casa dela, voltava a ter as vizinhas com quem, pronto, toda aquela rotina que ela antigamente tinha. (...) mas não, mas por outro lado, penso que não, que não há condições, não pode ser, e então não pode ser, vamos tentando apaziguar essas coisas.</i></p>	<p>10 . À pergunta sobre como se sente, devido à decisão de manter a mãe institucionalizada, F10 diz sentir-se impotente, porque gostaria de ver a mãe feliz e não é capaz lhe proporcionar essa felicidade. Então, diz que vai rodeando a questão, vai tentando “apaziguar” a angústia.</p>
<p>11 . <i>Mas ao fim e ao cabo, como eu costume dizer, eu ainda vou lá todos os dias, eu ainda passo lá, p’ra já porque lá trabalho, e mesmo não trabalhando (feriado ou fim de semana) eu vou lá mesmo todos os dias. Só se eu estiver ausente é que não vou, desde que eu esteja em casa, vou sempre. Às vezes penso que não havia necessidade, mas eu tenho a minha vida, tenho o dia mais ocupado, mas a minha mãe está sempre à espera.</i></p> <p><i>E - Ela está sempre à sua espera?</i></p> <p><i>F10 - Sempre, sempre, sempre. Até o facto de ser feriado, ser fim de semana, o saber que não me vê com tanta frequência, (porque eu passo por lá às 9, ao meio dia e meia, depois de almoço e ao fim da tarde, antes de sair), portanto ela sabe que se for fim de semana ou feriado, só me vê uma vez. E ela diz” é bom p’ra ti o feriado, é bom p’ra ti o fim de semana, mas eu estranho”.</i></p>	<p>11 . F10 diz que visita a mãe diariamente, porque trabalha na instituição, mas mesmo nos fins de semana, vai também, já que a mãe espera sempre as suas visitas. Diz que, nos dias de trabalho vai ver a mãe 4 vezes por dia e nos fins de semana, só uma vez, e a mãe faz-lhe sentir a diferença, dizendo-lhe que estranha a sua “ausência”, e F10 tenta amenizar a situação, indo todos os dias.</p>
<p>12 . <i>Mas até o meu pai, na demência dele, tinha aqueles dias em que ele estava mais lúcido, lembro-me de, nas férias, não me ver com a frequência de tantas vezes ao longo do dia, ali durante os dias de férias só me via uma vez por dia, um dia que eu</i></p>	<p>12 . E acrescenta que mesmo o pai, embora tivesse pouca noção do tempo, sentia a diferença quando, nas férias, ela só ia uma vez por dia. Embora ele “não tivesse noção do</p>

<p><i>cheguei e ele me disse “onde tens andado, ao tempo que não te via?”. Não era o tempo, ele não me via as vezes, tantas vezes como costumava ver, porque ele não tinha noção do tempo, não era o tempo, era que não me via com tanta frequência.</i></p>	<p>tempo”, sentia a menor frequência das visitas.</p>
<p>13 . <i>E pronto, mas é por ele, é por eles que estão, é pelos outros que estão ali, que me conhecem do dia-a-dia, e que noto que só o facto de nós dizermos “olá bom dia” “olá boa tarde” até logo, até amanhã” , vê-se que ter alguém que lhes diga “bom dia” ter alguém que lhes fale diretamente para eles , alguns estão à espera que lhes diga” então, então hoje..?”, porque muitos deles,... quando não há filhos, já não há aquela ligação...há os sobrinhos, um irmão, um primo, que vão lá de vez em quando, mas os filhos...é parte de nós, não conseguimos desligar, é impossível. Assim como os filhos para os pais é os pais para os filhos, não se desliga, há ali um cordão, há ali um elo que nunca se corta.</i></p>	<p>13 . Diz que mantém essa regularidade de visitas, porque se preocupa muito com os pais e com todos os idosos institucionalizados, e porque sabe que muitos não têm filhos, sendo diferente ser visitado por sobrinhos ou amigos. Diz F10 que a relação pais/filhos (a sua relação com os seus) é um elo único e que, aqueles que o não têm, estão muito mais indefesos e necessitam mais da visita, da palavra, do interesse de quem lá vai. Para esta mulher, a compaixão é uma questão importante, ter olhos para os mais fragilizados é fundamental, e não consegue olhar sem ver o sofrimento e a solidão nas expressões dos idosos institucionalizados, sem ver esse sofrimento nos olhos da sua mãe.</p>
<p>14 . <i>No primeiro ano que fui p’ra lá trabalhar, eu chorei, no dia que fui p’ra casa, no dia 24, de ver quantos ficaram lá naquela noite. Eu só pensava” não há ninguém que os leve? Aqueles que tinham filhos, porque os que não tinham, pronto, a família tinha lá a outra família mais chegada, mas os que tinham filhos e não havia tempo, porque aquelas</i></p>	<p>14 . F10 conta que o 1º Natal, depois de começar a trabalhar naquela instituição, foi particularmente doloroso para si, porque verificou que muitos idosos não tinham visitas das famílias nessa época festiva nem saíam do Lar, levados por familiares.</p>

<p><i>peessoas que têm demência e não sabem se é Natal, não sabem nada, não conhecem sequer os familiares já, esses, por um lado, nós temos pena, mas não os vemos sofrer, porque p'ra eles é tudo igual, os dias são iguais e as pessoas acabam por ser iguais.</i></p> <p><i>Mas, naquele primeiro Natal, quando eu saí, e aqueles que iam saindo ao longo do dia, via-se a alegria na cara deles, e depois ver aqueles que iam ficando, que não tinham ninguém, ninguém que os levasse, ninguém que os tirasse dali um bocadinho. Eu chorei e diziam-me “vê-se mesmo que não estás habituada a isto”. “Não estou habituada nem é uma coisa a que qualquer pessoa se habitue, porque qualquer pessoa que olhe (nem que eu esteja aqui o tempo que estiver), naquele ano custou-me mais porque nunca me tinha apercebido, nunca tinha estado, nunca tinha lidado, nunca tinha estado num Lar sequer, não fazia bem ideia da realidade das coisas.</i></p>	<p>Conta que chorou muito, ao ver a tristeza que essas pessoas deixavam transparecer, quando viam os outros ir saindo, e diz que nunca tinha percebido a realidade da vida dos idosos num Lar, muito mais triste do que imaginara.</p>
<p>15 . <i>Mas quando vêm estes dias e se vê que o outro companheiro do lado tem alguém que o leva e eu não tenho ninguém, vê-se uma tristeza, vê-se no olhar, vê-se, e dava vontade de os levar todos p'ra casa.</i></p> <p><i>Mas, como não se podem levar todos, levam-se os nossos, levava os meus (sempre, sempre), agora levo a minha mãe. E noutras ocasiões, claro! Sou incapaz, sempre assim foi, quando alguém faz anos...</i></p>	<p>15 . A situação a que assistiu provocou-lhe um desejo impossível de concretizar, de levar, para a sua casa, todos os idosos sós, nessa noite de Natal. Para ela, é impensável deixar lá os pais (agora só a mãe) nessa época, que considera, obrigatoriamente, de reunião da família, para além de outros momentos. No entanto, não fala, claramente, de levar os pais (ou a mãe) a sair do Lar, com frequência.</p>

<p>16 . <i> Ia buscá-los sempre para a minha casa. E eu costume dizer que custa-me mais este Natal, este ano, porque foi sempre na minha casa. Eu nunca saí da minha casa e todos vieram para a minha casa. E este ano é o primeiro Natal que falta alguém. Mas é uma coisa que eu sempre disse “vai chegar um ano em já não estamos todos. Vai chegar, é mesmo assim, e quanto mais o tempo passa e vemos que eles vão ficando mais velhos e mais doentes, está sempre aquele medo e estamos sempre desejando que o Natal chegue e passe depressa. Porque já passou, é um alívio, até p’ra o ano! Um ano é muito tempo, será que no próximo ano ainda estaremos todos?</i></p>	<p>16 . F10 diz que sempre passou o Natal com os pais, na sua própria casa, desde que casou. Os pais e a sogra estiveram sempre presentes, e não concebe que seja de outra forma. Ela não sai de casa, mas recebe a família, tal como os pais faziam quando ela era solteira. É uma tradição que se mantém, que tem de se manter, embora seja vivida, por F10, com apreensão e ansiedade, já que se interroga sempre se, no próximo ano, ainda continuarão todos vivos. O Natal é, pois, vivido com medo, esperando, ansiosamente que chegue e que acabe, só respirando, de alívio, no final das festas, porque nada aconteceu que perturbasse a rotina que se repete, anualmente. E este ano já não estão todos, concretizou-se o grande receio desta mulher.</p>
<p>17 . <i> E - Porque é que é tão importante para si o Natal?</i></p> <p><i>F10 - Porque é quando nos juntávamos todos, sempre todos, os meus pais, que não tenho irmãos, não tenho mais ninguém, juntava-se a minha sogra. Não quer dizer que não acontecesse, noutras alturas do ano, juntarmo-nos todos na mesma, mas o Natal, o Natal sempre foi uma altura...até porque os meus pais sempre gostaram dos Natal. Sempre foi uma época muito... mesmo quando eu era pequena, não</i></p>	<p>17 . À pergunta “porque é o natal tão importante, para si,” responde que sempre foi comemorado, em casa dos pais, embora fossem só os 3, embora não houvesse grandes prendas, havia algo de mágico, havia doces, havia a expectativa de que o sapatinho posto, na véspera de Natal, na chaminé, contivesse, no dia seguinte, alguma surpresa boa. E a certeza de que</p>

<p><i>havia brinquedos, não havia nada dessas coisas, mas eles tinham sempre o cuidado de...eram chocolates, havia aquela magia do Natal, sempre lá em casa havia aquela magia do Natal. Púnhamos os sapatinhos à chaminé e, mesmo que estivéssemos só os três (quando era mais pequena, o Natal era passado em família, mas a família eramos só os três (...)) mas era sempre... não era um dia igual aos outros. Mesmo só os 3, não era igual, era Natal, era diferente...o Natal é especial, tem de ser, nunca ninguém vai deixar passar o Natal assim como um dia igual aos outros.</i></p>	<p>assim seria, tornava especial essa noite, carregada de afetos.</p> <p>Acrescenta que o Natal tem de ser especial, nunca é um dia igual aos outros, ninguém passa o Natal como os restantes dias. E, para ela, é imperdoável que o façam</p>
<p>18 . <i>O facto, talvez, de ser filha única, sempre fomos muito chegados, pronto, tem a ver, se calhar com tudo. Às vezes, mesmo na minha casa, tem-se um conceito de família, que eu acho que se perde em muitas casas. As pessoas estarem presentes, a família estar presente à hora da refeição, não é um chega, janta às sete, o outro chega mais tarde, janta às oito. A mesa, em certas casas, está posta e cada um vai chegando e vai comendo, e eu sempre tive aquele conceito de família e de estarmos juntos e de partilhar. Sempre. Não sei se foi porque foi assim que fui educada, sempre vivi assim com os meus pais, continuei assim na minha casa e tentei sempre trazê-los.</i></p>	<p>18 . F10 refere que a sua relação com os pais é harmoniosa e pacífica, e que transmitiu, aos filhos, essa forma de estar em família. Para ela, a reunião familiar às refeições é importante e não admite que cada um se sente à mesa quando lhe apetece. É uma regra que diz ter aprendido com os pais e ensinado aos filhos. Considera a hora das refeições um momento de partilha familiar muito importante.</p>
<p>19 . <i>E sei que, quando eu casei, o facto de sair, vir para 6 km, sei que lhes custou muito, e sei, e nós depois damos o valor, o facto de a minha filha, este ano, ir para a faculdade (e foi para a faculdade), o facto de sair e vir de vez em quando, nós depois</i></p>	<p>19 . Relaciona o funcionamento familiar com o facto de ter deixado os pais quando se casou e foi viver para outra localidade, a 6 km. Sabe que aos pais lhes custou muito essa separação, mas só compreendeu isso,</p>

<p><i>pensamos o que é que foi quando nós saímos.</i></p>	<p>agora, que a filha foi para a universidade e só está presente, esporadicamente. É um paralelo que F10 traça e que a faz sofrer por si e pelos seus pais.</p>
<p>20 . <i>Na altura, na percebi, embora achasse, mas sentir, sentir, não senti. Eu sabia que lhes custava, mas pronto, custou, custou, mas eu vinha, eu casei, tinha a minha casa, ...mas agora que a gente sente na pele, voltando atrás, vê que tinha que lhes custar. Eles também não tinham mais ninguém, e o facto de eu estar perto... (...) Imagine o que era eu ter saído para Lisboa, para o estrangeiro. É assim, hoje eu penso, era uma coisa que eu até gostava, de ter saído, ter emigrado, por exemplo. Podia ter sido uma coisa que eu até gostaria de ter feito, mas nunca o faria, pelos meus pais.</i></p>	<p>20 . Diz e lamenta não ter percebido, então, o que os pais sentiram, porque eles não tinham mais ninguém. E, por esse motivo, nunca se teria atrevido a emigrar, sonho que acalentou, mas que se proibiu de cumprir, para não abandonar os pais.</p>
<p>21 . <i>A minha vida sempre foi um bocado condicionada por eles. Sempre as minhas atitudes e as minhas decisões foram tomadas, muitas vezes, em relação a eles, em função deles, do bem-estar deles, das opiniões e dos sentimentos. O facto de eu saber que, às vezes, por exemplo, durante muitos anos, irmos às festas da terra. Aquilo a mim já não me dizia nada, o facto de ir. Mas eu sabia que p'ra eles, nós tínhamos que ir, tínhamos que almoçar, tínhamos que jantar, tínhamos que estar lá. Naqueles dias tínhamos que estar! E então tínhamos que ir! Em função deles! Viver em função deles porque eles também, muitas vezes, viveram em função de nós...</i></p>	<p>21 . F10 diz que as suas decisões sempre foram tomadas em função do bem-estar dos pais, das suas opiniões e sentimentos, “sacrificando-se” ela própria, ao fazer coisas que não lhe davam prazer, mas de que os pais gostavam. Se qualquer ritual era importante para eles, ela participava, para não os desiludir, vivia em função deles porque também eles viveram em função dos filhos.</p>
<p>22 . <i>Eu tive um irmão. Faleceu com oito anos</i></p>	<p>22 . Aqui revela que teve um</p>

<p><i>(pausa) quando eu tinha 9 meses. E sempre conheci a minha mãe, quando eu era mais pequena, sempre, o meu irmão, apesar de eu não ter, não me lembro, com nove meses, mas durante muito tempo, durante a minha infância, os primeiros anos, eu parecia que eu tinha vivido com ele, porque a minha mãe sempre falava dele, sempre guardou coisas dele, e ainda hoje ela fala muito nele, ainda hoje ela acha que, se ele cá estivesse, as coisas também poderiam ser um pouco diferentes. Eu lembro-me de ela falar, falou muito nele, ele sempre esteve muito presente, apesar de não estar, sempre esteve muito presente, ...e pronto, e sempre fui habituada a ouvir histórias do que era, de como foram os meus primeiros meses.</i></p>	<p>irmão...que morreu aos oito anos, quando ela tinha 9 meses, A mãe de F10 guarda, até hoje, objetos e roupas do filho perdido, como algo de sagrado. F10 viveu à sombra desse irmão, que não conheceu, dizendo que, durante a sua infância, ele quase lhe parecia real, tal era a fantasia da mãe, que idealizou esse filho perfeito.</p>
<p>23 . <i>Se calhar, o voltar para casa, se calhar, entretanto, pensaria que hoje vou passar o dia à casa da minha filha, amanhã vou passar o dia à casa do meu filho, se ele cá estivesse...</i></p>	<p>23 . Esse irmão morto ainda hoje é referido pela mãe, como a hipótese “falhada” de ela poder não estar institucionalizada, imaginando-se a visitá-lo, e à filha, alternadamente.</p>
<p>24 . <i>Eu tinha nove meses. A minha mãe esqueceu-se um pouco de mim, que eu acho normal, aquilo cons???, o desgosto consumiu-a de tal forma, que, às vezes as pessoas dizerem “ai, só tinha um filho, se tivesse outro...!”. Mas naquele momento, o facto de ter outro filho não vai...impossível, pelo menos naquilo que eu sempre soube deles, da minha mãe, o facto de eu cá estar, não fez com que as coisas, com que o desgosto fosse menor. Se eu cá não estivesse seria, talvez, tudo da mesma forma, porque ele, ela despegou-se ali um bocado de mim, porque ela, o</i></p>	<p>24 . F10 conta que a mãe, submersa na dor da perda do filho, negligenciou a filha bebé, não conseguindo cuidá-la e tendo que recorrer a uma prima para o fazer. F10 não se permite criticar a mãe, antes pelo contrário, diz que compreende muito bem o que aconteceu porque sempre lhe foi apresentada a perda do irmão como uma tragédia, da qual a mãe nunca se</p>

<p><i>sentido dela era só nele. Ela centralizou ali uns anos da vida dela só nas lembranças do filho. Tanto que, sempre ela me disse que tinha uma prima que foi p'ra casa para cuidar de mim, porque ela, simplesmente, não estava bem, ela não tinha capacidade para cuidar de mim!</i></p>	<p>chegou a recompor. No fundo, a sua existência, naquele momento, era irrelevante, diante da dor da mãe, não servindo para a mitigar.</p> <p>Pode-se observar, na voz e nas palavras desta mulher, a dor de sentir-se sempre em 2º lugar, mas desculpabilizando a mãe e, certamente, culpando-se a si própria por ser suficiente para os pais.</p>
<p>25 . <i>E eu sempre me senti que eu era a única...pronto, era o único apoio que eles tinham! E sempre tentei fazer...pronto, não fazemos sempre tudo aquilo que eles esperam de nós, ninguém é perfeito!</i></p>	<p>25 . F10, agora com 50 anos, sempre sentiu que tinha que ser perfeita para colmatar a falta do filho que os pais perderam, sempre sentiu que não podia falhar em nada, porque era o único ponto de apoio que restava aos pais. Mas não se sente perfeita...</p>
<p>26 . <i>É que o facto de saber que eles passaram por muito, o resto da vida, porque aquilo não...não...a perda de um filho não se...sei lá! Não quero nem pensar! Às vezes penso...só quem passa! São coisas que não se conseguem imaginar, mas o desgosto deles, e eu ainda hoje sinto a falta e penso muitas vezes se eu tivesse aquele irmão, também tudo seria diferente. As decisões que tenho que tomar em relação aos meus pais, não tinha que as tomar sozinha. Havia sempre alguém que me dissesse “se calhar fazemos assim, podemos fazer de outra forma. (...) talvez, quando eles foram para o Lar, pudesse ser também diferente, talvez não tivessem ido logo, se tivesse o apoio de um irmão que me pudesse ter</i></p>	<p>26 . A filha carrega o peso da morte do irmão e diz pensar que, talvez, os pais não tivessem que ter sido institucionalizados, se ele fosse vivo. Pelo menos, ela (filha) não teria que decidir tudo sozinha, não teria que assumir, sozinha, a responsabilidade.</p>

<p><i>ajudado!</i></p>	
<p>27 . <i>A minha mãe, está sempre a falar “se ele cá estivesse...”, pois, mas não está! (...) ela conta e está-me sempre a contar como é que foi quando eu nasci. O que é que ele dizia, como ele era carinhoso. Ainda agora, noutra dia, quando íamos a É., como nasci lá, ela conta que, quando ia lá ver-me, com o meu pai, o que ele dizia, chegava lá e dizia “mãe, a nossa menina é a menina mais linda”. E, pronto, e sempre tudo assim muito carinhoso, a minha mãe diz que ele era muito adulto, muito responsável, e que quando eu nasci foi uma alegria, uma coisa assim, uma grande alegria para depois...foi uma grande alegria que só durou nove meses.</i></p>	<p>27 . A mãe de F10 continua a contribuir para fantasiar esse filho perdido, apresentando-o à filha, como a criança perfeita, responsável (aos oito anos), carinhoso, sonhando a sua existência em adulto, o que contribui para diminuir o papel da filha, que está viva, presente e que tenta ser “pelos dois”, por ela própria e pelo irmão morto.</p>
<p>28 . <i>Mas também se poderia por a hipótese que ele cá estivesse e que não se pudessem dividir. E que as coisas fossem complicadas como eu sei que há outros casos em que são muitos e são complicados, porque cada um tem a sua ideia, e um acha que devia ser feito de uma forma e outro de outra. Não sei como é que seria, mas, de todas as formas, o melhor seria que ele cá estivesse.</i></p>	<p>28 . F10 tenta racionalizar a questão, imaginando que, mesmo com o irmão vivo, a situação atual poderia não ser melhor, pois há muitos casos em que os irmãos não se entendem sobre as decisões a tomar, mas não se consegue libertar da fantasia da falta que ele deixou.</p>
<p>29 . <i>Eu lembro-me, desde sempre e, às vezes, até parece que o conheci. Parece porque sempre foi tudo muito falado, sempre...Recordo-me de, durante muito tempo, a minha mãe guardar as coisas dele da escola, tudo, os livros, os cadernos, a mala, tudo! Roupas...e era como se também o tivesse conhecido. Era como, não sei, era como se ele estivesse presente.</i></p>	<p>29 . F10 diz, tristemente, que a presença do irmão sempre esteve lá, nas descrições da mãe e nos objetos guardados. Como um fantasma que a tem acompanhado toda a vida, recordando-lhe, constantemente, a sua imperfeição, desvalorizando todos os seus esforços. Não é</p>

	<p>possível competir com um morto idealizado.</p>
<p>30 . <i>Portanto, são coisas que, se nós pensarmos, lá está, quando eles vão para o Lar, quando eles estão no fim da vida, tudo aquilo que eles passaram, tudo, lá está, é um mal necessário! Se a gente pudesse, faria as coisas diferentes, faria tudo com que eles estivessem bem! Se eu pudesse fazer tudo à maneira deles, mas isso também já vai das pessoas, eu sou assim por natureza, eu posso-me sacrificar em função dos outros, e sempre fui assim, posso eu ficar um bocadinho mais mal, mas vivo em função das outras pessoas. Vivo muito em função dos outros e isso reflete-se com os meus pais, tem-se refletido sempre.</i></p>	<p>30 . Então, diz, no momento de decidir a institucionalização, esse sofrimento dos pais pesa ainda mais, fazendo com que ela veja o Lar como o “mal necessário”. Diz sempre ter vivido para os pais, para as outras pessoas, mesmo que tenha de se sacrificar a ela própria. E essa vivência tem-se refletido, sempre, na relação com os pais.</p>
<p>31 . <i>No Lar, talvez não! Não por ele, mas por ela! Sei que lhes custou muito! Não só o facto de estar no Lar porque antes de estar no Lar, eles já saíram de casa, já mudaram de casa deles para poderem estar mais perto. E aí foi o primeiro choque. É o facto de terem que sair da casa deles, do ambiente deles, do meio, porque num meio pequeno, em que os vizinhos é uma família, sempre viveram ali, uma vida inteira, sempre tiveram aquelas rotinas, uma vida inteira, e quando se corta, ao fim, não digo da vida toda, mas dos últimos vinte ou trinta anos, é uma rotina diária, em que tudo se passa com as mesmas pessoas, nos mesmos sítios, e de repente ter que se cortar com isso, não deve ser fácil.</i></p>	<p>31 . F10 afirma que, se pudesse fazer com que os pais fossem felizes, principalmente a mãe, não os teria institucionalizado, não os teria retirado do seu ambiente, da casa e da proximidade dos vizinhos que sempre conheceram, das relações de amizade que criaram ao longo da vida. Principalmente, na velhice, ela sabe que as mudanças são definitivas e isso é muito mais difícil de aceitar, e provoca uma dor muito maior, embora tente, sempre, desvalorizar a situação perante os pais.</p>
<p>32 . <i>É que, depois quando se está no final, pensa-se que aquilo de onde se saiu, já não voltamos lá. Uma</i></p>	<p>32 . A filha faz aqui a comparação entre as mudanças, para os novos e</p>

<p><i>coisa é a gente sair, agora mudou de casa, entretanto vai viver um ano para aqui e depois pode ser que volte. Mas quando se está no fim, no fim, que sabemos que saem, mas o sair é um sair que já não tem volta. E isso é que dói, dói p'ra nós que, às vezes, tentamos não mostrar que dói, que estamos a ver as coisas que eles estão a ver, tentamos dar a volta, porque é assim e porque é assado, mas sabemos que aquilo já não é, já não há volta.</i></p>	<p>para os velhos, e diz que, se custa aos primeiros fazê-las, embora haja sempre a hipótese de voltar, aos idosos é muito mais difícil porque são as últimas mudanças em vida. Apesar de tentar disfarçar, sente uma grande dor e não consegue aceitar a consciência da finitude.</p>
<p>33 . <i>O primeiro dia, aquele primeiro dia em que eles ficam no Lar, o ter que sair, a primeira vez que eles lá ficam...isto é como quando se deixa, é quase, não é a mesma coisa, às vezes dizemos que as pessoas também deixam os filhos no infantário porque vão trabalhar, muitas vezes eles ficam lá a chorar, os pais vêm-se embora e eles ficam a chorar, mas não é a mesma coisa. Porque eu também já deixei filhos na escola, nunca foram muito de ficar a chorar, também não passei por isso, mas não é a mesma coisa. Eles brincam, eles choram ali naquela hora, eles brincam e riem e tudo mais. E tudo passa. Mas nesta idade, aquilo que eles pensam é “eu estou aqui e amanhã estou aqui, até que, até que Deus queira”, como eles dizem. É tudo muito diferente! Muito! Não tem nada a ver!</i></p>	<p>34 . <i>Compara o 1º dia em que levou os pais para o Lar ao 1º dia de infantário dos filhos, para concluir que é tudo diferente, porque, no primeiro caso, as crianças choram um pouco, mas depois, brincam e riem porque sabem que a mãe voltará para os levar, e o infantário é o primeiro de muitos espaços de separação pais/filhos, enquanto o Lar de Idosos é o último sítio onde se deixam os pais. Não há esperança, para eles, de sair de lá, nem, para os filhos, de os voltar a ver autónomos. É “até que Deus queira”, ou seja, até à morte.</i></p>
<p>35 . <i>E quando nós olhamos e sabemos que aquilo é o que nos espera um dia! Mas é aquilo que nos espera um dia, mas, como eu costumo dizer, e quando dizem “ah, mas vão e vão, e eu estou lá e sei como é que as coisas funcionam e aqui são bem tratados”, digo</i></p>	<p>35 . <i>F10, olhando para os pais, vê-se, a si própria, no futuro, na mesma situação (institucionalizada). E diz que, mesmo que os idosos sejam bem cuidados, nada é igual à sua casa: são</i></p>

<p><i>assim, “mas não há nada que chegue à casa, não há nada que chegue à nossa casa. Eu compreendo-os perfeitamente. Ali obedece-se a horários, é para tomar o pequeno almoço, come-se aquilo que se põe na mesa, já não é aquilo que eu tenho vontade de comer e vou cozinhar. É, eu tenho fome, tenho que comer aquilo que lá está. Eu tenho que me levantar aquela hora porque aquela hora são horas de tomar o pequeno almoço. Eu tenho que estar na mesa aquela hora porque aquela hora é hora do almoço, é hora do lanche, é hora do jantar. Nós, na nossa casa, embora tenhamos, mais ou menos tudo com horários, mas é diferente. Por muito, por muito velhinha que seja a nossa casa, é o nosso canto. É a nossa casa!</i></p> <p><i>E quando nós saímos da nossa casa, nessa idade, é a ponte para o outro lado. É uma ponte de passagem para o outro lado. Pode ser uma ponte mais pequena, uma ponte maior, percorre-se mais devagar, mais depressa, mas ali é mesmo a ponte para o outro lado. Não há volta a dar!</i></p>	<p>os horários, as regras, a alimentação, tudo é igual para todos, nada os individualiza. É (e ela repete muito) um local de passagem para o outro lado, é uma ponte (mais ou menos longa) no final da qual está a morte. A imagem do Lar como um local de espera da morte persegue esta filha, que vive amargurada com a decisão que acha que teve que tomar, mas da qual se culpa, porque a institucionalização representa uma atitude dos filhos (dela, filha) no sentido de apressar o final da vida dos pais.</p>
<p>36 . <i>Dói porque, quando lá os deixamos, pensamos. Se estiverem em casa, também sabemos que aquele dia vai chegar, mas quando ali os deixamos, pensamos mais, pensa-se mais, que ali é como se os estivéssemos a por no início da ponte. E que, agora é atravessar a ponte. A ponte pode demorar mais, menos, mas a ponte está lá, e há-de chegar o fim da ponte. E há-de chegar aquele dia.</i></p>	<p>36 . F10 fala da dor sentida quando institucionalizou os pais e diz que esse momento marcou o princípio do fim. Embora sabendo que, em casa, também se morre, e ninguém sabe quando, a ida para um Lar é o início da contagem decrescente.</p>
<p>37 . <i>Quem os deixa... (e depois há situações...e</i></p>	<p>37 . A incerteza sobre o tempo vida</p>

<p><i>quando nós comparamos e quando sabemos, aquelas situações em que se deixam lá porque já não os podem ter em casa, porque, lá está, as condições de saúde exigem todos os cuidados e os filhos não podem) e saber que há filhos que lhes custa muito, que os deixam lá, e voltam com o coração muito apertado, e que, depois, há certos casos em que aquela ponte não foi uma ponte, foi um degrau. Passada ali uma semana, duas semanas...E já falei com pessoas que lhes dói tanto pensarem” se eu soubesse que demorava tão pouco, nunca tinha tomado esta decisão”. Porque demorou tão pouco, não era necessário,</i></p>	<p>da pessoa institucionalizada ainda é mais perturbadora, para F10, que antecipa a culpa, caso o idoso/a viva pouco tempo. Isso faz aumentar a culpa do filho/a, que não teria tomada a decisão se o soubesse, antecipadamente. Faz aumentar a sua culpa.</p>
<p>38 . <i>Ainda por cima, lá está, porque, por muito que nos custe a demência dos nossos pais, p’ra eles, p’ra eles é muito melhor do que aqueles que estão conscientes. Porque, p’ra eles, é igual o estar ali, desde que não os magoem, fisicamente, porque psicologicamente já nada os magoa. Gostam de nos ver, mas se não nos virem também não ficam tristes e a chorar, à espera, com ansiedade de nos verem. Quando eles estão conscientes, que lá os deixamos e que eles pensam no sítio onde ficaram, e pensam de dia e pensam de noite e pensam em tudo, isso dói muito mais, dói muito mais. Eu, às vezes, dizia, o meu pai, já não me custa, ele não diz “estou aqui até quando?”</i></p>	<p>38 . F10 faz aqui uma pequena distinção entre o pai, que sofria de demência, e a mãe, que está lúcida, dizendo que o primeiro sofreu muito menos a institucionalização porque nem tinha noção do espaço onde estava, enquanto a mãe sofre mais, pois apercebe-se de tudo. Nas suas palavras, está presente uma angústia muito maior relativamente à mãe, que pensa, raciocina e pode julgar a decisão da filha. E esse julgamento é, para F10, uma enorme fonte de dor.</p> <p>A demência do pai poderia servir para atenuar a dor, considerando a doença mental como justificativo para a institucionalização, mas não o estado de lucidez da mãe e a sua</p>

	relativa autonomia.
<p>39 . <i>São situações, são decisões que temos que tomar e são coisas muito difíceis. Lá está, e depois depende, depende dos filhos, depende...há pessoas mais...que as decisões são tomadas mais de ânimo leve, eu vejo pessoas que não..., ou que têm formas diferentes de expressar os sentimentos, mas às vezes também digo “mas que sentimentos são esses?”.</i></p> <p><i>Porque aquilo que nos toca cá no fundo, por mais que se queira, nós não conseguimos disfarçar, aquilo atormenta, não conseguimos mostrar que as coisas são diferentes. Queremos, de alguma maneira, mas não convence. É difícil. É difícil mesmo.</i></p>	<p>39 . F 10 diz que lhe dói muito ter institucionalizado os pais, porque sabia que eles não aprovaram a decisão, e, embora diga que não tomou a decisão de ânimo leve, ao contrário de muitas pessoas, diz que ponderou muito bem, mas o tormento continua lá, a culpa não reparada.</p> <p>No seu discurso, está patente a comparação crítica entre si própria e os filhos que tomam a decisão de institucionalizar os pais, de forma pouco ponderada. E esta ponderação agrava o sofrimento e a culpabilidade.</p>